

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**PEROLINA SOUZA TELES**

**AS FACES DA INCLUSÃO SOCIAL: UMA ANÁLISE DO PROJOVEM  
ADOLESCENTE NOS CENTROS DE REFERÊNCIA DA ASSISTÊNCIA  
SOCIAL - CRAS DE ARACAJU/SE**

São Cristóvão - SE  
Agosto – 2010

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**PEROLINA SOUZA TELES**

**AS FACES DA INCLUSÃO SOCIAL: UMA ANÁLISE DO PROJovem  
ADOLESCENTE NOS CENTROS DE REFERÊNCIA DA ASSISTÊNCIA  
SOCIAL - CRAS DE ARACAJU/SE**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof. Dr.<sup>a</sup> Sônia Meire Santos Azevedo de Jesus.

São Cristóvão - SE  
Agosto – 2010

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

T269f Teles, Perolina Souza  
As faces da inclusão social : uma análise do Projovem  
adolescente nos Centros de Referência da Assistência Social –  
CRAS de Aracaju/SE/ Perolina Souza Teles. – São Cristóvão,  
2010.  
192 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-  
Graduação em Educação, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e  
Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, 2010.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sonia Meire Santos Azevedo de Jesus

1. Educação. 2. Inclusão social. 3. Assistência social. 4. Política  
social. 5. Projovem. I. Título.

CDU 37:316.3

**PEROLINA SOUZA TELES**

**AS FACES DA INCLUSÃO SOCIAL: UMA ANÁLISE DO PROJovem  
ADOLESCENTE NOS CENTROS DE REFERÊNCIA DA ASSISTÊNCIA  
SOCIAL - CRAS DE ARACAJU/SE**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof. Dr.<sup>a</sup> Sônia Meire Santos Azevedo de Jesus.

**BANCA EXAMINADORA** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Sônia Meire Santos Azevedo de Jesus - UFS  
Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Liliam Faria Porto Borges - UNIOESTE  
1<sup>a</sup> Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Maria Lúcia Aranha - UFS  
2<sup>a</sup> Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Solange Lacks - UFS  
Suplente

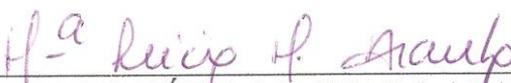
São Cristóvão - SE  
Agosto – 2010

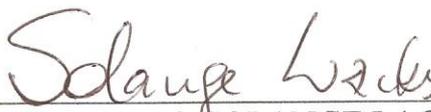
“AS FACES DA INCLUSÃO SOCIAL: UMA ANÁLISE DO PROJovem  
ADOLESCENTE NOS CENTROS DE REFERÊNCIA DA ASSISTÊNCIA  
SOCIAL - CRAS DE ARACAJU-SE”

APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM  
24 DE AGOSTO DE 2010

  
\_\_\_\_\_  
PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. SÔNIA MEIRE SANTOS AZEVEDO DE JESUS

  
\_\_\_\_\_  
PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. LILIAM FÁRIA PORTO BORGES

  
\_\_\_\_\_  
PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. MARIA LÚCIA MACHADO ARANHA

  
\_\_\_\_\_  
PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. SOLANGE LACKS

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me colocado diante de todos os desafios que surgiram ao longo dessa trajetória, sem eles não teria conseguido crescer.

Ao Núcleo de Pós-graduação em Educação – NPGED, da Universidade Federal de Sergipe, por ter confiado que as minhas perguntas poderiam se tornar uma pesquisa científica.

À Secretaria do Estado da Inclusão, Assistência e do Desenvolvimento Social – SEIDES e à Secretaria Municipal de Assistência Social e Cidadania – SEMASC, por terem colaborado com a realização desta pesquisa.

Aos funcionários e jovens dos CRAS Coqueiral, Gonçalo Rollemberg e Santa Maria, por terem me permitido adentrar na essência do Projovem Adolescente.

Aos amigos de trabalho da escola EMEF Prof. Laonte Gama da Silva, pelo apoio incondicional, sem o qual teria sido impossível a realização desta pesquisa.

À minha orientadora Sonia Meire Santos Azevedo de Jesus, pela confiança e por ter me conduzido no meu processo de aprendizagem, ao longo da construção desta dissertação.

Ao grupo de pesquisa “Educação e Movimentos Sociais”, por ter me acolhido e proporcionado amadurecimento para a minha trajetória acadêmica.

Aos funcionários do NPGED, Dona Geovânia e Sr. Edson, pela solicitude e atenção prestadas a mim durante esse período.

Às professoras Liliam Farias Porto Borges, Maria Lúcia Aranha, Marizete Lucini e Solange Lacks por terem se disposto a colaborar com a avaliação do meu trabalho.

Às professoras Anamaria Golçalves Bueno de Freitas, Liana de Melo Torres, Marilene Santos que muito influenciaram a minha formação como professora e sempre estiveram próximas com palavras carinhosas e de incentivo.

Aos meus pais pelo suporte que sempre me deram, essenciais para que eu tenha chegado até aqui.

Aos amigos e amigas: Aline Cajé, Ana Márcia, Anne Emilie, Beth, Camila, Christian, Ivana, Karinne, Laceri, Lys, Maria Santana, Melina, Miziane, Nerival, Nielza, Rodrigo, Thadeu e Valter por terem me ajudado e dividido comigo momentos especiais e de lucidez, ao longo dessa jornada.

Ao meu querido Luiz Prado, pelas palavras preciosas nas horas certas.

À Rita, minha amiga, maior presente que eu ganhei desse mestrado, pelos momentos de sonhos e viagens, pelos dias e madrugadas de ajuda incondicional;

Ao meu companheiro Luiz, fiel, amigo, presente, meu verdadeiro parceiro na construção desta pesquisa, obrigada por tudo...

E, enfim, ao pequeno Ernesto que me acompanhou pacientemente nesses últimos meses, carregando em si o que restou de poesia em minha vida, muito obrigada filho!

## RESUMO

Em razão das reivindicações dos movimentos sociais e do processo de reabertura política, o Estado brasileiro, com caráter de regulador social, tem estruturado diversas políticas sociais. Destacamos como instrumentos legais centrais na formulação dessas políticas: a promulgação da Constituição de 1988 e a criação da Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS. Para efeito de análise do atual modelo da Política Nacional de Assistência Social – PNAS, implementada pelo Governo Lula, centramos nossos olhares no Programa Projovem Adolescente, responsável por atender jovens na faixa etária de 15 a 17 anos, que se encontram envoltos à questão social. Realizamos esta pesquisa a partir da realidade do município de Aracaju, situado no estado de Sergipe, no ano de 2009. Elencamos como objetivos desta dissertação: discutir os fundamentos que originaram o Projovem Adolescente; traçar as principais contradições existentes no Programa na realidade aracajuana; discutir como se dá o desenvolvimento do método do Projovem Adolescente na prática pedagógica dos educadores sociais; identificar as concepções de educação envolvidas na formação dos educandos. Buscando destrinchar esses objetivos, trabalhamos metodologicamente, a partir de uma perspectiva marxista, com a pesquisa bibliográfica, documental, observações e entrevistas semi-estruturadas, realizadas com educandos e educadores em 3 Centros de Referência da Assistência Social – CRAS. Em que pese a importância dos Programas sociais, no atual discurso da “inclusão social”, pautado pelo Governo Federal, acreditamos que os mesmos não contribuem, de fato, para a transformação da estrutura de classes desigual do Estado brasileiro. Com a análise do concreto, pensada a partir dos documentos que arregimentam o Projovem Adolescente e dos diálogos com os sujeitos que executam e são atendidos pelo Programa, identificamos as contradições do mesmo, em pelo menos 4 frentes, quais sejam: infraestrutura; evasão dos jovens; formação de vínculos entre os jovens e o Projovem; e a concepção de formação dos adolescentes, pautada pelo Programa. Nesse sentido, discorreremos ao longo desta dissertação sobre a contradição entre o “pensado” e o “realizado”, para o Programa, representada pelas máscaras da “inclusão” e da “exclusão” social.

Palavras chave: Assistência social. Educação. Juventude. Programa Projovem Adolescente. Questão social.

## ABSTRACT

Due to the demands of social movements and the process of reopening policy, the Brazilian state, with the character of social regulator, has structured various social policies. We highlighted as key legal instruments in the formulation of these policies: the enactment of the 1988 Constitution and the creation of the Organic Law of Social - LOAS. For purposes of analysis of the current model of the National Social Assistance – PNAS, implemented by the Lula government, we focus our attention on Projovem Adolescente Program, responsible for assisting young people aged 15-17 years who are surrounded by the social question. We conducted this research from the reality of Aracaju city, located in the State of Sergipe, in the year 2009. We listed as objectives of this thesis: to discuss the reasons that led to Projovem Adolescente; to outline the main contradictions in the program in Aracaju; to discuss how the development of the method of Projovem Adolescente happens in the educators' teaching practice; to identify the conceptions of education involved in the training of students. In order to investigate these goals, we worked methodically, from a Marxist perspective, with literature research, documentary, observations and semi-structured interviews conducted with students and educators in three Reference Centers for Social Assistance - CRAS. Despite the importance of social programs in the current discourse of "social inclusion", guided by the Federal Government, we believe that they do not contribute, in fact, for the transformation of unequal class structure of the Brazilian state. With the analysis of concrete, designed from the documents that support Projovem Adolescente and dialogues with the individuals who perform and are served by the program, we identified the contradictions of the same, at least from four origins, namely: infrastructure; evasion of young students; formation of bonds between young people and Projovem; and the idea of training for adolescents, guided by the program. Accordingly, we talked in this dissertation about the contradiction between the "thought" and "held" for the program, represented by the masks of social "inclusion" and "exclusion".

Keywords: Social welfare. Education. Youth. Projovem Adolescente program. Social issue.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Apresentação do “Alto de Natal” do Projovem Adolescente do CRAS Coqueiral na Praça General Valadão – Aracaju/SE.....	11
Figura 2 – Apresentação do “Alto de Natal” do CRAS Coqueiral na Praça General Valadão – Aracaju/SE.....	16
Figura 3 – Eixos estruturantes e temas transversais do Projovem Adolescente.....	69
Figura 4 – Eixos Estruturantes do Projovem Adolescente.....	70
Figura 5 – Dimensões metodológicas do Projovem Adolescente.....	75
Figura 6 – Faixada do CRAS Coqueiral.....	94
Figura 7 – Quadra de esportes e estrutura física das instalações do CRAS Gonçalo Rollemberg.....	94
Figura 8 – Faixada do CRAS Santa Maria.....	95
Figura 9 – Maria e José na encenação do “Auto de Natal”.....	111

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Finalidades da Política Nacional de Juventude.....	64
Quadro 2 – Avaliação do Projovem Adolescente pelos educandos.....	84
Quadro 3 – O que os jovens acham que mudou após a participação no Projovem Adolescente.....	85
Quadro 4 – Caracterização dos educadores e educandos entrevistados.....	91

## LISTA DE SIGLAS

a.C – Antes de Cristo

ANDES – Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior

ANPEd – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento

BIRD – Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento

CadÚnico – Cadastro Único dos Programas Sociais do Governo Federal

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica

CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina

CF – Constituição Federal

CNTE – Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação

CONJUVE - Conselho Nacional de Juventude

CRAS – Centro de Referência da Assistência Social

CSU – Centro Social Urbano

DH – Desenvolvimento Humano

DST – Doença Sexualmente Transmissível

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental

FHC – Fernando Henrique Cardoso

FINSOCIAL – Fundo de Investimento Social

FMI – Fundo Monetário Internacional

FUNABEM – Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor

FUNDAT – Fundação Municipal do Trabalho

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IDH-M – Índice de Desenvolvimento Humano dos Municípios - Educação

IFS – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia

IPEA – Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas

LBV – Legião da Boa Vontade

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LOAS – Lei Orgânica da Assistência Social

MC – Mestre de Cerimônia

MDS – Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome

MEC – Ministério da Educação

OI – Organismos Internacionais

ONG – Organização Não-Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

PAA – Programa de Aquisição de Alimentos

PAIF – Programa de Atenção Integral à Família

PBF – Programa Bolsa Família

PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação

PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

PIB – Produto Interno Bruto

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNAS – Política Nacional de Assistência Social

POP – Projeto de Orientação Profissional

PP – Política Pública

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PT – Partido dos Trabalhadores  
SE – Sergipe  
SEHAC – Secretaria de Estado de Habitação e das Cidades  
SEMASC – Secretaria Municipal de Assistência Social e Cidadania  
SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial  
SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial  
SNJ – Secretária Nacional de Juventude  
SUAS – Sistema Único de Assistência Social  
UAB – Universidade Aberta do Brasil  
UFS – Universidade Federal de Sergipe  
UNESCO – Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO - MOTIVAÇÕES SOBRE O ESTUDO DO PROJovem ADOLESCENTE.....</b>	<b>12</b>
<b>2 A CONFIGURAÇÃO DAS POLÍTICAS SOCIAIS E OS INTERESSES DO ESTADO.....</b>	<b>27</b>
2.1 Política educacional e a recente estruturação econômica brasileira.....	38
2.2 A constituição das políticas sociais no âmbito do direito e seus pressupostos.....	48
2.3 A consolidação da política de assistência social no Brasil.....	51
<b>3 OS JOVENS NA POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL.....</b>	<b>58</b>
3.1 Fundamentos do Projovem Adolescente.....	65
3.2 Projovem Adolescente: Pedagogia Social ou Pedagogia das Competências?.....	72
<b>4 APROXIMAÇÕES COM AS FACES DO PROGRAMA PROJovem ADOLESCENTE: EXPONDO AS CONTRADIÇÕES.....</b>	<b>81</b>
4.1 Relato sobre o desenho do campo.....	88
4.2 Diálogos entre os sujeitos do Projovem e o que captamos na pesquisa de campo	91
4.2.1 Infraestrutura do Programa.....	92
4.2.2 Evasão do Programa.....	100
4.2.3 Formação de vínculo: relações de pertença dos jovens com o Programa.....	103
4.2.4 A relação dos jovens com o trabalho.....	106
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS - CAPTANDO O JOGO DAS MÁSCARAS DO PROJovem ADOLESCENTE.....</b>	<b>111</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>117</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>128</b>

À minha eterna Joia e ao pequeno Ernesto



Figura 1 - Apresentação do “Auto de Natal” do Projovem Adolescente do Coqueiral  
Fonte: Imagem capturada pela autora.

A vida é terra e vivê-la é lodo.  
Tudo é maneira, diferença ou modo.  
Em tudo quanto faças sê só tu.  
Em tudo quanto faças sê tu todo.

Fernando Pessoa (1935)

## **1 INTRODUÇÃO - MOTIVAÇÕES SOBRE O ESTUDO DO PROJovem ADOLESCENTE**

Dispor-se a pesquisar a educação, é tentar compreender um pouco das idas e vindas da nossa própria vida, enquanto educadores. É procurar entender parte do que nos rodeia, a partir da nossa bagagem intelectual e vivências cotidianas. É buscar o entendimento da totalidade de fenômenos sociais, que muitas vezes, as nossas lentes, ainda embaçadas, não são capazes de enxergar. É estabelecer um esforço contínuo de superar a barreira das experiências de vida e ligar-se ao entendimento dos construtos históricos. É questionar a nossa formação, as nossas verdades absolutas e a nós mesmos. É predispor-se à aprendizagem e ao crescimento, na certeza que o erro, no mais das vezes, será construtivo. E, neste caso, é conhecer as máscaras que se colocam sobre a face de um Programa social que tem como principal objetivo a formação de jovens. É nesse ínterim que nos situamos e que iniciamos, a partir deste trabalho dissertativo, a nossa trajetória como pesquisadora em educação.

A primeira consideração que acreditamos pertinente para a leitura desta dissertação é a lembrança de que desenvolver um trabalho acadêmico, que tem o rigor científico como exigência, é uma tarefa desafiadora e, ao mesmo tempo, gratificante. Partindo dessa premissa, concentramos nossos esforços nessa longa jornada, centralizando nossas análises, dentro de uma perspectiva dialética, em uma das políticas socioassistenciais desenvolvidas pelo Estado: o Programa Projovem Adolescente.

Antes de nos debruçar sob os documentos e referenciais teóricos, acredito ser de fundamental relevância considerar o caminho que me levou a esta pesquisa. Desde fevereiro de 2006, trabalho em uma escola pública, localizada no bairro Santa Maria, zona sul de Aracaju/SE. Até outubro de 2007 atuei como estagiária, enquanto fazia o curso de Pedagogia Licenciatura na Universidade Federal de Sergipe. Tornei-me pedagoga em outubro de 2007 e, somente em abril de 2008, iniciei minha carreira docente como professora concursada da rede municipal de ensino de Aracaju<sup>1</sup>. Essa experiência me propiciou estar frente à mesma realidade, comportando-me, pelo menos, de três maneiras diferentes: estudante, professora e pesquisadora.

A prática que me levou a analisar fatos corriqueiros da cultura escolar, do cotidiano dos alunos e de suas famílias, também me possibilitou a oportunidade de vislumbrar o

---

<sup>1</sup> Quando obtive a aprovação do concurso retornei a mesma escola que tinha estagiado, por minha própria escolha.

problema para a construção desta pesquisa. Conforme afirma Gil (1999), “O pesquisador desde a escolha do problema, recebe influência do seu meio cultural, social e econômico. A escolha do problema tem a ver com grupos, instituições, comunidades ou ideologias com que o pesquisador se relaciona”. (GIL, 1999, p. 50-51). Para mim não foi diferente.

Nesse sentido, de onde olho e vejo minhas escolhas, está a realidade na qual se insere o meu cotidiano. Trabalhar como educadora, em bairros “periféricos” nos dá a sensação de que o poder público ausenta-se em diversas situações, enquanto os fatores que culminarão na “exclusão” da classe trabalhadora, seguem abarcando grande parte da população. Essas questões corriqueiras do trabalho docente, que *a priori* se configuram na aparência, e em certa medida mascaram a realidade, fizeram-me questionar a essência do nosso modelo de sociedade, oferecendo-me, naquele momento, ainda sem muita clareza, uma possibilidade de repensar o que tem sido ofertado, enquanto política social, pelo Estado, às classes menos favorecidas economicamente.

A educação e suas problemáticas tornaram-se um atrativo para os meus olhos. A sua configuração e os desafios da sala de aula ultrapassaram a classificação de “trabalho”, enquanto produtor da sobrevivência humana, para tornar-se objeto de observação, reflexão e autoquestionamento. Durante os anos de experiência, dentre todos os “desafios” com os quais me deparei, o que mais me instigou foi a relação estabelecida entre as famílias dos alunos com os professores, a escola e os programas sociais. Comecei a identificar que essa relação, nem sempre amigável entre ambas as partes, não é apenas caracterizada pela matrícula obrigatória e a frequência escolar mínima, exigida enquanto condicionalidade para a participação dos jovens nos programas de transferência de renda<sup>2</sup>, a exemplo do Bolsa Família<sup>3</sup> essa relação envolve diretamente a revisão do processo de acesso/inclusão do educando e a revisão da função social da escola, tendo em vista que as minhas observações empíricas, como educadora no ensino fundamental, indicam que muitas vezes, os pais obrigam as crianças a irem à escola, apenas para não perder a bolsa, mas não há, por parte de muitos, interesses sobre a formação dos estudantes. Há uma preocupação excessiva dos pais com as faltas dos alunos, em

---

<sup>2</sup> Os programas de transferência de renda objetivam garantir uma renda mínima para a sobrevivência das famílias. No Brasil, não existe uma linha de pobreza oficial para todo o território, que garanta, efetivamente, benefícios para a população. De acordo com Mesquita (2007), o Programa Bolsa Família, por exemplo, considera uma renda familiar *per capita* de 100 reais como critério para o recebimento dos benefícios. Já O Banco Mundial, entre outros critérios, utiliza o de “um dólar por dia” em poder de compra para delinear a linha de pobreza. Entretanto, lembramos que o mero repasse monetário para essas famílias, feito de forma isolada, não acabará com a pobreza, nem resolverá os problemas de desemprego do país, além de não solucionar o problema da estrutura de classes da sociedade brasileira.

<sup>3</sup> Segundo o sítio do MDS, o Programa Bolsa Família atende mais de 12 milhões de famílias em todo o Brasil. Os valores recebidos pelas famílias são determinados pela renda familiar por pessoa (limitada a R\$ 140), pelo número e idade dos filhos. O valor do benefício recebido pode variar entre R\$ 22 a R\$ 200 para cada família. Em 2010, a quantidade de famílias beneficiadas com o Programa chegou a 228.495 no Estado de Sergipe.

detrimento do rendimento dos mesmos no sistema escolar. Muitas vezes, foi possível identificar que os pais viam a escola como um mero instrumento garantidor das “bolsas”, desprestigiando o processo de construção do conhecimento pelos alunos, realizado sistematicamente no espaço escolar.

Observei que, no âmbito da aparência, os professores e funcionários da instituição escolar, em muitas situações, passaram a conviver com a presença dos programas sociassistenciais e projetos sociais, numa relação nem sempre amigável. O questionamento da funcionalidade dos programas, na formação efetiva dos jovens, em forma de substituição, em certa medida, do papel da instituição escolar, é o principal nó da disputa entre a escola e os Centros de Referência de Assistência Social - CRAS.

A Política Nacional de Assistência Social (PNAS), dentro da perspectiva da proteção social, significa elencar quem, quantos, quais e onde estão os brasileiros que devem ser beneficiados com os serviços de assistência social. O Programa Projovem Adolescente<sup>4</sup> pode ser localizado como um dos representantes, muito representativo do atual modelo das políticas sociais do Governo Lula. Pinçamos este modelo de Projovem, entendendo-o como parte de um todo - uma parte que representa duas áreas significativas para a concepção do modelo de sociedade em que vivemos, a educação e a assistência social.

Entre outras funções, este Programa se propõe a atuar, junto à escola, na formação dos adolescentes, mesmo não havendo, visivelmente, uma linha clara entre essa relação, pelo menos para a escola. Foi no embate contraditório entre a função social da escola e os objetivos do Programa Projovem Adolescente - pois é neste último que se configura a relação mais explícita da proposta de inclusão de jovens, principalmente, com a reinserção dos mesmos na escola, enquanto condicionalidade de participação no Programa -, que surgiu o meu interesse em pesquisar a linha que delimita essas duas áreas distintas: a educação e a assistência social, considerando que ambas se desenvolvem no âmbito das políticas sociais de direito.

Foi o inquietamento com estas duas áreas desenhadas pelo Estado e a efervescência das questões descritas, envolvendo a educação e assistência social, enquanto âmbitos que ainda caminham desarticuladas, que me destinou a conversar com a minha orientadora. Aos poucos fomos desenhando, conjuntamente, o destino da pesquisa e chegamos, enfim, a necessidade de analisarmos o Projovem Adolescente, na medida em que, apesar de ser de

---

<sup>4</sup> O já extinto Projovem, regido pela Lei nº 11.129, de 30 de junho de 2005, passou a reger-se, a partir de 1º de janeiro de 2008, pelo disposto na Lei nº 11.692, de 10 de junho de 2008. Esta dividiu o Projovem em quatro frentes, quais sejam, Projovem Adolescente - Serviço Socioeducativo; o Projovem Urbano; Projovem Campo - Saberes da Terra e Projovem Trabalhador. Entretanto somente o Projovem Adolescente, tem sua gestão ligada ao Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS).

responsabilidade do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), tem como principal foco a formação e socialização dos jovens de 15 a 17 anos, tendo sua metodologia baseada na Pedagogia Social.

Nesse sentido, justificamos a escolha do nosso objeto de pesquisa, fundando a nossa análise a partir do questionamento das desigualdades econômicas e sociais provocadas pelo sistema capitalista e repensando de que maneira as políticas sociais tentam intervir nesse ínterim. Perpassamos pelo entendimento de que é necessário observar como o Projovem Adolescente, vem sendo implantado e de que forma a atuação do mesmo interage com o movimento de reinserção dos jovens na escola.

Com a análise desse Programa, adentramos no âmbito das políticas sociais, enquanto uma das principais receitas propostas pelo Estado para a redução dos abismos sociais que estiveram durante décadas presentes na realidade brasileira. Questões como o analfabetismo, o trabalho infantil e a evasão escolar são apenas exemplos de justificativas utilizadas pelo governo para o desenvolvimento das políticas sociais, visando a inclusão da juventude. Restamos questionar qual a “inclusão” está sendo conferida aos jovens e em que medida o Programa tem sido significativo para formação dos mesmos.

Acreditamos que este questionamento vai além das estatísticas e dos documentos divulgados pelo Governo Federal, os quais descrevem os objetivos e o funcionamento do Projovem Adolescente e acabam por saltar dos muros dos Centros de Referência da Assistência Social<sup>5</sup> (CRAS), para dialogar com a sociedade.

Através do universo das máscaras, pretendemos utilizar essa invenção como uma metáfora para aproximar o leitor da discussão do atual modelo de políticas sociais, construindo uma análise dialética, sob a perspectiva do binômio inclusão/exclusão. Os pares opostos, suscitados pelo que representam nas máscaras nos fazem pensar sobre as contradições inerentes ao modelo de políticas sociais no sistema capitalista.

Quando nos arriscamos nessa empreitada pensamos a partir de um objetivo que era o de tentar compreender essas políticas como parte e fruto da sociedade na qual se instalam. Para identificarmos os vieses que envolvem os Programas sociaassistenciais começamos a enxergar que o poder estatal, não é exatamente o público: elaborado e pensado pela e para a

---

<sup>5</sup> De acordo com a Política Nacional de Assistência Social (PNAS), o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) é uma unidade pública da política de assistência social, de base municipal, integrante do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), localizado em áreas com maiores índices de vulnerabilidade e risco social, destinado à prestação de serviços e programas socioassistenciais de proteção social básica às famílias e indivíduos, e à articulação destes serviços no seu território de abrangência, e uma atuação intersetorial na perspectiva de potencializar a proteção social. O CRAS também deve organizar a vigilância da exclusão social de sua área de abrangência, em conexão com outros territórios.

sociedade. Na maior parte dos casos, as políticas vêm sendo tratadas como ferramentas de um determinado governo para garantir a governabilidade, e não como prioridades do Estado no atendimento aos direitos dos cidadãos.

O caminhar da pesquisa e os momentos relatados nos diários de campo e nas entrevistas, nos colocou diante das máscaras: de um lado os sonhos dos jovens e, do outro, a realidade onde estão inseridos. O trabalho teatral do “Auto de Natal”, desenvolvido no CRAS Coqueiral, representado pelos jovens a partir de um jogo de máscaras, foi a grande referência para a utilização das mesmas como uma metáfora nesta dissertação. Isto é, como uma ferramenta para pensar as faces de uma política de “inclusão social” por meio de um Programa governamental.



Figura 2 – Apresentação do “Auto de Natal”  
Fonte: Imagem capturada pela autora.

As máscaras de papel machê, que aparecerão nestas páginas, também representam a simplicidade e a fragilidade dos rostos que as vestem. A beleza das performances dos jovens, a dedicação do Educador social, que facilitava o contato dos mesmos com o teatro, e a vontade coletiva de toda a equipe técnica, para que aquele trabalho atingisse seus objetivos foi, exatamente, a passagem que nos deslocou para este universo.

As observações nos aproximaram, também, dos problemas estruturais enfrentados pelos educadores sociais para a realização das oficinas; da falta de infraestrutura dos CRAS para receber e manter esses jovens participando ativamente do Programa; e da questão social que atingem, direta ou indiretamente, os adolescentes. Aos poucos as contradições do processo educativo, realizado através da Pedagogia social, e de socialização foram se desenhando.

Diante do exposto, a primeira pergunta que surgiu durante a pesquisa de campo, foi: como interpretar essas faces? Como interpretar todas as interfaces que surgem no desenho de um Programa social? O que é o Programa Projovem Adolescente, que se propõe a promover a inclusão social dos jovens entre 15 aos 17 anos? Como está se desenvolvendo, na prática, este Programa? É possível que o Projovem Adolescente, enquanto política social, cumpra o papel da inclusão no modelo de sociedade excludente em que vivemos? Voltamo-nos para nossos escritos e chegamos a nossa pergunta científica: em que consiste a política de “inclusão social” efetivada no desenvolvimento do Programa Projovem Adolescente no município de Aracaju-SE.

Inicialmente, caminhamos sob a hipótese de que as atuais políticas sociais, desenvolvidas pelo Estado, se estruturam a partir do binômio inclusão/exclusão<sup>6</sup>. Isto é, ao mesmo tempo em que se propõem a incluir, acabam por produzir mecanismos de exclusão. Dito de outra forma, os programas sociais, tais como o Projovem Adolescente, atuam como meio de inserção dos jovens em espaços regulados pelo Estado, diminuindo, em parte, a parcela de “excluídos”<sup>7</sup> da sociedade. Entretanto, quando pensamos na totalidade, eles não possibilitam a inclusão efetiva dos jovens, ainda que sejam estruturados por propostas abertas, participativas e críticas, pois estão pautados na estrutura desigual da distribuição de renda e do conhecimento.

É importante informar que não objetivamos nesta pesquisa realizar uma avaliação do Programa, entendemos que avaliar implica em termos a dimensão de todo o processo de

---

<sup>6</sup> [...] A partir dos anos de 1980, e com a consolidação do fenômeno de globalização, a inclusão encontra-se cada vez mais retratada como o lado bom do par simbiótico exclusão/inclusão, isto é, a inclusão constrói-se para combater uma situação de exclusão social. (NUNES, 2005, p. 25). Complementamos essa afirmação, dizendo que o binômio inclusão/exclusão é inerente ao modelo capitalista de sociedade. Dito de outra forma, só é possível conceber a necessidade de se efetivar a inclusão, no contexto que tem como premissas a exclusão e a exploração, sendo exatamente nisto que o capitalismo se sustenta.

<sup>7</sup> Segundo Castel (2006), os “excluídos” não constituem, propriamente, um grupo homogêneo. São mais precisamente conjuntos de indivíduos separados de atributos coletivos e que acumulam a maioria das desvantagens sociais: pobreza, falta de trabalho, sociabilidade restrita, condições precárias de moradia, grande exposição a todos os riscos de existência, entre outros. Em nossa compreensão, essa análise conceitual é inerente ao modo de produção capitalista que, permeado pelo modelo social-democrata que trabalha em prol da manutenção dos interesses da parcela mais favorecida economicamente da população, reproduz a sociedade da exclusão. Os excluídos deixam de estar integrados ao sistema em vigor e, em função disso, são culpabilizados individualmente.

implantação do mesmo. Observar a entrada e a saída de um grupo de jovens seria primordial para iniciarmos um processo avaliativo formativo, portanto, não nos lançaremos nesta empreitada. Nesta pesquisa o nosso objetivo geral é compreender a política social de inclusão do Programa Projovem Adolescente a partir dos documentos que o sustentam e da prática realizada em três espaços socioeducativos nos CRAS de Aracaju.

Para tanto, a pesquisa pretendeu, enquanto objetivos específicos: discutir os fundamentos históricos, políticos e socioeconômicos que deram origem ao Programa Projovem Adolescente; realizar uma análise dos fundamentos educacionais presentes no material didático do Programa; identificar as concepções de educação do Programa presentes nas falas do educadores; traçar as principais contradições existentes no Programa na realidade aracajuana.

Se as máscaras como metáforas são ferramentas para pensar este Programa, utilizamos como principal elemento desta ferramenta o jogo da contradição que se constrói no elemento artístico como oposto e como complementar. Na dissertação tomamos como referência a contradição a partir da análise do real materializado no Programa em estudo e, um possível caminho epistemológico coerente com essa perspectiva é o materialismo histórico dialético. No desenvolvimento da pesquisa, este método, exigiu-nos grande esforço na sua apropriação, pois os riscos de ficarmos no campo do idealismo é imenso, tendo em vista os próprios argumentos das políticas de inclusão.

Segundo Gaudêncio Frigotto (1999), a dialética materialista histórica é uma postura. Um método que permite uma apreensão radical (que vai à raiz) da realidade e, enquanto práxis é a unidade de teoria e prática na busca da transformação e de novas sínteses no plano do conhecimento e no plano da realidade histórica.

Se eu continuo a me referir ao marxismo é porque não penso que Marx fosse (para retomar uma forma célebre) “um homem de ciências como os outros”. Seu pensamento introduz, como destaca com razão Gramsci, uma *cisão no campo cultural*, tanto teórica como prática, filosófica e política, cujos efeitos repercutem até o presente. Ela inaugura não uma ‘ciência da história’ – que já existe antes dele – mas uma nova concepção de mundo, que permanece como referência necessária para todo pensamento e ação emancipadores (LOWY; BENSALID, 2000, p. 59).

Seguindo a compreensão elaborada por Frigotto (1999) - quando afirma que ser materialista histórico é dar conta da totalidade e do específico - primeiramente, compreendemos que, para que possamos delimitar nosso campo de análise, é mister iniciarmos pela compreensão do que significa a totalidade. Nenhum “objeto”, ou “fenômeno” estudado pode ser explicado ou compreendido sem estar relacionado com a totalidade que o

envolve e o faz concreto, de fato. Seguiremos os passos das palavras de Karl Marx, quando afirma: “Parece que o melhor método é começar pelo real e pelo concreto” (MARX, 2003, p. 247).

Com a leitura de Marx refletimos todo o tempo sobre a importância da emancipação do homem, enquanto ser social. Entendemos também que o debate sobre políticas socioassistências e juventude, está relacionado à discussão de uma determinada realidade e modelo econômico que vigora na sociedade, por essa razão justificamos a utilização dessa abordagem metodológica.

O materialismo histórico dialético é fundamental para entendermos as contradições que englobam os processos de tensionamento entre a sociedade civil organizada e o Estado, os quais culminam na formatação de políticas sociais. Estas, por sua vez, podem promover mudanças substanciais na sociedade ou contribuir, significativamente, para o processo de reprodução material do capitalismo, seja no âmbito cultural, social ou econômico. Geralmente, elas se situam na reprodução da sociedade capitalista, pois a sua própria origem está na necessidade de amenizar ou diminuir alguns níveis de desigualdades sociais.

Nesse sentido, a busca pela compreensão do Programa requer uma perspectiva que traga os diferentes elementos que compõem a própria sociedade. A escolha pelo método foi se tornando mais clara na medida em que a complexidade da realidade onde o Programa estava inserido exigia um rigor na análise do objeto de estudo. Assim sendo, tomamos como referência o que José Paulo Netto (2006), reafirma das contribuições de Marx para a organização teórico-metodológica de uma pesquisa desta natureza.

Do ponto de vista teórico-metodológico, o contributo que a tradição marxista e seus diferentes acúmulos pode oferecer, para a problemática de que nos ocupamos, é: 1) uma visão rigorosa da natureza do Estado e da sociedade civil, 2) a indicação adequada das determinações postas à política social pela política econômica e 3) uma circunscrição rigorosa do gênero e do desenvolvimento da “questão social” (NETTO, 2006, p. 26).

Portanto, realizamos este estudo não somente na perspectiva de identificar o fenômeno estudado, mas também com o objetivo de discuti-lo dentro da realidade que ele se insere, identificando as contradições que se dão na sua efetivação, visando contribuir para futuras intervenções a partir da problemática estudada. Assim, tomamos como lentes de aumento autores que trabalham na perspectiva marxiana para nos ajudar a entender o próprio método. “Entendemos por método, um meio de atividade do homem em que se unem num todo as leis objetivas interpretadas com o fim voltado para a apreensão do objeto e sua transformação” (KOPNIN, 1978, p. 96).

A marca da transformação está na dialética, postura que não delimita de forma estanque os objetos, não os tornam fixos ou acabados, impassíveis de mudanças. Ela vai exatamente ao sentido oposto, na medida em que investiga os processos e sobrevive das argumentações, das contradições e das antíteses. Dessa forma, nada permanece igual após uma análise dessa natureza.

Podemos dizer que a alma da dialética é o conceito de **antítese**. Quer dizer que toda realidade social gera, por dinâmica interna própria, seu contrário, ou as condições objetivas e subjetivas para sua superação. A antítese alimenta-se da estrutura do conflito social, tornando-se também marca estrutural da história, que caminha por antíteses. O esquema básico consagra a trilogia: **tese, antítese, síntese** (DEMO, 1995, p. 91).

Isto posto, para a efetivação da pesquisa e análise dos dados a partir dos fundamentos do Programa, foi importante a identificação das categorias que nos auxiliaram na interpretação do real, ainda que estivesse em muitos momentos mascarados. Para Koppin (1978), as categorias são meios ontológicos que, por um lado, orientam o pensamento para uma determinada direção e, por outro, permitem a liberdade de criação de certos limites. De acordo com a teoria marxiana as categorias são formas de ser, são determinações da existência.

Ao longo do desenvolvimento desta dissertação, identificamos a necessidade de pautar nossas análises considerando a contradição e a totalidade. Justificamos nossa escolha, partindo do pressuposto de que a construção das ciências sociais e humanas, bem como a educação, não acontece à parte da sociedade. Esta, por sua vez, aprimora-se, em sua “totalidade”<sup>8</sup>, a partir da “contradição”<sup>9</sup>, inerente ao seu processo histórico de formação.

A categoria “totalidade” é fundamental para compreendermos como um determinado fenômeno social pode ser estudado e compreendido, além das suas particularidades, no cerne da conjuntura social. Além de nos auxiliar no entendimento do movimento dialético que circunda o estudo da nossa temática, desconstruindo a ideia de “objeto” de estudo, inserido numa realidade estanque.

Esta categoria nos dá subsídios para considerar a parcialidade dos pontos de vista, sempre objetivando o conhecimento do real. Dito de outra forma, essa parcialidade deve estar

<sup>8</sup> O método dialético converteu-se em instrumento para pensar o real, pois é adequado ao real. É a severa disciplina do pensar que objetiva reproduzir conceitualmente o real na totalidade inacabada dos seus elementos e processos. Portanto, a totalidade figura como intrínseca categoria de análise dos fenômenos históricos. Assim, “A compreensão dialética da totalidade significa não só que as partes se encontram em relação de interna interação e conexão entre si e com o todo, mas também que o todo não pode ser petrificado na abstração situada por cima das partes, visto que o todo se cria a si mesmo na interação das partes” (KOSIK, 1976, p. 42).

<sup>9</sup> “A contradição não é uma coisa fixa, imutável, mas encontra-se em movimento incessante, em mudança permanente, passando das formas inferiores às superiores e vice-versa, enquanto os contrários passam um pelo outro, tornam-se idênticos, e a formação material que os possui propriamente entra em um novo estado qualitativo” (CHEPTULIN, 1982, p. 295).

relacionada a um determinado conjunto, ou a um todo. Reforçamos a ideia de que considerar a perspectiva do materialismo histórico dialético, enquanto abordagem metodológica, implica no entendimento de que existe uma separação absoluta entre o sujeito e o objeto, já que, de acordo com Borges (2004), o movimento de elaboração precisa ser dialético para acompanhar o movimento do real.

A segunda categoria, sob a égide da qual aprofundaremos nossas análises, é a “contradição”. Acreditamos que em todo o nosso processo de construção de conhecimento, seja estudando os documentos sobre a formulação do Programa, seja observando sua execução e sua relação com o processo de formação dos jovens, ou mesmo, analisando seus limites e avanços, estaremos imersos no movimento de contradição que envolve em totalidade a sociedade.

[...] os contrários excluem-se reciprocamente e encontram-se em estado de luta permanente; entretanto, eles não são divergentes e não se destroem mutuamente; existem juntos e não apenas coexistem, mas estão ligados organicamente interpenetram-se supõem-se um ao outro, o que equivale dizer que eles são unidos e representam a luta dos contrários (CHEPTULIN, 1982, p. 287).

Nesse sentido a contradição é a categoria do real fundamental às apreciações que envolvem a compreensão do contexto histórico, de Estado e de elaboração de políticas sociais. Na perspectiva da abordagem dialética, de acordo com Frigotto (1999), o plano da realidade, que é o plano histórico, figura sob a forma de relações contraditórias, conflitantes, de leis de construção, desenvolvimento e transformação dos fatos. É sob esse entendimento que caminharemos.

Ao longo das nossas reflexões, quando nos colocamos em contato com os dados recolhidos no campo, foram surgindo elementos centrais para as análises que nos propusemos a fazer e, acabamos estabelecendo relações com os mesmos. O entendimento do “ser jovem” na atualidade, o que os jovens esperavam do Programa, e as nuances de exclusão e inclusão desenhadas pelo Projovem, trouxeram a necessidade de também elencar como categorias para análise do real nesta pesquisa: o par dialético inclusão/exclusão; o trabalho; e a juventude.

Assim, considerando que a investigação científica, enquanto ato de conhecimento se realiza baseada na relação prática do sujeito com o objeto, constituindo-se em uma forma teórica de apreensão do objeto pelo sujeito, nela se manifesta especialmente a natureza social do sujeito. Segundo Kopylov (1978), o homem reflete a realidade não apenas tal qual ela existe imediatamente, mas também como pode e deve ela ser para as necessidades sociais dele. Voltado desde o início para a satisfação das necessidades práticas do homem, o conhecimento proporciona imagens de objetos que não foram observados na natureza, mas devem e podem

ser realizáveis na prática. Portanto, acreditamos que a pesquisa autenticamente científica está diretamente voltada para a procura de formas e ideias segundo as quais o mundo deve ser mudado, portanto, a superação é a outra categoria imprescindível nesta pesquisa.

Diante da nossa posição metodológica, foram escolhidos os instrumentos metodológicos que serviriam como tripé para a sustentação da nossa pesquisa. Nesse sentido, sabíamos que era importante pensar em instrumentos que nos auxiliasse a analisar a realidade, do melhor modo possível. Foi preciso elaborar formas e maneiras de nos aproximar dos jovens para que, de perto, enxergássemos suas demandas, seus desejos, suas ansiedades.

Inicialmente, partimos de uma pesquisa bibliográfica e documental, tendo em vista a necessidade de encontrar informações com pertinência para problematizarmos a temática escolhida. Procedemos a realização do estado da arte, buscando obras, dissertações e teses acerca da temática estudada. Inicialmente, buscamos respostas, problematizamos o objeto, gerando perguntas e inquietações, a partir de novas leituras e do nosso amadurecimento diante dos questionamentos levantados.

Esta problematização, que se elabora sobre questionamentos, gerou o traçado da nossa pesquisa. Nesse sentido, o processo de coleta dos dados pode ser delineado em pelo menos três momentos. Num primeiro momento nos debruçamos sobre os dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES com o objetivo de localizar pesquisas já desenvolvidas em torno da nossa temática. Nesta fase levantamos todas as pesquisas que se referiam ao Projovem, independente da sua modalidade, bem como levamos em consideração a existência de pesquisas realizadas acerca do Programa “Agente Jovem”, enxergando-o enquanto precursor do Projovem Adolescente.

Dessa maneira, realizamos o levantamento de teses e dissertações que utilizavam como locus de pesquisa o Programa Nacional de Inclusão de Jovens - Projovem. É relevante ressaltar que os títulos encontrados não especificavam a modalidade de Projovem abordada nos textos. Outro fator importante a ser dito é que em nenhuma das pesquisas observamos a abordagem específica do Projovem Adolescente, uma possível hipótese para esse fato é que a legislação que instituiu o Projovem Adolescente, substituindo o “Agente Jovem” é recente, datada de 10 de julho de 2008.

Identificamos que todo o material levantado<sup>10</sup> a partir do banco de dados da CAPES, que tratava sobre o Programa Projovem, trazia em sua maioria análises realizadas a partir de estudos de caso, realizados numa determinada localidade. Foram encontradas nove

---

<sup>10</sup> Esse levantamento foi realizado no ano de 2009 e todos os dados encontrados no sítio da CAPES encontram-se nos anexos desta pesquisa.

dissertações de mestrado, sendo a mais antiga do ano 2000 e as mais recentes do ano 2008. As temáticas abordadas sobre a relação da juventude com o Programa foram diversas, dentre elas estavam a participação, a relação com o saber, a relação trabalho e educação, as atividades de leitura, as práticas educativas desenvolvidas a partir do Programa e questões referentes à saúde.

As pesquisas sobre o Programa vêm sendo desenvolvidas em diversas localidades do Brasil, não se restringindo a um estado ou região específica. As dissertações desfilaram entre o campo e a cidade, bem como entre as diversas áreas de conhecimento, incluindo a Educação, a Sociologia, Geografia Humana, Políticas Sociais, a Linguística, Serviço Social e a Engenharia Agrícola.

Esse levantamento nos mostra que o Programa Projovem, desde sua implantação, tem sido alvo de pesquisas, em nível de mestrado e doutorado, em diversas Universidades de todo o Brasil. Esse fato demonstra a relevância do estudo dessa temática e a preocupação da academia com a implantação, a execução e a avaliação dessas políticas sociais no cerne da sociedade.

Ainda no ínterim de aproximações com dados e documentos do Programa, realizamos uma ampla pesquisa documental acerca do Projovem Adolescente. Foram levantadas as legislações específicas e todo material que compunha a metodologia do Programa, além dos números gerais do mesmo no estado de Sergipe. Nesta fase, contamos com a colaboração fundamental da Secretaria do Estado da Inclusão, Assistência e do Desenvolvimento Social – SEIDES e da Secretaria Municipal de Assistência Social e Cidadania - SEMASC, as quais nos forneceram grande parte dos dados estatísticos acerca do Projovem Adolescente referentes ao ano de 2009.

Num segundo momento partimos para um contato direto com o Programa. Passamos a observar as capacitações dos técnicos responsáveis pelo mesmo, realizadas pela SEIDES, objetivando iniciar uma aproximação direta com o Projovem Adolescente. Também participamos de uma ocasião de avaliação do Programa pelos jovens, onde começamos a nos inserir com maior efetividade na realidade existente por trás dos documentos. Esses contatos iniciais e as conversas cotidianas com jovens, educadores e assistentes sociais que vivem o Projovem começaram a gerar as primeiras inquietações acerca das práticas desenvolvidas a partir do mesmo e da relação do Programa com a educação.

Nesse ínterim observamos a “Capacitação Estadual de Agentes Multiplicadores do Projovem Adolescente 2009/II Ciclo”, realizada entre os dias 13 e 15 de maio de 2009 em Aracaju/SE. Observamos os três dias de capacitação e interagimos com os profissionais que

estiveram presentes, dentre eles assistentes sociais, professores, educadores sociais e psicólogos representantes dos diversos municípios do estado de Sergipe.

O aprofundamento dos nossos estudos sobre a temática e a participação nas capacitações, destinadas aos agentes multiplicadores<sup>11</sup>, foi de fundamental relevância para nos aproximarmos do Programa, pelo olhar dos assistentes sociais e técnicos. Pudemos ter contato com representantes de todos os municípios do Estado que aderiram ao Programa e começamos a perceber que o desenvolvimento do mesmo se dava completamente diferente em cada realidade. Essas observações foram extremamente importantes para o sequenciamento do nosso processo de aprendizagem acerca do Projovem Adolescente.

Em seguida, procedemos, por meio de uma abordagem quantitativa, o levantamento de dados, que nos remeteram aos números da educação, da inclusão/exclusão social, da juventude brasileira e do Programa pesquisado. As pesquisas sobre a exclusão no Brasil coordenada por Marcio Pochmann, publicadas em 2003, 2004 e 2005; a pesquisa sobre o diagnóstico socioeconômico e políticas públicas de inclusão social no estado de Sergipe – realizada pela Secretaria de Estado da Inclusão, Assistência e Desenvolvimento Social de Sergipe, em 2009 –; o Relatório de Pesquisa sobre as Juventudes Sergipanas, organizado por Bernard Charlot (2006); bem como os números do IBGE, do PNAD, do IDH, do MEC e do MDS, foram fundamentais para construção deste trabalho.

De acordo com dados fornecidos pela Secretaria Estadual da Inclusão, Assistência e Desenvolvimento, o universo que compreende a atuação do Projovem Adolescente, em Sergipe, no ano de 2009, compreendeu 70 adesões de um total de 75 municípios, com um contingente de 337 coletivos em todo o Estado, resultando em um total de 8.425 jovens atendidos por 221 educadores sociais.

O valor do cofinanciamento liberado pelo Governo Federal para a manutenção do Projovem Adolescente para o menor Estado da federação chegou a R\$ 306.525,00 (trezentos e seis mil, quinhentos e vinte e cinco reais). Para Aracaju são destinados R\$ 51.506,25 (cinquenta e um mil, quinhentos e seis reais e vinte e cinco centavos).

Os números informados pela SEIDS e pela SEMASC sobre o Projovem Adolescente em Aracaju, em novembro de 2009, demonstram que a capital sergipana conta com 41 coletivos, distribuídos entre 11<sup>12</sup> dos 14 CRAS situados em Aracaju. Somente o CRAS Madre

---

<sup>11</sup> Esses agentes multiplicadores, por sua vez, a partir das capacitações, teriam como principal objetivo levar conhecimento e informações sobre o Programa para os seus municípios.

<sup>12</sup> Os 11 CRAS que funcionam com o atendimento aos jovens do Projovem Adolescente são: Terezinha Meira, Dr. Carlos Hardman Côrtes, Prof. Gonçalo Rollemberg Leite, João de Oliveira Sobral, Santa Maria, Antônio V. Rollemberg, Porto Danta, Risoleta Neves, Dr. Carlos Fernandes de Melo, Benjamin Alves de Carvalho e Coqueiral.

Tereza de Calcutá, o Pedro Averán, e o CRAS do Jardim Esperança não trabalham com o Projovem Adolescente. Também fomos informados que o Programa está sendo realizado em uma unidade socioeducativa, situada no povoado Areia Branca. Segundo a SEIDS, são atendidos 1025 jovens através do Projovem Adolescente no município de Aracaju, com 25 educadores lidando com estes jovens, na realização das oficinas.

Os dados levantados nos levaram à seleção de uma amostragem escolhida intencionalmente, com o objetivo principal de trazer o real sobre a efetivação do Programa para esta pesquisa. Para tentar sanar as possíveis lacunas dos dados quantitativos, que muitas vezes, se mostram frios e descomprometido com a fidelidade à realidade, optamos por entender o fenômeno estudado, dentro do seu contexto real, utilizando a observação. Esta técnica de pesquisa, dentro de uma perspectiva dialética, foi fundamental para pensarmos as contradições do Programa, seus desafios e possibilidades. Assim, colocamo-nos diante do campo. As observações e as entrevistas começaram a retirar as máscaras existentes por sobre o Programa. Os documentos, que funcionam como principais elementos alegóricos, foram se redesenhando e trazendo à tona a realidade que não é possível esconder, ainda que por vezes esteja velada.

Para tanto foram destacados 3 CRAS para a realização da pesquisa: o Coqueiral, situado à avenida Euclides Figueiredo, nº 2436, bairro Coqueiral, zona norte de Aracaju; o Gonçalo Rollemberg Leite, rua Alagoas, nº 2051, bairro José Conrado de Araújo, zona oeste de Aracaju; e o CRAS Santa Maria, localizado na avenida Principal, nº 2577, bairro Santa Maria, zona sul de Aracaju. Cada um destes está localizado em bairros periféricos, apesar de estarem localizados em pontos distantes uns dos outros na cidade.

Concomitantemente às observações realizamos entrevistas semi-estruturadas<sup>13</sup> com jovens, escolhidos aleatoriamente, e educadores sociais, escolhidos da mesma maneira. Essa amostra é composta por 30 entrevistas de adolescentes, 10 de cada CRAS, e 2 educadores de cada um dos 3 CRAS pesquisados, resultando em uma amostragem de 6 educadores. Para preservar a identidade dos entrevistados, elegemos números de 1 a 30 para denominar os jovens e letras de A a F, para designar os educadores sociais.

As entrevistas foram realizadas com o objetivo de lermos o Projovem Adolescente, no município de Aracaju/SE, através das opiniões dos jovens e dos educadores. Conforme realizávamos a pesquisa de campo, tanto as observações, quanto as gravações das entrevistas, continuamos a pesquisa bibliográfica com obras que sugeriam a ação da teoria com o que observávamos na prática, no tocante às áreas das políticas públicas educacionais e sociais.

---

<sup>13</sup> As entrevistas encontram-se, na íntegra, nos anexos desta dissertação.

Organizamos metodologicamente nosso trabalho em cinco capítulos, objetivando elaborar argumentos, acerca da discussão, aqui levantada, ou mesmo propor novas questões para pesquisas futuras.

No segundo capítulo buscamos situar na história recente brasileira, as discussões acerca da constituição das políticas sociais e educacionais. Enfocamos, também, a constituição do campo da assistência social, no âmbito do Direito e a sua consolidação no Brasil.

No terceiro capítulo realizamos uma discussão sobre juventude, apresentamos os fundamentos do Projovem Adolescente e analisamos as concepções de educação pensadas e praticadas pelo Projovem Adolescente, fazendo um contraponto com o projeto de sociedade no qual o mesmo está pautado.

No quarto capítulo, estabelecemos o contato com os fundamentos do Programa, para demonstrar suas contradições, através das observações e das entrevistas. Fazendo o contraponto com as entrevistas, nos concentramos em 4 frentes de análises – Infraestrutura do Programa; Evasão do Programa; Formação de vínculos: relações de pertença dos jovens com o Programa; A relação dos jovens com o trabalho.

Em nossas considerações finais trazemos as questões que envolvem o Programa, trazidas do real posto. Ressaltando, dessa maneira, as suas contradições, enquanto parte de uma estrutura pública, que possui uma função específica e que corrobora com o modelo de sociedade que representa.

Sabemos que os elementos que dispomos para a elaboração desses cinco capítulos estabelecem sentidos, levantam incógnitas, emocionam e podem até disfarçar aquilo que é preciso esconder. É neste jogo de contradições, introduzido pelo universo das máscaras sociais, que nos debruçamos sobre o Projovem Adolescente. Com esta dissertação tentamos contribuir para a produção da pesquisa nas áreas da Educação e da Assistência Social, com o desvelamento do real que as máscaras também podem proporcionar.

## 2 A CONFIGURAÇÃO DAS POLÍTICAS SOCIAIS E OS INTERESSES DO ESTADO

Produzir a vida, tanto a sua própria vida pelo trabalho, quanto a dos outros pela procriação, nos aparece, portanto, a partir de agora, como uma dupla relação: por um lado uma relação natural, por outro como uma relação social – social no sentido em que se estende com isso a ação conjugada de vários indivíduos, sejam quais forem suas condições, forma e objetivos (MARX; ENGELS, 1998, p. 23).

A sociedade de consumo, que está em voga, subsiste através da geração contínua de “necessidades” a serem supridas e superadas. Olhar para cada uma delas é perceber a tamanha desigualdade social a qual estamos submetidos no contexto da sociedade capitalista. Em outras palavras, enquanto uns têm acesso facilitado à produção intelectual, historicamente acumulada pela sociedade, outros ainda seguem lutando pela própria sobrevivência como primeira necessidade.

De acordo com a concepção materialista do Estado, a fator decisivo na história é, em última instância, a produção e a reprodução da vida imediata. Mas essa produção e essa reprodução são de dois tipos: de um lado, a produção de meios de existência, de produtos alimentícios, habitação e instrumentos necessários para tudo isso; de outro lado, a produção do homem mesmo, a continuação da espécie. A ordem social em que vivem os homens de determinada época ou determinado país está condicionada por essas duas espécies de produção: pelo grau de desenvolvimento do trabalho, de um lado, e a família, de outro (ENGELS, 1991, p. 02).

Segundo Marx e Engels (1998), na obra “A Ideologia Alemã” o primeiro fato histórico do homem é a sobrevivência. Para lançar-se nessa empreitada, o homem precisa adquirir os meios para se manter vivo, estes podem ser compreendidos como as necessidades básicas que possuímos, como saciar a fome e a sede. A partir deste contentamento inicial, surgem novas demandas, bem como a necessidade que os homens têm de se reinventar para supri-las, num processo contínuo de reinvenção da existência. Essa renovação origina a necessidade de reprodução surgindo, dessa forma, a família.

*Fomulus* quer dizer escravo doméstico e *família* é o conjunto de escravos pertencentes a um mesmo homem [...] a expressão foi inventada pelos romanos para designar um novo organismo social, cujo chefe mantinha sob seu poder a mulher, os filhos e certo número de escravos, com o pátrio poder romano e o direito de vida e morte sobre todos eles (ENGELS, 1991, p. 61).

A partir dessa citação, percebemos que o conceito de família está em constante processo de construção. Entretanto, não podemos deixar de considerar que a constituição da

família foi fundamental para a consolidação da existência humana e da ordem social que sustenta o modelo capitalista de sociedade, conforme afirma Engels (1991),

[...] baseada nos laços de parentesco, a produtividade do trabalho aumenta sem cessar, e, com ela, desenvolve-se a propriedade privada e as trocas, as diferenças de riqueza, a possibilidade de empregar força de trabalho alheia, e com isso a base do antagonismo de classe (ENGELS, 1991, p. 03).

Com o regime escravista de sociedade surgiu a primeira grande divisão do trabalho. Assim, escravos e senhores, são chamados de escravos e homens livres, e, por conseguinte, no modelo capitalista: explorados e exploradores. Foi baseado nesse antagonismo de classes que o Estado encontrou espaço para se estabelecer, conforme afirma Engels (1991):

Como o Estado nasceu da necessidade de conter o antagonismo das classes, e como ao mesmo tempo, nasceu em meio ao conflito delas, é, por regra geral, o Estado da classe mais poderosa, da classe economicamente dominante, classe que, por intermédio dele, se converte também em classe politicamente dominante e adquire novos meios para a repressão e exploração da classe oprimida. Assim, o Estado antigo foi, sobretudo, o Estado dos senhores de escravos para manter os escravos subjugados; o Estado feudal foi o órgão de que se valeu a nobreza para manter a sujeição dos servos e camponeses dependentes; o e moderno estado representativo é o instrumento de que se serve o capital para explorar o trabalho assalariado. **Entretanto, por exceção, há períodos em que as lutas de classes se equilibram de tal modo que o Poder do Estado, como mediador aparente, adquire certa independência momentânea em face das classes.** [...] Além disso na maior parte dos Estados históricos, os direitos concedidos aos cidadãos são regulados de acordo com as posses dos referidos cidadãos, pelo que se evidencia ser o Estado um organismo para a proteção dos que possuem contra os que não possuem (ENGELS, 1991, p. 193-194, grifo nosso).

A compreensão de Engels (1991) é que o Estado não corresponde a um organismo que se impôs sozinho à sociedade. Ao contrário, o Estado figura como produto da sociedade, quando esta chega a um determinado grau de desenvolvimento. É a constatação de que esta sociedade vive em permanente contradição e se encontra dividida em diversos antagonismos. Assim, para que as classes não colidam entre si, faz-se necessário um poder colocado por cima da sociedade, chamado a impedir o choque e mantê-la dentro do limite da “ordem”. É este poder que emana da própria sociedade, mas que está posto, aparentemente, acima dela, que é denominado de Estado.

As contribuições de Marx e, especialmente, Engels no tocante à discussão de Estado são fundamentais para entender a sua concepção, pensada a partir do materialismo histórico dialético. Todavia, acreditamos que as colocações de Nicos Poulantzas (1980) e José Luís Sanfelice (2006) são importantes para ampliar o entendimento do modelo de Estado que está posto para a nossa sociedade.

Nicos Poulantzas (1980), afirma que o Estado capitalista apresenta-se enquanto mediador de conflitos para garantir a dominação hegemônica da burguesia. Ele escreve que, “A teoria do Estado capitalista não pode ser separada da história de sua constituição e de sua reprodução” (POULANTZAS, 1980, p. 29). Por trás desta teoria, está a história das lutas políticas que compõem o mosaico das contradições inerentes ao sistema capitalista. Nesse sentido o Estado possui um papel decisivo na mediação dessas contradições. Segundo Poulantzas (1980), o Estado não é somente um ente repressor e impositor de uma determinada ideologia.

O Estado também age de maneira positiva, cria, transforma, realiza. Não se pode tomar as atuais ações econômicas do Estado, a menos que se faça um jogo de palavras, sob o exaustivo ângulo da repressão e da doutrinação ideológica, ficando claro, contudo, que estes aspectos existem claramente na materialidade das atuais funções do Estado (POULANTZAS, 1980, p. 35-36).

Nesse sentido, não podemos nos eximir da tarefa de compreender o Estado que temos, como espaço onde se realiza as contradições entre a classe burguesa e a classe trabalhadora. Em que pese o poder econômico concentrado nas mãos da classe dominante, à classe trabalhadora organizada cabe subverter a ordem estabelecida e empreender suas lutas. Ainda que consideremos que o modelo de Estado capitalista vela as diferenças e mantém a igualdade mascarada, enquanto princípio jurídico e político, é por dentro deste mesmo Estado, por meio das organizações e críticas que, talvez, seja possível construir outro modelo de sociedade, que possa superar o sistema capitalista.

Nesse sentido, Poulantzas (1980) reconhece a importância dos movimentos sociais no combate às desigualdades no Estado capitalista. É nesse contexto que a combinação entre as necessidades da população e a pressão da classe trabalhadora, pela garantia da efetivação dos seus direitos, colidem para a criação de políticas sociais pelo Estado.

Em contrapartida à luta dos movimentos sociais, pelo acesso aos seus direitos, está o Estado capitalista utilizando-se disto para criar formas de regulação. Dito de outra forma, o poder do Estado se estabelece enquanto agente regulamentador de toda vida e saúde social, política e econômica do país em parceria com sindicatos e empresas privadas, cabendo a ele garantir serviços públicos básicos e proteção à população, num contexto de intenso embate político entre as demandas sociais e o poder da classe dominante. Este modelo, que consolidou sua presença e funcionalidade nas potências capitalistas, é reconhecido como “Estado regulador”.

Lembramos que: “O Estado não decidiu ‘se’ alterar por razões endógenas, pois altera-se em função daquilo que realmente está ocorrendo na base material de toda a sociedade” (SANFELICE, 2006, p. 54). É a manutenção do *status quo* que fomenta a regulação social do Estado. Neste caso, o surgimento das políticas sociais é um dos principais indicadores dessa afirmação e não pode ser compreendido como uma mera benesse do Estado.

Encontramos neste ponto uma das principais contradições da ordem capitalista, na medida em que os “avanços” sociais, que visivelmente assistimos em alguns âmbitos, somente se sustentam na lógica da democracia representativa que temos. Entendemos que não obstante a formulação de políticas sociais sejam fundamentais para a sobrevivência das classes populares, elas também são determinantes para a manutenção da ordem social vigente.

Em outras palavras, em que pese a importância da ampliação de alguns direitos sociais para a parcela menos favorecida economicamente da população, o atual modelo de fragmentação de políticas sociais no Brasil apenas ameniza os conflitos entre as classes, mas não promove alterações significativas na superestrutura da sociedade. Dessa forma, a estratégia utilizada pela socialdemocracia<sup>14</sup>, para manter um patamar de sobrevivência, manutenção e reprodução do Estado, tem sido o estabelecimento de políticas sociais<sup>15</sup>. Estas, por conseguinte, não são apenas concessões garantidas pelo Estado, ao contrário, são constituídas na medida em que o mesmo cede às pressões sociais, para prover as demandas que a sociedade, gerida pelo poder do capital, não é capaz de suprir.

Nesse sentido, as políticas sociais tornam-se a materialização das respostas do Estado à grande parcela da população excluída pela força do capital num contexto de constantes embates e perspectivas essencialmente antagônicas. Partimos do entendimento que essas políticas, bem como as reformas realizadas pelo Estado, não devem ter fins em si mesmas. Entretanto, no Brasil, estabelecer políticas sociais tem significado predominantemente disponibilizar as mínimas condições de sobrevivência às famílias vulneráveis para enfrentarem as “contingências sociais”, como meio de ajuste às regulamentações impostas por organismos internacionais.

---

<sup>14</sup> A socialdemocracia caracteriza-se pela manutenção dos princípios capitalistas de acumulação e divisão de classes, através do estabelecimento de estratégias que se caracterizam pelo princípio da “proteção social, através da garantia de direitos sociais mínimos.

<sup>15</sup> De acordo com Mota (2008), “[...] os Estados nacionais, têm desenvolvido formas renovadas de políticas sociais direcionadas aos trabalhadores desempregados e pobres. No Brasil, dentre essas principais políticas podemos citar duas: 1) as diversas formas de políticas de renda mínima que têm o objetivo de oferecer uma renda, alternativa à renda salarial, que se transformam em meio de subsistência para aqueles trabalhadores considerados pobres pela estatística oficial; 2) as várias políticas de formação profissional, que desenvolvidas por governos, centrais sindicais e instituições empresariais, têm possibilitado a qualificação contínua da força de trabalho disponível de acordo com as demandas do capital” (MOTA, 2008, p. 126).

Nas últimas décadas do século 20, em que houve forte ajuste econômico na maioria dos países, a questão social foi agravada por diversos fatores: desemprego estrutural (inexistência de postos de trabalho suficientes para todas as pessoas em idade economicamente ativa), precarização das relações de trabalho (terceirização, trabalho sem carteira assinada, desregulamentação de direitos conquistados, etc.) alterações na organização familiar (grande número de famílias chefiadas por mulheres, por exemplo) e no ciclo de vida (diminuição da taxa de mortalidade infantil e aumento de longevidade, por exemplo) e aprofundamento das desigualdades sociais, gerando exclusão e simultânea inclusão marginal de grande parcela da população (CUNHA; CUNHA, 2002, p. 12-13).

A discussão da desigualdade de direitos, inerente ao viés capitalista, perpassa diretamente pela compreensão da “questão social”<sup>16</sup>. Para Iamamoto (2001) a questão social faz parte das relações capitalistas e se situa, atualmente, entre o desenvolvimento das forças produtivas do trabalho e as relações que o sustentam. Para ela, a questão social pode ser apreendida como o conflito existente entre o capital - classe dominante dos meios de produção -; o trabalho - constituído pelos trabalhadores que vendem sua força de trabalho em troca de um salário -; as desigualdades, que são geradas por meio da relação social de compra e venda da força de trabalho; e a resistência à dominação do capital, praticada através de iniciativas da sociedade civil, a exemplo dos movimentos sociais.

Sintetizando, poderíamos dizer que a problemática da “questão social” reformulada e redefinida nos diferentes estágios capitalistas, persiste substantivamente sendo a mesma. Sua estrutura tem três *pilares centrais*: em primeiro lugar, podemos afirmar que a “questão social” propriamente dita remete à *relação capital/trabalho* (exploração), seja vinculada diretamente com o trabalho assalariado ou com o “não-trabalho”, em segundo, que o atendimento da “questão social” vincula-se diretamente àqueles problemas e grupos sociais que podem colocar em *xoque a ordem socialmente estabelecida* (preocupação com a coesão social); e, finalmente, que ela é expressão das *manifestações das desigualdades e antagonismos* ancorados nas contradições próprias da sociedade capitalista (PASTORINI, 2004, p. 110-111).

De acordo com Balsa (2006), a “questão social” não resulta apenas da adição dos múltiplos problemas sociais que as populações enfrentam, mas reside numa falência geral dos mecanismos de socialização que põe em causa a participação social dos indivíduos. Complementamos esse entendimento afirmando que a “questão social”, bem como o binômio “inclusão/exclusão”, somente são possíveis de serem entendidos, diante do cenário de exploração imposto pelo modelo capitalista de sociedade. Nesse sentido o arrefecimento dos

---

<sup>16</sup> Para conceituarmos o termo “questão social” nos remetemos às palavras de Mota (2008): “Em termos históricos conceituais, a expressão questão social foi utilizada para designar o processo de politização da desigualdade social inerente à constituição da sociedade burguesa. Sua emergência vincular-se ia ao surgimento do capitalismo e à pauperização dos trabalhadores, e sua constituição, enquanto questão política, foi remetida ao século XIX, como resultado das lutas operárias, donde o protagonismo político da classe trabalhadora – à qual se creditou a capacidade de tornar públicas as suas precárias condições de vida e trabalho, expondo as contradições que marcam historicamente a relação entre capital e trabalho” (MOTA, 2008, p. 35).

direitos sociais é a principal premissa da questão social, nela se encaixam a exclusão social, o desemprego, a pobreza e a negação do acesso aos serviços públicos básicos. Todavia, vale ressaltar que a problemática da questão social, de acordo com Pastorini (2004), deve ser analisada como uma problemática que possui determinantes políticos, econômicos, sociais e ideológicos, remetendo à correlação de forças existentes na sociedade de classes.

Na realidade brasileira esta categoria pode ser facilmente constatada. Segundo Marcio Pochmann *et al.* (2003), “[...] ao longo do território do quinto maior país do mundo, há alguns ‘acampamentos’ e inclusão social em meio a uma ampla ‘selva’ de exclusão, que se estende por praticamente todo o espaço brasileiro” (POCHMANN *et al.*, 2003, p. 21). A partir das colocações desse autor, compreendemos que não podemos mais falar em exclusão social, mas sim em exclusões, de diversas faces e diversas perspectivas. “A exclusão é um todo que se constitui a partir de um amplo processo histórico determinado que acompanha, em maior ou menor grau, a evolução da humanidade” (POCHMANN *et al.*, 2004, p. 27).

O mapa da exclusão social brasileira demonstra que o nosso país é formado por “ilhas” de desenvolvimento. Em cada uma das faces da exclusão, o poder do capital sustenta uma pequena e privilegiada parcela favorecida economicamente e socialmente, em detrimento de um grande contingente de “cidadãos” que seguem à margem da sociedade, privados dos seus direitos sociais e na base que sustenta efetivamente o sistema capitalista, enquanto mão de obra mal remunerada.

Todavia, em primeiro lugar, acreditamos que é preciso atentar para o uso deliberado do termo “exclusão social” na literatura pertinente. Esse conceito surgiu no contexto da Europa Ocidental e, por essa razão, compreendemos que este deve ser utilizado com restrições em outras conjunturas<sup>17</sup>. No entanto, o que temos visto, no campo das ciências humanas, é a utilização desse conceito de forma abusiva, o que em nosso ponto de vista acaba banalizando-o.

[...] é necessário chamar a atenção para utilização e o abuso de um conceito que foi qualificado de ‘saco fundo’, onde cabe tudo; de ‘chave universal’ ou ainda de conceito ‘pastilha elástica’, porque se pode esticar e deformar de acordo com a vontade do utilizador (ESTIVILL, 2006, p. 110).

Para nós, falar em exclusão social implica em afirmar que a democracia, enquanto regime político, inserido no sistema capitalista, não tem cumprido seu papel, como democracia plena. Implica em dizer que o chamado “combate à pobreza” não se qualifica enquanto uma política social capaz de garantir a “inclusão” efetiva dos indivíduos. Implica em

---

<sup>17</sup> No caso específico da América Latina, segundo Estivill (2006), a capacidade de intervenção do Estado é reduzida e a pobreza é tratada no âmbito de uma atuação assistencial e de emergência.

constatar que no sistema vigente, que tem como características principais a exploração, a expropriação e a alienação dos indivíduos, estes jamais alcançarão a igualdade e a garantia completa dos seus direitos sociais. Implica em entender que na Democracia vivida no contexto do capitalismo a igualdade jurídica não significa igualdade material. Implica em afirmar que não existe que não é possível falar em “inclusão” sem “exclusão”, formando um binômio interdependente. Conforme afirma Pochmann *et al.* (2004):

De um lado a cultura consumista da modernidade termina por engolir tudo, em sentido figurado, potencializando as aspirações de inclusão social no mundo pelo consumo (ter), e, de outro, as expectativas esvaziadas por conta da desigualdade econômica e de baixa generalização de oportunidades (ser). Na sociedade de mercado, a insegurança material mantém-se permanente, ainda que a inclusão proporcionada pela cultura individualista do consumo seja acompanhada da exclusão gerada por privações relativas e insegurança social (POCHMANN *et al.*, 2004, p. 31).

Nesse sentido, a discussão sobre inclusão e exclusão não pode estar deslocada do cerne da luta de classes, tampouco pode ser compreendida fora da sua construção histórica. Os termos, os conceitos e as categorias estão impregnados de ideologia, de interesses, de perguntas e de respostas, que descontextualizadas, são impossíveis de serem compreendidas. A grande “armadilha” do sistema capitalista tem sido exatamente a sua competente capacidade de desistoricizar os processos sociais e colocá-los em constante diálogo com o poder do capital/mercado, transformando as suas crises e as inerentes contradições, em grandes armas para seguir se reproduzindo com vigor e com cada vez mais excluídos de bens materiais, sociais e culturais produzidos coletivamente e historicamente pela sociedade. Portanto, é importante ressaltar que a inclusão de que falamos é um processo social e não individual.

Segundo Castel (2006), “A maior crítica que se pode fazer ao termo ‘exclusão’ é, sem dúvida, de ter ocultado esta dimensão coletiva dos fenômenos de dissociação social, focalizando a atenção na infelicidade dos indivíduos que as sofrem” (CASTEL, 2006, p. 72). Esse autor identifica que esses grupos, que compõem a parcela da população excluída, são ignorados e segregados, de tal forma que a sociedade passa a reconhecer a exclusão como “fracasso” individual, ocorrendo a perda da pertença da coletividade pelos indivíduos.

A exclusão social pode ser entendida como uma acumulação de fenômenos convergentes que se traduzem em rupturas sucessivas despoletadas no centro da economia, da política e da sociedade, e vão afastando e ou diminuindo o estatuto das pessoas, grupos comunidades e territórios em relação aos centros de poder, aos recursos e valores dominantes (ESTIVILL, 2006, p. 120).

Na definição acima percebemos que a caracterização da “exclusão social” abarca uma discussão que é facilmente reconhecida na sociedade do capital. No Brasil, a desigualdade social sempre esteve atrelada ao projeto histórico ao qual estivemos vinculados. A tendência em acreditarmos na máxima que afirma que: “O Brasil é o país do futuro”, infelizmente, nos remonta ao nosso passado de cerceamento de direitos básicos da população e nos faz questionar a concreta possibilidade de vivenciarmos uma transformação real no modelo de sociedade ao qual estamos vinculados, devido à nossa própria construção histórica.

[...] essa produção alienada que forjou o país do futuro terminou por negar à totalidade dos seus filhos a justiça da universalização das oportunidades. Em síntese, construiu-se um país para poucos, em que a maior das transformações ocorridas aconteceu sem mudanças de natureza estrutural, bloqueando a inclusão social plena (POCHAMNN *et al.*, 2005, p. 23).

Um olhar sobre a realidade brasileira<sup>18</sup> em termos econômicos, políticos e sociais do Brasil demonstra o grau de exclusão a qual a grande parcela da população brasileira está exposta. Uma das representações mais significativas dos números de excluídos é o mapa de exclusão desenhado por Marcio Pochmann *et al.* (2003), que traz índices médios de 0,0 a 0,5 – de uma escala que vai de 0,0 a 1,0 -, prevalecendo dessa maneira em todas as regiões do país. Maximizando o mapa de Sergipe, identificamos Aracaju como único município de Sergipe que está na faixa que vai entre 0,5 - 0,6, estando entre os cinco municípios com melhores índices da região Nordeste<sup>19</sup> – ao lado de Fernando de Noronha (PE), Salvador (BA), João Pessoa (PB) e Natal (RN). Sergipe também aparece com o menor percentual de pobres, proporcionalmente, da região Nordeste, 65%.

No que tange ao Índice de Exclusão Social [...] nada menos que 41,6% das cidades do Brasil apresentam os piores resultados neste indicador, quase todas elas situadas nas regiões do Norte e Nordeste. Mais uma vez, isso reforça a constatação de que a “selva” da exclusão mostra-se aí intensa e generalizada, com poucos “acampamentos” de inclusão social pontuando uma realidade marcada pela pobreza e pela fome, que atingem famílias extensas, jovens, população pouco instruída e sem experiência assalariada. Entretanto, isso não quer dizer que a exclusão não afete

---

<sup>18</sup> Ainda que não levássemos em consideração todo o processo de colonização e produção cultural do povo brasileiro, não podíamos deixar de ressaltar as dimensões continentais do Brasil. Cada uma das suas cinco regiões resguarda características próprias que estão relacionadas aos colonizadores que receberam, às lutas históricas que assistiram, à paisagem que as cercam, às condições climáticas que estão submetidas, aos modelos de desenvolvimento que foram impostos por sucessivos governos e, especialmente, ao tipo de atividade econômica que reorientam a todo o momento o modo de reorganização do capital e a divisão social do trabalho. Todo esse emaranhado de fatores respondem, de certa forma, à diversidade extraordinária de índices que caracterizam este país.

<sup>19</sup> “O Nordeste, por sua participação relativa e absoluta entre os municípios com alta exclusão, merece grande atenção. Contando com mais de 28% da população nacional e pouco menos de 33% do total de municípios, essa região abriga 72,1% (1.652) do total de (2.290) dos municípios com maior índice de exclusão do país” (POCHMANN *et al.*, p. 36, 2003)

também as regiões do Centro-Sul, pois mesmo nos grandes municípios aí localizados ela se faz presente. No entanto, ressalta-se que **nesses municípios as famílias são pouco numerosas, com quantidade reduzida de crianças e jovens, com pessoas relativamente escolarizadas** e que têm experiência de assalariamento formal (POCHMANN *et al.*, 2003, p. 25, grifo nosso).

Ainda de acordo com a pesquisa de Marcio Pochmann *et al.* (2003), com dados de 2000, Aracaju ocupa a posição 245º no *ranking* de melhor situação social do Brasil, índice de exclusão médio de 0,595 e de juventude de 0,684. Estes números conferem, a esse município, índices preocupantes e, ao mesmo tempo, demonstram a necessidade urgente de se investir em políticas sociais direcionadas à juventude, considerando que os jovens não constroem sua dignidade se estiverem excluídos dos direitos básicos como a saúde, o trabalho e a educação.

Em grande parte dos mapas que representam o Brasil, entre outros dados, a massa de riqueza das famílias ricas, índice de emprego formal, índice de alfabetização, índice de juventude e índice de violência se destacam pelos seus desempenhos. Entre esses dados acreditamos ser relevante para a pesquisa citar o índice nordestino de Inclusão Educacional. Em uma escala que vai de 0,02 a 0,45, estados como Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte aparecem na faixa de 0,1 - 0,25, enquanto que Alagoas, Bahia, Maranhão, Paraíba, Piauí e Sergipe estão situados na faixa de 0,02 - 0,1, com os piores números do Brasil ao lado de Acre, Amazonas, Pará, Rondônia e Tocantins. Neste caso apenas o Distrito Federal, São Paulo e todos os estados da região sul – Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina - lideram o topo desta escala, na faixa entre 0,3 - 0,45.

Diante dos dados expostos, entendemos que o forte e atual discurso da “exclusão” e da “inclusão social” tem como pano de fundo a pretensa diminuição das desigualdades sociais, que nos leva à construção das políticas sociais. Abordaremos a discussão sobre as mesmas, segundo o pensamento de Netto (2006), quando afirma que estas são respostas do Estado burguês a demandas postas pelos movimentos sociais, vulnerabilizados pelo descaso do mesmo. No mesmo plano, também consideraremos o viés descrito por Cunha e Cunha (2002), que define as políticas sociais como estratégias de intervenção e regulação do Estado no tocante à questão social. A política social figura como um tipo de política pública cuja expressão se dá através de um conjunto de princípios, diretrizes, objetivos e normas, de caráter permanente e abrangente e que orientam a atuação do poder público em determinada área.

A construção desse campo de discussão influi diretamente nas ramificações do Estado no corpo da sociedade e explícita que não basta que haja uma “questão social” para a definição e construção das políticas sociais... é preciso mais! É mister que haja um campo de tensionamento constante entre os movimentos sociais organizados e o Estado, ou seja, um

contexto de luta de classes presente na formulação, na execução e na avaliação dessas políticas. Não existe outro caminho para o estabelecimento de políticas sociais, que se tornem políticas públicas e prioritárias para o Estado, além da via do constante tensionamento, entre as classes divergentes.

Quando falamos em divergência, o Estado figura nessa discussão com uma dupla função: “[...] por uma parte, ele é garantidor de todo processo de acumulação capitalista; por outra, ele é também um fiador, um legitimador da ordem burguesa” (NETTO, 2006, p. 21). É esse mesmo Estado que hoje, atua entre a linha que demarca o poder do capital e as demandas da população, na conjuntura que delimitamos como tendo início com o advento do Estado de Bem-Estar Social.

[...] na conjuntura própria dos últimos trinta anos, em escala histórico-universal, essas duas funções não se tem mostrado inteiramente compatíveis. Compreender a tensionalidade atual entre elas é fundamental para apreender a dinâmica do caso do Estado de Bem-Estar Social. [...] entre aproximadamente 1945-1975 foi possível ao Estado capitalista monopolista na sua configuração, por exemplo na Europa Ocidental, exercer simultaneamente a função de assegurador da acumulação e, simultaneamente, legitimador dela (NETTO, 2006, p. 21).

A perspectiva democrática, do ponto de vista do acesso aos “mínimos sociais”, foi constituída, especialmente, a partir do pós 2ª Guerra Mundial, quando surge o Estado de Bem-Estar Social, especialmente em países europeus com grande concentração de capital, como a Grã-Bretanha, países da Escandinávia e em alguns momentos na França e na Alemanha. É nesse ínterim que o campo das políticas sociais se consolida, enquanto elemento chave para o desenvolvimento das sociedades.

O “*Welfare State*” é uma aderência social-democrata, assumida pelo Partido Trabalhista Britânico, fundado no começo do século XX, que resolve construir um Estado com amplos serviços sociais, baseado em dois princípios keynesianos: a busca do pleno emprego; e o desenvolvimento acelerado pelo investimento do Estado em combinação com o investimento privado e com a poupança popular (VIEIRA, 2001, p. 20).

Nesse contexto, o chamado *Welfare State* torna-se uma importante via de acesso dos cidadãos a essas políticas. Entretanto, aproximando-se da nossa realidade, nos países latino-americanos, submetidos ao regime neoliberal, e, no caso específico do Brasil<sup>20</sup>, o chamado Estado de Bem-Estar Social tornou-se apenas uma promessa não cumprida. Distantes dos postulados de John M. Keynes, que objetivavam “revisar” e “humanizar” o sistema capitalista, o que efetivamente observamos foi uma intervenção estatal no campo econômico e social que

<sup>20</sup> Complementamos esta constatação parafrazeando Francisco de Oliveira (1988), quando afirma que o Estado brasileiro se constituiu enquanto “Estado de Mal-Estar Social”.

oscila em seus objetivos, frequentemente, conforme a conjuntura política, possibilitada pela divisão internacional do trabalho.

No caso do Brasil, o PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) se vinculou não só ao capitalismo, como vem sucedendo, em grande parte do século XX, mas se vinculou também aos setores mais conservadores do capitalismo no Brasil” (VIEIRA, 2001, p. 21).

Com a ascensão do PT (Partido dos Trabalhadores), as propostas reformistas e conservadoras somaram força com a política financeira e os grandes empresários, principalmente, os banqueiros. Paralelamente, a isso houve uma ampliação significativa nas cifras destinadas à política social, de cunho assistencialista, sendo esta uma das principais marcas do Governo Lula.

Nesse sentido, quando falamos em política social, seja na área da educação, da saúde, habitação ou previdência, estamos discutindo intrinsecamente a política macroeconômica do Estado, conforme afirma Netto (2006).

[...] é decisiva a compreensão das relações entre política social e política econômica. É urgente sublinhar, pela enésima vez, que as políticas sociais não podem ser pensadas como autônomas em face da orientação macroeconômica. Trocando em miúdos: não existe, por um lado, política econômica e, por outro, políticas sociais. É evidente que sobre a articulação entre elas não vigora nenhuma causalidade mecânica; é óbvio que não existe um determinismo que faça com que a orientação macroeconômica corresponda necessariamente uma política social. Claro que, igualmente aqui, o jogo de interrelações é muito complicado, de forma que uma mesma orientação macroeconômica comporta diferentes relações de política social; mas essa diferencialidade não é infinita, esse leque de alternativas é determinado e tem limites (NETTO, 2006, p. 23).

Além de termos em vista a compreensão do contexto macroeconômico para a formulação de políticas sociais, é importante compreendermos que o desenvolvimento das mesmas também está envolto ao campo ideológico, na “sociedade da informação”. Esta afirmação é visível quando observarmos os volumosos recursos que são despendidos, pelo atual governo, à grande mídia para custear propagandas dos programas sociais em rede nacional, nos horários nobres das grandes emissoras de televisão. Essa prática, quase já oficializada no Brasil, atua como se a partir dessas propagandas fossem velados consensos entre a população e os governos, acerca da importância dos programas sociais para a população.

## 2.1 Política educacional e a recente estruturação econômica brasileira

No contexto do Estado capitalista, a política educacional figura como uma das principais representantes das lutas sociais e peça chave para a análise do real poder do capital. Para adentrarmos nessa discussão, é preciso centrar esforços nas análises de alguns dados e experiências da construção histórica brasileira. Conforme afirma Nagel (2001): “[...] falar em políticas educacionais implica, na verdade, em trazer informações sobre o **passado (organização do capital)** e, com elas cotejar a forma de ser do **presente (reorganização do mesmo sistema produtivo)**” (NAGEL, 2001, p. 101).

De acordo com Xavier e Deitos (2006), partimos do pressuposto de que a política educacional brasileira não é apenas um componente da política social, mas parte essencial da própria constituição do Estado, que a concebe e implementa no conjunto de suas ações de direção e controle social. Observando o pano de fundo do modelo de política educacional que vem sendo implantado no Brasil, baseado em reformas, identificamos a presença constante da lógica da meritocracia no campo educacional, seja no âmbito da formação de professores ou dos indivíduos, através da estratégia capitalista de educação implantada nas escolas.

Nos anos da última década do séc. XX observamos a implantação do Estado Democrático de Direitos na América do Sul. Não obstante os avanços alcançados pelo Estado brasileiro com a redemocratização e a conquista de alguns direitos sociais, o projeto de acumulação do capital, pautado por organismos internacionais, como o FMI e o BM, na década de 1990 trazem mudanças significativas para a área social e, principalmente, para a educação.

Para exemplificar as reformas educacionais implementadas na década de 1990, destacamos: o documento “Plano Decenal de Educação para Todos”, pautado pela UNESCO e Banco Mundial; e a adoção de mecanismos de avaliação do sistema educacional, professores e alunos, a exemplo do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE). Com essas medidas, as diretrizes educacionais ficam à mercê de veículos da política hegemônica das potências econômicas, em detrimento da participação dos educadores na formulação das políticas públicas para a educação.

Essas reformas são pautadas pelo processo de regulação da sociedade, envolvendo desde a implantação de políticas de qualidade na educação, “importadas” nos ambientes empresariais, à determinação de estimativas e metas para a área social.

Trata-se de adaptação dos países periféricos à execução das reformas, trata-se de adaptação das escolas à nova realidade administrativa, política e educacional, trata-se de adaptação daquele que está sendo formado para um mundo em “mudança”. Alcançar a “adaptação” justifica os “pilares” (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser) (CZERNISZ, 2006, p. 237).

Não podemos nos furtar dessa discussão, no mesmo sentido de que não é possível deixar de compreender a educação como tarefa central do Estado. Segundo Azevedo (2004), a educação é fator decisivo para a configuração da sociedade neoliberal por duas razões,

Por um lado, devido à base que representa para os processos que conduzem ao desenvolvimento científico e tecnológico, num quadro em que a ciência e a tecnologia, elas próprias transformam-se paulatinamente em forças produtivas. Por outro, em virtude das repercussões no setor que a regulação via mercado vem provocando, na medida em que esta forja uma nova ortodoxia nas relações entre a política, o governo e a educação (AZEVEDO, 2004, p. X).

Complementamos a argumentação desenvolvida por Azevedo (2004), enfatizando que as reformas educacionais realizadas mundialmente têm caminhado no sentido de melhorar as economias nacionais pelo fortalecimento do binômio escolarização/mercado de trabalho. Nesse contexto a escola é o espaço que, por excelência, objetiva a formação de indivíduos e, enquanto tal, carrega os princípios do modo de produção na qual está inserida. Assim torna-se quase um ideário do “senso comum” a reafirmação da importância da educação das classes populares, enquanto fator essencial na construção histórica da sociedade. Entretanto, este debate não pode ser compreendido como de forma gratuita, tampouco neutra.

Um breve histórico da política econômica brasileira, dos anos que antecederam a Ditadura Militar, destacando os Governos de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, ao processo de Redemocratização brasileiro, a partir da posse de José Sarney, em 1985, demonstra o percurso percorrido no Brasil para a constituição dos direitos sociais e das políticas educacionais que temos hoje. Nossas análises se alicerçam no entendimento de que os governos e os fatos históricos que antecederam e sucederam a Ditadura foram determinantes na consolidação do atual modelo de políticas sociais, seja na área da assistência ou no campo educacional - partindo do pressuposto de que o processo de redemocratização é um caminho que ainda está se construindo no Brasil, especialmente no âmbito da participação popular, nas mais diversas esferas do poder.

Com a Revolução de 1930, inaugura-se a “Era Vargas”<sup>21</sup> (1930 - 1945). Getúlio e seu “nacionalismo assistencialista”<sup>22</sup> impulsionam a industrialização. Entretanto, o fato de o Brasil não possuir tecnologia e capital suficientes à industrialização abre um vasto espaço para a penetração do capital estrangeiro no Brasil e nosso consequente endividamento e dependência do mesmo, que se originou ainda no Brasil Colônia. Não obstante as lutas trabalhistas tenham marcado o período, culminando em alguns avanços na área social, ao mesmo tempo os movimentos grevistas eram duramente combatidos pelo Estado. Entre 1951 e 1954, Getúlio busca “sanear” o setor financeiro interno com investimento externo. Apesar desses investimentos, a sua política fracassa. O Brasil permaneceu endividado, à margem da economia global, assim como seus milhares de excluídos permaneceram à margem da conquista de efetivas mudanças no âmbito social.

Analisando o governo de Juscelino Kubitschek (1956 - 1961). O primeiro ponto a ser levantado é a mudança abrupta de estratégia econômica. Vivemos um período “nacionalizante” com Getúlio e Juscelino. Todavia, com este alcançamos a entrada efetiva dos grandes oligopólios multinacionais, na retaguarda do Plano de Metas e de seu slogan luminoso, “Cinquenta anos de progresso em cinco anos de governo”. É importante destacar também os vultosos investimentos gastos na construção de Brasília.

Participante direto do esforço de industrialização, o grande capital estrangeiro afetaria a conta de capitais (o investimento direto anual médio subiu 121%, comparado com o governo Vargas), atingida também pelo pagamento de parcelas do capital da dívida externa, enquanto a balança de serviços registraria a saída de recursos sob a forma de pagamentos de juros (elevação de 158%). Baseado sobretudo no capital estatal e no grande capital estrangeiro, o desenvolvimento, ao mesmo tempo que ampliou fortemente o emprego industrial, gerou níveis de exclusão equiparáveis às taxas de crescimento, que se colocaram entre as maiores do mundo (POCHMANN *et al.*, 2005, p. 30 - 31).

---

<sup>21</sup> “Apesar de restrições ao avanço da industrialização no Brasil, a Era Vargas foi marcada, principalmente a partir da implantação do Estado Novo por um modelo econômico intervencionista, caracterizado pela substituição das importações isto é, restringiu as importações de bens de consumo não duráveis como bebidas e alimentos ao tempo em que estimulava as importações de bens de produção, ou seja, maquinários e equipamentos) procurando assim, integrar o Brasil ao Capitalismo Mundial. Esse período foi marcado por medidas de cunho nacionalista como a criação da Lei Antitruste, os Atos contrários a Economia Nacional e a Lei sobre crimes contra a economia popular. Várias empresas estrangeiras foram nacionalizadas, principalmente as de navegação e extração mineral” (ARAÚJO; LOURIVAL, 2009, p. 282)

<sup>22</sup> De acordo com Araújo e Lourival (2009) esta denominação justifica-se quando lembramos em que contexto foram criados: a Justiça do Trabalho (1939), o salário mínimo e a consolidação das Leis do Trabalho, também conhecida por CLT. Além disso, Getúlio investiu na criação de uma pretensa supremacia brasileira com a criação da Petrobrás, da Companhia Siderúrgica Nacional (1940), a Vale do Rio Doce (1942), e a Hidrelétrica do Vale do São Francisco (1945) e o IBGE (Instituto brasileiro de Geografia e estatística), em 1938.

De acordo com Marcio Pochmann *et al.* (2005), tanto o governo Jânio Quadros (1961), quanto o governo João Goulart (1961 - 1964), mantiveram a política externa e econômica pautadas por Juscelino e, por conseguinte, não promoveram mudanças reais nos números sociais. Araújo e Lourival (2009) afirma que a política econômica de Jânio Quadros caracterizou-se pela austeridade na medida em que, restringiu o crédito, congelou os salários, desvalorizou a moeda e diminuiu os gastos públicos. Com sua renúncia Jânio é substituído pelo seu vice, João Goulart que

[...] procurou desenvolver o programa denominado de Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social que tinha como objetivos: corrigir os preços defasados, redução do déficit público e controle de crédito. Além disso, pretendia a implantação de uma reforma agrária” (ARAÚJO; LOURIVAL, 2009 p. 290).

Com a instalação da ditadura militar (1964 - 1985), os números de industrialização e do poderio econômico brasileiro dispararam como poucas vezes foi visto na história brasileira. O crescimento do PIB, a expansão da produção industrial e da exportação tornam-se marca desse período. Entretanto, estes índices e todos os seus possíveis ganhos para a população vieram acompanhados de corte dos gastos públicos, aumento da carga tributária, arrocho salarial e anos de cerceamento da liberdade de expressão e de recrudescimento de direitos básicos individuais dos cidadãos, a cargo dos Atos Institucionais.

A ditadura militar retomou, reforçou e elevou a um novo patamar as grandes linhas da política de industrialização implantada pelo governo Juscelino. Os investimentos externos saltaram 674%, enquanto sua contraparte, remessa de lucros e dividendos, pulou 924%. Os juros pagos anualmente, em média, deram um gigantesco salto, de 3.584%, refletindo a aposta de endividamento externo como estratégia para a consecução do “milagre econômico”. Estratégia tornada viável pela conjugação do regime de força – que esmagou os movimentos populares, sindicais, estudantis e condicionou fortemente o empresariado – com a disponibilidade de recursos internacionais (POCHMANN, 2005, p. 31 - 32).

Entre as décadas de 1970 e 1980 – com o “milagre econômico” o Brasil destaca-se pelo aumento do número de excluídos. São características desse período: o crescimento ainda mais exacerbado da dívida externa; a penalização dos assalariados com o arrocho salarial e a inflação; o movimento “Diretas Já”, pautado pelos movimentos sociais; a presença, que se fez ostensiva no Brasil, de entidades supranacionais como a Organização das Nações Unidas – ONU, a Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas – UNESCO, a Comissão Econômica para a América Latina – CEPAL, o Fundo Monetário Internacional -

FMI<sup>23</sup>, o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento - BIRD<sup>24</sup>, o Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID - que são significativos para ilustrar o quadro que se coloca ao fundo da elaboração das políticas sociais no nosso país.

No início da década de 1970, esses organismos, reguladores econômicos e sociais de Estados dependentes e endividados - exatamente como se encontrava o Brasil - trazem a concepção de que a bandeira da “satisfação das necessidades básicas” seria capaz de conciliar o crescimento econômico com a justiça social, contando com o esforço das classes menos favorecidas economicamente para a execução desse projeto.

A década de 1980 aprofundou uma série de problemas que, desde os anos 1970, já se manifestavam: a globalização da economia, as transformações no processo produtivo decorrentes da incorporação e da difusão da microeletrônica e tecnologias da informação, o agravamento do efeito estufa causado pela emissão de gás carbônico e a estagnação e, mesmo, a regressão econômica de vários países da América Latina e África fizeram com que aumentasse o número de pessoas vivendo abaixo da linha da miséria (BRYAN, 2006, p. 27).

A tão esperada redemocratização brasileira, que obtinha *status* de “progressista”, pelos intelectuais, com ênfase no pensamento de Antônio Gramsci<sup>25</sup>, propunha-se à renovação e significava uma opção, com a conotação de transformação social, diante dos anos de ditadura que haviam se passado. Segundo Chauí e Nogueira (2007), a redemocratização pode ser entendida como um processo de recomposição e alargamento do sistema político, de incorporação e integração social, de expansão e consolidação da democracia.

Sua agenda incluía tanto uma reflexão sobre a sociedade na qual se vivia e sobre os sujeitos que nela atuavam e nela buscavam lugar, quanto uma reflexão sobre o sistema de regras que deveriam ser adotadas para que se pudesse disputar democraticamente o poder e, em termos táticos mais diretos, encurralar e superar a ditadura. **Enfatizo, aqui, a ideia de superação. Tratava-se seguramente de derrotar a ditadura, mas também de armar o passo seguinte e preparar desde logo o caminho para a reconstrução democrática e a reorganização da sociedade que sairia da ditadura. Sabia-se – ou ao menos se intuía – que este não seria um movimento simples ou fácil.** Afinal, seria necessário promover o

<sup>23</sup> “Em 1944 foi firmado o acordo de Bretton Woods, que estabeleceu as bases do novo ordenamento do sistema capitalista no mundo, tendo o dólar como moeda internacional, em consonância com a delimitação das áreas de influência das potências que seriam vitoriosas na guerra, e com a preponderância militar e política dos Estados Unidos. Naquele momento foram criadas instituições internacionais, entre as quais o Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento (BIRD), que teria como função principal viabilizar a reconstrução da Europa e do Japão” (POCHMANN et al., 2005 p. 28).

<sup>24</sup> Segundo Leher (1999) o Banco Mundial focaliza, em fins da década de 60, a educação e a saúde; nos anos 1970 centraliza seus esforços no ensino técnico-profissional; já nos anos 80, a atenção recai sobre o ensino elementar; e, a partir da década de 90, a centralidade vai para a educação básica.

<sup>25</sup> Chauí e Nogueira (2007) afirmam que o pensamento de Gramsci adquire muito destaque e adeptos entre os intelectuais da esquerda brasileira. Para estes, para além da conquista do poder, privilegiava-se a luta pela hegemonia, a construção de capacidades intelectuais e morais para dirigir a sociedade.

encontro da sociedade com os novos ventos que começavam a soprar no mundo (globalização, alterações no padrão da vida moderna, desagregação do bloco soviético e do marxismo a ele associado), ao mesmo tempo que equacionar seus próprios dilemas históricos e acelerar o estabelecimento de melhores patamares de desenvolvimento, justiça e igualdade (CHAUÍ; NOGUEIRA, 2007, p. 198-199, grifo nosso)

Podemos dizer que durante esse intervalo temporal, o Brasil tornou-se um país globalizado, extremamente capitalizado e capitalista. Tanto em termos da superestrutura, como também em aspectos culturais, a sua estrutura social também sofreu significativas mudanças. Em que pese as alterações socioeconômicas ocorridas durante esse período, as carências e desigualdades, marca fortemente vinculada à nossa estrutura social, apenas solidificaram-se.

O Brasil modernizou-se, mas não deixou de permanecer estacionado em uma zona de subordinação econômica, retardo tecnológico (relativo) e desigualdade social profunda, com um padrão incompleto de cidadania [...] Miséria, exclusão social e desemprego estrutural misturam-se loucamente com restos de latifúndios improdutivos e de formas primitivas de exploração da mão-de-obra, bem como com as dinâmicas “deslocalizadas” do mundo digital e transnacional (CHAUÍ; NOGUEIRA, 2007, p. 214).

No contexto da educação as demandas propostas pelos professores organizados em entidades que surgiram a partir da década de 1970 - como o Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES), a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) - situavam-se nos seguintes itens<sup>26</sup>:

1) melhoria da qualidade: ampliação da permanência do aluno na escola; diminuição da defasagem idade-série; garantia de assistência como merenda, transporte, material escolar; diminuição do número de alunos em sala; adequação das instalações como laboratórios e bibliotecas; mudanças curriculares; superação da formação profissional estreita (educação politécnica); revisão metodológica; revisão da avaliação; mudança dos livros didáticos; melhoria da formação docente e salário justo; 2) Qualificação profissional: plano de cargos, carreiras e salários unificado; reestruturação da formação docente; formação continuada; 3) Democratização da gestão: transparência e reorganização dos órgãos de administração públicos; descentralização administrativa e pedagógica; gestão participativa dos negócios da educação; eleição direta e secreta para diretores de escola; comissões municipais e estaduais autônomas para acompanhar e atuar nas políticas de educação; supressão do Conselho Federal de Educação e colegiados escolares 45 eleitos pela comunidade; 4) Financiamento: ampliação dos recursos públicos para as escolas públicas; transparência na gestão dos recursos; 5) Ampliação da escolaridade

<sup>26</sup> Observando as demandas dessas entidades e olhando para as reivindicações sindicais da primeira década do século XXI, percebemos que avançamos muito pouco na compreensão da função social da educação e que algumas dessas bandeiras foram apropriadas pelo Estado de forma equivocada. Fato que nos faz pensar na urgente necessidade que as entidades de base dos trabalhadores em educação têm de se reinventar, para então conseguir ampliar o debate em torno da educação.

obrigatória: incluir na educação básica a creche e a pré-escola e o então 2º grau (BORGES, 2006, p. 44-45).

A partir da década de 1980, já permeados pela globalização<sup>27</sup>; pelo endividamento interno e externo; e pela esperança de viver uma Nova República, com o governo José Sarney (1985-1990), as bandeiras que recebiam o respaldo dos organismos internacionais, foram priorizadas enquanto políticas educacionais, sendo as principais: a universalização da alfabetização e da Educação Básica<sup>28</sup>; formação de professores; e a educação para o emprego. Nesse contexto, a escola é responsabilizada pela eliminação das deficiências básicas da população.

Iniciou-se o processo de culpabilização da instituição escolar, corroborando com a ideia de que a educação, por si só, seria capaz de promover o desenvolvimento da nação brasileira. Dessa maneira, “Concentram-se os esforços sociais na área da educação, quando ela, na ausência de mudanças estruturais, é incapaz de operar transformações que possam atender às efetivas necessidades educacionais e culturais do país, promotoras da emancipação humana” (XAVIER; DEITOS, 2006, p. 83).

Nos anos 1990, assume o governo brasileiro: Fernando Collor de Mello (1990 - 1992). Seu mandato tem vida breve, pois o anúncio do *impeachment* não só representava o repúdio da população a seu governo, mas também apontava o esgotamento do processo de desenvolvimento pela substituição de importações; o crescimento da dívida pública e privada; a piora significativa dos indicadores sociais; a crise do cinema nacional; o confisco da poupança; e a exposição midiática da corrupção.

Depois disso, consolidou-se a “integração” da economia brasileira à globalização econômica através do Plano Real, em 1994, reforçados com outras reformas institucionais, sociais, econômicas e políticas, implementadas nos Governos FHC (1995–2002) e Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2006), com vistas à modernização, flexibilização, abertura e integração econômica no mercado competitivo internacional [...] A política educacional nacional, que ganhou relevância a partir de 1990, produziu-se através da farta legislação, diretrizes curriculares nacionais e mecanismos operacionais e organizacionais. A implementação da política educacional nacional para a educação básica e superior acabou garantindo as condições políticas e ideológicas, dentro do campo educacional, para o sucesso do processo de abertura econômica, de consolidação da internacionalização da

<sup>27</sup> De acordo com Milton Santos, “[...] o discurso da globalização serve de alicerce às ações hegemônicas dos Estados, das empresas e das instituições internacionais” (SANTOS, 2000, p. 11).

<sup>28</sup> Segundo Borges (2006), “De 1994 a 2000, a escolarização líquida, ou seja, a proporção real de crianças, nessa faixa etária, estudando no ensino fundamental, alcançou a taxa de 96,3%. Foi um crescimento extraordinário, dado o atraso que tivemos na década anterior, com a escolarização variando, apenas, de 80% a 84%. Já em 1998, o Brasil conseguiu antecipar e superar a meta estabelecida pelo Plano Decenal de Educação para Todos, que previa elevar a, no mínimo, 94% a cobertura da população em idade escolar, até 2003” (BORGES, 2006, p. 49). Esses dados são fundamentais para entendermos o processo de alfabetização efetivado no Brasil nesses anos. No entanto, pouco se avançou com a matrícula da educação infantil e no tocante à privatização da educação superior.

economia, do processo de flexibilização e desregulamentação institucional, de privatização e dinamização de controles estatais e privados, e de criação de agências reguladoras nacionais em todos os setores econômicos e sociais (XAVIER; DEUTOS, 2006, p. 73).

As políticas educacionais desenvolvidas nas Eras Collor (1990-1992), Itamar Franco (1992-1994) e Fernando Henrique Cardoso (1995-2002)<sup>29</sup> vêm corroborar com um modelo econômico, consolidado através do Plano Real e de diversas emendas constitucionais. Para elucidar esta afirmação é importante lembrar que também foi na década de 1990 que as políticas da “Qualidade Total”<sup>30</sup>, fundamentadas na dinâmica do “Programa 5 S”<sup>31</sup>, chegaram à educação.

Essas políticas caracterizaram-se pela presença na linha de frente de nomes reconhecidos no campo educacional, apregoando a “excelência na educação” e visando um suposto “equilíbrio” entre as classes, o capital e o trabalho. Assim, Nagel (2001) afirma que os cursos, conferências, artigos e relatórios estabelecem os novos parâmetros educacionais para a educação brasileira sem encontrar resistência suficiente nas organizações de base para não serem efetivados. É nesse contexto que são formulados documentos como a Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 1996 – que exulta o tom de privatização do ensino – e os Parâmetros Curriculares Nacionais, já em 1997 - que traz como concepção fundante a Pedagogia das Competências<sup>32</sup>, um dos frutos das pedagogias do Aprender a Aprender. Para István Mészáros (2008), este momento se justifica pois,

Quanto mais “avançada” a sociedade capitalista, mais unilateralmente centrada na produção de riqueza reificada como um fim em si mesma e na exploração das instituições educacionais em todos os níveis, desde as escolas preparatórias até as universidades – também na forma da “privatização” promovida com suposto zelo ideológico pelo Estado – para a perpetuação da sociedade de mercadorias (MÉSZÁROS, 2008, p. 80).

<sup>29</sup> Na esteira da consolidação da democracia brasileira e dos acordos de fortalecimento da política econômica, os dois governos de Fernando Henrique Cardoso (1995 – 2002) precedem uma etapa no desenvolvimento político, econômico e social brasileiro. Com a política econômica pautada em metas como: o combate à inflação, a ampliação das exportações, a contenção de despesas e o superávit primário.

<sup>30</sup> “A qualidade total significa que o objetivo de gerenciar a qualidade se estende em três direções. Em primeiro lugar, trata-se de controlar toda a vida do produto ou serviço, não apenas a concepção e a produção, mas também os fornecimentos, as atividades administrativas e de gestão, etc. Todas as funções e atividades da unidade produtiva são afetadas, sem exceção. Em segundo lugar, a participação de todos é indispensável” (XAVIER, 1995 apud FREITAS, 1995, p. 133).

<sup>31</sup> “[...] recomenda, em todos os níveis: senso de ordenação, senso de arrumação, senso de limpeza, senso de higiene e de auto-disciplina” (FREITAS, 1995, p. 134)

<sup>32</sup> As palavras-chave desse documento são: autonomia, diversidade, valores éticos, interdisciplinaridade, criatividade, comunidade, comunicação, participação, habilidades, competências, entre outros termos que circundam as pedagogias do “aprender a aprender”, defendidas em verso e prosa pela UNESCO.

Nesse contexto, chega ao poder Luiz Inácio Lula da Silva, com uma política macroeconômica muito semelhante a do seu antecessor, cumprindo seu primeiro mandato entre 2003 a 2006. Lula mantém diversas ações políticas e sociais do Governo FHC e abre espaço para uma maior intervenção do Estado brasileiro, tanto internamente, quanto externamente.

“Lula foi reeleito presidente do Brasil com 58,29 milhões de votos. Dos 125 milhões de eleitores, numa população de 185 milhões de pessoas, 60,83% decidiram o reconduzir à Presidência da República, por mais quatro anos” (BETTO, 2006). Para falar do Governo Lula é necessário nos atermos à figura do próprio Luiz Inácio Lula da Silva. De acordo com Antunes (2006), Lula foi uma personalidade que despontou do chão da fábrica, em meados dos anos 70, para representar os interesses dos operários do ABC Paulista, devido à sua intuição, coragem e sensibilidade.

Se na CUT Lula era a voz central, no PT desde logo ele se tornou a liderança principal. Respalado por sua história recente, Lula, como líder partidário, foi, pouco a pouco, migrando, numa transição que durou mais de uma década, para finalmente se converter num tipo de político profissional (ANTUNES, 2006, p. 134-135).

Não obstante a sua figura ser bastante representativa da história cultural da formação do povo brasileiro, o primeiro mandato do Governo Lula enfrentou diversos momentos de instabilidade política, devido a escândalos de corrupção dentro da sua base governamental. De acordo com Antunes (2006), o Governo Lula sofreu “mutações” que desencadearam a grande crise da Era Lula.

Junho de 2005-março de 2006: a crise que se abateu dentro do PT e seu governo tem, desde logo, um traço distintivo: foi a primeira vez que um projeto oriundo da esquerda se encontra num emaranhado que não é motivado por sua ação transformadora, mas porque se tornou parte ativa, partícipe, integrante da prática de corrupção típica da direita. [...] o governo do PT fez uma aliança com setores do capital, criando um liame entre os interesses privados, saque do Estado e corrupção política [...] O partido, desfigurado da sua ideologia e depauperado em sua política de alianças [...] tornou-se avassalado pelo mais escandaloso caso de corrupção política da história recente (ANTUNES, 2006, p. 143-144).

Além disso, o Governo Lula viu o carro chefe da sua política socioassistencial, o Programa “Fome Zero” ser desacreditado, já no seu primeiro mandato, e combatido pela opinião pública, pelo seu caráter assistencialista. Entretanto, mesmo com cortes orçamentários e apesar dos ataques aos Programas sociais, o legislativo conseguiu manter e ampliar os Programas sociais, fortalecendo a atual política sociassistencial brasileira.

Apesar de todos os problemas enfrentados nos seu primeiro mandato, Lula alcança em abril de 2010, índices de aprovação que ultrapassam percentuais de 80%, traduzidos por um significativo avanço na área social e na reestruturação do Estado. Podemos justificar esse fato por diversas razões, mas dentre elas certamente estão: o aumento da renda da sociedade brasileira através de medidas assistencialistas, como a concessão do benefício do Bolsa Família a mais de 40 milhões de pessoas; ampliação do número de pessoas trabalhando com carteira assinada; o controle da inflação; e o fortalecimento da política externa brasileira, colocando o Brasil, como protagonista de acordos internacionais e convenções.

É necessário reconhecer que o período em que o Brasil foi governado por Lula não foi capaz de satisfazer as principais demandas dos movimentos sociais; não conseguiu realizar, efetivamente, a reforma agrária e permaneceu atrelado aos Programas de transferência de renda e políticas de caráter compensatório, que não avançam no sentido da mudança estrutural no atual modelo de políticas sociais e de desenvolvimento. Não obstante, o Brasil ter alcançado avanços significativos em vários aspectos, no segundo mandato de Luiz Inácio Lula da Silva também permanecemos atrelados a uma política econômica conservadora.

É possível que o segundo mandato de Lula seja mais conservador que o primeiro, afinado com a proposta do Banco Mundial de manter políticas sociais focalizadas sem ameaça aos paradigmas neoliberais da economia de mercado. De janeiro de 2003 a junho deste ano o governo Lula canalizou às mãos dos credores da dívida pública US\$ 241 bilhões. E reservou às políticas sociais - excluídas a Saúde e a Educação, que dispõem de orçamentos próprios - cerca de US\$ 14 bilhões (BETTO, 2006).

As políticas educacionais desenvolvidas ao longo dos seus dois mandatos caracterizam-se por iniciativas como a participação da comunidade no interior da escola<sup>33</sup>; ampliação do acesso ao nível superior, com a reversão de recursos públicos para a iniciativa privada, e a ampliação de vagas nas Universidades públicas; investimento massivo na área de educação à distância no nível superior, através da Universidade Aberta do Brasil (UAB) e na área tecnológica; bem como a aposta nas escolas profissionalizantes<sup>34</sup>, como um possível caminho para a formação dos jovens.

---

<sup>33</sup> Personificado, a partir da década de 1990, com os “Amigos da Escola” que representam uma campanha capitaneada de Rede Globo de televisão, a qual objetiva a participação da comunidade nas ações desenvolvidas na escola e, por conseguinte, a desqualificação dos profissionais da educação.

<sup>34</sup> Um dos grandes motes do Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE, elaborado no Governo Lula, é o reconhecimento, acompanhado de intenso investimento no ensino profissionalizante e tecnológico. Dentre as principais iniciativas, neste âmbito, está a transformação do Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) em Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFETs). Destacamos também como representantes do PDE o Programa Brasil Alfabetizado; o Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação; e o Programa de Expansão e Reestruturação das Universidades Federais (REUNI).

## 2.2 A constituição das políticas sociais no âmbito do direito e seus pressupostos

Para entendermos melhor a definição de políticas sociais no Brasil optamos por proceder uma análise dentro do campo do Direito, que se auto justifica no contexto capitalista, por meio do discurso universalista abstrato. Isso se consolida, na medida em que a legislação é constituída e estabelece parâmetros juridicamente legítimos para que os diversos seguimentos da população alcance os mínimos de sobrevivência e dignidade, garantidos com veemência na Constituição Brasileira.

Entretanto, é primordial lembrarmos que o nosso histórico democrático, breve e frágil, por diversas vezes, implica na realização de reformas e nos explica a prevalência de políticas sociais assistencialistas, estratificadas e focalizadas, ao longo da nossa história. Nesse sentido, corroboramos com a afirmação de Marcio Pochmann *et al.* (2005),

Em grande medida, a insuficiente cultura democrática no Brasil se expressa não apenas pela concentração de renda e da riqueza, mas também e, sobretudo, pelo controle do acesso ao poder. Assim, a pobreza também contém um importante componente político. O assistencialismo, junto com a cultura de focalização, contribui para a constituição de clientelas de populações pauperizadas que funcionam como verdadeira massa de manobra das novas e velhas elites dominantes durante os anos 1950 e 2000 (POCHMANN *et al.*, 2005, p. 62).

A criação da rede de políticas sociais que permeiam o Estado brasileiro é recente. A crise do “milagre econômico”, na década de 1980 e o caminho à redemocratização, bem como a consequente reorganização da sociedade civil e dos movimentos sociais organizados, culminaram na Carta Constitucional de 1988. Com a redemocratização do Estado brasileiro e a promulgação da CF, o Brasil ganhou novas formas de organização do sistema federativo, redefinindo o papel do governo federal, que passou a assumir prioritariamente a coordenação das políticas sociais, enquanto os municípios, reconhecidos como entes federados autônomos, assumiram a maior parte da responsabilidade de execução dessas políticas.

A gestão dos sistemas das políticas sociais implica numa relação de cooperação e complementaridade entre União, estados e municípios no desenvolvimento de ações compartilhadas com a sociedade civil, por meio das redes de serviços de atenção à população (saúde, educação, assistência social, proteção à criança e ao adolescente, e outras) na responsabilidade do órgão gestor pelo exercício das funções de planejamento, coordenação, organização e avaliação das ações em estreita interação com os demais atores (conselhos, ONG's, prestadores de serviços e outros). A organização civil, com vistas à qualidade dos serviços prestados e a resolutividade dos sistemas com clara definição de mecanismos, estratégias de ação, papéis e responsabilidades entre prestadores de serviços, usuários e gestores (CUNHA; CUNHA, 2002, p. 18).

Nesse sentido, a Constituição Federativa Brasileira de 1988 abre uma nova frente no Estado brasileiro. É através dela que é instituído o Estado Democrático de Direito e, com ele, princípios básicos como o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança e o bem-estar de todos os cidadãos, priorizando a assistência às crianças e adolescentes em todas as ações governamentais. A nova Constituição traz em seu bojo a formatação de um Estado capaz de se reportar para as demandas populares que incluíam princípios como a igualdade, a participação, a cidadania e a justiça social. A ação direta dos movimentos sociais, no contexto da redemocratização e na busca da construção de um país justo, encabeçou a garantia desses princípios. Essas premissas são demarcadas já no seu artigo primeiro, o qual versa sobre os fundamentos do Estado brasileiro:

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos: I - a soberania; II - a cidadania; III - a dignidade da pessoa humana; IV - os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa; V - o pluralismo político (BRASIL, 1988 - CF).

Esse artigo abre caminhos para o estabelecimento da democracia e a sua implementação na sociedade brasileira. Outro artigo importante, que fundamentará nossas análises, é o terceiro. Este estabelece os objetivos fundamentais da República:

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: I - construir uma sociedade livre, justa e solidária; II - garantir o desenvolvimento nacional; III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (BRASIL, 1988- CF).

Nesse artigo encontramos o posicionamento do Estado a favor da construção de uma sociedade justa e igualitária, bem como em defesa da erradicação da pobreza e da redução das desigualdades sociais e regionais. “A promoção do bem de todos” é a tônica dada pela Assembleia Constituinte à nossa Constituição. Todavia, passados vinte e um anos da promulgação da mesma, enfrentamos altos índices de desigualdade, entre as regiões, e intensa exclusão social no Estado brasileiro, o que nos faz repensar a execução desses direitos.

A CF também evoca valores sociais e a concessão de direitos básicos para os cidadãos, sob o pano de fundo de conceitos como cidadania, igualdade e liberdade. Ressalta-se esses valores no campo jurídico, entretanto entendemos que a escrita da Carta Magna, por si só, desconsiderando uma discussão sobre o modo de produção capitalista, não altera na essência a estrutura social brasileira. Por isso, atentamos para o fato de que princípios jurídicos desenhados na letra da lei, não significam a garantia da efetivação dos mesmos na prática.

Para a concretização do princípio da igualdade foram normatizadas medidas, diante de critérios biológicos, socioeconômicos e sociais, no intuito de proporcionar equidade de oportunidades às minorias excluídas, que se encontra em situação “vulnerável”. Este tratamento diferenciado deu ensejo a um novo paradigma do termo discriminação, que figura com destaque no âmbito do Direito, a chamada “discriminação positiva”<sup>35</sup>. Diretamente ligada ao princípio da igualdade, tem como principal objetivo efetivar a justiça social demonstrando que em qualquer tipo de relação, seja ela entre indivíduos ou entre grupos, deve haver uma igualdade respaldada pela legalidade. Entretanto, a igualdade na história da estruturação do Estado brasileiro, em diversas situações, não tem passado de uma afirmação de princípio jurídico, sem correspondência com a realidade.

Seguimos refletindo criticamente a lógica da igualdade, externada na CF brasileira, lembrando que a nossa formação cultural e econômica implica na consideração da nossa principal característica: a diversidade. É essa diversidade, inserida num intenso caldo de desigualdades socioeconômicas que caracteriza a complexa estrutura da sociedade brasileira. Além disso, o entendimento da igualdade, dentro da democracia, no modelo capitalista de sociedade, por sua própria natureza de acumulação e exploração, não efetiva a garantia de condições materiais e sociais iguais para todos os indivíduos.

No caso da discussão de cidadania, esta tem figurado como uma das principais “bandeiras”, de cunho midiático, do Estado brasileiro. Pela sua construção histórica, a partir da CF de 1988, a qual carrega em si muitas promessas na sociedade da meritocracia, observamos que a cidadania garantida no aparato jurídico brasileiro atua no sentido da regulação social dentro do *status quo* e pouco avança na discussão da mudança efetiva da prática social entre os homens. Um exemplo disto está na reflexão materializada no processo de criminalização dos movimentos sociais materializados nos últimos cinco anos. Com o cerceamento da atuação dos movimentos sociais e a fragmentação dos movimentos sindicais, observamos a contradição inerente à sociedade capitalista e nos colocamos diante da necessidade de repensarmos a conceituação da igualdade e da cidadania na reprodução do atual contexto.

Não obstante os princípios da CF aqui destacados, entendemos que o capitalismo estrutura-se pelos interesses de classes, no qual a burguesia se destaca enquanto classe detentora do capital. Entretanto, para que esse processo seja constantemente retroalimentado,

---

<sup>35</sup> De acordo com Luiz Alexandre Cruz Ferreira e Alexandre Mendes Cruz Ferreira (2008), “[...] o instituto da discriminação positiva deve ser considerado como o conjunto de medidas públicas ou privadas de atendimento às demandas específicas de pessoas individualmente consideradas, mas inseridas em um contexto social desfavorável, potencialmente capazes de promover alguma mudança social”

faz-se necessária uma política de Estado que venha a atender aos interesses da burguesia e ao mesmo tempo regule socialmente a classe trabalhadora.

Em que pese todas as contradições inerentes aos principais conceitos que “sustentam” a ideia de democracia que temos, não podemos nos furtar da afirmação da importância histórica do momento em que vivemos. Diante de todas as adversidades inerentes ao modelo socioeconômico e político, superamos um modelo ditatorial e temos a possibilidade de pensar para além da democracia que se sustenta apenas pela legitimidade conferida através dos votos, que vive crises sistemáticas de participação popular e entre os grupos e partidos políticos. Acreditamos que vivemos o momento de trabalhar para além do poder do capital, de repensar todos os debates que resguardam a possibilidade de construirmos saídas do olho do furacão do capitalismo. Por acreditar que no limite do que nos foi permitido alcançamos avanços, ainda que no âmbito da aparência, construiremos uma linha do tempo observando a concepção das políticas sociais no Estado brasileiro a partir dos anos finais do século XX.

### **2.3 A consolidação da política de assistência social no Brasil**

A partir da década de 1970, inicia-se um processo de desenvolvimento assistencial mais denso. Segundo Costa (2002), alguns programas são criados, estes em grande parte não-contributivos e dirigidos a grupos sociais definidos como “de risco” ou “carentes”, como crianças, idosos, gestantes, sempre com um recorte determinado pela baixa renda. Eram executados através da Legião da Boa Vontade (LBV), Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM), Fundo de Investimento Social (FINSOCIAL) e da Secretaria de Estado de Habitação e das Cidades (SEHAC). Os programas desenvolvidos à época eram limitados e não figuravam com o critério da universalidade.

Se operavam com um montante de recursos considerável. Esses programas padeciam de um padrão de precariedade, baixa institucionalização e descontinuidade, agravados pela pouca precisão em sua definição e ausência de avaliação” (COSTA, 2002, p. 35).

De acordo com Cunha e Cunha (2002), a política social brasileira, na década de 1980, apresentava uma estratégia reformista. Na busca da garantia dos “mínimos sociais”, tão necessários à população menos favorecida economicamente, foi instituído, oficialmente no art.

195, o sistema de seguridade social<sup>36</sup> no Brasil, composto pela tríade previdência, saúde e assistência social.

A política social brasileira, até a promulgação da CF de 1988, era caracterizada pela centralização política e financeira pelos órgãos do Executivo. Além disso, carecia de sistematização e participação popular, na sua formulação, execução e avaliação. Enquanto as instâncias decisórias permaneciam sob o controle de práticas paternalistas e clientelistas, a população sofria com a fragmentação dos programas e a má administração dos recursos.

Entretanto, a impressão dos direitos nessa Constituição foi apenas o princípio das lutas entre sociedade civil organizada e Estado. A garantia expressa dos direitos não significou a efetivação dos mesmos. As promessas, não cumpridas, desembocaram em um novo processo de embates que marcou a década de 1990. Esta década foi balizada por diversos conflitos encabeçados por setores progressistas da sociedade que frutificaram na regulamentação das áreas da criança e do adolescente; da seguridade social; da saúde; da assistência social; da educação e da previdência, abrindo a perspectiva da participação direta da sociedade na formulação e avaliação de políticas sociais.

[...] se, por um lado, os avanços constitucionais apontam para o reconhecimento de direitos e permitem trazer para a esfera pública, transformando constitucionalmente, essa política em campo de exercício de participação política, por outro, a inserção do Estado brasileiro na “contraditória dinâmica e impacto das políticas econômicas neoliberais”, coloca em andamento processos desarticuladores, de desmontagem e retração de direitos e investimentos públicos no campo social, sob a forte pressão dos interesses financeiros internacionais (YASBEK, 2006, p. 57).

Não obstante as dificuldades enfrentadas pelo poder do capital, mais recentemente, no âmbito socioassistencial, a garantia jurídica obteve o amparo legal através da Lei Orgânica da Assistência Social<sup>37</sup> – LOAS, Lei 8742, de 07 de dezembro de 1993, a qual dispõe sobre a Organização da Assistência Social. Segundo esta, a assistência social passa a realizar-se de forma integrada às políticas setoriais, visando ao enfrentamento da pobreza, à garantia dos

---

<sup>36</sup> Segundo Costa (2002), a impressão do termo seguridade social pela primeira vez em documentos oficiais é significativo por diversos fatores. Dentre eles, “[...] reconhece, pela primeira vez o papel da assistência social como política pública constitutiva do núcleo de seguridade social do Estado brasileiro [...] passa a ser concebida como uma política que se aproxima daquelas de garantia de mínimos sociais àqueles com renda abaixo de um patamar mínimo ou que estiverem necessitados por alguma outra circunstância social [...] esboça-se uma definição ainda que genérica – também até então inexistente - das áreas substantivas de intervenção de política assistencial: proteção à família, maternidade, infância, adolescência, velhice (COSTA, 2002, p. 36).

<sup>37</sup> Em seu Art. 1º define que a assistência social é direito do cidadão e dever do Estado, bem como é Política de Seguridade Social não contributiva, responsável pelo provimento dos mínimos sociais à população, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas dos cidadãos.

mínimos sociais<sup>38</sup>, ao provimento de condições para atender contingências sociais e à universalização dos direitos sociais. A implantação da Lei Orgânica da Assistência Social inaugura um novo estágio no nosso país, estabelecendo efetivamente um conceito de política pública no Brasil. Remetendo-nos ao nosso passado de assistencialismo eleitoreiro e aproveitador, perceberemos que apesar da nossa tradição cultural clientelista, os avanços na área da assistência social têm sido concretos.

Marcada, portanto, pelo caráter civilizatório presente na consagração de direitos sociais, a LOAS vai exigir que as provisões assistenciais sejam prioritariamente pensadas no âmbito da garantia de cidadania sob vigilância do Estado. Como lei, inova ao afirmar para a assistência social seu caráter de direito não contributivo, apontar a necessária integração entre o econômico e o social, apresentar novo desenho institucional para a assistência social e a centralidade do Estado na universalização da cobertura para serviços, programas e projetos sob sua responsabilidade e na garantia de direitos e de acesso a esses serviços, programas e projetos sociais (YASBEK, 2006, p. 48).

A concretização do estabelecido pela LOAS, enfrenta como principais desafios a serem superados:

[...] a ótica tradicional que se tem dos demandatários da assistência social, quer pela permanência de uma perspectiva fragmentada e seletiva dos usuários das políticas assistenciais, focalizados nos mais vulneráveis, o que vem restringindo possíveis ampliações dessas políticas, quer pela ausência de ações integradas e intersetoriais, quanto pela ausência de definições de padrões de qualidade dos serviços prestados e das garantias desta política. A intersetorialidade aparece frágil, limitada, evidenciando falta de clareza acerca do necessário caráter global da proteção social (YASBEK, 2006, p. 52).

Segundo essa autora a constituição do campo de atuação da assistência social, por si só, já possui um caráter de contradição inerente aos seus postulados.

Procura-se, portanto, apreender a assistência social nessa trama de relações, no movimento contraditório presente nas políticas sociais públicas, que, de um lado, em seu funcionamento ambíguo, acomodam relações entre o Estado e os segmentos empobrecidos da sociedade, de outro oferecem alguma respostas, ainda que precárias, às necessidades relacionadas à sobrevivência dessas classes (YASBEK, 2006, p. 54).

Segundo Yasbek (2006), a assistência social pode constituir-se tanto em possibilidade de reconhecimento público, pela legitimidade conferida pela população, conforme o atendimento dos direitos sociais dos que dela necessitarem. Como, ao mesmo tempo, pode

---

<sup>38</sup> Segundo Sposati (2007), estabelecer mínimos sociais significa um patamar de cobertura de riscos e de garantias para todos os cidadãos. Equivale ao mesmo que definir um patamar base de dignidade, sob o qual nenhum cidadão deve se encontrar.

reiterar a exclusão social, imbuída da lógica desigual do capital, através da prática de “concessão de favores” e do enquadramento dos pobres e de setores específicos da população economicamente menos favorecida em programas setorializados, que propagam ainda mais a idéia de “exclusão” em detrimento da “inclusão”.

A assistência social, no processo histórico de manutenção do Estado capitalista, figura como um importante instrumento de organismos como o Banco Mundial. Em seus postulados no ano 2000, defendia a importância da inserção dos “pobres”<sup>39</sup> em programas concebidos para melhorar tanto a qualidade, quanto a cobertura de serviços de educação, saúde e nutrição. Para tanto o mesmo afirmou que o Brasil deveria definir como objetivos:

[...] dedicar dois terços do seu orçamento administrativo a atividades essenciais nas áreas definidas como metas na redução da pobreza (em particular educação, saúde, reforma agrária e diminuição da pobreza rural, serviços urbanos para os pobres e uma rede de segurança social) (BANCO MUNDIAL apud FIGUEIREDO, 2006, p. 106).

Com esses postulados, a estratégia de manutenção do modelo econômico ficou assegurada. São garantidos aos “pobres” os mínimos sociais necessários à inserção dessa parcela da população na sociedade do consumo. Dentro da perspectiva da inclusão social, com a equalização de direitos sociais mínimos são garantidos os objetivos do Estado capitalista, reforçando a teoria do capital humano<sup>40</sup>.

Guardada as devidas e pertinentes críticas realizadas ao modelo de assistência social brasileiro, assistencialista, clientelista e desarticulado, é importante explicar que o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) foi a principal deliberação da IV Conferência Nacional de Assistência Social, realizada em Brasília (DF), no ano de 2003, como modo de superar a lógica desarticulada e fragmentada da política de assistência, ou seja, seu histórico é recente e este fator deve ser considerado. De acordo com a PNAS (BRASIL, 2004),

O SUAS define e organiza os elementos essenciais e imprescindíveis à execução da política de assistência social possibilitando a normatização dos padrões nos serviços, qualidade no atendimento, indicadores de avaliação e resultado, nomenclatura dos serviços e da rede socioassistencial e, ainda, os eixos estruturantes e de sub-sistemas conforme aqui descritos: Matricialidade Sócio-Familiar; Descentralização político-administrativa e Territorialização; Novas bases para a relação entre Estado e Sociedade Civil; Financiamento; Controle Social; O desafio da participação

<sup>39</sup> Essa terminologia é utilizada nos documentos de Banco Mundial. Lembramos que as categorias “pobreza” e “exclusão” não possuem a mesma raiz teórica. Segundo esses documentos a educação destinada a essa parcela da população deve ater-se às noções básicas de matemática, higiene, leitura, escrita e conceitos adequados à inserção no mercado de trabalho, como flexibilidade, diferencial competitivo, competência, entre outros.

<sup>40</sup> De acordo com Freitas (1995), quando a teoria do capital humano foi formulada, ela era pensada como um componente macroeconômico. Atualmente, é compreendida como um dos instrumentos centrais da reforma macroeconômica.

popular/cidadão usuário; A Política de Recursos Humanos; A Informação, o Monitoramento e a Avaliação (BRASIL, 2004 - PNAS, 2004, p. 23).

O SUAS propõe um modelo de gestão descentralizado e participativo, constitui-se na regulação e organização em todo território nacional dos serviços, programas, projetos e benefícios socioassistenciais, de caráter continuado ou eventual, executados e providos por pessoas jurídicas de direito público sob critério universal e lógica de ação em rede hierarquizada e em articulação com iniciativas da sociedade civil. Esse novo modelo de gestão supõe um pacto federativo, com a definição de competências e responsabilidades dos entes das três esferas de governo (federal, estadual e municipal).

Em 2004, no primeiro mandato do Governo Lula, é definida a Política Nacional de Assistência Social (PNAS). De acordo com este documento, a política de Assistência Social realiza-se de forma integrada às políticas setoriais, considerando as desigualdades socioterritoriais, visando seu enfrentamento, a garantia dos mínimos sociais, ao provimento de condições para atender contingências sociais e a universalização dos direitos sociais. Seus principais objetivos são:

[...] \*prover serviços, programas, projetos e benefícios de proteção social básica e, ou, especial para famílias, indivíduos e grupos que deles necessitar; \*contribuir com a inclusão e a equidade dos usuários e grupos específicos, ampliando o acesso aos bens e serviços socioassistenciais básicos e especiais, em áreas urbana e rural; \*assegurar que as ações no âmbito da assistência social tenham centralidade na família, e que garantam a convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2004 - PNAS, 2004, p. 18).

Esse novo modelo de constituição dos interesses públicos no Brasil é composto pela descentralização político-administrativa e redistribuição das responsabilidades entre os entes federados. Segundo a PNAS (BRASIL, 2004 - PNAS), a situação atual para a construção da política de assistência social, leva em conta três vertentes de proteção social<sup>41</sup>: as pessoas, as suas circunstâncias e dentre elas seu núcleo de apoio primeiro, isto é, a família. Nesse sentido, a proteção social exige a capacidade de maior aproximação possível do cotidiano da vida das

---

<sup>41</sup> De acordo com a Política Nacional de Assistência Social (PNAS), a proteção social pode classificada de duas formas: básica e especial. Segundo o sítio do Ministério do Desenvolvimento Social, a proteção social básica é destinada à população que vive em situação de vulnerabilidade social decorrente da pobreza, privação (ausência de renda, precário ou nulo acesso aos serviços públicos, dentre outros) e/ ou fragilização de vínculos afetivos – relacionais e de pertencimento social (discriminações etárias, étnicas, de gênero ou por deficiências, dentre outras). Prevê também o desenvolvimento de serviços, programas e projetos locais de acolhimento, convivência e socialização de famílias e de indivíduos, conforme identificação da situação de vulnerabilidade apresentada. Já a proteção social especial é destinada, de acordo com essa mesma fonte, às famílias e indivíduos que se encontram em situação de risco pessoal e social, por ocorrência de abandono, maus tratos físicos e/ou psíquicos, abuso sexual, uso de substâncias psicoativas, cumprimento de medidas socioeducativas, situação de rua, situação de trabalho infantil, entre outras situações de violação dos direitos. No caso da proteção social especial, há dois níveis de complexidade: média e alta.

peessoas, especialmente com o núcleo familiar, pois é nele que riscos e vulnerabilidades se iniciam. De acordo com Mota (2008), é importante situar historicamente o surgimento das políticas de proteção social:

Recorde-se que o surgimento da grande indústria e da sociedade urbano industrial compuseram o ambiente no qual os trabalhadores se organizaram e politizaram suas necessidades e carecimentos, transformando-os numa questão pública e coletiva. Por força das lutas sociais, algumas de suas necessidades e de suas famílias passaram a ser reconhecidos pelo Estado, dando origem ao que modernamente denominou-se de *políticas de proteção social*, ancorados em direitos e garantias sociais (MOTA, 2008, p. 26-27).

Outro ponto importante a ser observado é a focalização na matricialidade sociofamiliar. De acordo com a PNAS (BRASIL, 2004), a família é mediadora entre os sujeitos e a coletividade, sendo um dos principais espaços, que representa a essência dos conflitos e das contradições, da convivência cotidiana.

[...] a centralidade da família com vistas à superação da focalização, tanto relacionada a situações de risco como a de segmentos, sustenta-se a partir da perspectiva postulada. Ou seja, a centralidade da família é garantida à medida que na Assistência Social, com base em indicadores das necessidades familiares, se desenvolva uma política de cunho universalista, que em conjunto com as transferências de renda em patamares aceitáveis se desenvolva, prioritariamente, em redes socioassistenciais que suportem as tarefas cotidianas de cuidado e que valorizem a convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2004, PNAS, 2004, p. 26).

Fazemos o contraponto, ressaltando que a centralidade na família, evocada pelos documentos que regem a atual perspectiva de seguridade social, deve ser um elemento de reflexão no âmbito da política do Estado burguês. A focalização na matricialidade sociofamiliar interessa profundamente o Estado capitalista, que se reproduz na lógica da divisão social do trabalho, no aumento do desemprego estrutural e na exploração do trabalho, principalmente, da figura feminina, que assume um papel fundamental na família atual.

Portanto, reafirmamos que a ausência de um projeto socialista de sociedade, bem como a tradição patrimonialista e assistencialista, já tão enraizadas na estrutura brasileira, ainda são fatores determinantes na formulação das políticas sociais e são capazes de interferir diretamente na criação, execução e avaliação das mesmas. Nesse contexto situamos a criação das políticas de “Ações Afirmativas”<sup>42</sup> e de “Transferência de renda”. Estas políticas, de

---

<sup>42</sup> As ações afirmativas são “políticas e mecanismos de inclusão concebidas por entidades públicas, privadas e por órgãos dotados de competência jurisdicional, com vistas à concretização de um objetivo constitucional universalmente reconhecido – o da efetiva igualdade de oportunidades a que todos os seres humanos têm direito”(GOMES, 2001, p. 41) Essas PP’s se caracterizam pela ótica da seletividade e são diferentes das convencionais, por não possuírem o caráter universalizante.

caráter compensatório, trazem como principal característica a reprodução da visão que o capital tem estabelecido na sociedade brasileira.

Nesse sentido, a “nova” problematização da relação mercado x sociedade x Estado faz ressurgir, com muito vigor, traços extremamente conservadores, incompatíveis com o equacionamento das questões que limitam, por sua vez, o exercício pleno da cidadania e, conseqüentemente, são limitados as condições mínimas de subsistência de grande parte da população. Esse entendimento leva ao tratamento diferenciado das classes excluídas da população, visando o estabelecimento de uma pretensa igualdade entre as classes, fato que, entretanto, jamais se efetivará dentro da sociedade capitalista.

Entretanto, destacamos os números representativos das políticas sociais, do governo Lula, capitaneadas pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome - MDS. Somente em Sergipe, que possui uma população estimada de 2.019.679 habitantes (segundo estimativas do IBGE para 2009), as políticas de governo vinculadas à assistência social, apesar de suas contradições, possuem um investimento em políticas socioassistenciais que chega a R\$ 354,8 milhões por ano, segundo o MDS. Os principais instrumentos que atuam em Sergipe, sob responsabilidade desse Ministério são: o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), o Programa de Atenção Integral à Família (PAIF), os Centros de Referência da Assistência Social (CRAS), Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Projovem Adolescente, sobre o qual nos debruçaremos no próximo capítulo.

### 3 OS JOVENS NA POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL<sup>43</sup>

Consideramos a perspectiva da luta de classes como inerente à discussão sobre a exclusão social. Nesse sentido, uma das camadas da população que vêm vivenciando com veemência o processo de inclusão/exclusão, no cerne da sociedade capitalista, é a juventude. Para elucidar a atual situação de alguns dos principais debates inseridos nesta dissertação, trazemos alguns números da educação no estado de Sergipe, em porcentagem de jovens de 15 a 17 anos – faixa etária que engloba os jovens que podem participar do Projovem Adolescente.

Sergipe possui apenas 17,2% dos jovens matriculados no Brasil, sendo um dos piores índices do Nordeste, ficando à frente apenas de Alagoas e Piauí. A média brasileira, segundo dados do Censo Demográfico de 2000 é apenas 34,7%. Esses dados, que representam a realidade preocupante da escolarização dos jovens brasileiros, podem inquietar ainda mais quando consideramos que grande parte dos jovens nesta faixa etária sofre com o fenômeno da distorção idade/série – como é o caso da maioria dos jovens entrevistados nesta pesquisa.

No Brasil há 8,7 milhões de alunos matriculados no ensino médio, correspondendo a aproximadamente 468 mil docentes e cerca de 248 mil turmas. O país possui em média 18,6 matriculados por docente. [...] Subtraindo os jovens que não estão estudando devido a diversos motivos, entre eles a inserção precoce no mercado de trabalho, verifica-se que uma parcela substancial de jovens nesta faixa etária não está cursando o ensino médio, pois ainda encontra-se retida no ensino fundamental e supletivo, o que demonstra um atraso no ciclo educacional brasileiro (POCHMANN, 2005, p. 69).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2002, a população na faixa etária entre 15 e 24 anos era de cerca de 34 milhões de indivíduos, sendo que, com a inclusão da faixa de 25 a 29 anos, no estrato chamado de “juventude”, este total subiu para quase 48 milhões de jovens. Já o Fundo de População da ONU divulgou dados do relatório 2003, onde o Brasil aparece como o quinto país do mundo com maior percentual de jovens em sua população. Esses dados demonstram um aumento significativo nos percentuais de jovens na sociedade brasileira e, ao mesmo tempo, alertam para a necessidade urgente de se estabelecer políticas públicas que contemplem esta parcela da população.

---

<sup>43</sup> “A história nada mais é do que a sucessão de diferentes gerações, cada uma das quais explora os materiais, os capitais e as forças de produção a ela transmitidas pelas gerações anteriores; ou seja, de um lado prossegue em condições completamente diferentes a atividade precedente, enquanto, de outro lado, modifica as circunstâncias anteriores por meio de uma atividade diversa” (MARX, 2003, p. 70).

No âmbito da educação, o Censo Demográfico do IBGE, de 2000, aponta que das 53.406 mil pessoas que frequentavam uma instituição escolar, incluindo as creches, 17.570 mil são jovens na faixa dos 15 aos 29 anos, representando 32,9% da população escolarizada. Esses dados revelam, também, que todas as regiões têm uma concentração de matrículas no ensino fundamental significativamente maior na faixa de 15 a 17 anos. Entretanto, de acordo com IBGE e PNAD, em 2008, Sergipe apresentou 16,9% de analfabetos entre jovens de 15 anos ou mais, chegando a 26,5%, quando falamos da taxa de analfabetismo funcional. Os jovens dessa faixa etária, quando alunos regulares, devem estar cursando o Ensino Médio. Todavia,

Entre 2006 e 2007, a percentagem da população sergipana de 15 a 17 anos que frequentava o ensino médio passou de 29,2% para 32,7%. Enquanto nos demais estados brasileiros, onde essa taxa é superior, observa-se uma elevação de 47,3% para 48,2% dos jovens de 15 a 17 anos no ensino médio (GUERRA [*et al.*], 2009, p. 58).

Diante desses dados questões referentes ao emprego, renda, sexualidade, aos baixos índices de escolaridade e riscos sociais, aos quais está submetida esta parcela da população, são apenas algumas das demandas que se colocam como prioritárias para o Estado, quando falamos em juventude. Assim, o grande contingente de jovens na nossa pirâmide etária faz com que os números denunciem a necessidade de serem estabelecidas estratégias de inclusão social para esta faixa populacional, pelo Estado.

Não existe gratuidade na opção do Estado em pensar políticas específicas para a juventude. Esta, por seu contingente e demandas, tornou-se um dos setores da sociedade de suma importância para o desenvolvimento do modelo capitalista, não somente para que ela atenda às expectativas do mercado de trabalho, mas também, porque passou a ser uma camada que gera preocupação para o Estado brasileiro.

Bernard Charlot (2006), em seu Relatório sobre as Juventudes Sergipanas, nos alerta que para pensarmos a juventude é sempre necessário pensá-la dialeticamente. Há contradição, a todo tempo, na discussão sobre os jovens, se por um lado colocamos a juventude como uma das prioridades da sociedade atual, por outro, temos grande dificuldade em compreender a totalidade dos seus anseios e necessidades.

Os jovens são herdeiros e inovadores, fracos e fortes, perigo e promessa, violência e inocência, desemprego e desenvolvimento, droga e pureza, dependência e disponibilidade, ou seja, para resumir o conjunto das contradições, os jovens são ao mesmo tempo problema e solução. Não tem de escolher entre os dois termos dessas contradições, tem sim de pensar os dois juntos. Não é fácil, mas é imprescindível, pois do contrário perde-se a especificidade da juventude e cai-se, que no paternalismo e clientelismo, em que o jovem não passa de um coitado a ser protegido, quer no juvenilismo, em que o jovem, por ser jovem, sempre está certo e sabe o que é melhor para ele (CHARLOT, 2006, p. x).

Comparando índices, interpretando números, falas ou questionamentos nos aproximamos da realidade dos jovens, que ainda é muito pouco discutida cientificamente. Expressões como “risco juvenil” e “vulnerabilidade dos jovens” são significativas para compreendermos o momento histórico atual. Esta juventude que se apresenta para nós, em forma de bibliografia, e ainda muito pouco discutida e pesquisada pela academia, nos apresenta índices preocupantes.

Dados de 2000, de acordo com Marcio Pochmann *et al.*, no “Atlas de Exclusão social do Brasil”, vol. 2 (2004), em uma escala de 0,0 a 1,0, os jovens sergipanos encontram-se na faixa de 0,288 – 0,514, como a maior parte da região Nordeste. Os piores índices de juventude estão localizados no Norte do país, enquanto os melhores (entre 0,701 e 1,0) se dividem entre parte do Sudeste e o Sul – Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, onde - juntamente com o estado de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul - também estão concentrados a maior parte dos jovens brasileiros.

[...] a exclusão social no Brasil permaneceu manifestando-se generalizadamente. De um lado a velha exclusão continua sendo a marca das regiões geográficas menos desenvolvidas, diante da permanência da baixa escolaridade, da pobreza absoluta no interior das famílias numerosas e da desigualdade nos rendimentos. De outro lado, a nova exclusão vem contaminando rapidamente as regiões mais desenvolvidas, por intermédio do desemprego generalizado e de longa duração, do isolamento juvenil, da pobreza no interior de famílias monoparentais, da ausência de perspectiva para parcela da população com maior escolaridade e da explosão da violência (POCHMAN *et al.*, 2000, p. 34).

O “risco juvenil” é uma das categorias utilizadas por Marcio Pochmann *et al.* (2004) para a construção dos seus mapas de exclusão social. Esse índice é baseado na avaliação da exposição da população jovem a situações caracterizadas pela violência e inclui um indicador de presença juvenil (percentual da população com até 19 anos de idade) e outro indicador de mortes violentas (proporção de homicídios por 100.000 cidadãos).

O jovem que ingressa na população economicamente ativa encontra-se em grande medida já excluído do acesso ao emprego e à renda, apesar de possuir níveis de instrução mais elevados que no passado. Paradoxalmente, o problema do jovem surge quando a sua participação na força de trabalho, ainda que expressiva, começa a decrescer de forma paulatina, tal a incapacidade de se promover o crescimento econômico sustentado e de se elevar o nível de investimento e emprego. A violência possui vários outros nexos, mas não se pode negar a sua associação com a falta de perspectivas de inserção do jovem na vida social (POCHMANN *et al.*, 2004, p. 34).

Voltando nossos olhares para a caracterização da juventude observamos que na produção da história e da cultura, os jovens são fundamentais instrumentos para perpetuar, revigorar, alienar ou refazer valores para a sociedade como um todo, tornando-se alvos fáceis

da grande mídia, que representa os interesses da burguesia. Grandes exemplos dessa afirmação estão na nossa história recente.

Em 1989, a juventude representou também o início de uma nova perspectiva cultural mundial, especialmente no cenário musical. O *rock* pesado deu lugar às expressões melódicas do *rock* oitentista. O pop convencional semeou o som das *raves*, a música eletrônica, se tornaria hegemônica nas vésperas do século XXI e, hoje, traz consigo toda uma estrutura de comportamento da juventude.

No âmbito da política, quando falamos em participação protagonista da juventude, não podemos esquecer de um clássico exemplo da participação determinante dos jovens na história brasileira. Quando em um de seus discursos, Fernando Collor usou o célebre bordão "Não me deixem só!" e convocou a população para que o apoiasse vestida com as cores do Brasil a juventude organizada o respondeu saindo às ruas vestida de luto. Este fato político não só foi determinante, como marcou a história do Brasil, na medida em que foi um dos elementos catalisadores para que ocorresse o *impeachment* do presidente Collor e surgisse com mais tenacidade a presença, através de lideranças estudantis, de partidos de esquerda que hoje, eleitos democraticamente, dirigem cidades, estados e o próprio Brasil.

Outro movimento atual acompanhado massivamente é a expansão da rede mundial de computadores. As redes de relacionamento e os sítios de bate-papo garantem o acesso da juventude a conteúdos e contextos de todas as esferas, trazendo novas e antigas problemáticas para o seio familiar, como: a pedofilia, a prostituição infantil, a exploração sexual e as drogas.

Com o início do séc. XXI a atenção da juventude passou a sofrer concorrência direta entre a família, a educação escolar, as diversas mídias, as novas tecnologias. O público jovem passou a estar "antenido", "ligado" e afeito às mudanças repentinas e fáceis, demonstrando a criação de uma nova cultura juvenil, muito mais suscetível a problemas como as drogas e a criminalidade. Nesse sentido, a faixa da pirâmide etária denominada de "juventude" passou a ser alvo de preocupação da sociedade e, por conseguinte, do Estado. Pensar políticas sociais para esta camada da população passou a ser essencial para a manutenção do Estado burguês.

De acordo com o IBGE, a faixa etária classificada como "juventude", atualmente, vai dos 15 aos 29 anos. O fenômeno da ampliação desta categoria, não pode ser compreendido como algo desinteressado, por isso percebemos que o sistema capitalista tem imposto novas responsabilidades aos jovens entre os 15 e 17 anos, o que demonstra uma clara mudança de compreensão acerca da faixa etária que está entre a infância e a maturidade. Esse fator tem gerado a preocupação com o mercado de trabalho cada vez mais cedo. Além disso, a necessidade de ampliação da renda familiar dos jovens, menos favorecidos economicamente,

tem feito com que estes se insiram, cada vez mais prematuramente, em atividades produtivas informais para ajudar no complemento da renda familiar.

Em 2006, o total de jovens com idade de 5 a 15 anos que trabalhavam era de 36 mil e representavam 8,3% do total de jovens nessa faixa etária. Já em 2007, mesmo com o esperado crescimento do público dessa faixa etária (1,6%), o número de jovens que caracteriza o trabalho infantil no Estado reduziu para 27,2 mil, representando 6,1% da população nessa faixa etária (GUERRA [et al.], 2009, p. 47).

A discussão que aqui colocamos centra-se, essencialmente, na compreensão de que ainda que ocupe, cada vez mais tarde, um posto formal, com carteira assinada, o jovem vem demonstrando uma excessiva preocupação com o mercado de trabalho antes mesmo de terminar a escolaridade regular, atuando em grande medida na informalidade. Este fato, também influencia, diretamente, na função social da escola, que neste caso se posiciona diante do dilema entre formação humanística X formação profissionalizante, técnica, politécnica, ou tecnológica, destinada exclusivamente ao mercado de trabalho. Em consequência desse dilema, a escola se enfraquece em suas funções determinantes e tem sua relação pedagógica sensivelmente desvirtuada. Além disso, essa instituição passa a ser cada vez mais responsabilizada pelos fracassos escolares, pelas desigualdades sociais e pelo desemprego estrutural da sociedade.

Outra questão importante a ser considerada, na formulação desse conceito, é o número excessivo de jovens por famílias<sup>44</sup>, como ocorre com maior frequência nas regiões Norte e Nordeste, como a ausência destes nas famílias, como no caso das regiões Centro-oeste e Sul, descrevendo em números o retrato da sociedade brasileira. No primeiro caso, identificamos como questão preocupante o trabalho infantil e o trabalho forçado, ainda presente na realidade brasileira. Mesmo observando reduções nas estatísticas das crianças, com idade de 5 a 15 anos que trabalham, estes números ainda são preocupantes.

No plano específico da criação de políticas para a juventude, encontramos características e uma conjuntura própria importante a ser considerada na elaboração e implantação das mesmas. As definições diversas de juventude – seja como “problema social” ou “futuro da nação” –, os altos índices de jovens na nossa pirâmide social, além da

---

<sup>44</sup> “No que se refere ao indicador que mensura a participação de cidadãos com até 19 anos de idade no total da população, percebe-se que, por um lado, 7,0% das cidades brasileiras apresentavam elevada participação de jovens, sendo que praticamente todas elas estão situadas nas regiões Norte e Nordeste. Ainda que de forma indireta, isso aponta para uma das características da exclusão social nessas regiões: famílias numerosas, compostas por muitas crianças e jovens e que apresentam menor expectativa de vida. Por outro lado, 54,8% dos municípios do país contam com parcela restrita de cidadãos com até 19 anos de idade no total de sua população, estando quase todos esses municípios localizados nas regiões Centro-Sul” (POCHMANN et al., 2003, p. 23).

diversidade que esta parcela da população traz na sua identidade, transforma a agenda juvenil uma das mais importantes e complexas da atualidade.

Traçadas sobretudo a partir da associação de jovens a problemas, as ações operaram campos de significados que permitem duplo deslizamento semântico possível e, portanto, práticas, políticas diversas: os problemas que atingem os jovens que expõem uma série de demandas e necessidades não atendidas que resultariam no reconhecimento do campo de direitos e de formulação de políticas globais para a juventude; ou de forma mais recorrente, os problemas que atingem os jovens transformam-se nos problemas da juventude e, portanto, é o sujeito jovem que se transforma no problema para o sociedade. Nesse caso, os programas buscariam, de certa forma, minimizar a potencial ameaça que os jovens trazem para a vida social, alguns deles considerados a “nova classe perigosa” que precisa estar sob um campo forte de controle (DUBET, 1997 *apud* SPOSITO, 2003, p. 67).

A atual emergência da questão juvenil na configuração de políticas públicas está relacionada com a notoriedade dada aos jovens, com o advento do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, em 1990, e a conseqüente revogação do Estatuto do Menor. Assim as políticas para a juventude foram redimensionadas e os jovens foram redefinidos enquanto sujeitos de direitos.

De acordo com Sposito (2003), no Brasil, as políticas de juventude que se desenvolveram a partir da década de 1990 enfocaram a questão dos adolescentes excluídos ou privados de direitos. A restrição das atenções a esse segmento acabou por excluir os indivíduos que atingem a maioridade e que ainda vivem na condição juvenil. Ainda na década de 1990, ações desenvolvidas em âmbito federal passam a reconhecer alguns problemas que afetam os jovens: saúde, violência e desemprego. Em meados dessa década, alguns programas sob responsabilidade do Ministério da Justiça passam a serem elaborados no intuito de reduzir e prevenir a violência mediante ações nas escolas ou nos bairros, atingindo, sobretudo, os moradores de periferia das grandes cidades.

Em 2005, no Governo Lula, foram criados órgãos específicos para o amparo da juventude no Brasil. Dentre estes, destacamos a Secretária Nacional de Juventude (SNJ) e o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE), vinculados à Secretaria-Geral da Presidência da República. A SNJ, criada por medida provisória, é responsável por articular os programas e projetos, em âmbito federal, destinados aos jovens na faixa etária entre 15 e 29 anos. Também tem como objetivo, fomentar a elaboração de políticas públicas para o segmento juvenil municipal, estadual e federal; além de interagir com os poderes Judiciário e Legislativo na construção de políticas amplas; e, por fim, promover espaços para que a juventude participe da construção dessas políticas. É também a SNJ que coordena as ações do Programa

Projovem. Já o CONJUVE<sup>45</sup> tem como principais objetivos elencados: formular e propor diretrizes da ação governamental voltada à promoção de políticas públicas para a juventude, fomentar estudos e pesquisas acerca da realidade socioeconômica juvenil e fazer o intercâmbio entre as organizações juvenis nacionais e internacionais.

A Política Nacional de Juventude, no Governo Lula, tem o seu marco inicial na criação dessas estruturas. Segundo os documentos analisados, são previstos como eixos norteadores institucionais: a oportunidade, garantida através do acesso especialmente à programas sociais; e direitos, resguardando à juventude a garantia dos seus direitos adquiridos. O quadro abaixo representa esse modelo de política, localizado no sítio da Secretaria-Geral da Presidência da República:

<b>Oportunidades para adquirir capacidades</b>
Acesso à educação, à qualificação profissional e à cidadania
<b>Oportunidades para utilizar capacidades</b>
Acesso ao mercado de trabalho, ao crédito, à renda, aos esportes, ao lazer, à cultura e à terra
<b>Garantia de Direitos</b>
Oferta de serviços que garantam a satisfação das necessidades básicas dos jovens e as condições necessárias para aproveitar as oportunidades disponíveis

Quadro 1 – Finalidades da Política Nacional de Juventude

Fonte: Brasil, 2007.

Com presença recente na agenda de prioridades do governo, as políticas para a juventude têm enfrentado grandes restrições e desafios a serem para se consolidarem. Muitas vezes, as políticas e Programas estabelecidas pelo Estado caminham em direção de objetivos diversos, tornando suas metas ambíguas, devido a razões políticas e técnicas e questões que determinam diretamente sua aprovação. Entretanto, apesar de não ser objeto de análise desta dissertação, é importante que questionemos de que forma a participação efetiva da juventude está sendo garantida nesses fóruns, talvez este pudesse ser um bom objeto de investigação para posteriores pesquisas.

Também há de se referenciar que o Estado necessita garantir a inclusão cada vez mais cedo dos jovens no mercado de trabalho, ou, colocá-lo em uma condição de espera sem se

---

<sup>45</sup> De acordo com o sítio do CONJUVE, o Conselho é composto por 1/3 de representantes do poder público e 2/3 da sociedade civil. Ao todo, são 60 membros, sendo 20 do governo federal e 40 da sociedade civil. A representação do poder público contempla, além da Secretaria Nacional de Juventude, todos os Ministérios que possuem programas voltados para juventude, a Frente Parlamentar de Políticas para a Juventude da Câmara dos Deputados, o Fórum Nacional de Gestores Estaduais de Juventude, e representantes das associações de Prefeitos. É importante salientar que a presidência do Conselho se dá através de alternância, prevista no regulamento do Conselho. De dois em dois anos muda-se a presidência, de representantes da sociedade civil para representantes do governo. Até 2009 a presidência estava a cargo do governo.

revoltar contra a própria inoperância do Estado. Nos dois casos, é possível identificar questões problemáticas para a formação dos jovens.

A centralidade nas questões aqui levantadas não ocorrem por acaso, mas como um meio de fortalecer os laços de pertença a uma sociedade da exploração em que o jovem tem um papel produtivo, quando não se enquadra, geralmente, é “eliminado”, conforme demonstram as estatísticas de violência<sup>46</sup> envolvendo os jovens, que aumentam assustadoramente.

### 3.1 Fundamentos do Projovem Adolescente

De acordo com o sítio do Ministério de Desenvolvimento Social, o Projovem Adolescente visa incluir socialmente os jovens na faixa etária de 15 a 17 anos, através da política desenvolvida pelo Sistema Único de Assistência Social (SUAS). As oficinas acontecem no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS). Segundo o MDS, a carga horária total para a realização das atividades do Projovem Adolescente é de 1200 horas, distribuídas em dois ciclos anuais, com 12,5 horas semanais de atividades para os jovens. As atividades estão organizadas em torno de encontros<sup>47</sup> e de oficinas<sup>48</sup>, que devem ser realizadas em horários que não interfiram no tempo escolar dos jovens.

Todas as instituições que recebem o Programa devem estar cadastradas no Conselho de Assistência. O Projovem Adolescente, apesar de ser coordenado pelo Ministério de

---

<sup>46</sup> Segundo dados do IBGE “[...] a mortalidade de jovens e adultos por causas externas vem aumentando e se generalizando em todo o território nacional, atingindo com mais intensidade um segmento populacional que está em plena fase produtiva e é sobrevivente de um período onde as taxas de mortalidade infantil eram extremamente elevadas. Esse fenômeno resulta em custos sociais altíssimos pois, primeiro, os investimentos realizados durante a infância são anulados, poucos anos depois, pela morte prematura dos jovens do sexo masculino; segundo, pelos custos de internação desses jovens, vítimas de acidentes de trânsito, homicídio, etc. A proporção de gastos com internações por causas externas (violentas) na rede hospitalar é quase três vezes mais alta nos grupos mais jovens, em especial de 15 a 19 anos. Enquanto a média de gastos com internações por causas externa é de 11% do total, de 15 a 19 chega a 28,5% e de 20 a 29 anos, é de 25,4%. As maiores proporções ocorrem na região Norte, onde os gastos chegam a 32,0% do total, nas idades entre 15 e 19 anos de idade. A segunda região com gastos elevados em internações por violência é a Sudeste, com 30,4% no mesmo grupo etário. O Nordeste tem as menores proporções de gastos por violência nessas faixas etárias. A alta incidência de mortes de jovens do sexo masculino contribui fortemente para a diferença de quase oito anos entre as expectativas de vida de homens e mulheres que, em 2000, era de 72,6 anos para as mulheres e de 64,8 anos para os homens” (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2003)

<sup>47</sup> De acordo com o MDS, são definidos como espaços de pesquisa, estudo, reflexão, debates, ação e experimentação, a partir dos temas transversais. Além disso, os encontros são uma oportunidade para avaliação e sistematização da participação dos jovens no Serviço Socioeducativo.

<sup>48</sup> Também de acordo com MDS, são definidas como espaços de promoção e acesso à cultura, ao esporte e a práticas lúdicas, estimulando a criatividade, contribuindo para a integração dos temas trabalhados e para o compromisso dos jovens com o Serviço.

Desenvolvimento Social e Combate à Fome, em seus fundamentos visa aliar a estrutura dos Centros de Referência de Assistência Social – CRAS, à perspectiva da reinserção e permanência desses jovens no sistema de ensino formal, além de buscar mecanismos para garantir a convivência familiar e comunitária dos mesmos, por meio do Programa de Atenção Integral à Família - PAIF.

O Programa Projovem Adolescente, antigo Agente Jovem, propõe-se a promover a reintegração no processo educacional, qualificação profissional e desenvolvimento humano aos jovens beneficiários. Segundo a Lei nº 11.692, de 10 de junho de 2008, em seu artigo 9º, o Projovem Adolescente - Serviço Socioeducativo tem como objetivos:

I - complementar a proteção social básica à família, criando mecanismos para garantir a convivência familiar e comunitária; e II - criar condições para a inserção, reinserção e permanência do jovem no sistema educacional.; Art. 10. O Projovem Adolescente - Serviço Socioeducativo destina-se aos jovens de 15 (quinze) a 17 (dezesete) anos: I - pertencentes a família beneficiária do Programa Bolsa Família - PBF; II - egressos de medida socioeducativa de internação ou em cumprimento de outras medidas socioeducativas em meio aberto, conforme disposto na Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente; III - em cumprimento ou egressos de medida de proteção, conforme disposto na Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990; IV - egressos do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil - PETI; ou V - egressos ou vinculados a programas de combate ao abuso e à exploração sexual.

Este Programa, segundo descrito em seus documentos, objetiva estabelecer “mínimos sociais” para estes jovens. Segundo o sítio do MDS, o Projovem Adolescente é uma modalidade do Programa Nacional de Inclusão de Jovens, sendo um serviço socioeducativo de convívio de assistência social, que integra as ações de proteção social básica do Sistema Único de Assistência Social – SUAS. Ou seja: é uma política social do Governo Federal, que visa atuar junto à Proteção Social Básica das famílias de baixa renda.

Desta feita, reiteramos a justificativa de análise do Programa Projovem Adolescente por observar os indicadores educacionais e a quantidade de programas disseminados pelo Governo Federal, enquanto política de combate à exclusão social. Também lembramos o fato deste Programa ser representante significativo da agenda do segundo mandato do Governo Luiz Inácio Lula da Silva e ter como principal característica o atendimento e assistência do grande índice de jovens nos municípios do nosso país.

Segundo o sítio do MDS, para implantar o Projovem Adolescente, o município deve atender aos seguintes critérios: estar habilitado nos níveis de gestão básica ou plena do SUAS; possuir CRAS em funcionamento, independentemente de o financiamento ser de responsabilidade do município ou da União; ter preenchido a ficha de monitoramento dos

CRAS; apresentar demanda mínima de 15 jovens de 15 a 17 anos, contemplando famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família no CadÚnico.

De acordo com o Caderno do Orientador Social – Ciclo I – Percurso Socioeducativo III “Coletivo Pesquisador” (2009), o Projovem Adolescente destina-se aos jovens de famílias em condição de extrema pobreza e àqueles que estão marcados por vivências resultantes de diferentes circunstâncias de riscos sociais – retirados de situação de trabalho infantil, abuso e exploração sexual, violência doméstica, abandono, negligência e maus-tratos – e alguns em situação de conflito com a lei, cumprindo (ou tendo cumprido) medidas socioeducativas, em consonância com a Lei Federal 8.069/1990, Estatuto da Criança e do Adolescente. Para participar do Programa, o jovem deve ser encaminhado ao Projovem Adolescente - Serviço Socioeducativo, pelos Programas e serviços especializados de assistência social do município, do Distrito Federal, ou pelo gestor de assistência social, quando demandado oficialmente pelo Conselho Tutelar, Defensoria Pública, Ministério Público ou pelo Poder Judiciário.

Para nos aproximarmos da metodologia do Programa analisamos os Cadernos do Orientador Social, do Ciclo I, que descrevem as bases de organização do Programa, trazendo sugestões de textos, temáticas e atividades que podem ser realizadas com os jovens. Foram eles: Percurso Socioeducativo I “Criação do Coletivo”; Percurso Socioeducativo II “Consolidação do Coletivo”; Percurso Socioeducativo III “Coletivo Pesquisador”; e Traçado metodológico. Todos editados pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome no ano 2009.

De acordo com o Traçado Metodológico (2009) do Programa, o funcionamento do mesmo obedece a uma proposta padrão para todo o território brasileiro: agregados em coletivos, os jovens recebem acompanhamento com assistentes sociais, encontros com oficinas de esporte cultura e lazer, além de encontros semanais com os educadores sociais. O Projovem está organizado em 2 Ciclos anuais. De acordo com o Caderno do Orientador Social - Ciclo I – Percurso Socioeducativo I “Criação do Coletivo” (2009), o Ciclo I objetiva tornar o coletivo um espaço de referência formativa, de convívio afetivo, lúdico e solidário, gerando criatividade e novos interesses, propiciando novos conhecimentos acerca dos temas transversais. Enquanto que o Ciclo II tem por objetivo consolidar o coletivo como espaço de referência formativa, que aprofunda a formação para o mundo do trabalho, promovendo a inclusão digital e das novas tecnologias da comunicação. No Ciclo II, os conhecimentos do Ciclo I devem ser aprofundados, convergindo para os interesses dos jovens que representem experiências no exercício da cidadania.

Nos coletivos, estes jovens ficam submetidos à metodologia pensada e desenvolvida para a atuação dos orientadores e oficinairos no Programa. Segundo o Percorso Socioeducativo II “Consolidação do Coletivo” (2009), é papel do orientador social promover a formação de vínculos e laços de pertencimento dos jovens dentro dos coletivos, estimulando a produção e sistematização dos conhecimentos e dos saberes, coletivamente.

Para Pistrak (2000), os indivíduos, quando reunidos em um coletivo, devem estar unidos por determinados interesses, sobre os quais têm consciência e proximidade. “O coletivo é uma concepção integral e não um simples total referido a suas partes, o coletivo apresenta propriedades que não são inerentes ao indivíduo, A quantidade se transforma em qualidade” (PISTRAK, 2000, p. 177).

Contudo, observamos na prática que existe uma falta de intercalação entre as atividades desenvolvidas nos coletivos, dificultando a efetivação do Programa. Os oficinairos trabalham, cada um, nas suas oficinas de forma específica e individualizada. Os jovens, por sua vez, também não são “obrigados” a participarem de todas as oficinas, não havendo um “controle” direto sobre os jovens. Cada um participa apenas da oficina que mais se identifica, o que causa, em muitas situações, a segmentação dos coletivos, e, conseqüentemente, a fragilização dos mesmos.

No Caderno do Orientador Social – Ciclo I - Percorso Socioeducativo III “Coletivo Pesquisador” (2009), para o Desenvolvimento Integral dos jovens e a realização das ações socioeducativas e relacionamento com os jovens também são definidas dimensões a serem trabalhadas nas oficinas. Sendo elas: lógica, reflexiva, cognitiva, afetiva, ética, estética e lúdica. O seu Traçado Metodológico, nos seus dois Ciclos, aborda temáticas que m torno de três eixos estruturantes: Convivência Social, Participação Cidadã e Mundo do Trabalho. A metodologia do programa pauta-se em seis temas transversais relacionadas à juventude, sendo eles: Direitos Humanos e Socioassistenciais; Trabalho; Cultura; Meio Ambiente; Saúde; Esporte e Lazer.



Figura 3 – Eixos estruturantes e temas transversais do Projovem Adolescente.  
 Fonte: Brasil, 2009 - Caderno do Traçado Metodológico (2009, p. 28)

De acordo o Caderno do Orientador Social – Ciclo I - Percurso Socioeducativo II – “Consolidação do Coletivo” (2009), é a articulação entre os eixos estruturantes e os temas transversais que propicia aos jovens uma visão integrada entre os conhecimentos sobre cultura, direitos humanos e socioassistenciais, esporte e lazer, meio ambiente, saúde e trabalho.

Os eixos estruturantes são definidos no material didático do Programa com a intencionalidade de promover o processo formativo dos jovens. Através deles os adolescentes devem se apropriar dos conhecimentos historicamente acumulados, adquirir valores éticos e se constituir enquanto sujeitos de direitos, que segundo o próprio material os farão comprometidos com a “transformação social”. Eles encontram-se definidos como esferas que se entrecruzam no sentido da formação dos jovens, conforme demonstra a figura abaixo:



Figura 4 – Eixos Estruturantes do Projovem Adolescente.  
 Fonte: Brasil, 2009 - Caderno do Traçado Metodológico (2009, p. 27)

Para a “Convivência Social” é definida a importância da construção de vínculos, junto ao trabalho coletivo. São ressaltados, de acordo com o Traçado Metodológico (2009), a importância da interação dos jovens com a família e o seu meio social.

[...] valorização da pluralidade e da singularidade da condição juvenil, de suas formas particulares de sociabilidade, da criação de vínculos e interação com os seus pares, a família, a escola, o mundo do trabalho e a comunidade (BRASIL, 2009 - CADERNO DO ORIENTADOR SOCIAL – CICLO I, PERCURSO SOCIOEDUCATIVO III “COLETIVO PESQUISADOR” 2009, p. 12).

Observamos nesta conceituação palavras-chave para o desenvolvimento das nossas análises, dentre elas elencamos como conceitos centrais para o entendimento do Programa, enquanto política representante da assistência social: a família, a comunidade, o mundo do trabalho e a criação de vínculos. Estas aparecerão ao longo das análises das entrevistas com efetividade nos discursos dos jovens e dos educadores.

Este discurso reproduz a formação de um jovem integrado aos moldes de convivência social necessária à sociedade atual. O jovem participativo, integrado, com espírito conciliador e adaptável, capaz de interagir com seus pares, também significa a formação de um adolescente disposto a lidar com as adversidades às quais são próprias da realidade de um sistema que tem a figura da exclusão e da intensa luta de classes como suas principais representantes.

O segundo eixo estruturante é a “Participação Cidadã”, que se pretende a formar para a cidadania. Este “jovem cidadão” deve se apropriar dos seus direitos e reconhecer os seus deveres. De acordo com o Traçado Metodológico (2009) do Programa, estes jovens devem ter

uma atuação crítica e protagonista diante dos interesses da comunidade. Este eixo afirma a necessidade da

[...] sensibilização para os desafios da realidade sócio-econômica, cultural, ambiental e política de seu meio social; reconhecimento de direitos; estímulo às práticas associativas e a todas as formas de expressão, aos posicionamentos e visões de mundo no espaço público (BRASIL, 2009 - CADERNO DO ORIENTADOR SOCIAL – CICLO I – PERCURSO SOCIOEDUCATIVO III “COLETIVO PESQUISADOR”, 2009, p. 12).

Como “Participação Cidadã”, o documento nos leva à compreensão da importância de os jovens terem acesso e conhecimento aos seus direitos para enfim se tornarem sujeitos capazes de exercer a participação na sociedade, enquanto cidadãos. Entretanto, compreendemos que a definição de cidadania e de cidadãos, formuladas neste eixo restringe-se a uma ideia idealizada de cidadania, que determina que os jovens da classe trabalhadora somente terão acesso aos seus direitos a partir do contato com um Programa social. Estas formulações levam a uma compreensão equivocada, a qual delimita o surgimento dos direitos dos adolescentes somente a partir do acesso ao Programa e não enquanto conquista dos trabalhadores, no cerne da luta de classes.

A partir desse entendimento acerca da caracterização da “Participação Cidadã”, no contexto capitalista, avançamos à luz da compreensão de Mota (2008). A autora afirma que vem se efetivando um processo de mercantilização da vida dos cidadãos e que os Programas e reformas sociais têm contribuído para a efetivação de tal fenômeno, ressaltando a tendência de

[...] transformar o cidadão sujeito de direitos num cidadão-consumidor; o trabalhador num empreendedor; o desempregado num cliente da assistência social; a classe trabalhadora em sócia dos grandes negócios e as comunidades em células de “desenvolvimento local” (MOTA, 2008, p. 31-32).

Dessa maneira, a problematização do Programa Adolescente nos faz compreender o que o Estado burguês almeja alcançar dos jovens. A criação da ideologia do Programa se completa com o terceiro e último eixo, o “Mundo do Trabalho”. O trabalho descrito nas páginas dos documentos do Programa, o qual também é categoria central desta pesquisa, demonstra uma conotação típica do século XXI ligada, essencialmente, ao mercado de trabalho. De acordo com o Traçado Metodológico (2009), o trabalho deve ser compreendido em sua dimensão subjetiva e como fonte de realização pessoal. O trabalho é tomado como premissa, pelos cadernos do programa, da produção de conhecimento e de cultura.

[...] introdução aos conhecimentos, técnicas e práticas sobre o mundo de trabalho; desenvolvimento de habilidades gerais; orientação para a escolha profissional consciente e com visão crítica; inclusão digital e nas tecnologias de comunicação, associando o trabalho à realização pessoal e à transformação da realidade (BRASIL, 2009 - CADERNO DO ORIENTADOR SOCIAL – CICLO I - PERCURSO SOCIOEDUCATIVO III “COLETIVO PESQUISADOR”, 2009, p. 12).

Quando fazemos o contraponto com o que encontramos na prática, percebemos que há uma tendência geral em direcionar a formação do programa à formação técnica para o trabalho. Em que pese a definição utilizada para os eixos estruturais, observamos que existe uma sobrecarga conceitual nas definições, diante da realidade efetivada do Programa. Não obstante consideremos a definição para tais eixos tecnicamente bem elaborada, entendemos que estas atribuem responsabilidades que o Programa, por si só, não é capaz de dar conta, pois a lógica que o sustenta, na prática não tem poder de alterar as relações econômicas que estão na base do sistema capitalista.

O elenco dos temas transversais também nos remonta às temáticas da atualidade, corroborando com a consolidação de uma perspectiva pragmática de sociedade. Todas essas premissas elencadas nos apontam a existência de uma forte presença ideológica que indicam a importância dada pelo Programa à inserção desses jovens no mercado de trabalho. E estes, por sua vez, encaram esta possibilidade como uma válvula de escape possível de ser proporcionada pelo Projovem Adolescente.

### **3.2 Projovem adolescente: pedagogia social ou pedagogia das competências?**

Entender a temática da educação no emaranhado das contradições que a produz, a caracteriza, que materializa os métodos de ensino, as concepções pedagógicas e os instrumentos que a ressignifica, é fundamental para compreendermos o Projovem Adolescente. Este, por sua vez, se propõe a educar e permitir que os jovens tenham acesso, de alguma maneira, a mais um ambiente, regulado pelo Estado, de socialização e de trocas de experiências.

Nas linhas e nas entrelinhas do material didático do Programa Projovem Adolescente há muito sobre as intencionalidades do mesmo. As práticas que dizem privilegiar o social, em processos formativos, formam a identidade dos documentos. Entretanto, as falas dos educadores nos colocaram diante de um dilema pedagógico gritante nos fundamentos do Programa: o “pensado” e o “realizado”.

Uma leitura aprofundada dos documentos e a prática dos educadores, nos levaram ao questionamento do direcionamento do Programa: estávamos realmente diante da Pedagogia social? Ou será que a prática denunciava a reprodução do modelo da Pedagogia das Competências? Objetivando compreender, com maior propriedade, a metodologia do Programa, acreditamos ser importante estabelecer contrapontos entre esses dois modelos pedagógicos.

Como reflexão da educação em geral, a pedagogia social tem dois objetivos: elaborar o conceito de educação em chave social e de contribuir para a concordância e integração das finalidades expressas pelas várias instituições sociais. Tal perspectiva analisa: a) os fatores sociais da educação presentes nas instituições que demonstram intencionalidade declaradamente educativa; b) os fatores sociais da educação presentes nas instituições que, por si só, não têm intencionalidade educativa, mas podem estar carregadas de potencialidade educativa; c) as finalidades educativas nos seus significados e na sua magnitude social (CALIMAN, 2008, p. 17).

De acordo com Caliman (2008), foram as problemáticas sociais, que surgiram na esteira da industrialização, a partir do séc. XIX, que fomentaram a criação da Pedagogia Social. Essa pedagogia caracteriza-se pela focalização intencional na socialização dos indivíduos e no fortalecimento da identidade nos diversos contextos sociais, nos quais os jovens estão inseridos. “É uma pedagogia que educa, de preferência dentro de ambientes institucionais educativos, ao senso de pertença, à responsabilidade social, à cidadania, à solidariedade social, etc” (CALIMAN, 2008, p. 17). Esta pedagogia apresenta-se como representante da educação realizada de maneira não-formal em políticas públicas, serviços e programas sociais, como é o caso do Projovem Adolescente. Em tese, a Pedagogia Social figura, exatamente, com o objetivo de proporcionar possibilidades educativas, num contexto envolto à questão social.

Esta caracterização nos leva a uma relação, quase que imediata, ao modelo de Projovem analisado. Em tese, este Programa poderia estar diretamente relacionado à concepção da Pedagogia Social. Conforme afirma o educador:

Dá pra perceber que na verdade, assim, é como se fosse [...]. Na verdade são atividades que não são realizadas nas escolas, a verdade é essa, que nas escolas as atividades são direcionadas mesmo para o aprendizado. Nas oficinas socioeducativas o objetivo é outro, é ta proporcionando pra aqueles meninos um momento de lazer, um momento lúdico, de conhecimento de outros temas também não só em relação à matéria específica, aqui a gente abrange mais o social (Educador A).

Entretanto, logo que nos debruçamos sobre a leitura do Caderno intitulado por “Adolescências, juventudes e socioeducativo: concepções e fundamentos” (2009), percebemos

a centralidade da ideologia do “Aprender a Aprender”, reproduzida nas citações do material didático. Nesse sentido, o Programa figura enquanto ambiente formativo, com características distintas da formação proporcionada pela escola. É a perspectiva de formação que opta pelas competências para “fazer a cabeça” dos jovens, formando valores para os mesmos apropriados à adaptação social. Esta é a tese descrita por Edgar Morin (2000), citada no Caderno intitulado por “Adolescências, juventudes e socioeducativo: concepções e fundamentos” (2009).

Não se trata também de “tomar emprestadas” finalidades próprias da política de educação por meio de ideias que configurariam as ações socioeducativas como complementares à escola, ou ainda como extensão dela, no caso de expressões como jornada ampliada. Trata-se de fazer a escolha pela “cabeça bem-feita” em substituição à “cabeça cheia”, aquela que trabalha com princípios organizadores que lhe permite ligar os saberes dando-lhes sentido; e a outra que apenas guarda (e decora) o saber, sem competências e ferramentas para lhes dar sentido (MORIN, 2000 apud BRASIL, 2009 - ADOLESCÊNCIAS, JUVENTUDES E SOCIOEDUCATIVO: CONCEPÇÕES E FUNDAMENTOS, 2009, p. 43).

Diante do exposto analisamos que o Programa distorce, em seus fundamentos, os postulados da Pedagogia social pensados por autores como Freire, Froebel, Pestalozzi, Pistrak, a partir do desenvolvimento de uma pretensa autonomia nos jovens. O material cita Paulo Freire de forma panfletária, em apenas duas passagens ao longo do texto. O eixo que, de fato, estabelece-se é o mesmo enfocado pelo Relatório Jacques Delors (1999), sobre os “Quatro pilares da educação”, na medida em que utiliza citações de autores como Edgar Morin (2000) para justificar a assimilação de valores pela juventude através das atividades socioeducativas em detrimento e sem intercalação com a função social da escola.

Temáticas como a “juvenilização e longevidade juvenil” e ampliação do conhecimento dos jovens, através da apropriação de saberes e competências, são recorrentemente citadas no Caderno analisado. Identificamos que o “Aprender a conhecer”; “Aprender a fazer”; “Aprender a viver juntos”; e o “Aprender a ser” circundam a totalidade das concepções e fundamentos pensados para o Projovem Adolescente, materializada na Pedagogia das Competências.

Dentro da perspectiva, as principais referências metodológicas do Projovem Adolescente para a formação “integral” dos educandos, estão apoiadas nas seguintes dimensões, configuradas de acordo com a descrição abaixo:

- **Dimensão dialógica** – o alargamento da percepção e da aprendizagem se produz em diálogo entre iguais. Significa considerar a todos como portadores de saberes e favorecer ações socioeducativas que se realizem na troca de ideias e de experiências, na socialização de conhecimentos, no trato de conflitos e na negociação e construção de consensos, facilitados pela convivência e pelo trabalho coletivo;
- **Dimensão**

**reflexiva** – o desenvolvimento de postura crítica a partir da reflexão sobre o cotidiano, sobre as experiências pessoais, coletivas e comunitárias e sobre as práticas socializadoras vivenciadas pelos jovens em suas diversas redes. A dimensão reflexiva está voltada para a elaboração do que é vivido – assim como o projetado na ordem imaginária – e para a sistematização dos novos conhecimentos adquiridos; • **Dimensão cognitiva** – a ampliação da capacidade de analisar, comparar, refletir, não só sobre o que se aprende, mas sobre como se aprende; capacidade de acessar informações e conhecimentos, de apropriar-se das aprendizagens, reproduzir e criar novos saberes e transformá-los em novas experiências. • **Dimensão afetiva** – o desenvolvimento e ampliação de relacionamentos interpessoais, envolvimento e comprometimento, construção de interesses comuns, cumplicidades e criação de vínculos afetivos que proporcionam alegria e prazer na participação das ações socioeducativas. • **Dimensão ética** – o exercício da participação democrática, da tolerância, da cooperação, da solidariedade, do respeito às diferenças nas relações entre os jovens e entre estes e a equipe de profissionais, para o desenvolvimento de princípios e valores relacionados aos direitos, à dignidade humana, à cidadania e à democracia. • **Dimensão estética** – o estímulo ao desenvolvimento das sensibilidades estéticas na perspectiva da percepção do outro em suas diferenças, independentemente dos valores e padrões impostos como mecanismos de exclusão e invisibilidade social. A valorização e legitimação das diferentes expressões artísticas, culturais, de condições físicas, origem étnica, racial, de opção religiosa e de orientação sexual. • **Dimensão lúdica** – o estímulo ao espírito de liberdade, à alegria de viver, ao desenvolvimento integral de todas as potencialidades humanas, valorizando o jogo e a brincadeira no jeito de ser jovem e favorecendo a livre expansão das individualidades, base para uma real emancipação humana (BRASIL, 2009 - TRAÇADO METODOLÓGICO, 2009, p. 30)



Figura 5 – Dimensões metodológicas do Projovem Adolescente.

Fonte: Brasil, 2009 - Caderno do Traçado Metodológico (2009, p. 30)

Essas dimensões nos remonta às “Pistas e recomendações”, que se propõe a orientar reformas educacionais e definição de políticas pedagógicas, do Relatório Jacque Delors (1999) e aos “Sete Saberes Necessários para a Educação do Futuro”, de Edgar Morin (2000).

Esses dois escritos se destinam a pensar uma formação para o ser humano, dentro de uma totalidade voltada para a adaptação do indivíduo ao inesperado, às incertezas, pertinentes ao contexto social atual.

Quando em seu Traçado Metodológico (2009), o Programa se propõe a determinar “As conquistas e as aquisições como resultados no Projovem Adolescente”, percebemos que há uma identificação direta entre os postulados do Programa com a Pedagogia das Competências. Citamos como exemplos deste tópico:

[...] ▪ o reconhecimento de suas aptidões e interesses de formação profissional e suas necessidades de aprendizagem; ▪ a contextualização de suas experiências no mundo do trabalho para desenvolver sua emancipação e valorização de sua futura qualificação profissional; ▪ o trabalho e a convivência em grupo, valorizando a diversidade de opiniões e a resolução negociada de conflitos (BRASIL, 2009 - TRAÇADO METODOLÓGICO, 2009, p. 43).

Uma outra questão preocupante, que permeia as práticas dos educadores, é a incompatibilidade da Pedagogia Social com as possibilidades de trabalho que lhes são oferecidas na prática, a exemplo do que identificamos nas fala de alguns educadores. O Educador D justifica a não efetivação do método freireano devido à falta de estrutura oferecida pelo Programa. Em outras palavras, a forma como o Programa se organiza não permite que os educadores consigam ter a real dimensão da concepção de intrínseca nos Programas sociais, justificando a nossa preocupação com a inserção da Pedagogia das Competências, de forma despercebida, nas práticas desenvolvidas pelos educadores.

Olhe a gente trabalha se baseando em algumas teorias de Paulo Freire, Pedagogia Social, já foi passado pra gente várias teorias. Mas é muito complicado aplicar, sabendo que a gente não tem uma estrutura que ofereça subsídios pra que a gente trabalhe na medida do possível, o mínimo (Educador D).

Já o Educador B afirma que não existe uma compreensão por parte do órgão gestor em aliar o pedagógico com o lúdico, denunciando também que não existe uma formação direcionada para os Educadores atuarem desenvolvendo as “teorias”.

Eu sou um pouco seguidor de Paulo Freire, nesse sentido, tento trabalhar com o que tá próximo e fui conquistando cada dia, aos poucos, mas fui buscando nesse sentido, “o que é que vocês querem?”, “o que vocês gostam de fazer?”, “a partir do que vocês me derem eu vou trabalhar” e nunca foi uma coisa imposta, “eu tenho conhecimento, não”. Sempre foi de uma maneira muito lúdica, eu gosto muito de trabalhar com esse lado lúdico, despertando o lado lúdico que cada um possui e outra coisa também, que aí eu fui descobrindo dentro da comunidade, que eu utilizo aqui a arte de duas formas. **A prioridade é que seja a arte como um meio e não como um fim, uma crítica que eu faço à secretaria, o Programa não está pra formar profissionais, mas a gente ta trabalhando com arte e quando a gente ta trabalhando com arte e com a pedagogia, uma não pode ta sobreposta à outra,** a gente tem que trabalhar com as duas ao mesmo tempo, despertando o lado artístico e utilizando o

lado pedagógico, lógico que a porta de entrada aqui é com o lado pedagógico, mas o lado artístico ta pesado numa balança os dois com o mesmo equilíbrio (Educador B, grifo nosso).

A fala do Educador C nos remonta à preocupação da execução da proposta pela falta de infraestrutura oferecida nos CRAS, pelos órgãos gestores:

Quanto ao projeto eu tenho muita coisa ou alguma coisa, pra não exagerar ao extremo, eu acredito que seria conveniente pra aquelas pessoas que administram o projeto se comprometer mais com a qualidade, tanto no espaço, quanto naquilo que se propõe a propor para quem vem de fora e você mesma, pessoalmente, pode identificar a falta de alunos dentro do projeto. Então porque esses meninos estão na rua ao invés de dentro do projeto, já que o projeto existe? O que é que falta? Falta instrumentos que motivem eles estarem aqui. Eu acho que não é legal ficar sem nada pra fazer, entra dentro do projeto e chega dentro do projeto, o projeto não se propõe a nada, não lhe estimula a nada e já perdemos aqui meninos inteligentes, porque eles não foram valorizados enquanto estavam aqui. Então isso pra mim não é interessante. **Nessa estadia aqui, se eu vi muita coisa boa acontecer, eu vi que recentemente a proposta de tá se abrindo um novo Projovem aqui e o curso de cabeleireiro pra as meninas, que eu acho interessante, é uma ocupação profissional, o curso de culinária também, essas pequenas coisas. Mas o espaço continua vazio, um espaço grande, mas continua vazio, sem aluno. Ai, aonde é que ta a falha aí?** (Educador D, grifo nosso).

Nesta fala também adentramos no nó da questão que se estabelece quando percebemos, de acordo com as análises do corpo dos documentos do Projovem Adolescente, que existe uma tendência em compatibilizar a juventude, enquanto parcela central da população para o desenvolvimento do capitalismo, dentro de uma perspectiva de conformidade e de adaptação com o modelo social vigente, com a disponibilização, cada vez mais cedo, da mesma ao mercado de trabalho.

De acordo com Marise Nogueira Ramos (2001), a ideologia das Competências, “[...] seria capaz de promover o encontro entre formação e emprego” (RAMOS, 2001, p. 221). Assim a autora coloca, no plano pedagógico, a noção de competência como responsável pela passagem do ensino centrado em saberes disciplinares para um ensino baseado na produção de competências - em outras palavras, aquilo que o aluno deve compreender e dominar – para a realização de tarefas específicas.

Nas palavras de Duarte (2001), o “Aprender a Aprender” é justamente um lema que sintetiza uma concepção educacional que se volta para a formação nos indivíduos, à disposição para uma constante adaptação à sociedade regida pelo capital. O caráter adaptativo dessas pedagogias prepara os indivíduos para que desenvolvam as competências necessárias à boa convivência com as regras do mercado de trabalho. Com esse fim, partir da criatividade, os seres humanos devem aprender a desenvolver características e competências que os façam

aceitar a sua condição social diante do todo social. Esse autor afirma que as Pedagogias do “Aprender a Aprender” podem ser consideradas armas na competição por postos de trabalho e contra o desemprego. “[...] trata-se de um lema que sintetiza uma concepção educacional voltada para a formação da capacidade adaptativa dos indivíduos” (DUARTE, 2001, p. 38).

O caráter adaptativo dessa pedagogia está bem evidente. Trata-se de preparar aos indivíduos formando as competências necessárias à condição de desempregado, deficiente, mãe solteira etc. Aos educadores caberia conhecer o que a realidade social está exigindo dos indivíduos. Quando educadores e psicólogos apresentam o “aprender a aprender” como síntese de uma educação destinada a formar indivíduos criativos, é importante atentar para um detalhe fundamental: essa criatividade não deve ser confundida com busca de transformações radicais na realidade social, busca de superação radical da sociedade capitalista, mas sim criatividade em termos de capacidade de encontrar novas formas de ação que permitam melhor adaptação aos ditames da sociedade capitalista (DUARTE, 2001, p. 38).

Esta crítica que fazemos aos postulados do Programa revela-se na atuação dos educadores em suas práticas, na medida em que identificamos que existia uma exacerbada preocupação de inserir esses jovens numa perspectiva de formação ligada diretamente ao mercado de trabalho. Conforme nos indicam as seguintes falas:

[...] uma das maiores dificuldades do programa Projovem Adolescente é que os meninos almejam oficinas profissionalizantes, eles querem muito os cursos profissionalizantes, a gente já colocou então vamos ver se no ano que vem, já que já ta em proposta, que realmente venha pro papel. Talvez com outro foco, outro objetivo, a gente possa recuperar os jovens que evadiram, que não têm interesse. Não existe aquela bolsa específica como no Projovem Trabalhador e o Projovem Urbano, mas existe uma proposta, uma proposta cultural e pedagógica e o que ta deixando a desejar são realmente os cursos profissionalizantes (Educador A).

Os cursos agora são efetivos, pelo menos até agora, criou um vínculo com o SENAI, que é o órgão que oferece os cursos. [...] Em 2009 existiu, mas não como eles tinham afirmado desde o início. Só foi chegar esses cursos para os meninos, só foram oferecidos já no final de 2009. Então é uma parceria, até eles podem ter imaginado que seria mais fácil firmar essa parceria, que só foi acontecer no final de 2009 e o que a gente percebe hoje é que a maioria entrou por causa desse vínculo com SENAI. E até então a gente percebe que se solidificou mesmo, já foi passado pra gente as listas de cursos, infelizmente ainda não vão ser todos que vão ter o direito a fazer, mas eu acredito que a maioria (Educador D).

No tocante às atividades que tivemos a oportunidade de acompanhar o desenvolvimento, destacamos a produção de cartazes, nas oficinas de cidadania, nos 3 CRAS observados. Destacamos, também, a oficina de teatro no CRAS Coqueiral e a oficina de *hip-hop* do CRAS Gonçalo Rollemberg. Nessas oficinas, identificamos a preocupação dos educadores em realizar um trabalho de formação e socialização dos jovens.

Entretanto, com as observações das atividades realizadas também identificamos que o Programa possui uma focalização nas atividades desportivas, como as oficinas de judô e as atividades de recreação, a exemplo do campeonato de futebol de campo, realizado na Sementeira. Na prática, percebemos que existe pouca sistematização entre as oficinas, que compõem em conjunto o Programa e que o “improvisado” e a falta/ ausência de estrutura são fatores extremamente presentes no cotidiano do mesmo.

Além disso, percebemos que há uma preocupação dos próprios jovens, que também retroalimentam as ações do Programa, no sentido de incluir, no corpo do mesmo, cursos técnicos profissionalizantes. Quando perguntados na Avaliação do Programa pelos educandos, realizada no dia 27 de agosto de 2009, sobre “O que você não acha legal nesse Programa?” uma das repostas marcantes foi a necessidade de implantação de cursos profissionalizantes para adolescentes (eles sugeriram cursos como: informática, contabilidade, mecânica e secretariado). Outro exemplo, é a seguinte fala:

Os adolescentes hoje em dia querem ter o próprio trabalho deles, então o projeto não chega a oferecer nada, oferece oficinas bastante interessantes, só que para os adolescentes eles querem algo mais, eles querem sempre cursos, de informática, profissionalizantes, de outras áreas, que na verdade o projeto não tem (Educador F).

É este algo mais de que fala o Educador F, que nos faz questionar a funcionalidade do Programa na socialização dos jovens. Segundo ele, os jovens iniciam no Programa envolvidos com as oficinas, mas com o passar do tempo eles vão se desestimulando. Dado esta constatação, identificamos que com a cultura dos Programas de transferência de renda, que se instalou no Brasil, os jovens apenas vislumbram a possibilidade de participar e permanecer no Projovem caso haja alguma “promessa” ou atitude concreta que resulte em um “ganho” imediato para os mesmos. Não visualizamos este depoimento com surpresa, na medida em que entendemos que os jovens desta pesquisa têm seus pés fincados numa realidade de sobrevivência desigual, que é imposta pelo sistema capitalista.

Essa concepção de formação inserida no ideário dos jovens traz em seu bojo a atual compreensão de emprego, que se manifesta enquanto ocupação para o recebimento de um determinado valor em forma de salário, que difere do conceito de trabalho, enquanto condição de produção da existência humana. Portanto, identificamos que existe uma ligação direta entre formação e emprego, na qual os indivíduos são “preparados”, para enfrentarem as diversas situações as quais estão/serão expostos no mundo do trabalho, reproduzindo a ideologia do “Aprender a Aprender”, com ênfase no saber facilmente aplicado às situações práticas. Nesse

sentido reconhecemos que os fundamentos efetivados pelo Programa têm reproduzido a ideologia da empregabilidade e do diferencial competitivo<sup>49</sup>, imposta pelo capitalismo.

A crítica que aqui nos propomos a fazer tem como principal objetivo rever os postulados que estão formulados nos documentos do Programa e, principalmente, reverter a formação dos educadores e oficinairos para uma perspectiva de formação humana em sua totalidade e não apenas para a adaptação e inserção dos jovens do “Mundo do Trabalho”, principalmente quando consideramos que mesmo esta perspectiva não se concretiza na prática. Nós esperamos que o Programa seja capaz de contribuir, efetivamente, na formação desses jovens enquanto cidadãos, capazes de vislumbrar a possibilidade de outros mundos para suas vidas. É sobre este fosso existente entre o binômio inclusão/exclusão, entre o pensado e o realizado, o coberto e desmascarado no Programa que nos falará o próximo capítulo.

---

<sup>49</sup> Os termos empregabilidade e diferencial competitivo fazem parte do “dicionário” capitalista que forma a ideologia de competição no mercado. Esses termos servem para caracterizar as habilidades e competências que os interessados em uma vaga no mercado de trabalho devem obter.

#### 4 APROXIMAÇÕES COM AS FACES DO PROGRAMA PROJovem ADOLESCENTE: EXPONDO AS CONTRADIÇÕES

O primeiro contato que obtivemos diretamente com o Projovem Adolescente foi a observação da Capacitação Estadual de Agentes Multiplicadores do II Ciclo, realizada de 13 a 15 de maio de 2009, em Aracaju/SE. Os técnicos presentes, em grande parte, assistentes sociais e psicólogos, assistiram palestras informativas sobre o Programa, ministradas por funcionários do MDS, participaram de dinâmicas de grupo e tiveram a possibilidade de socializar suas experiências, no tocante às dificuldades e desafios encontrados na implantação do mesmo.

Identificamos a importância do Programa reconhecida tanto pelos palestrantes, quanto pelos participantes do evento. Como esse modelo de Projovem foi implantado recentemente, no ano de 2008, as principais questões levantadas giraram em torno das dúvidas com relação à implantação do mesmo, e a dificuldade encontrada por alguns municípios sergipanos para iniciar as atividades do II Ciclo, pois grande parte ainda encontrava-se na execução do I Ciclo.

Identificamos a preocupação de alguns gestores com o cofinanciamento do governo federal destinado ao Programa, que segundo a legislação vigente, gira em torno de R\$ 1.256,25 (mil duzentos e cinquenta e seis reais e vinte e cinco centavos) mensais. Esse valor destina-se ao custeio mensal das atividades de cada coletivo, é composto por, no mínimo, 15 e, no máximo, 30 jovens, sendo preferencialmente composto por 25 jovens. No caso de coletivos em processo de formação ou de recomposição, são repassados apenas R\$ 628,00 (seiscentos e vinte e oito reais) mensais, equivalente a apenas 50% do valor estabelecido.

A partir dos números que subsidiam os coletivos, sejam em construção ou já estabelecidos começamos a identificar a **primeira contradição do Programa**, o valor financiado parece não ser suficiente para manter uma estrutura adequada para as oficinas, a alimentação dos educandos e o pagamento dos salários dos educadores. Entendemos que a qualidade dos serviços prestados pelo Estado também passa pelo financiamento, investimentos necessários à qualidade dos projetos e programas. Encontramos nas observações e nas entrevistas a exposição desta face do Programa.

O primeiro ponto a que chamamos a atenção, para efeito de esclarecimento, é o que está posto na Lei e a realidade. No Programa, são chamados de educadores sociais os profissionais que mantêm o contato direto com os educandos. Em geral, essa foi a denominação que ouvimos nos CRAS e que adotamos na pesquisa. Entretanto, segundo o sítio

do MDS os educadores sociais são os “Orientadores sociais”<sup>50</sup> e os “Facilitadores”<sup>51</sup>. Atentamos para o que nos fala os documentos, na medida em que os termos utilizados relativizam a denominação do “Educador social”, gerando uma possível confusão nas funções desempenhadas por esses profissionais.

Na prática o que encontramos foram os “Educadores sociais” e os “Instrutores de esporte”, alguns se dividindo entre as atividades do PETI e as do Projovem Adolescente. Eles ministravam as aulas de “Cidadania”; oficinas de teatro, dança, percussão, e esportes, no caso do judô; além de aulas de recreação, nas quais os educandos praticavam esportes como o vôlei e o futebol. O CRAS do Gonçalo Rollemberg, foi o único que encontramos uma oficina de informática, que poderia se enquadrar no Projeto de Orientação Profissional (POP), estava com as aulas suspensas por conta da falta de manutenção dos computadores.

Outro ponto que também nos chamou atenção, diante dos depoimentos, foi a dificuldade encontrada pelos gestores com a frequência dos jovens, considerando-os como um público mais autônomo. A evasão é um dos pontos que denunciam a realidade do Programa, as suas causas serão expostas, através das entrevistas.

Além disso, foram elencadas as diversas dificuldades encontradas pelos municípios na manutenção dos profissionais, que desenvolvem as atividades do Programa, junto aos jovens, dois exemplos são centrais neste ponto. O primeiro citado pelos gestores nos reporta ao processo eleitoral que aconteceu no ano de 2008, através do qual o quadro de funcionários contratados pelas Prefeituras foi completamente modificado. Com a mudança de Governo, mudam também os seus contratados e comissionados, o que nos faz concluir que em alguns municípios, o Programa é encarado como política de Governo, que pode ser desestruturada a qualquer tempo, conforme os interesses dos eleitos e não dos eleitores. Além de figurar como meio de fortalecer a cultura, existente no Brasil, de que o Estado significa “cabide de empregos”. Ou seja, muda-se o Governo e também mudam os seus contratados e comissionados.

Sobre a realidade de Aracaju/SE, é importante registrar que alguns educadores entrevistados eram estagiários da SEMASC, e outros haviam participado de um processo de

---

<sup>50</sup> Responsáveis pelos “Encontros” que devem tratar do tema transversal “Convívio social”, no primeiro Ciclo e de “Participação Cidadã” e do “Plano de Atuação Social”, no segundo Ciclo. Além disso, os Orientadores sociais ficariam responsáveis pelas Oficinas de Convívio por meio do Esporte, Lazer, Arte e Cultura, nos dois Ciclos.

<sup>51</sup> Responsáveis pelas Oficinas de Convívio por meio do Esporte, Lazer, Arte e Cultura, no primeiro Ciclo. Enquanto que no segundo Ciclo, ficam responsáveis pela Formação Técnica Geral, dividida da seguinte forma, pelo MDS, Conhecimentos sobre o mundo do trabalho; Pontocom@ (inclusão digital e ampliação de competências comunicativas); e Projeto de Orientação Profissional (POP).

seleção para educadores sociais, sendo vinculados profissionalmente à ONG Eunice Weaver<sup>52</sup>. Um dado relevante para a pesquisa foi a realização do primeiro concurso público da história da SEMASC, para 55 assistentes sociais, 45 psicólogos e 110 educadores sociais, em 31 de janeiro de 2010. Os aprovados no concurso tomaram posse no dia 30 de março e fomos informados que os educadores sociais que desenvolviam os trabalhos nos CRAS foram demitidos, permanecendo apenas os estagiários. Em conversa informal com alguns dos educadores sociais entrevistados, fomos informados que os nossos sujeitos da pesquisa não trabalham mais nos CRAS. Neste caso, analisamos como dado positivo, posto que foram substituídos por funcionários públicos concursados.

Esta problemática se externa na fala de um dos jovens, em um momento de avaliação do Programa, quando afirma sobre a rotatividade dos educadores: “O ruim é quando chega o tempo, ele tem que sair, aí é osso”. Na própria fala do jovem percebemos que quando o coletivo se “acostumava”, ou seja, criava vínculos com os educadores, os mesmos saíam do Programa ou eram transferidos para outro CRAS.

Nesse sentido, o descuido com a continuidade dos vínculos entre os executores do Programa e os jovens nos aponta para uma **segunda contradição do Projovem Adolescente**, a qual revela que existem problemas sérios que envolvem a frequência dos jovens no Programa. Assim a questão central que é possível elucidarmos é como os jovens poderão fazer/refazer/manter os seus vínculos sociais, através da Pedagogia social, se ao menos são garantidas condições de continuidade na execução prática do Programa.

Ainda com o objetivo de estabelecer conexões preliminares com o Programa, buscando compreendê-lo dentro das suas especificidades, participamos de uma avaliação organizada pela Secretaria Municipal de Assistência Social – SEMASC, no dia 27 de agosto de 2009, que tinha como principal objetivo a apreciação do Projovem Adolescente pelos educandos.

Estiveram presentes coletivos de três diferentes CRAS, sendo eles: Porto Dantas, Coqueiral e o Risoleta Neves. Primeiramente, conversamos com a responsável pelo Programa na Secretaria Municipal de Assistência Social e Cidadania – SEMASC. Atendendo ao nosso pedido de observação, ela nos autorizou a participar de uma das oficinas nas quais seriam aplicados os questionários<sup>53</sup> de avaliação do Programa.

Inicialmente, cada CRAS foi dividido em 2 grupos de 15 a 20 jovens que se dirigiram para salas acompanhados por educadores, organizados em permuta, para que eles não

---

<sup>52</sup> A Organização Não-Governamental Eunice Weaver, vem sofrendo denúncias frequentes em veículos de comunicação da imprensa aracajuana, sobre irregularidades nos repasses, que chegam a R\$ 28,5 milhões, pelo poder público municipal.

<sup>53</sup> O modelo dos questionários encontra-se nos anexos da dissertação.

ficassem com os educadores do seu próprio CRAS. A sala a qual nos dirigimos foi a do CRAS Risoleta Neves, nela estavam presentes **19 jovens**, acompanhados pelos educadores do Coqueiral.

Às dez horas e quarenta minutos eles começaram a responder um questionário de avaliação do Projovem Adolescente. Este questionário estava composto de cinco questões e um espaço, no final, destinado à escrita de uma mensagem que os alunos quisessem deixar para os responsáveis pela execução do Programa. A primeira questão era composta de vários outros questionamentos que iniciavam com a frase “Através do Programa eu”. A metodologia desenvolvida pelos educadores, que coordenavam os trabalhos, foi que os 19 jovens entrassem em consenso por uma só resposta, que poderia ser: sim, não, em parte e não sei. Em pelo menos 3 questões não foi possível o consenso e os educadores aceitaram que fossem mantidas as 2 respostas. Abaixo segue o quadro com as questões elencadas e as respostas que foram escolhidas para representar a maior parte dos jovens:

PERGUNTAS	RESPOSTAS			
	SIM	NÃO	EM PARTE	NÃO SEI
Através do Programa eu...				
Passei a me comunicar melhor	X			
Passei a gostar mais de mim	X			
Passei a me relacionar melhor com os colegas	X			
Estou aceitando melhor a maneira de ser das pessoas (O coletivo se dividiu entre as duas respostas)	X		X	
Me sinto à vontade para falar em público (O coletivo se dividiu entre as duas respostas)	X		X	
Aprendi a trabalhar em grupo	X			
Fiz novos amigos	X			
Tirei ou completei minha documentação		X		
Passei a refletir sobre o meu futuro (Os jovens informaram que passaram a pensar mais em um emprego)	X			
Voltei a estudar (Todos já estudavam)	-	-	-	-
Entendo melhor a matéria da escola (Segundo eles, a única mudança deles na escola foi em relação ao comportamento)			X	
Aprendi coisas diferentes que não se aprendem na escola (As temáticas mais citadas pelos alunos foram: trabalho, DST's, gravidez na adolescência, drogas e cidadania)	X			
Conheci novos lugares		X		
Passei a me relacionar melhor com a família (O coletivo se dividiu entre as duas respostas)	X		X	
Passei a participar das atividades da comunidade			X	

Quadro 2 – Avaliação do Projovem Adolescente pelos educandos

Fonte: Quadro elaborado pela SEMASC durante a realização da atividade, 2009.

A segunda questão foi “Acha que o Programa mudou algo em você?”. O combinado era que se os jovens respondessem sim, seguiam em frente para o quadro abaixo:

COMO EU ERA ANTES	COMO SOU HOJE
1 - Tímida	1 – “Mais solto”
2 - Rebelde, o termo utilizado por eles foi “briguento”	2 – Participativo
3 - Não interagia nas atividades, escolares, com a comunidade e com a família	3 – Mais calmo
4 – Era preconceituoso	4 - Mais extrovertido

Quadro 3 – O que os jovens acham que mudou após a participação no Projovem Adolescente

Fonte: Quadro elaborado pela SEMASC durante a realização da atividade, 2009.

A terceira questão foi “O que você acha mais legal nesse Programa?” As principais respostas foram: a equipe de profissionais; os educadores; as atividades; e os colegas. Durante o momento de pronunciamentos sobre a questão, alguns jovens responderam tecendo críticas, principalmente, ao lanche. Uma das falas que retratam essa demanda é a seguinte: “Deveria melhorar o lanche, tem época que só tem pão seco, sem suco”.

Identificamos que a boa relação com os educadores e os técnicos, era responsável, também, pelo bom andamento do Programa, entretanto, com a deficiência na estrutura, o Programa acabava entrando na perspectiva de valorização de iniciativas individuais, em detrimento da sistematização das atividades por parte dos órgãos gestores. Essas repostas nos reportam à construção da **terceira contradição do Programa**: a manutenção dos jovens neste Programa social não pode pautar-se somente na relação de vínculos entre os jovens, os educadores e os colegas. Onde fica o papel do Estado, nesse sentido? Com as análises das entrevistas voltaremos a essa discussão.

Na quarta questão os jovens deveriam elencar “O que você não acha legal nesse Programa?” As principais respostas, que significavam também as principais reclamações dos jovens, foram: o lanche; a implantação de cursos profissionalizantes para adolescentes (eles sugeriram cursos como: informática, contabilidade, mecânica e secretariado); a melhoria da estrutura dos CRAS; e os fardamentos, eles afirmaram que só receberam uma camisa e que não possuíam fardamentos adequados para as diversas atividades.

Um dos pontos aqui descrito pelos jovens deu início a **quarta e última contradição** que identificamos no Programa: não há como manter uma perspectiva de socialização no Programa, quando o contexto capitalista impõe para os mesmos a necessidade de se inserirem no “mundo do trabalho”.

A quinta e última questão levantada na avaliação foi “Como você gostaria que fossem as atividades do Programa?” As principais respostas foram: mais criativas; com materiais adequados para a realização das mesmas (eles reclamavam bastante da falta de instrumentos para as aulas de percussão); integradas entre os diversos CRAS, facilitando a troca de experiências e melhorando o contato com os outros coletivos; e com mais passeios para

lugares que eles ainda não conheciam (eles citaram, também as péssimas condições dos ônibus que realizavam o transporte para os passeios).

Essas duas últimas questões, e suas respectivas respostas, emergem problemas já descritos na Capacitação pelos técnicos, nos reportando à **primeira contradição** já descrita no Programa: a questão estrutural. Esta, por sua gravidade, favorece a desconstrução dos preceitos do Programa, colocando até mesmo em risco a continuidade do mesmo. Nesse sentido, centraremos nossas análises nessas questões, a partir das falas dos sujeitos entrevistados nesta pesquisa.

Na sequência, os jovens almoçaram e retornaram à sala. No retorno do almoço, a turma foi subdividida em 2 grupos, um para condensar as respostas e o outro para elaborar uma apresentação para ser exposta aos outros coletivos, aos educadores presentes e à responsável pelo Programa da SEMASC, no auditório do CRAS.

Às treze horas e cinquenta minutos iniciaram-se as apresentações<sup>54</sup>. Os jovens foram convidados a utilizarem o microfone para se pronunciarem sobre o Programa. Todos eles demonstraram bastante empolgação ao falar sobre o mesmo, destacamos um dos depoimentos de um jovem do Coqueiral, “Eu aprendi muita coisa aqui, eu quero aprender mais e meus amigos também”. Colocando o seu interesse em continuar participando do Programa.

A primeira apresentação foi a do Porto Dantas, que trouxe a paródia da música “É fogo”, do grupo de pagode baiano Harmonia do Samba. A segunda apresentação foi a do Coqueiral, que fez uma paródia da música “Tchuco”, da banda de pagode baiana Black Style. O terceiro grupo, do Risoleta Neves, apresentou uma encenação sobre o funcionamento do Programa. O quarto grupo, do Porto Dantas, também realizou uma encenação retratando o mau tratamento de alguns técnicos do CRAS para com os jovens. O último grupo, que foi o do Coqueiral, também realizou uma encenação na qual demonstravam a importância do Projovem para os adolescentes, além de apresentarem uma paródia do rap carioca “Eu Só Quero É Ser Feliz” da dupla de MC’s Cidinho e Doca.

Com essa observação muitas questões ficaram em suspensão, levantando nossa curiosidade de pesquisadora, além de surgirem novas problemáticas para a pesquisa. Conseqüentemente, a vontade de aprofundar meu conhecimento acerca desse Programa aumentou. Após algumas conversas informais com os jovens e educadores, foi possível fazer algumas inferências que nos darão subsídios para as análises das entrevistas. A principal delas foi:

---

<sup>54</sup> O relato completo das apresentações segue nos anexos da dissertação.

- A presença de muitos jovens advindos do PETI e beneficiados pelo Programa Bolsa Família no Projovem Adolescente (uma hipótese que pensamos para explicar este fato, é que esteja ocorrendo de fato uma continuidade da participação dos indivíduos nos diferentes programas sociais propostos pelo Governo Federal);

O próximo passo dado em direção ao Programa foi o estabelecimento de contatos com a Secretaria Municipal de Assistência Social de Aracaju, para que fosse iniciada a terceira etapa da pesquisa de campo, a realização das observações e das entrevistas nos CRAS. No dia 11 de novembro de 2009, conseguimos marcar um horário e estabelecer uma conversa informal com a responsável pela gerência das ações socioeducativas para a infância e juventude da SEMASC.

É relevante registrar que ficamos esperando cerca de um mês por essa conversa, após termos encaminhado o ofício à Secretária Municipal de Assistência Social de Aracaju. Apesar de prontamente, termos conseguido a autorização para a realização da pesquisa nos CRAS, recebemos a recomendação de conversarmos com uma das gerentes, antes de irmos ao *locus* da pesquisa. São duas gerentes, nesse período, estavam ocupadas com as Olimpíadas do Projovem, entre outras atividades nos CRAS, o que dificultou bastante o fechamento de um horário para a nossa conversa.

Diante disso, somente no dia 11 de novembro conseguimos marcar horário com uma delas. Assim que chegamos à Secretaria fomos recebidas e, ao perguntarmos sobre a sua trajetória profissional, nos contou que também foi a primeira orientadora do Programa Agente Jovem, entre os anos de 2000 e 2004, em 2005 ela voltou para a secretaria já para o cargo que ocupa atualmente.

Comuniquei a gerente que pensava em realizar a pesquisa em dois CRAS – o Gonçalves Rollemberg e o Coqueiral – então, ela sugeriu que pesquisássemos o do Santa Maria ou o do Coroa do Meio, ao invés do Gonçalves Rollemberg, afirmando que neste último, o Programa não estava tendo o mesmo desempenho que nos demais já citados, por conta da evasão. Todavia, após análise junto com a nossa orientadora decidimos permanecer com análise do CRAS Gonçalves Rollemberg e o do Coqueiral, estendendo a pesquisa também para o Santa Maria. Assim, teríamos uma amostragem bastante representativa da cidade de Aracaju, acomodando a zona norte, com o CRAS Coqueiral, a zona sul, com o CRAS Santa Maria, e a zona oeste, com o CRAS Gonçalves Rollemberg.

No dia 12 de novembro, pela manhã, entramos em contato com a mesma e passamos para ela os CRAS que estaríamos visitando. Foi aprovado e agendamos o campo para a

semana seguinte. No dia 17 de novembro, iniciamos as observações, no CRAS Santa Maria.

#### **4.1 Relato sobre o desenho do campo**

Neste tópico mergulhamos na explanação do nosso contato com a essência do Projovem Adolescente. Consideramos que as observações no campo e as entrevistas são os principais achados desta pesquisa, sem esses dados toda a fundamentação teórica aqui apresentada perderia a sua real importância científica. São esses dados que, efetivamente, justificam a relevância da nossa temática para a academia e para o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe.

Voltamos a entender, na prática, o significado do termo “processo de aprendizagem”, a partir do que escreve István Mészáros (2008) “[...] a aprendizagem é a nossa própria vida” (MÉSZÁROS, 2008, p. 53). Aprendemos muito durante todas as fases de construção desta dissertação... as idas e vindas da pesquisa nos ensinaram o conceito de tempo para quem se aventura no campo. Assim como a espera nos ensinou a termos paciência para lidar com situações que, muitas vezes, não dependem somente da nossa disponibilidade. Os gestos dos educadores nos ensinaram a enxergar nesses profissionais um pouco de professores, pais e amigos daqueles jovens, também nos fez ver as frustrações que percorrem e gritam no cotidiano de quem se dispõe a fazer a educação, seja formal ou informalmente. Assim, foi possível nos rever durante as observações.

Quando nos propusemos a ir a campo, buscar o concreto para engrandecer esta pesquisa, não imaginávamos o quão seria desafiador e instigante conviver, por aproximadamente um mês, com jovens de três cantos diferentes da cidade. Para nós as realidades seriam aparentemente semelhantes, afinal costumávamos ver a periferia por apenas uma face: pintadas por uma questão social, justificando a inserção de programas sociais para solucioná-la ou amenizá-la.

Todavia, após convivermos de perto com os jovens do Santa Maria, do Coqueiral e do Dom Pedro desmistificamos grande parte dos nossos preconceitos e aprendemos que cada lugar - pela sua formação social, econômica e cultural – possui suas especificidades, as quais se materializam nas respostas e nas reivindicações dos jovens e dos educadores.

De tudo que vimos e ouvimos, olhar para os jovens dos diferentes CRAS em que estive presente, nos fizeram enxergar em cada realidade algo de diferente, de diverso e de

encantador, para quem faz e pensa a educação. Aprendemos que as periferias podem até ter os mesmos problemas, urgir pelas mesmas demandas, ter o mesmo sabor de terra na boca, ter o mesmo vento de areia nos olhos, ter o mesmo solo de “terra dura”, mas que cada local, cada comunidade e cada jovem necessita de coisas diferentes.

Portanto, consideramos que nosso primeiro achado no campo foi, exatamente, a compreensão de que existem várias periferias e que, cada uma delas, possui demandas próprias e urge por diferentes necessidades, ainda que, à primeira vista, a ausência do Estado seja a principal razão para a “exclusão social” dessas comunidades. Aos poucos fomos percebendo que aquilo que dava certo em um CRAS não se encaixava em outro, às vezes a mesma oficina, com o mesmo educador que era considerada a “melhor” pelos educandos em um determinado CRAS, no outro já nem era realizada, pois os jovens persistiam em não participar.

Entretanto, é fundamental relatar que pela rapidez com que os fatos e as histórias se contavam no campo, muitas vezes nossas anotações no diário ficaram em segundo plano. No mais das vezes, optamos por olhar e registrar as atitudes dos jovens que demonstravam serem dados ricos para a pesquisa. Aos poucos fomos percebendo que a relação de ensino-aprendizagem entre os jovens e os educadores falava sempre mais alto aos nossos ouvidos e, de fato, nossas mãos, muitas vezes, não conseguiram acompanhar o ritmo dos acontecimentos de todos os fatos que aconteceram no CRAS. Neste ponto reconhecemos nossos limites e as suas implicações para a pesquisa.

Em contrapartida, com a máquina fotográfica nas mãos e o gravador em punho procuramos registrar com maior fidedignidade possível todos os fatos que pudemos ter acesso, durante os dias em que observamos as práticas no Projovem Adolescente. Às vezes risonhos, sérios, exibidos ou “vergonhosos” (como eles mesmos diziam), fizemos questão de registrar, com autorização dos mesmos, os olhares através das fotos, que hoje resguardam grande parte do nosso material de pesquisa, um pouco do significado e da importância que o esporte, a cultura, a socialização e a educação possuem para os jovens pesquisados.

Em contrapartida, percebemos o quanto o nosso contato prévio com os jovens e crianças das classes menos favorecidas economicamente foi fundamental para entender a dinâmica das localidades que visitamos e a contradição da presença X ausência do poder público nas comunidades pesquisadas. Assim, acreditamos que conseguimos fazer com maior fidedignidade as comparações devidas, entre as periferias, levando em conta a realidade local. A partir da nossa experiência, enquanto professora, conseguimos nos aproximar com mais facilidade das “maneiras” e manias dos jovens; de como é feita a educação nesses bairros; e

como se dá a relação entre os jovens e suas famílias - beneficiárias de Programa social - com a escola.

Pensamos que as observações e as entrevistas foram fundamentais para entender melhor: a relação entre o Programa e a educação dos jovens; a formação das identidades dos jovens; a formação de vínculo entre os jovens e o Programa; como se dá o processo de evasão dos jovens; os problemas de infraestrutura do Programa; a relação dos jovens com as drogas; questões referentes à sexualidade dos jovens; e a relação dos mesmos com o “mundo do trabalho”.

Sabemos que temos várias questões a serem analisadas. Entretanto, a riqueza de dados que obtivemos com a realização do campo nos permite uma certa dose de cautela. Contudo, antes de iniciarmos, acreditamos ser importante lembrar a hipótese levantada para esta pesquisa: os programas sociais, tais como o Projovem Adolescente, atuam como meio de inserção desses jovens em espaços regulados pelo Estado, diminuindo, em parte, a parcela de “excluídos” da sociedade. Entretanto, quando pensamos na totalidade, eles não possibilitam a inclusão efetiva dos jovens, pois estão pautados na estrutura desigual da distribuição de renda e do conhecimento.

No mês de fevereiro de 2010, iniciamos e concluímos as transcrições das entrevistas. A transcrição foi um dos momentos que consideramos mais ricos para a produção desta dissertação. Aceitamos o desafio de transcrevê-las na íntegra e na medida em que fomos desenvolvendo esse processo, tivemos a oportunidade de rever o nosso objeto de pesquisa, por outros ângulos e repensar toda a trajetória que havíamos desenvolvidas até aquele momento.

Conforme ouvíamos e transcrevíamos as falas fomos organizando nosso pensamento para proceder às análises. Segundo Lev Vygotsky (1991), essa é justamente uma das principais funções da linguagem, a de “pensamento generalizante”, que significa a organização do pensamento, tornando a linguagem um instrumento de mesmo.

Para Bakhtin (1988), “A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra, apoia-se sobre o meu interlocutor.” (BAKHTIN, 1988, p. 133). Para ele, a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É nesta conjuntura que estabelecemos um processo dialético com a realidade, com o concreto. Algumas falas foram se intercalando e se relacionando, coincidências ou acasos foram nos proporcionando contatos diferenciados com os fundamentos do Programa e seus principais sujeitos: os educadores e os educandos. Após esse processo, observamos que tínhamos diante de nossas mãos relatos significativos e fundamentais para a compreensão da dinâmica do Programa e das localidades que

pesquisamos. Reconhecemos que o nosso trabalho de campo tinha sido bastante enriquecedor para o nosso crescimento enquanto pesquisadora.

#### 4.2 Diálogos entre os sujeitos do Projovem e o que captamos na pesquisa de campo

Neste tópico objetivamos nos aproximar, com maior efetividade, dos dados colhidos através das entrevistas. Estas nos chamaram a atenção para diversas frentes. As histórias dos jovens, os desafios dos educadores, o funcionamento do Programa, os anseios, as angústias dos educandos... com elas, a “cara” do Projovem Adolescente se desmascara em definitivo para nós. Olhar para as falas dos jovens e dos educadores implica em desmistificar muito do que estava apenas no âmbito legal e do senso comum, e nos aprofundar nas análises do Programa.

Ficamos no CRAS Santa Maria quatro dias, no Gonçalo Prado Rollemberg, tres. No Coqueiral também quatro dias. Além dessas visitas, acompanhamos o campeonato de futebol entre os Projovens, no qual estavam presentes os CRAS Gonçalo Prado Rollemberg e o Santa Maria; a apresentação teatral dos educandos do CRAS Coqueiral; e a formatura dos 41 coletivos, que encerrou as atividades no Projovem, no ano de 2009.

Elencamos algumas características dos jovens e educadores entrevistados, para destacar algumas características dos sujeitos entrevistados:

CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS	CRAS		
	Coqueiral	Gonçalo Rollemberg	Santa Maria
Sexo dos educandos*	3 M e 7 F	8 M e 2 F	7 M e 3 F
Sexo dos educadores*	1 M e 1 F	1 M e 1 F	1 M e 1 F
Faixa escolar dos educandos	7º ao 3º ano	4º ao 2º ano	6º ao 1º ano
Escolaridade dos educadores	Superior incompleto e completo	Superior incompleto e completo	Ensino Médio e Superior completo
Média de participação dos educandos no Projovem	Entre 4 meses e 2 anos	Entre 1 e 2 anos	Entre 6 meses e 2 anos
Famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família	9	8	7
Renda familiar*** das famílias dos educandos	Até 1 salário mínimo	Até 2 salários mínimos	Até 1 salário mínimo

Quadro 4 – Caracterização dos educadores e educandos entrevistados

Fonte: Dados coletados pela autora.

(\*) = M significa masculino e F feminino.

(\*\*) = A formação declarada pelos educadores do CRAS Coqueiral foi: Serviço Social e Licenciatura em Teatro, em andamento; CRAS Gonçalo Rollemberg: Curso de Graduação em História, em andamento, e Graduação em Ciências Sociais; e CRAS Santa Maria, Superior completo em Educação Física e Ensino Médio Completo.

(\*\*\*) = Alguns jovens não declararam a renda familiar da família.

Diante do Quadro 4 acima, pretendemos, além de estabelecer uma análise acerca do funcionamento do programa, discutir, com maior profundidade, temáticas que se desenharam para nós a partir das observações. Nesse sentido, elencamos 4 frentes de análise as quais nos ateremos, quais sejam:

- 1 – Infraestrutura do Programa;
- 2 – Evasão dos jovens;
- 3 – Formação de vínculo: relações de pertença dos jovens com o Programa;
- 4 – A relação dos jovens com o “mundo do trabalho”.

#### 4.2.1 - Infraestrutura do programa

Quando perguntamos aos 30 jovens sugestões para melhorar o Programa, as respostas, em sua maioria, giraram em torno das questões da falta infraestrutura oferecida pelo mesmo. Diante das respostas estabelecemos 4 frentes principais que caracterizamos como problemáticas que se envolvem com a temática da infraestrutura do Programa: estrutura física; estrutura material; maior quantidade de opções de oficinas e a necessidade de mais alunos .

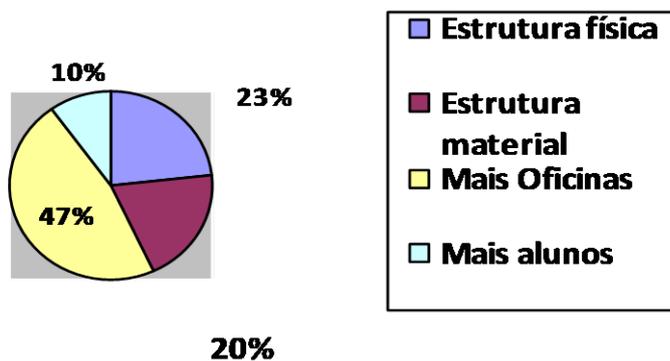


Gráfico 1 - Sugestões dos jovens para melhorar o Projovem Adolescente  
Fonte: Dados coletados pela autora.

Conforme demonstra o Gráfico 1 acima, 47% dos educandos, responderam que desejavam que o Programa oferecesse mais oficinas. As sugestões mais citadas para melhorar o programa foram: cursos profissionalizantes, dança, percussão e esporte. 23% dos jovens

apontaram a estrutura física como sendo um ponto central para a melhoria do Projovem. Eles informaram a necessidade de construção de quadras, salas de informática e biblioteca, como algumas sugestões para melhorar a infraestrutura física dos CRAS. Na sequência, com 20% das opiniões dos jovens, a estrutura material foi o terceiro item mais recorrente. Eles denunciaram, principalmente, a falta de materiais para a realização das oficinas, a má qualidade do lanche e a falta de fardamento adequado para a prática de determinadas oficinas, a exemplo do judô. O quarto item citado, com 10% das opiniões, foi a necessidade de o Programa ter mais jovens beneficiados.

As respostas dos jovens nos levaram a elaboração de um sequenciamento de ideias sobre o Projovem Adolescente: uma das razões primordiais para o funcionamento precário do Programa é a falta de infraestrutura, que transparece em diversas esferas, e a garantia da diversidade de oficinas oferecidas pelo mesmo, a qual denuncia a falta de educadores capacitados para tal. Esses dados demonstram, efetivamente, através da atual configuração do Programa, que poucas mudanças estruturais e significativas na totalidade serão possíveis, pois nem mesmo a proposta do mesmo se efetiva na prática.

O Programa em si, oferece oficinas diferentes em cada CRAS, sem um eixo específico que o unifique. A oficina de cidadania, que é uma espécie de disciplina obrigatória do Programa, em diversas ocasiões perdeu-se entre atividades esportivas, deixando de cumprir seu papel efetivo de conscientização. Outro dado que nos chamou atenção foi a idade dos educadores sociais, que se mantinham numa faixa etária média de 25 anos de idade, alguns ainda se quer cursavam o nível superior. Fazendo-nos questionar a bagagem pessoal dos educadores no trabalho cotidiano com jovens, que possuem demandas sociais e psicológicas bastante desafiadoras.

O trabalho dos educadores também nos chamou atenção, na medida em que, em algumas situações, eles se revezam entre horários variáveis, de acordo com a ausência de algum deles ou de acordo com alguma necessidade do CRAS. Dessa maneira pensamos que a rotina das atividades e a garantia do cumprimento do planejamento, previamente sistematizado, ficavam comprometidas.

Observamos também que cada CRAS representou uma estrutura física completamente diferente um do outro, o que também se reflete na realização das oficinas. O CRAS Coqueiral está localizado em uma casa alugada, na rua que dá acesso ao Coqueiral. O ambiente não possui salas específicas para a prática das oficinas que lá são desenvolvidas, quais sejam: teatro, cidadania dança. O CRAS Gonçalo Rollemberg funciona em um complexo conhecido como CSU – Centro Social Urbano, fundado no Governo Ernesto Geisel, em 14 de julho de

1978. Já o CRAS Santa Maria é um dos CRAS mais recentemente construído de Aracaju-SE, datado de dezembro de 2008.



Figura 6 - Faixada do CRAS Coqueiral  
Fonte: Imagem capturada pela autora.

Também identificamos que existe uma improvisação na utilização dos ambientes nos diversos CRAS. Algumas instalações são insalubres, nas quais as atividades se misturam com o depósito de materiais e o acolhimento das famílias, a impressão é de total abandono, conforme demonstram as imagens e, o depoimento abaixo:



Figura 7 - Quadra de esportes e estrutura física das instalações do CRAS Gonçalo Rollemberg  
Fonte: Imagens capturadas pela autora.

A questão maior, que eu acho que é a questão estrutural que tem maior deficiência, que é caótico. Falando, mais especificamente do Projovem, antes era um espaço que era aberto, hoje em dia tem uma divisória, mas eu acho que não isso não resolve o problema, é um paliativo. O que a gente necessitaria, realmente, é de um espaço amplo, de uma sala que não necessariamente tivesse espelho, o mínimo de condição e o mínimo de separação, porque tá todos os programas meio que misturados, o PETI, o Projovem, o PAIF, os acolhimentos que são feitos. Às vezes a gente ta numa

discussão, passa mão com menino chorando, passa uma mãe revoltada porque o Bolsa Família dela foi bloqueado. Então, como as pessoas também têm essa carência de educação, então acaba meio que atrapalhando. Então eu acho que o principal, o primordial, seria salas isoladas, espaços definidos e que a gente tivesse o mínimo de privacidade pra trabalhar. (Educador B)

No caso do CRAS Gonçalo Rollemberg , apesar de contar com um amplo espaço físico – sendo o único CRAS que possui uma quadra para a prática de esportes -, identificamos que a estrutura é antiga, contendo problemas de infiltrações na sala e de adaptação na utilização dos espaços. As oficinas que efetivamente observamos sendo realizadas durante as observações foram as de cidadania, hip-hop, teatro e de recreação. Apesar de existir uma educadora que ministrava oficina de informática, esta não vinha acontecendo pela falta de manutenção dos computadores. Identificamos também a falta de materiais específicos para a realização das oficinas, como espelhos na sala de dança, fardamento adaptados para a prática de esportes e colchonetes. Conforme confirma o depoimento do Jovem:

Na verdade quando se fala em melhorar, melhorar a estrutura, melhorar a condição pra criança e pro adolescente, o direito da criança e do adolescente, dizendo que a criança e o adolescente tem que ter o lazer, como? Se não tem uma bola, nem uma quadra decente pra criança brincar. Então é essa estrutura que a prefeitura, a SEMASC deve oferecer pra criança e pro adolescente. (Jovem 12)



Figura 8 - Faixada do CRAS Santa Maria  
Fonte: Imagem capturada pela autora.

Dos 3 CRAS pesquisados, o do Santa Maria é o que possui o prédio mais novo, situado na avenida principal do bairro Santa Maria. Antes da construção desse prédio o CRAS funcionava em um galpão. Apesar do CRAS atual possuir salas específicas para a prática de atividades, observamos a ausência de uma quadra destinada à prática de esportes e de matérias suficientes para a realização das oficinas. É o que afirma os seguintes depoimentos:

No meu caso, em termos de estrutura, pra mim trabalhar, falta uma quadra que a prefeitura não disponibiliza e eles sentem muita falta do campo, porque os campos e as quadras que têm é de toda a comunidade e às vezes a gente se sente até ameaçado, entendeu? Como aconteceu há uma semana atrás, eu fui pro campo com eles e me roubaram, botaram o revólver na minha cabeça, eu passei uma semana, nervosa, sem vim pra cá. Então, assim, é muito difícil, é complicado (Educador E).

Realmente quando começou, era um tanto quanto complicado porque nós tínhamos sete coletivos do Projovem. Então tinha o espaço, que era o CRAS, tinham três turmas, que era duas pela manhã e uma pela tarde e nós tínhamos um galpão alugado e esse galpão aí eram duas turmas pela manhã e duas pela tarde, só de Projovem. Então a quantidade que tinha só de Projovem, justamente nesse galpão, que era o maior, ele tinha duas salas, repartidas com uma divisória, extremamente pequenas. O material sempre foi uma grande dificuldade, pra gente trabalhar em cima disso aí, não só pra mim, como até para os professores de cidadania mesmo, cartolina, emborrachado, essas coisas que chegavam às vezes um ou dois pra questão de meses, aí o trabalho realmente tava difícil. No CRAS atual, a questão do espaço físico já melhorou um pouco, já melhorou hoje em dia porquê? Porque na minha atividade que é o judô, eu trabalho hoje em dia com quinze peças de tatames, no galpão antigo eu utilizava apenas sete, pra uma quantidade de gente bem maior, chegava a colocar às vezes, vinte, vinte e cinco, trinta pessoas numa sala com sete tatames apenas, realmente era mais complicado. Aqui em relação ao espaço físico, realmente já teve uma certa melhoria, agora em relação ao material, realmente isso vai ser uma briga eterna (Educador F).

**Rapaz, renda aqui pro projeto, porque aqui nós pratica, mas com dificuldade. O professor tenta fazer a gente aprender, mas com os recursos dele, porque o Projovem não dá recurso pro professor ensinar a gente. A aula, percussão, tem mas tá faltando instrumento; educação física, a professora já falou que falta quadra e judô, falta o quê? Kimono e fardamento pra treinar; cidadania, os materiais das dinâmicas, a professora dificilmente faz, porque falta.** (Jovem 23, grifo nosso)

Estes depoimentos demonstram o abandono do poder público ao Programa. Faltam materiais adequados para a prática das oficinas, o lanche é de baixa qualidade, não há segurança para a realização das oficinas fora dos CRAS e a estrutura física, dentro deles, deixa a desejar. Conforme os jovens colocam, suas reivindicações não são atendidas e seus direitos também não estão garantidos, pela pura e simples participação em um Programa social,

**“Não adianta só ter o nome de fachada Projovem e não ter nenhuma estrutura pras crianças e os adolescentes brincarem e é várias coisas, materiais, falta de professores, falta de oficinas”** (Jovem 12, grifo nosso).

Com este depoimento, subvertemos uma possível visão idealista que afirma que estes jovens estão supostamente “incluídos”, apenas pelo fato de estarem inseridos em um Programa social. Observamos que eles almejam encontrar no Programa uma porta de escape à questão social, a qual estão expostos.

Outra questão importante a ser colocada se refere à ausência do sentimento de pertença por parte dos jovens, em relação aos CRAS. Os exemplos do CRAS Coqueiral e do Santa Maria elucidam a ausência de identificação da população com o patrimônio público, representado pelo CRAS. No CRAS Coqueiral, por exemplo, toda a faixa do prédio encontrava-se pixada. No CRAS Santa Maria, durante uma de nossas observações, na oficina de judô, foi jogado um sabonete pela janela, por populares. Os jovens, por sua vez, nos seus depoimentos, preferiram não dar prosseguimento ao assunto referente à violência na comunidade, abordaram apenas a tentativa de agressão ao educador de Dança de Rua, que depois deste fato, foi encaminhado para outro CRAS. O que percebemos é que os jovens não se sentem seguros no espaço do CRAS e no seu entorno.

Essas observações reforçam a ideia de que o ambiente do CRAS não consegue dialogar com os moradores. É como se aquele pedaço de poder público, representado pelo espaço do CRAS, não fizesse parte da comunidade. Para nós, esse fato é uma espécie de denúncia da ausência de atuação do Estado nessas localidades. Conforme descreve o jovem 26: “Um ano, vai fazer um ano. Tá novo mais nem parece, porque os meninos daqui do projeto mesmo não cuida, faz questão de fazer essa bagunça aí como ta” (Jovem 26).

Assim como a maioria dos educandos, grande parte dos educadores manifestou críticas à falta de infraestrutura do Programa. Estes, ainda que tentem trabalhar em busca da superação das dificuldades, demonstram inquietação com tais questões. Elencamos abaixo alguns depoimentos - que representam “a briga eterna” dos educadores contra a falta de condições práticas para o desenvolvimento de um trabalho eficaz.

Olhe, quando eu cheguei aqui, eu cheguei aqui numa situação adversa, essas questões mais estruturais nesse momento pra mim não era o importante, eu trabalho com o espaço que eu tenho. Com o tempo, eu fui sentindo dificuldade, a gente pode ver que isso não é um espaço adequado, se a gente fizer uma comparação com outro CRAS aqui próximo, que é o CRAS do Porto Dantas, a gente tem uma estrutura física que não é perfeita, mas que a gente tem o mínimo de estrutura, tem uma sala com espelho, tem uma sala ampla, tem uma área livre, tem os espaços definidos e aqui não. Aqui é uma casa que foi alugada, que era maior, assim, em termos de espaço tinham duas salas, mas que não é o espaço ideal pra gente trabalhar. Com relação a material, como falei, material talvez não fosse o material desejado, o material que a gente quisesse, mas a gente não pode esperar por burocracia, licitação, então a gente perde tempo com isso, quando a gente inicia um trabalho, a gente não pode esperar que as coisas cheguem pra gente trabalhar, pra desenvolver o trabalho,

então a gente tem que trabalhar realmente com o material que a gente tem e esquecer o sofrimento porque se não a gente não trabalha (Educador B).

As principais dificuldades? A princípio essa, pra falar da minha atividade, o material pra se trabalhar, o espaço físico, que tem ser realmente uma sala de dança pra trabalhar com danças folclóricas, por exemplo. Gostaria que tivesse os instrumentos, essas são coisas que você vai ver que falta bastante, espaço debilitado, material não tem, enfim, eu acho que se se concertasse isso já seria um ganho enorme, até porque quando você tem material em sala de aula, os meninos se sentem um pouco mais estimulados, isso fica bem visível, independente da atividade qual seja e eu sinto isso aqui, ta aqui a prova, a sala ta debilitada, não tem espelho, o espaço não é tão ruim assim, mas quando chove molha, se eu deixar o tatame ali, são três tatames, molha, tem que ter um cuidado, tem material na minha sala que não deveria estar, nem sempre eu tenho aqui, tênis, roupas pra poder enquadrar o menino no universo da dança de rua. Eles chegam aqui muitas vezes reclamando que não tem, se eles não tem em casa, o projeto tem condições de proporcionar isso e não proporciona pra ele, ele já não vai se sentir estimulado pra ta aqui. Então o material é uma coisa que causa dificuldade, na verdade (Educador C).

Material, a gente não tem material pra trabalhar, material tem, só que de péssima qualidade em quantidade insuficiente, escasso mesmo. Lanche, porque no começo do projeto, eu fiquei sabendo que eles mandavam um lanche bacana, lanche legal, que adolescente gosta, que jovem gosta e depois eles começaram a às vezes nem mandar lanche mais e insuficiente, muitas vezes. Então, **tudo isso acaba perdendo a credibilidade, é por isso que é simples identificar porque tem evasão, são vários fatores que levam o jovem a desistir e nós educadores não somos deuses, a gente já fez buscativas, quando a gente bate na porta de um jovem e de um aluno e diz ‘Ah, volte pro Projovem’, aí ele diz ‘Pra quê? Pra comer pão com água ou então pra pegar a borracha que não apaga nada? Ou o lápis com a ponta quebrada? A lipiseira que a gente faz a ponta uma vez e quebra?’ Sabe? Várias coisas e a gente vai dizer o quê? Não tem nada pra oferecer realmente, assim de concreto** (Educador D, grifo nosso).

Outro fator que nos chamou atenção, nas questões referentes à infraestrutura do Programa, foram as iniciativas individuais dos educadores para subverter essas dificuldades. Com as análises das observações e das entrevistas, identificamos que os educadores também envolviam-se pessoalmente com o Programa. Para subverter os problemas da totalidade, que comprometem diretamente a execução das atividades, os educadores estabeleciam “buscativas” através de ações individualizadas. Para Caliman (2008), é no contexto de contradições, imposta pelo sociedade capitalista, que se situa o trabalho dos educadores.

O trabalho do educador social emerge, pois, como uma necessidade da sociedade industrializada, enquanto nela se desenvolvem situações de risco e mal-estar social que se manifestam na forma de pobreza, da marginalidade, do consumo de drogas, do abandono e da indiferença social (CALIMAN, 2008, p. 19).

As observações e os depoimentos dos jovens demonstraram que, no contexto de adversidade que esses jovens se encontram, os educadores tornam-se figuras referenciais para os educandos. Os educadores sociais, por sua vez, convivem diretamente com a dualidade na sua função social. Se de um lado eles são profissionais, responsáveis por fazer uma

determinada proposta pedagógica se efetivar, dentro de um Programa social, que por sua vez se propõe a formar e a socializar os jovens que convivem entre a linha a linha da “inclusão” e da “exclusão”. Por outro, eles precisam desenvolver estratégias cotidianamente para lidar com as más condições de trabalho, aos quais estão submersos.

Um dado importante a ser exposto é que: onde identificamos que o trabalho estava surtindo algum efeito visível, era também onde o papel do educador, em iniciativas isoladas, era determinante. Esta constatação demonstra que a falta de investimento no Programa acaba o destituindo da categoria de política social, de caráter universal. O depoimento a seguir demonstra a preocupação do Educador em realizar o trabalho.

**[...] eu sou do tipo do seguinte, eu não fico esperando que as coisas caiam do céu, ‘Ah, não é o material que a gente queria, não é o tecido que a gente queria’, mas eu não me frustro por causa disso. Então, não tem? Não é que não tenha, sempre em algum lugar há um material, eu acho que tudo pode ser reaproveitado, a partir das outras que cada um trás, o pessoal da equipe. A gente tá reaproveitando o material que foi do bazar, sobrou roupa, então a gente vai reaproveitar pra fazer o figurino. Aqueles bonecos que a gente confeccionou, nada mais é do que papel e garrafas de suco que vêm do lanche deles e o restante é tudo material que a gente vai botando a criatividade pra fora e trabalhando com as coisas que a gente tem, transformando o material que a gente tem (Educador B, grifo nosso).**

Observamos também que as dificuldades se ampliam para os educadores, que trabalham com as oficinas de esporte. Nas quais a falta de materiais para a prática dos esportes, do fardamento específico, da quadra ou da sala adaptada, inviabilizam as aulas. Esta afirmação se materializa nas seguintes falas:

**Mas, infelizmente, a prefeitura, o órgão, não disponibiliza uma quadra, um campo, até pra nós educadores pra eles mesmos, porque eles não gostam muito de ta no sol quente, então, assim, é muito difícil levar eles pra o campo. De vez em quando a gente vai pra o campo, só que é até mais difícil por causa dos materiais que a gente não tem. A prefeitura manda, tudo, mas material não é pra vida toda, então se perde. Então a gente tem que se virar nos trinta, tem que comprar, eu mesma, desde a época que eu entrei, eu compro material. Então assim, tem que se virar nos trinta, eu to como instrutora de esporte, mas eu fico na sala, dou aula com temas transversais, entendeu? Então, assim, a gente vai moldando, então apesar das dificuldades com os materiais, a gente tem que se virar, conversar com eles, quando não tem material, a gente conversa com eles, faz uma dinâmica que não precise de cartolina, entendeu? É um pouco difícil, mas a gente faz o que a gente gosta e eles ajudam também, né. (Educador E, grifo nosso)**

E a questão dos campeonatos, eles não são realizados aqui no CRAS, sempre são campeonatos escolares, a maioria das escolas tem as suas copas, [...] tem os campeonatos a nível estadual também, às vezes tem o campeonato sergipano, tem o campeonato brasileiro [...] são feitas as inscrições. **Em algumas vezes, pouquíssimas vezes, a secretaria chegou a pagar as inscrições desses alunos, mas de alguns tempos pra cá, eles mesmos que arcando com as inscrições deles, os alunos mesmos que pagam as inscrições, ou então assim, a entidade a qual eu**

**estou filiado que é a LISEJU, a Liga Sergipana de Judô, aí eu recolho isso aí, aí eu mesmo vou, faço a inscrição deles e no dia eu levo eles pro evento. Então fica, muitas vezes, uma coisa de sua responsabilidade, de uma iniciativa individual** [...] Na verdade o que é que ocorre, tem o evento, então já tem também a questão dos materiais, porque como você pode ter visto não tem kimono pra todos, então isso aí já dificulta também, até porque um campeonato de judô não tem como você participar sem kimono, é a mesma coisa de você jogar futebol sem bola, então fica difícil. Então fica realmente mais à meu critério mesmo, busco isso aí com eles, aviso que tem e eles fazem o pagamento e eu levo eles pro evento (Educador F, grifo nosso).

Reconhecemos que existe um equívoco na fala dos educadores, na medida em que alguns acreditam que na base do esforço e do improviso, poderão desenvolver o seu trabalho, mesmo sabendo que, essas iniciativas não seriam suficientes para solucionar os problemas de infraestrutura do Programa. Reforçamos a perspectiva de que uma política social, que se propõe a “incluir” jovens, não pode pautar-se, tão somente, em iniciativas isoladas, em educadores heróis que tiram “dinheiro do próprio bolso” e educandos sobreviventes que resistem a todas as adversidades, para serem “vencedores”.

É nesse contexto de contradições, entre a teoria e a prática, que, lamentavelmente, está envolto o Projovem Adolescente, corroborando com o questionamento da democracia que temos e especialmente, da tão difundida “inclusão social”. “Amplia-se a cidadania com direitos, a democracia do voto, o voto da mulher, o voto do analfabeto, mas num sistema de legitimação da ordem econômica. Porque essa democracia não é de inclusão econômica e social” (SANFELICE, 2006, p. 59). Nesse sentido, percebemos que o embate entre as classes para o alcance de direitos sociais é apenas o início da caminhada para a efetivação dos mesmos. Portanto, a discussão da efetivação dos direitos dos jovens, vai muito além da conquista formal dos direitos sociais na Constituição Federal.

#### 4.2.2 Evasão do programa

A evasão é sempre algo preocupante, seja para as escolas, seja para os programas sociais. Os números da evasão denunciam que algo está fora do lugar. No caso do Projovem Adolescente identificamos, a partir das falas dos educadores, que esta é determinada pela falta de estímulo dos jovens em continuarem participando das atividades, devido às promessas não-cumpridas pelos órgãos gestores, à falta de sistematização da proposta do Programa e à descontinuidade na realização das atividades. Conforme afirmam os depoimentos dos Educadores:

Evasão eu acho que você vai encontrar aqui e em todos os projetos e vai bater na mesma tecla, falta de estímulo, sentem-se desvalorizadas. O que adiante manter um jovem aqui, com 16, 14, 15 anos. Nessa faixa etária de idade já era pra ta trabalhando uma idéia de construção de outros pensamentos e não coisa de ficar sentado, fazendo uma atividade que não estimule ele a fazer nada. Eu tenho exemplo aqui, ta aqui os meninos ali do lado, fica a tarde toda aqui não faz nada, o projeto não trás nada, não oferece nada. Aí eu perguntou, eu como aluno, ia vim pra um lugar desse pra quê? Se eu chego lá eu fico a tarde toda sentado, eu vou jogar uma bola, eu vou ali na frente, volto, vou pra sala de dança, chego lá não vejo nada, vou pra oficina de teatro, que aqui tem também, chego lá não me sinto estimulado, eu vou fazer o quê? Sinceramente, eu acho que se tivesse mais atividades, propostas, a realidade seria outra. **Aqui tem uma oficina de pintura que é show de bola, mas cadê os artistas, aqui tem os meninos que tem o dom, eu acredito nisso, mas cadê? É muito delicado isso, não propõe nada** (Educador C, grifo nosso).

Quando começou o projeto eles prometeram várias coisas, cursos, que eles seriam beneficiados com várias bolsas de estudo e tudo o mais e na verdade nada disso aconteceu. Tanto que a gente vê o problema sério hoje em dia de evasão no projeto e tenho certeza que é devido a isso. Perdeu muito da credibilidade e mudança nenhuma até então. Agora 2010 que começou um novo módulo, um novo Ciclo do Projovem, a turma de 2008-2009 foi encerrada, agora em 2010 tiveram algumas mudanças, mas mesmo assim, mudanças que não resolveram esse antigo problema (Educador D)

Os educadores afirmaram que quando se formam os coletivos, os mesmos começam com uma grande quantidade de jovens, aos poucos eles evadem. Ao perguntarmos a uma jovem, que estava com apenas uma colega no CRAS, sobre o que pensava sobre isso, ela respondeu:

Sempre tem uma melhoria e uma recaída, recaída porque os alunos agora tão saindo. Mas continua bom, os assuntos que eles passam pra gente é sempre bom. Só é poucos alunos, só isso [...] Assim, porque jovem sempre procura experiência nova, aí quando eles vêm uma coisa assim eles chegam com tudo. Depois vão vendo que é aquele negócio todos os dias, aí vão diminuindo, mas só isso mesmo (Jovem 10).

A evasão do Programa foi um dos destaques também no dia da formatura dos jovens, realizada em 15 de dezembro de 2009. No evento, foi divulgada a presença de 41 coletivos – número inicial do Programa para Aracaju/SE, confirmado pelas estatísticas -, sendo que contou com a presença efetiva de apenas 10 coletivos, não mais que isso. O que identificamos foi que estiveram presentes apenas os jovens que sobreviveram à evasão, cerca de 25%. Portanto, esses dados denunciam uma evasão real para o ano de 2009 de uma média de 75% dos educandos. Em outras palavras, o Programa não atende aos objetivos de “incluir”, pois o próprio contexto do Projovem acaba por excluí-los novamente.

Destacamos também a questão de gênero existente no Programa. Segundo os educadores a evasão das meninas é mais frequente que a dos meninos. Sobre esta ocorrência o Educador estabelece hipóteses:

A gente percebe que há um número maior por parte das meninas e, assim, são muitas questões que fazem com que essas meninas saiam do Projovem. Além da necessidade de tá se profissionalizando, por conta da idade mesmo, da realidade, de querer superar aquela situação de fragilidade em casa, situação econômica e financeira. Então, assim, a gente percebe que a probabilidade aqui no bairro em casar cedo é muito grande, não foi uma, duas, eu posso afirmar com toda a certeza, foram várias meninas que se afastaram do Projovem por conta do casamento, por conta da vida sexual e isso tem nos preocupado. Já foi passado pra equipe e aí a gente tem trabalhado em cima disso também, mas a gente sabe que não é uma questão só de uma instituição, a gente precisa que a escola, o posto de saúde entre nesse processo de prevenção, de educação mesmo, que a gente tem percebido essa questão mesmo da vida sexual precoce (Educador A).

Ratificamos a hipótese do Educador A, a partir da fala da Jovem 6, que estava com sua filha recém-nascida participando da oficina de teatro. A experiência da maternidade precoce foi definida da seguinte forma por ela:

Um momento alegre, um pouquinho assim de dor, que é normal, eu sei. Mas to muito feliz que eu tive ela, to achando assim tão bonitinho, tão linda, uma graça. [...] Tá sendo belíssima, apesar de eu ser jovem ta sendo muito boa, to aproveitando o máximo que eu posso, apesar de eu estudar à tarde, ta sendo muito boa (Jovem 6).

O que a jovem retrata no seu depoimento é a naturalidade com ela lida com esse fato, os números<sup>55</sup> justificam essa atitude quando indicam o crescimento de mães adolescentes nas metrópoles. Para Engels (1991) a família<sup>56</sup> é um elemento ativo, nunca permanecendo estática. Ela passa de um estágio para outro, à medida que a sociedade evolui. Esta família, que tem o *pater* poder em destaque, atualmente apresenta nova configuração. A figura paterna, que já figurou como ator principal deste cenário, observa, especialmente após a Revolução Industrial, a emergência da mãe como protagonista. É esta família que encontramos nos dados colhidos através das entrevistas, a qual vem se reproduzindo, em grande medida, sem a presença cativa da figura paterna e sem um acompanhamento efetivo do Estado.

---

<sup>55</sup> De acordo com a PNAS, “Do ponto de vista percentual a distância entre os tamanhos dos municípios aparenta não ser significativa quanto à concentração de adolescentes mães entre 15 a 17 anos no Brasil, variando entre 7 a 9% do total dessa faixa etária. Porém, em concentração absoluta distribuída pelo total de municípios classificados pelo grupo populacional, o quadro é bem diferente, ficando 200 vezes maior a presença de adolescentes mães nas metrópoles do que nos municípios pequenos. Já o segundo grupo de municípios pequenos (entre 20.000 a 50.000 habitantes) apresenta 4 vezes mais adolescentes mães do o primeiro grupo de municípios pequenos (até 20.000 habitantes)” (PNAS, 2004, p. 14).

<sup>56</sup> “A família brasileira vem passando por transformações ao longo do tempo. Uma delas refere-se à pessoa de referência da família. Da década passada até 2002 houve um crescimento de 30% da participação da mulher como pessoa de referência da família. Em 1992, elas eram referência para aproximadamente 22% das famílias brasileiras, e em 2002, passaram a ser referência para próximo de 29% das famílias. Esta tendência de crescimento ocorreu de forma diferente entre as regiões do País e foi mais acentuada nas regiões metropolitanas” (PNAS, 2004, p. 11-12)

[...] a centralidade da família com vistas à superação da focalização, tanto relacionada a situações de risco como a de segmentos, sustenta-se a partir da perspectiva postulada. Ou seja, a centralidade da família é garantida à medida que na Assistência Social, com base em indicadores das necessidades familiares, se desenvolva uma política de cunho universalista, que em conjunto com as transferências de renda em patamares aceitáveis se desenvolva, prioritariamente, em redes socioassistenciais que suportem as tarefas cotidianas de cuidado e que valorizem a convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2004, PNAS, 2004, p. 26).

Portanto, o que se põe em discussão para nós é a configuração da família atual. De acordo com a PNAS (BRASIL, 2004), a família é mediadora entre os sujeitos e a coletividade, sendo um dos principais espaços, que representa a essência dos conflitos e das contradições, da convivência cotidiana, dentro do qual o Estado deve atuar. Ressaltamos ainda que a centralidade na família, evocada pelos documentos que regem a atual perspectiva de seguridade social, deve ser um elemento de reflexão no âmbito da política do Estado burguês.

#### 4.2.3 Formação de vínculo: relações de pertença dos jovens com o programa

Durante as observações identificamos que um dos principais determinantes do bom funcionamento do Programa é o sentimento de pertença desenvolvido pelos jovens em relação ao mesmo, a partir das relações com os funcionários e entre eles próprios. A formação de vínculos entre os jovens e os sujeitos que trabalham junto ao Projovem Adolescente está diretamente relacionada com a identificação dos jovens com as atividades desenvolvidas nos CRAS. Lendo as falas dos educadores, percebemos que estes reconhecem que a formação de vínculo é um dos pontos centrais do Programa, através do qual a comunicação entre eles e os adolescentes é estabelecida, para que se efetive o processo de ensino-aprendizagem.

Quando perguntado sobre um dos pontos positivos do programa, o Educador D respondeu:

Acho que é a criação de vínculos, acho que eles criam um vínculo muito forte com algumas pessoas, lá dentro do CRAS e aí eu acho que é um ponto bastante positivo porque a gente percebe que, muitas vezes, eles não têm esse acompanhamento na família, muitas vezes o pai e mãe trabalham muito, trabalham fora, então eles vêm a gente como referência mesmo. Qualquer dificuldade que eles tenham, eles procuram a gente, qualquer dúvida, são jovens, são cheios de dúvidas, então eles procuram a gente mesmo [...] eu vejo isso como um ponto positivo, pelo menos mesmo que seja criar um laço afetivo com o porteiro ou com a cozinheira ou com a merendeira, mas que seja uma referência boa com alguém do CRAS (Educador D).

Em outras falas, ouvimos que o Programa é significativo porque, mais que um meio de “ocupação” dos jovens, promove o acesso a novos e diferentes conhecimentos para os educandos. Destacamos, novamente, a substituição da ideia de “família” tradicional incutida nos depoimentos dos educadores, pela nova formação familiar, que demonstra pontos extremamente frágeis, especialmente no caso da classe trabalhadora na mudança das suas referências.

[...] porque tem muitos adolescentes que antes ficavam em casa ociosos, com a família desestruturada, então eles vem pro projeto só pra botar a cabecinha pra se divertir, mas chega aqui eles aprendem, eles conversam, pelos temas que a gente trabalha a auto estima deles aumenta fazem amizade e pelo menos ocupa o espaço deles, eles aprendem algo a mais, a gente tenta passar um pouquinho diferente de tudo que eles já conheceram. Então, assim é um ponto positivo, eu acho que é um ponto positivo pra eles, entendeu? O fato de eles estarem aqui, escutando coisas que a gente tem a passar, experiências, coisas boas (Educador E).

Nós temos realmente uma grande batalha a travar com eles, mas eles também precisam tá se abrindo pra isso aí. Não vou dizer a você pra todos, mas pra muitos chega a tá surtindo alguns efeitos, até por conta de que a gente tá sempre batendo na mesma tecla, então muitos deles acabam aceitando: poxa, realmente, eu tô vendo que o caminho é esse aqui. Alguns até que perturbavam bastante, já pararam mais um pouco, já passaram a prestar mais atenção. Agora tem aqueles que infelizmente não querem nada e continuam, mas eu vejo que pelo menos para uma boa parte vai surtindo um efeito legal nas conversas que a gente vai tendo (Educador F).

Muitos jovens declararam que antes de participar do Projovem ficavam “na rua” ou mesmo em casa “sem fazer nada”. Nesse sentido, o Programa demonstra ser, em alguns casos, um mero instrumento de “ocupação” dos jovens, que, para eles, serve para distanciá-los da criminalidade e das drogas, funcionando como uma “válvula de escape”, de caráter emergencial. De acordo com as definições do Projovem pelos jovens, os mesmos não conseguem vislumbrar outra importância para o mesmo. São exemplos dessa afirmação, os seguintes depoimentos: “Pá num tá na rua robano, vagabundano, fumando qualquer coisa aí ou beber” (Jovem 2). “[...] **um projeto que atende os meninos que não tem nada pra fazer em casa**” (Jovem 15, grifo nosso). “Bom, porque tira muitos meninos das ruas” (Jovem 30).

Em outras definições percebemos a carga ideológica incutida no discurso dos jovens. Estes, apesar de retomarem a definição de “ocupação” do tempo, também vislumbram a possibilidade de terem um futuro melhor e acesso a direitos sociais, através do Programa. “Pode ser um avanço para mim, pelo menos não estou na rua, ficando em casa, pelo menos estou aqui pra me divertir mais um pouco” (Jovem 3). “Pra mim é uma questão de aprendizado, é melhor tá aqui do que tá na rua fazendo besteira, ou usando droga, ou tentando matar as pessoas, ou roubando, é bem melhor assim” (Jovem 4).

[...] aqui a gente aprende alguma coisa, essa hora mesmo eu taria em casa assistindo. Aqui não, aqui eu venho aprender coisas, vou pra quadra jogar de bola, aqui eu faço um monte de coisas (Jovem 16)

[...] **eu vou sair daqui um menino quase feito, qualificado pra vida, assim pensar em crescer e não cair, espantar o mundo das drogas de perto de mim, não é isso?** Fazer de tudo pra ser uma pessoa mais educada na vida, trabalhar, acabar os estudos que é essencial e eu acho que o Projovem me ajudou muito eu crescer, to aqui tem cinco meses e é bom. (Jovem 21, grifo nosso)

[...] você dentro do Projovem, aprendendo alguma coisa interessante, deixa de ficar na rua. **Aqui você pode ter um futuro melhor, conviver com as pessoas, ser um bom cidadão, isso aí**” (Jovem 23, grifo nosso)

“[...] os jovens de hoje tem mais opção de vida aqui, do que fora, fora não leva a nada e aqui o cara começa a pensar na vida, no que quer” (Jovem 24).

Quando perguntados sobre o que o Projovem Adolescente trouxe de positivo para eles, os jovens trouxeram o enfoque na convivência e na socialização. À exemplo da melhoria da convivência familiar: “Aprendi a respeitar meu pai e minha mãe” (Jovem 3).

[...] positivo, só coisas boas, Acho que eu entrei nesse Programa só pra receber coisas boas assim, na parte da família. Aprendi a aceitar nossos pais, aprendi a não se interessar por droga, mais amizades. Assim, tudo que vem pro bem, todo de bom aqui (Jovem 9).

Enfocaram também a melhoria na convivência em sociedade, afirmando que através do Programa se tornaram mais desinibidos.

[...] eu me desenvolvi mais, antes eu era envergonhada e aqui eu me soltei mais. Peguei amizade com muita gente, aí eu fui me soltando mais. Aprendi mais coisa que eu não sabia, eu não sabia dançar, nem participava de teatro, eu tinha vergonha e agora não, não tenho vergonha mais (Jovem 7).

Porque é que nem eu falei, que eu era presa pra poder falar, hoje em dia em não sou mais presa. Aí eu vou fazer um programa, aí faço normalmente, faço livre e espontânea vontade, porque eu não tenho mais o medo que eu tinha antes (Jovem 13)

“[...] hoje eu desenvolvo mais, fiz bastante amigos, antes eu mal falava” (Jovem 30).

Identificamos, pelas falas dos jovens, que os mesmos enxergam no Programa, um momento de “ocupação do tempo” ocioso, que poderia estar sendo tomado com as drogas e a criminalidade. O Programa também é visto como uma porta que surge como possibilidade de ter um “futuro melhor”, refletindo na autoestima, na socialização e no amadurecimento desses jovens. Segundo eles, com o Programa, também aprendem a conviver melhor, se tornam menos “vergonhosos”, complementando a ideologia imposta pelo Programa para o enquadramento desses jovens no “Mundo do Trabalho”.

#### 4.2.4 A relação dos jovens com o trabalho

Um dos objetos da educação, em especial, a educação impressa através da metodologia do Projovem Adolescente é a inserção dos jovens adolescentes no “Mundo do Trabalho”. Engels (1990), Kuenzer (2002) e Pistrak (2000) compreendem o trabalho enquanto categoria fundamental à produção da vida humana, com significação social, para a construção de um determinado modelo de sociedade.

Para Engels (1990), o trabalho criou o próprio homem. É exatamente a força do trabalho que diferencia o homem dos demais animais. Portanto, o trabalho torna-se de suma importância para adentrarmos no universo da constituição da humanidade, enquanto tal. Assim, corroboramos com a afirmação de Kuenzer (2002),

[...] o trabalho é compreendido como todas as formas de atividade humana pelas quais o homem apreende, compreende e transforma as circunstâncias, ao mesmo tempo que se transforma, é a categoria que se constitui no fundamento do processo de elaboração do conhecimento” (KUENZER, 2002, p. 183).

Nesse sentido, para Kuenzer (2002), o trabalho constitui-se enquanto figura central para a elaboração da formação que se objetiva oferecer à sociedade. É a partir da compreensão do que é trabalho que se materializa a formação do todo social.

Pistrak (2000) faz a crítica à construção do conceito de trabalho, voltado exclusivamente para a aquisição de meros “saberes” instrumentais, que desestorica o trabalho enquanto produção da própria existência humana. Por isso, ele escreve que:

O trabalho [...] enquanto base da educação, deve estar ligado ao trabalho social, à produção real, a uma atividade concreta socialmente útil, sem o que perderia seu valor essencial, seu aspecto social, reduzindo-se, de um lado, à aquisição de algumas normas técnicas, e, de outro a procedimentos metodológicos capazes de ilustrar este ou aquele detalhe de um curso sistemático. Assim, o trabalho se tornaria anêmico, perderia sua base ideológica (PISTRAK, 2000, p. 38).

Para Pistrak (2000), o trabalho é um elemento fundante da relação da escola com a realidade, para que se efetive, de fato, a relação entre ensino e educação. Para ele, “Não se trata de estabelecer uma relação mecânica entre o trabalho e a ciência, mas de torná-los duas partes orgânicas da vida escolar” (PISTRAK, 2000, p. 50).

A partir dos conceitos desses dois autores, é possível problematizar a categoria “Trabalho”, fundamental para desenvolvermos nossas análises. Se Kuenzer (2002) nos fala de “fazer pensado”, Pistrak (2000) afirma a importância de construirmos uma sociedade “de

baixo para cima”. Os dois também concordam que o saber profissional deve fazer parte do ambiente educativo. Entretanto se considerarmos a proposta marxista que está intrínseca às discussões desses autores, entenderemos que existe um fosso entre a educação para o trabalho, pensado por eles, e a educação para o trabalho que temos na sociedade brasileira atual, a qual é reproduzida na proposta do Projovem.

A compreensão de trabalho, por parte dos educadores e dos jovens, restringe-se ao emprego que coloca o trabalhador envolto a um sistema que, sem o perceber, acaba por escravizá-lo e o faz reproduzir atividades que obedecem uma linha, ou dinâmica, de produção que o faz agir, sem questionar, em troca de um salário. É esta perspectiva que criticamos e que, infelizmente, se repete ao longo das falas tanto dos educandos, quanto dos educadores, considerando que, em seus fundamentos, o Projovem Adolescente não se propõe a oferecer cursos profissionalizantes. Em algumas falas dos jovens identificamos a presença da ideia de que o Programa deveria rever as suas finalidades, reduzindo-se a ministrar cursos profissionalizantes e inserir os jovens no mercado de trabalho.

É muito importante pra mim aqui, porque foi daqui que me botaram num curso do SENAI, que eu fiz um curso de mecânica, de motor álcool/gasolina, que pode ser muito importante pra mim, não agora, mas mais tarde pra eu arrumar um emprego, as empresas podem chamar (Jovem 15).

“E a gente queria que colocasse mais curso, tipo informática, enfermagem, enfermagem é muito difícil, né? Essas coisinhas básica” (Jovem 28).

A Jovem 20, afirma que através do Programa teve a oportunidade de fazer um curso pelo SENAI e que, de fato, ela almeja é arrumar um emprego:

Arrumar um emprego pra trabalhar, só isso. Eu fiz um curso no SENAI, do 5S, pra aprender a ser mais organizada, como se comportar na área de emprego, pra poder arrumar um emprego (Jovem 20).

Percebemos também que alguns educadores têm dificuldade para subverter o argumento da “empregabilidade”. Conforme identificamos, em algumas passagens, acabam trabalhando em favor dele.

E aí uma das maiores dificuldades do Programa Projovem Adolescente é que os meninos almejam oficinas profissionalizantes, eles querem muito os cursos profissionalizantes, a gente já colocou então vamos ver se no ano que vem, já que já tá em proposta, que realmente venha pro papel. Talvez com outro foco, outro objetivo, a gente possa recuperar os jovens que evadiram, que não têm interesse. Não existe aquela bolsa específica como no Projovem Trabalhador e o Projovem Urbano,

mas existe uma proposta, uma proposta cultural e pedagógica e o que tá deixando a desejar são realmente os cursos profissionalizantes (Educador A).

Os cursos agora são efetivos, pelo menos até agora, criou um vínculo com o SENAI, que é o órgão que oferece os cursos [...] Em 2009 existiu, mas não como eles tinham afirmado desde o início. Só foi chegar esses cursos para os meninos, só foram oferecidos já no final de 2009. Então é uma parceria, até eles podem ter imaginado que seria mais fácil firmar essa parceria, que só foi acontecer no final de 2009 e o que a gente percebe hoje é que a maioria entrou por causa desse vínculo com SENAI. E até então a gente percebe que se solidificou mesmo, já foi passado pra gente as listas de cursos, infelizmente ainda não vão ser todos que vão ter o direito a fazer, mas eu acredito que a maioria (Educador D).

O Educador D, por exemplo, explica quais são os critérios para a seleção dos educandos para fazer os cursos profissionalizantes. Na sua fala, ressalta a presença de um determinado modelo de comportamento, saberes e competências que os mesmos devem ter para conseguirem ser indicados pelo CRAS para participar de cursos profissionalizantes:

**Primeiro frequência, a gente costuma dizer a eles que não adianta eles serem participativos, e terem bom comportamento, se eles só aparecem uma vez na semana, até porque agora só são três dias na semana. E depois comportamento, participação, ou seja, na verdade quem lista quem vai ter preferência pra cursar esses cursos do SENAI, somos nós educadores,** porque a gente que tá à frente do acompanhamento deles (Educador D, grifo nosso).

Em outros diálogos identificamos que quando os jovens pensam em sair do Programa, estabelecem imediatamente relações com o trabalho:

“Que pena que próximo ano eu vou sair, vou trabalhar, aí tem que sair” (Jovem 18).

Os cursos profissionalizantes também foram uma das temáticas mais recorrentes, quando os jovens foram perguntados sobre sugestões para melhorar o Programa:

Só a questão de outros cursos, até porque eu me inscrevi porque eu ouvi falar que o Projovem Adolescente foi dito como porta para cursos pra o mercado de trabalho. Aí até agora só tem dois disponibilizados que é a cidadania e o teatro (Jovem 7).

“Eu sugeriria cursos profissionalizantes, como eles já prometeram, mas ainda não fizeram e materiais também pra as oficinas” (Jovem 22).

“Botar mais coisas novas, mais cursos pra nós fazer, profissionalizante, computação, mecânica, outros tipos de curso [...] pra sair daqui já com um emprego garantido” (Jovem 25).

O que identificamos a partir dessas falas é que existe uma vontade geral, da juventude que participa do Projovem, de ter as suas possibilidades de inserção social garantidas e ampliadas. Demonstrem, também, a preocupação de inserir os jovens, que ainda estão na faixa

etária de 15 a 17 anos, no mercado de trabalho. Muitos jovens que se inscrevem no Programa acabam tendo que abandoná-lo por desestímulo ou por terem que se inserir precocemente em atividades produtivas. Desqualificados, quase sempre eles se submetem a “subfunções”, com carga horária exacerbada e baixos salários, em troca da sua força de trabalho. De acordo com Aranha (1999):

Com a industrialização, a exploração da força de trabalho ganha dimensões sem precedentes, incorporando mulheres e crianças de forma brutal (através de extenuantes jornadas de trabalho, da intensidade do seu ritmo, agora totalmente imposto pela máquina), a fábrica emana para toda a sociedade uma forma de viver radicalmente distinta. As potencialidades da racionalidade humana impõem uma lógica irracional num conturbado e acelerado processo de urbanização. Os confrontos se expõem e expressam as contradições da ordem capitalista (ARANHA, 1999, p. 43-44).

Entendemos que a preocupação com inserção no mercado de trabalho nada mais é do que a porta que os jovens enxergam de “inclusão” na sociedade capitalista. Nesse sentido, quando os jovens e educadores denunciam a necessidade de inserção de cursos profissionalizantes no Programa, também demonstram que no sistema capitalista estar “incluído” significa estar empregado, poder ter acesso ao “mercado de trabalho”, este jovem está efetivamente preocupado com um futuro que de exclusão ao qual está exposto. Nesse sentido, entendemos que a perspectiva da socialização pautada pela Pedagogia Social, enquanto principal foco do Programa rende-se à reprodução de um comportamento desejado para a ideologia do capital.

Realmente a minha grande dificuldade com o Projovem são realmente os meninos. Os adolescentes hoje em dia querem ter o próprio trabalho deles, então o projeto não chega a oferecer nada, oferece oficinas bastante interessantes, só que para os adolescentes eles querem algo mais, eles querem sempre cursos, de informática, profissionalizantes, de outras áreas, que na verdade o projeto não tem. Então às vezes algumas oficinas, no começo, tornam-se atrativas, mas, depois, quando começa a entrar na rotina deles, sempre fazendo só aquilo ali e não produzindo o futuro deles, então a evasão começa, isso aí não só aqui, [...] mas como em todos os outros Projovens. Então isso tem sido um grande fator pra a evasão e pra mim é uma das grandes dificuldades pra mim trabalhar tem sido essa (Educador F).

Com a fala do educador F sintetizamos a ideia de cidadania e “inclusão” incutidas nos discursos dos jovens e dos educadores. O que determina os interesses dos jovens é a sua vida material, são suas necessidades reais de sobrevivência no sistema capitalista. E por mais que os educadores versem sobre os direitos que eles já têm, são eles, os jovens, que vêm na sua realidade, os seus direitos e da sua família sendo constantemente negados e roubados. Os jovens esperam que o Programa seja capaz de proporcionar a eles, aquilo que o Estado

burguês proporciona para os jovens das classes dominantes: um posto no mercado de trabalho. Após as semanas que passamos convivendo com os atores sociais que fazem o Projovem Adolescente, percebemos que o mesmo não realiza nem mesmo aquilo a que se propõe.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS - CAPTANDO O JOGO DAS MÁSCARAS DO PROJOVEM ADOLESCENTE

Quando o homem pré-histórico decidiu pintar sua face, para caçar ou para se aproximar das forças da natureza, a história das máscaras começava a ser escrita. Ana Lúcia Santana (2008), afirma que as máscaras são mais do que meros acessórios utilizados no rosto, com objetivo lúdico, religioso, artístico ou de proteção. As máscaras representam cultura e ajudam a escrever a história da humanidade, nos diversos momentos e civilizações.

Assim como mudam as funções das máscaras, muda a cultura na qual elas estão inseridas. Podemos construí-las com uma diversidade de materiais: cortiça, papel, alumínio, tecido, plásticos, latas, caixas de cartão, fitas, materiais reciclados, entre outros. Cada formato, cada momento histórico, cada situação, cada imagem desenhada, num pedaço de rosto esculpido pelo homem, materializa um símbolo, um desejo, uma emoção, uma vontade.



Figura 9 – Maria e José na encenação do “Auto de Natal”  
Fonte: Imagem capturada pela autora.

De acordo Natália Klein (2010) o uso da máscara como elemento cênico, que nos parece mais comum, surgiu no teatro grego, por volta do século V a.C. O próprio símbolo do teatro é uma alusão aos dois principais gêneros da época: a tragédia e a comédia,

representados por máscaras de feições destoantes que, ao mesmo tempo em que se contradizem, entre o sorriso e o choro, complementam-se enquanto materialização dos sentimentos humanos.

Atualmente, é comum observarmos a presença de máscaras nos rostos dos foliões do Carnaval. Klein (2010) remonta o uso das máscaras no Carnaval à Renascença Italiana, no século XIV. São as figuras do Pierrot, Arlequim e Colombina, que marcam o imaginário e o espírito carnavalesco. Assim, as máscaras são utilizadas no Carnaval como inversão dos usos sociais e na construção de uma personagem que se deseja ser. Mascarado, o ser humano consegue se aproximar, esteticamente, do que se quer ser, ainda que seja por apenas um momento, um dia.

Essa inversão de papéis, que observamos nos bailes, desfiles e blocos de rua, que se apresentam no Carnaval, condiz com a representação construída historicamente das máscaras. Toda a sua história está envolta a palavras com significados que tem a contradição como premissa: o sagrado e o profano; a comédia e a tragédia; o terror e o cômico; o intimidar e a proteção; a verdade e a ilusão.

Foi justamente a categoria contradição que buscamos para nos aproximar do real, envolto ao Projovem Adolescente, denunciado neste trabalho através das falas dos educadores sociais e dos jovens. Para descrever o Programa, percebemos que tínhamos que ir além da compreensão do “positivo” e do “negativo”, pois estes dois polos se mostraram diante de nossos olhos de forma entrecruzada. Foi por isso que as máscaras, em sua dualidade, como contrários que se complementam, fizeram-se fundamentais para compreendermos o todo social do Programa e as suas contradições, as quais acabaram se tornando o ponto central das nossas análises.

Quando perguntamos em que consiste a política de “inclusão social” efetivada no desenvolvimento do Programa Projovem Adolescente no município de Aracaju-SE. Tivemos que questionar a nós mesmos em que consiste esta “inclusão social”? Para compreendê-la, de fato, dentro da totalidade social, partimos para a compreensão da “inclusão social”, dentro do binômio “inclusão X exclusão”. Complementamos essa afirmação, afirmando que o binômio inclusão/exclusão só pode ser apreendido no contexto da sociedade capitalista. Somente é possível conceber a necessidade de se efetivar uma pretensa inclusão, no contexto que tem como uma de suas premissas a exclusão e a exploração - próprias do processo de acumulação capitalista - em diversos níveis e esferas, sendo exatamente nisso que o capitalismo se sustenta: na necessidade de excluir para incluir.

No caso específico dos jovens, identificamos que esta dualidade torna-se ainda mais problemática, na medida em que estes encontram-se envoltos a uma questão social, que os tornam ainda mais suscetíveis às presas do capital. Também tivemos que compreender que esses jovens e suas famílias estão envoltos à questão social, tendo seus direitos negados até mesmo quando deveriam estar supostamente “incluídos” através de um Programa social, que se pretende responsável pelo atendimento de jovens em situação de risco. Para Iamamoto (2001), no contexto brasileiro atual,

[...] as respostas à questão social passam a ser canalizadas para os mecanismos reguladores de mercado e para as organizações privadas, as quais partilham com o Estado a implementação de programas focalizados e descentralizados de “combate à pobreza e à exclusão social” (IAMAMOTO, 2001, p.10).

Por isso, os desdobramentos do universo da juventude foram fundamentais para compreendermos o quão distantes estamos da pretensa conquista da inclusão social e da igualdade para todos e o desenvolvimento de propostas socialistas, na medida em que estamos permeados por um contexto que segue os princípios desiguais do Estado burguês.

A hipótese inicial que nos guiou ao longo desta pesquisa foi a afirmação de que os programas sociais, tais como o Projovem Adolescente, atuam como meio de inserção desses jovens em espaços regulados pelo Estado, diminuindo, em parte, a parcela de “excluídos” da sociedade. Entretanto, quando pensamos na totalidade, eles não possibilitam a inclusão efetiva dos jovens, pois estão pautados na estrutura desigual da distribuição de renda e do conhecimento.

Com a aproximação do cotidiano dos jovens atendidos pelo Projovem Adolescente, suas atitudes, falas, respostas e questionamentos, enquanto protagonistas desta pesquisa, chegamos à essência do Programa: Como o jovem adolescente das periferias não sabe conviver nesta sociedade, ele necessita desenvolver habilidades e competências para se integrar nesta, para que o *status quo* seja mantido e a estrutura de classes permaneça inalterada.

Esse princípio, capitaneado pela Pedagogia das Competências, reverte para o jovem a necessidade de adaptação social para entrar no “Mundo do Trabalho”, colocando os fatores contrários da sua realidade contra ele próprio. É como se a realidade social estivesse bem estruturada e o jovem é que não conseguisse adequar-se a ela. Ou seja, de acordo com os princípios definidos no Programa, os jovens não trabalham e ainda não são cidadãos porque não aprenderam a conviver com as pessoas, em sociedade.

É dentro deste contexto que a discussão sobre a metodologia do Programa nos remonta ao entendimento da educação junto à perspectiva da exclusão social no cerne do sistema capitalista. Esta definição nos coloca em frente à visão de educação mercadológica, que se pretende formadora de indivíduos para a conformação no processo produtivo. Esta educação, ao mesmo tempo em que forma trabalhadores, que devem se adaptar ao atual momento histórico, para a lógica da empregabilidade, produtividade e globalização, conforma os indivíduos nos seus papéis sociais, confirmando sua função na construção do modelo de sociedade que está instaurado. É este modelo de educação, em diversas vezes defendido por governos e diversos teóricos, que questionamos e nos contrapomos.

Identificamos também que não obstante ter sua metodologia pautada em uma determinada concepção de educação, descrita em seus documentos, o Programa não mantém, efetivamente, nenhuma espécie de contato com a escola. Ou seja, o fato da matrícula escolar ser uma das suas condicionalidades não significa dizer que é o Programa que garante a escolarização dos jovens, pois os mesmos só podem participar do Projovem se já estiverem matriculados em instituições de ensino formal. Nesse sentido, enquanto política social que se propõe a figurar entre os campos da educação e da assistência social, promovendo “inclusão social”, não percebemos um diálogo efetivo entre essas duas áreas, em prol da formação dos jovens.

Outro ponto importante a ser questionado foi a percepção de que grande parte dos jovens que participam do Projovem Adolescente são egressos do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil - PETI e suas famílias são beneficiárias do Programa Bolsa Família. Comprovando a tese de que o modelo da Política Nacional da Assistência Social – PNAS, de alguma forma, está se efetivando. Isto posto, compreendemos que este sequenciamento da participação da população em políticas sociais, ratificam o bom desempenho do modelo de regulação social proposto pelo Estado brasileiro.

O Projovem Adolescente, como exemplar da política social brasileira, nos colocou diante de 4 questionamentos, através dos quais desenhamos algumas das principais fragilidades do mesmo. Essas questões também apontam possibilidades de futuras perguntas de pesquisa:

1 - Como é possível manter uma estrutura adequada para as oficinas, alimentação dos educandos e o pagamento dos salários dos educadores com o baixo financiamento do Projovem Adolescente?

A questão do financiamento do Projovem, ainda que incipientemente trabalhada ao longo desta dissertação, complementa o nosso entendimento de que não há, por parte do

Estado, o comprometimento com a qualidade dos serviços oferecidos. Acreditamos que a garantia da qualidade perpassa também pela formação adequada dos profissionais, que colocarão a metodologia proposta em prática, e justifica a falta de estrutura para a realização das oficinas, a qual, sem dúvida, é uma das principais denúncias desta dissertação.

2 - Como garantir que os educandos estejam frequentando o Programa, refazendo os seus vínculos sociais, através da Pedagogia social, se ao menos são garantidas condições mínimas de continuidade na execução do mesmo?

Remontamo-nos, novamente, às questões referentes à infraestrutura dos CRAS e do Programa. A falta de materiais adequados para a realização das oficinas; a alta rotatividade dos profissionais que lidam com o Programa, devido, especialmente, a questões políticas; e as mudanças constantes das oficinas que são oferecidas aos educandos são apenas alguns exemplos que refletem o desmonte do Estado, ao qual está exposta a classe trabalhadora. Essas reflexões iniciais indicam que o Programa não tem conseguido, nem mesmo, colocar a sua proposta de regulador social da juventude em prática.

3 - A manutenção dos jovens neste Programa social pode pautar-se somente na relação de vínculos entre os jovens, os educadores e os colegas? Onde fica o papel do Estado, nesse sentido?

Esse questionamento nos leva a compreensão de que um Programa social, que se propõe a manter uma formação voltada para a cidadania e a participação social, não pode pautar-se, tão somente, em iniciativas individuais dos educadores e no envolvimento pessoal entre os jovens e com os mesmos. Nossa hipótese, é que aquilo que à primeira vista demonstra o “empenho” e a “boa vontade” dos educadores, também denuncia a ausência do Estado no protagonismo do seu papel, ou seja, com as iniciativas individuais dos educadores corre-se o risco de respaldar a falta de atuação do Estado junto às suas responsabilidades.

4 - Como manter uma perspectiva de socialização no Programa, quando o contexto capitalista impõe para os mesmos a necessidade de se inserirem no “mundo do trabalho”, enquanto “Exército Industrial de Reserva”, conforme denomina Engels (1986)?

Constatamos que o Programa, ainda que pautado na prática do “Aprender a aprender”, não garante se quer a ocupação dos jovens numa formação para o “Mundo do trabalho”. A realidade desses jovens grita aos nossos ouvidos quando os mesmos insistem em exigir que o Programa proporcione a eles uma formação profissionalizante, que possa surtir efeito numa posterior ocupação dos mesmos no mercado de trabalho. Este foi um dado encontrado, o qual não podemos nos furtar em ressaltar, demonstrando que a sociedade e as políticas sociais não podem permanecer se isentando das responsabilidades sobre a verdadeira inclusão social

dessas famílias na sociedade. Pois, se a inclusão no sistema vigente significa poder de consumo, estes jovens também querem ter a oportunidade de estarem incluídos através da entrada no mercado de trabalho.

Como não é possível cobrar uma solução socialista de um Estado burguês, acreditamos que, no limite do que poderia ser gerado para os jovens, através do Programa, estaria uma formação continuada, articulada, por meio de oficinas capazes de desenvolver as potencialidades dos jovens, seria uma efetiva ação para a recriação das possibilidades de emancipação e autonomia para os adolescentes. Portanto, acreditamos que a articulação entre a escola e o CRAS pode ser determinante para a construção de uma perspectiva diferenciada para o Programa.

Entretanto, entendemos que na esteira das nossas possíveis reflexões, encontramos no contraponto as nossas raízes, em grande medida, clientelistas, assistencialistas e patrimonialistas de sociedade, além do papel que o modo de produção capitalista desempenha na formulação das políticas sociais, as quais, efetivamente, não favorecem a emancipação dos sujeitos de direitos, que seguem tratados como beneficiários, tampouco a transformação efetiva da sociedade. As políticas sociais, aqui representadas pelo Projovem Adolescente, além de não incluir ainda geram mecanismos de exclusão. Por essas razões concluímos que repensar as políticas sociais está diretamente ligado ao questionamento da sociedade que temos e da construção da sociedade que queremos ter.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, A. **O que é o Programa Bolsa família?** Portal do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome. 17 dez. 2006. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/bolsafamilia/>> Acesso em: 17 out. 2007.

ANTUNES, Ricardo. **Uma esquerda fora do lugar:** o Governo Lula e os descaminhos do PT. Campinas, SP: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

ARANHA, Lúcia. **Educação e trabalho no contexto da terceira revolução industrial.** São Cristóvão, SE: Editora UFS, 1999.

ARAÚJO, Ruy Belém de; LOURIVAL, Santana Santos. **História Econômica.** São Cristóvão : Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009.

AZEVEDO, Janete M. Lins de. **A Educação como Política Pública.** 3 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: HUCITEC, 1988.

BALSA, Casimiro Marques. Conceitos e dimensões da pobreza e da exclusão social: uma abordagem transnacional. In: BALSA, Casimiro Marques *et al.* (Orgs). **Conceitos e dimensões da pobreza e da exclusão social:** uma abordagem transnacional. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006. p. 09-32.

BETTO, Frei. **Desafios do segundo mandato de Lula.** 2006. Disponível em: <<http://www.adital.com.br/SITE/noticia2.asp?lang=PT&cod=25600>> Acesso em: 21 abr. 2010.

BORGES, Liliam. F. P. **Democracia e Educação:** uma análise da crítica às políticas educacionais no Brasil (1995-2002). 2006. Tese de Doutorado- Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR. 2006.

BORGES, Liliam. F. P. **Fundamentos do método:** as bases do materialismo histórico. In: XVII Semana da Educação, VII Seminário de Prática de Ensino e II Encontro de Pesquisa e Extensão, 2004, Cascavel: Edunioeste, 2004.

BRASIL. Decreto-Lei nº 5.209, de 17 de setembro de 2004. **Diário Oficial da União.** Poder Executivo. Brasília, 17 de setembro de 2004.

BRASIL. Decreto-Lei nº 5.749, de 11 de abril de 2006. **Diário Oficial da União**. Poder Executivo. Brasília, 11 de abril de 2006.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Política Nacional de Assistência Social**. 2004. Disponível em: <<http://www.social.rj.gov.br/familiar/pdf/pnas.pdf>> Acesso em: 18 abr de 2010.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Portaria MDS Nº. 171**, de 26 de maio de 2009. disponível em: <<http://www.mds.gov.br/programas/rede-suas/protecao-social-basica/projovem-adolescente-2013-servico-socioeducativo/portaria/>> Acesso em: 18 abr. 2010.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Projovem Adolescente – Serviço Socioeducativo**. disponível em: <<http://www.mds.gov.br/programas/rede-suas/protecao-social-basica/projovem-adolescente-2013-servico-socioeducativo/>> Acesso em: 18 abr. 2010.

BRASIL. MINISTÉRIO Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Resolução CNAS/MDS Nº 3**, de 25 de janeiro de 2008. disponível em: <<http://www.mds.gov.br/programas/rede-suas/protecao-social-basica/projovem-adolescente-2013-servico-socioeducativo>> Acesso em: 09 mar. 2009.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Adolescências, juventudes e socioeducativo: concepções e fundamentos**. 1. ed. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Caderno do Orientador Social – Ciclo I – Percurso Socioeducativo I “Criação do Coletivo”**. 1. ed. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome **Centro de Referência de Assistência Social (CRAS)**. disponível em: <<http://www.mds.gov.br/programas/rede-suas/protecao-social-basica/paif/centro-de-referencia-de-assistencia-social-cras>> Acesso em: 18 abr. 2010.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **II “Consolidação do Coletivo”**. 1. ed. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **III “Coletivo Pesquisador”**. 1. ed. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Lei Nº. 11.692**, de 10 de junho de 2008. disponível em: <<http://www.mds.gov.br/programas/rede-suas/protecao-social-basica/projovem-adolescente-2013-servico-socioeducativo>> Acesso em: 09 mar. 2009.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS. Lei 8742, de 07 de dezembro de 1993**. disponível em: <<http://www.mds.gov.br/programas/rede-suas/protecao-social-basica/projovem-adolescente-2013-servico-socioeducativo>> Acesso em: 09 mar. 2009.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Traçado metodológico**. 1. ed. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009.

BRASIL. **Política Nacional de Juventude**. disponível em: <[http://www.presidencia.gov.br/estrutura\\_presidencia/sec\\_geral/Juventude/pol/](http://www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/sec_geral/Juventude/pol/)> Acesso em: 21 abr. 2010.

BRASIL. Portaria GM/MDS nº 551, de 09 de novembro de 2005. **Diário Oficial da União**. Poder Executivo. Brasília, 11 de setembro de 2005.

BRASIL. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. disponível em: <[www.senado.gov.br/conleg/artigos/direito/AConstitucionalidadedaDiscriminacao.pdf](http://www.senado.gov.br/conleg/artigos/direito/AConstitucionalidadedaDiscriminacao.pdf)> Acesso em: 16 de nov. 2008.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Geral da Presidência da República. **Política Nacional de Juventude**. 2007. Brasília. Disponível em: [http://www.presidencia.gov.br/estrutura\\_presidencia/sec\\_geral/Juventude/pol/](http://www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/sec_geral/Juventude/pol/) Acesso em: 21 abr. 2010.

BRASIL. Secretaria Geral. **Conselho Nacional de Juventude**. disponível em: <[http://www.presidencia.gov.br/estrutura\\_presidencia/sec\\_geral/Juventude/Cons/](http://www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/sec_geral/Juventude/Cons/)> Acesso em: 21 abr. 2010.

BRYAN, Newton Antônio Paciulli. Concepções de desenvolvimento, Estado e política educacional: do desenvolvimento econômico ao desenvolvimento sustentável. In: DEITOS, Roberto Antônio; RODRIGUES, Rosa Maria (Orgs.). **Estado, desenvolvimento, democracia & políticas sociais**. Cascavel: EDUNIOSTE, 2006. p. 23-42.

CALIMAN, Geraldo. **Paradigmas da exclusão social**. Brasília: Editora Universa, UNESCO, 2008.

CARNOY, Martin. **Estado e teoria política**. 4 ed. Campinas: Papyrus, 1994.

CASTEL, Robert. Classes sociais, desigualdades sociais, exclusão social. In: BALSÀ, Casimiro Marques... *et al.* (Orgs). **Conceitos e dimensões da pobreza e da exclusão social: uma abordagem transnacional**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006. p. 63-77.

CHARLOT, Bernard. **Juventudes sergipanas**. Aracaju: J. Andrade, 2006.

CHAUÍ, M. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

CHAUÍ, Marilena; NOGUEIRA, Marco Aurélio. **O Pensamento político e a redemocratização do Brasil**. São Paulo: Lua Nova, 2007. p.173-228. disponível em: <[www.scielo.br/pdf/ln/n71/05.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ln/n71/05.pdf)> Acesso em: 07 out. 2009.

CHEPTULIN, Alexandre. **A Dialética Materialista: categorias e leis da dialética**. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.

COMPARATO, F. K. Igualdade, Desigualdades. **Revista Trimestral de Direito Público**, 1993.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). **Banco de teses da CAPES**. disponível em: <<http://servicos.capes.gov.br/capesdw/>> Acesso em : 25 ago. 2009.

CORAGGIO, J. L. **Desenvolvimento humano e educação: o papel das ONG's latino-americanas na iniciativa da educação para todos**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

COSTA, Bruno Lazzaroti Diniz. As mudanças na agenda das políticas sociais no Brasil e os desafios da inovação: o caso das políticas de assistência social à infância e adolescência. In: CARVALHO, Alysson... *et al.* (Orgs). **Políticas Públicas**. Belo Horizonte: Editora UFMG; PROEX, 2002. p. 27-58.

CRISTÓVAM, José Sérgio da Silva. **Breves considerações sobre o conceito de políticas públicas e seu controle jurisdicional**. disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=7254>> Acesso em: 07 out. 2009.

CUNHA, Edite da Penha; CUNHA, Eleonora Schettini M. Políticas públicas sociais. In: Alysson Carvalho... *et al.* (Orgs). **Políticas Públicas**. Belo Horizonte: Editora UFMG; PROEX, 2002. p. 11-25.

CZERNISZ, Eliane Cleide da Silva *et al.* A imposição de uma visão de mundo no encaminhamento das políticas educacionais. In: NOGUEIRA, Francis Mary Guimarães e RIZZOTTO, Maria Lucia Frizon (Orgs.). **Estado e políticas sociais: Brasil-Paraná.** Cascavel: EDUNIOESTE, 2006. p. 227-238.

DELORS, Jacques. **Os Quatro Pilares da Educação.** 1999. Disponível em: <<http://4pilares.net/text-cont/delors-pilares.htm>> Acesso em: 15 ago. 2010.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais.** 3 ed. São Paulo/SP: Atlas, 1995.

DUARTE, Newton. As pedagogias do “aprender a aprender” e algumas ilusões da assim chamada sociedade do conhecimento. In: **Revista Brasileira da Educação.** Set/Out/Nov/Dez 2001. p. 35-40.

DUARTE, Newton. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?:** quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

DUBET, François. Integração: quando a “sociedade” nos abandona. In: BALSÁ, Casimiro Marques *et al.*(Orgs). **Conceitos e dimensões da pobreza e da exclusão social:** uma abordagem transnacional. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006. p. 33-62.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado.** 12 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

ENGELS, Friedrich. **A situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra.** São Paulo: Global, 1986.

ENGELS, Friedrich. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem.** 4 ed. São Paulo: Global Editora, 1990.

ESTIVILL, Jordi. A face não reconhecida da sociedade. O debate conceptual sobre a exclusão social na Europa e América Latina. In: BALSÁ, Casimiro Marques *et al.*(Orgs). **Conceitos e dimensões da pobreza e da exclusão social:** uma abordagem transnacional. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006. p. 103-139.

FERREIRA, L. A. C.; FERREIRA, A. M. C. Hermenêutica afirmativa e horizontes ontológicos da discriminação positiva: (Re) pensando o conceito das ações afirmativas. **Revista jurídica discriminação positiva.** 2008.

FIGUEIREDO, Eurico de Lima; FILHO, Gisálio Cerqueira; KONDER, Leandro (orgs.). **Por que Marx?** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

FIGUEIREDO, Ireni Marilene Zago. A articulação entre a reforma econômica e a reforma educacional com a sustentação do mito da educação e da ideologia da globalização. In: DEITOS, Roberto Antonio; RODRIGUES, Rosa Maria (Orgs.). **Estado, desenvolvimento, democracia & políticas sociais.** Cascavel: EDUNIOSTE, 2006. p. 105-119.

FISCHER, Nilton Bueno. Pobreza “exclui”? Pedagogias do “outro”. In: BALSÁ, Casimiro Marques *et al.*(Orgs). **Conceitos e dimensões da pobreza e da exclusão social: uma abordagem transnacional.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2006. p. 163-174.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. Silene de Moraes. BARBOZA, Douglas Ribeiro. A decomposição do Estado e o protagonismo da sociedade civil no enfrentamento da questão social no Brasil: os dilemas da cidadania e da democracia na contemporaneidade. **Revista Virtual Textos & Contextos,** nº 6, dez. 2006.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática.** Campinas, SP: Papirus, 1995.

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional.** 5 ed. São Paulo: Cortez, 1999. p. 69-90.

GAMBOA, Silvio Ancízar Sanchez. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional.** 5 ed. São Paulo: Cortez, 1999. p. 91-115.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa,** São Paulo: Atlas, 1991.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social.** 5 ed. São Paulo, SP: Atlas, 1999.

GOMES, Joaquim B. Barbosa. **Ação Afirmativa & Princípio Constitucional da Igualdade. O Direito como Instrumento de Transformação Social. A Experiência dos EUA.** Rio de Janeiro, São Paulo: Renovar, 2001.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. v. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GUERRA, Alexandre *et al.*. **Produto 2**: Análise da exclusão social no Estado de Sergipe. Sergipe: Instituto Datasol, Secretaria de Estado da Inclusão, Assistência e Desenvolvimento Social, 2009.

IAMAMOTO, Marilda Villela. A questão social no capitalismo. In: **Temporalis**: Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. Ano 2 (jan./jun. 2001), n. 3. Brasília: ABEPSS, Graflin, 2001. p. 09-32.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estados**. disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=se>> Acesso em: 21 abr. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de Indicadores Sociais 2002**: Comunicação Social, 2003. disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/12062003indic2002.shtm>> Acesso em: 30 ago. 2010.

KLEIN, Natália. **O enigma das máscaras**. disponível em: <<http://www.rabisco.com.br/56/mascaras.htm>> Acesso em: 18 abr. 2010.

KONDER, Leandro. O que é Dialética. 17. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.  
KOPNIN, Pavel Vassílyevitch. **A dialética como lógica e teoria do conhecimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

KOSIK, Karel. **A dialética do concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KUENZER, Acácia Zeneida. **Pedagogia da Fábrica**: As relações de produção e a educação do trabalhador. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KUENZER, Acácia Zeneida. Exclusão Incluyente e Inclusão Excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre trabalho e educação. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval; SANFELICE, José Luis (Orgs). **Capitalismo, Trabalho e Educação**. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 77-95.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul, 1999.

LEHER, R. **Um novo senhor da educação? A política educacional do Banco Mundial para a periferia do capitalismo**. Revista Outubro. n 3. São Paulo, 1999.

LOWY, Michael; BENSALID, Daniel. **Marxismo, modernidade e utopia**. São Paulo: Xamã, 2000.

LOWY, Michael. **Ideologias e ciência social**: elementos para uma análise marxista. São Paulo/SP: Cortez, 1985.

LUXEMBURGO, Rosa. **Reforma ou Revolução?** São Paulo: Expressão Popular, 1999.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, Karl.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. (Trad. Luís Cláudio de Castro e Costa). São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MESQUITA, C. S. **O Programa Bolsa Família**: uma análise de seu impacto e significado social. 2007. Dissertação (Mestrado em Política Social)– Universidade de Brasília, Programa de Pós Graduação em Política Social, 2007.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MOTA, Ana Elizabete. Questão social e serviço social: um debate necessário. In: MOTA, Ana Elizabete (Org.). **O Mito da assistência social**: ensaios sobre Estado, política e sociedade. São Paulo: Cortez, 2008. p. 21-57.

NAGEL, Lizia Helena. O “aqui e o agora”, sem o “ontem e o amanhã”, nas políticas da educação. In: NOGUEIRA, Francis Mary Guimarães e RIZZOTTO, Maria Lucia Frizon (Orgs.). **Estado e políticas sociais**: Brasil-Paraná. Cascavel: EDUNIOESTE, 2006. p. 29-40.

NAGEL, Lizia Helena. O Estado Brasileiro e as políticas educacionais a partir dos anos oitenta. In: NOGUEIRA, Francis Mary Guimarães (Org.). **Estado e Políticas Sociais no Brasil**: conferências do Seminário estado e Políticas Sociais no Brasil e textos do relatório parcial do projeto de pesquisa – Programas nas áreas de Educação e saúde no Estado do Paraná: sua relação com as orientações do BID e do BIRD e sua contribuição na difusão de propostas liberalizantes em nível nacional. Cascavel: EDUNIOESTE, 2001. p. 99-122.

NETTO, José Paulo. O materialismo histórico como instrumento de análise das políticas sociais. In: NOGUEIRA, Francis Mary Guimarães e RIZZOTTO, Maria Lucia Frizon (Orgs.). **Estado e políticas sociais**: Brasil-Paraná. Cascavel: EDUNIOESTE, 2006. p. 11-28.

NUNES, Rosa Soares. **Nada Sobre Nós Sem Nós**. São Paulo: Cortez, 2005.

OLIVEIRA, Francisco de. O Surgimento do Antivalor. **Novos Estudos**. São Paulo: CEBRAP, n. 22, 1988.

OURIQUES, Nildo Domingos. Estado e Políticas Públicas na América Latina. In: NOGUEIRA, Francis Mary Guimarães (Org.). **Estado e Políticas Sociais no Brasil**: conferências do Seminário Estado e Políticas Sociais no Brasil e textos do relatório parcial do projeto de pesquisa – Programas nas áreas de Educação e saúde no Estado do Paraná: sua relação com as orientações do BID e do BIRD e sua contribuição na difusão de propostas liberalizantes em nível nacional. Cascavel: EDUNIOESTE, 2001. p. 27-42.

PASTORINI, Alejandra. **A categoria “questão social” em debate**. São Paulo: Cortez, 2004.

PESSOA, Fernando. **Tabacaria e outros poemas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

PISTRAK. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

POCHMANN, Marcio. *et al.*. **Atlas da exclusão social no Brasil, v. 2**: dinâmica e manifestação territorial. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

POCHMANN, Marcio. *et al.*. **Atlas da exclusão social no Brasil, v. 3**: os ricos no Brasil. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

POCHMANN, Marcio. *et al.*. **Atlas da exclusão social no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

POCHMANN, Marcio. *et al.*. **Atlas da exclusão social, v. 5**: agenda não liberal da inclusão social no Brasil. São Paulo: Cortez, 2005.

POULANTZAS, Nicos. **O Estado, o poder, o socialismo**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.

RAMOS, Marise. **A pedagogia das competências: autonomia ou adaptação?** São Paulo: Cortez, 2001.

SANFELICE, José Luís. Políticas sociais: excertos. In: DEITOS, Roberto Antonio; RODRIGUES, Rosa Maria (Orgs.). **Estado, desenvolvimento, democracia & políticas sociais**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2006. p. 53-65.

SANTANA, Ana Lúcia. **A história das máscaras**. 2008. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/artes/historia-das-mascaras/>> Acesso em: 18 abr. 2010.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. São Paulo: Editora Record, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo, SP: Cortez, 1995,

SPOSATI, Aldaíza. Proteção e desproteção social na perspectiva dos direitos socioassistenciais. In: **Caderno e Textos da VI Conferência Nacional da Assistência Social**. Brasília: CNAS/MDSCF, 2007.

SPÓSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo. Juventude e Políticas Públicas no Brasil. In: LEÓN, O.D. **Políticas Públicas de Juventude em América Latina**. Vinã del Mar: CIDPA, 2003, p. 1-23.

SPÓSITO, Marília Pontes. Trajetórias na constituição de políticas públicas de juventude no Brasil. In: FREITAS, M. V. e PAPA, F. de C. (Orgs.). **Políticas públicas de juventude em pauta**. São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003.

VIEIRA, Evaldo. Estado e Política Social na Década de 90. In: NOGUEIRA, Francis Mary Guimarães (Org.). **Estado e políticas sociais no Brasil: conferências do Seminário estado e Políticas Sociais no Brasil e textos do relatório parcial do projeto de pesquisa – Programas nas áreas de Educação e saúde no Estado do Paraná: sua relação com as orientações do BID e do BIRD e sua contribuição na difusão de propostas liberalizantes em nível nacional**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2001. p. 17-26.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado; DEITOS, Roberto Antonio. Estado e política educacional no Brasil. In: DEITOS, Roberto Antonio; RODRIGUES, Rosa Maria (Orgs.). **Estado, desenvolvimento, democracia & políticas sociais**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2006. p. 67-86.

YASBEK, M. C. “As ambigüidades da assistência Social brasileira após 10 de LOAS”. In: NOGUEIRA, Francis Mary Guimarães e RIZZOTTO, Maria Lucia Frizon (Orgs.). **Estado e políticas sociais: Brasil-Paraná**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2006. p. 47-62.

ZANARDINI, Isaura Monica Souza. A reforma da gestão escolar e as políticas implementadas no Brasil na década de 1990. In: DEITOS, Roberto Antonio; RODRIGUES, Rosa Maria (Orgs.). **Estado, desenvolvimento, democracia & políticas sociais**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2006. p. 121-135.

## **ANEXOS**

## ANEXOS

### ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PERFIL SOCIOECONÔMICO– EDUCADOR SOCIAL

DATA:

1 - CRAS:

2 - IDADE:

3 - SEXO:

4 - GRAU DE ESCOLARIDADE:

5 - ÁREA DE FORMAÇÃO:

6 - FUNÇÃO NO PROJOVEM:

7 - HÁ QUANTO TEMPO TRABALHA COM O PROGRAMA?

8 - MORA PERTO DO CRAS? ENDEREÇO.

9 - COMO OCORRE O ACOMPANHAMENTO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO PROGRAMA?

10 - COM QUAL ATIVIDADE, DESENVOLVIDA ATRAVÉS DO PROGRAMA, OS JOVENS MAIS SE IDENTIFICAM E PARTICIPAM?

11 - QUANDO VOCÊ COMEÇOU A TRABALHAR COM O PROJOVEM ADOLESCENTE, QUAL ERA A ESTRUTURA OFERECIDA PELOS ÓRGÃOS GESTORES? VOCÊ NOTA ALGUMA MUDANÇA PARA O SENTIDO POSITIVO OU NEGATIVO?

12 - QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE O MATERIAL DIDÁTICO DO PROGRAMA? O QUE VOCÊ IDENTIFICA COMO PONTOS ALTOS E PONTOS BAIXOS DESSE MATERIAL?

13 - NA SUA OPINIÃO, O MATERIAL DIDÁTICO ATRAI OS JOVENS?

14 - VOCÊ CONSEGUE IDENTIFICAR O MÉTODO DE ENSINO DESENVOLVIDO ATRAVÉS DO PROGRAMA?

15 - VOCÊ SENTE ALGUMA DIFICULDADE PARA TRABALHAR COM O MATERIAL DIDÁTICO DO PROGRAMA?

16 - QUAIS AS PRINCIPAIS DIFICULDADES / PROBLEMAS QUE VOCÊ IDENTIFICA NO PROJOVEM ADOLESCENTE?

17 - QUAIS OS PRINCIPAIS PONTOS POSITIVOS QUE VOCÊ IDENTIFICA NO PROGRAMA?

### ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA SOBRE O PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS JOVENS

DATA:

1 - CRAS:

2 - IDADE:

3 - SEXO:

4 - ESCOLARIDADE:

5 - RENDA FAMILIAR MÉDIA:

6 - QUANTAS PESSOAS MORAM COM VOCÊ, NA SUA CASA?

7 - JÁ PAROU DE ESTUDAR? CASO A RESPOSTA SEJA SIM, QUANTAS VEZES?

8 - A FAMÍLIA É BENEFICIÁRIA DE ALGUM OUTRO PROGRAMA SOCIAL DO GOVERNO? CASO A RESPOSTA SEJA SIM, QUAL PROGRAMA?

9 - MORA PERTO DO CRAS? ENDEREÇO:

10 - ANTES DE PARTICIPAR DO PROJOVEM, VOCÊ JÁ PARTICIPAVA DE OUTRO PROGRAMA DO GOVERNO? CASO A RESPOSTA SEJA SIM, QUAL PROGRAMA?

11 - QUAIS AS ATIVIDADES QUE VOCÊ MAIS GOSTA NO PROGRAMA?

- 12 - E AS QUE VOCÊ MENOS GOSTA?  
 13 - QUAIS SÃO AS ATIVIDADES QUE VOCÊ TEM MAIOR DIFICULDADE DE PARTICIPAR DO PROGRAMA?  
 14 - VOCÊ SE SENTE ATRAÍDO PELO MATERIAL DIDÁTICO?  
 15 - O QUE VOCÊ VÊ DE MAIS INTERESSANTE NO MATERIAL DIDÁTICO?  
 16 - PORQUE VOCÊ ACHA IMPORTANTE A SUA PARTICIPAÇÃO NO PROJovem ADOLESCENTE?  
 17 - EM QUE ÂMBITO VOCÊ ACREDITA QUE O PROGRAMA ESTÁ SENDO IMPORTANTE PARA VOCÊ?  
 18 - QUE PONTOS VOCÊ SUGERIRIA PARA A MELHORIA DO PROGRAMA?

## 1 - LEVANTAMENTO DO SÍTIO DA CAPES SOBRE O PROJovem ADOLESCENTE

Os títulos e os autores dos trabalhos encontrados foram: “Análise da proposta de planejamento de aulas de leitura do material didático do Projovem”, de Camila Maria Marques Peixoto; “Uma avaliação do programa de formação de jovens empresários rurais – Projovem”, de Daniela Cristina Manhani; “A relação dos/das jovens com o saber a partir da experiência no programa de inclusão de jovens”, de Dayse Alves Pessoa de Araújo; Juventude, Participação e Direitos – Um olhar para as percepções de jovens do Rio de Janeiro sobre sua participação no Projovem de Luciléia Pereira; “A educação dos trabalhadores na sociabilidade do capital: estudo a partir do Projovem Fortaleza”, de Marcia Gardenia Lustosa Pires; “A sala de aula: um espaço para a oralidade e uma contribuição para o desenvolvimento da competência comunicativo do aluno jovem e adulto do Projovem de Brazilândia”, de Marli Vieira Lins; “Os sentidos da participação cidadã no Projovem - Programa nacional de inclusão de jovens (2005–2006)”, de Renata Junqueira Ayres Villas-Boas; “Metamorfoses do mundo do trabalho e a qualificação/requalificação de jovens trabalhadores: estudo de caso sobre o Projovem de Curitiba-PR”, de Ricardo Afonso Ferreira de Vasconcelos; “Avaliação de um Programa de formação de jovens da agricultura familiar - o caso Projovem”, de Solange Tolá Delfini.

Além da pesquisa sobre o Projovem, pensamos que seria interessante realizar um levantamento acerca do Programa “Agente Jovem”, nomenclatura e configuração do Programa que antecedeu o Projovem Adolescente. Assim encontramos oito trabalhos, que constavam o nome do “Agente Jovem” no título, ou sendo citado nos resumos, sendo sete dissertações de mestrado e uma tese de doutoramento. A mais antiga é datada do ano de 2004 e a mais recente do ano de 2008.

Estudando o já extinto “Agente Jovem” encontramos os seguintes autores e suas respectivas dissertações de mestrado: Giselle Silva Soares, “Juventude em ação! um estudo sobre as experiências do projeto Agente Jovem de desenvolvimento humano e social na região sul da cidade de São Paulo”; Hila Bernadete Silva Rodrigues, “Políticas Públicas e Projetos para a Juventude: uma análise comparativa de pressupostos e contextos institucionais de duas iniciativas”; Luciana Campos de Oliveira, “Estratégias de sobrevivência de jovens-estudantes vinculados ao Programa Agente Jovem”; Marcia de Souza Medeiros, “A implementação dos programas federais PETI e Agente Jovem, em Porto Alegre, no contexto das políticas de transferência de renda dos governos Fernando Henrique Cardoso”; - Renato de Paula Abreu, “As (im)possibilidades de irrupção de necessidades radicais na periferia por meio do trabalho com jovens do Programa Fica Vivo e Agente Jovem. estudo de caso: conjunto Taquari”; Shirley Jacimar Pires, “Juventude(s) escola pública e programas sociais de transferência de renda”; Valéria Marinho da Silva, “Programa Agente Jovem em Arez/RN: juventude e violação de direitos”. Localizamos, também, a tese de doutorado “Possibilidades e limites no

enfrentamento da vulnerabilidade social juvenil: a experiência do programa Agente Jovem em Porto Alegre”, de Simone Rocha da Rocha.

## 2 - DADOS DO CAMPO

### 2.1 - CAPACITAÇÃO ESTADUAL DE AGENTES MULTIPLICADORES DO PROJÓVEM ADOLESCENTE 2009/II CICLO”, REALIZADA ENTRE OS DIAS 13 E 15 DE MAIO DE 2009

Iniciamos o processo de aproximação com o Programa, através da observação da “Capacitação Estadual de Agentes Multiplicadores do Projóvem Adolescente 2009/II Ciclo”, realizada entre os dias 13 e 15 de maio de 2009 em Aracaju/SE. Observamos os três dias de capacitação e interagimos com os profissionais que estiveram presentes, dentre eles assistentes sociais, professores, educadores sociais e psicólogos representantes dos diversos municípios do estado de Sergipe.

O aprofundamento dos nossos estudos sobre a temática e a participação nesses momentos, efetivamente destinados aos agentes multiplicadores, foi de fundamental relevância para entendermos os limites e os avanços do mesmo. Os agentes multiplicadores, por sua vez, a partir da capacitação, teriam como principal objetivo levar conhecimento e informações para os seus municípios.

Durante nossa participação no curso de capacitação percebemos o interesse e a importância do Programa reconhecida tanto pelos palestrantes, quanto pelos participantes do evento. Como o esse modelo de Projóvem foi implantado recentemente, no ano de 2008, as principais questões levantadas giraram em torno das dúvidas com relação à implantação do mesmo, e a iniciação das atividades do 2º Ciclo em poucos municípios sergipanos.

Percebemos a preocupação de alguns gestores com o co-financiamento do governo federal destinado ao Programa, que segundo a legislação vigente, gira em torno de R\$ 1.256,25 (mil duzentos e cinquenta e seis reais e vinte e cinco centavos) mensais. Esse valor destina-se ao custeio mensal das atividades de cada coletivo, composto originalmente por grupo de 25 (vinte e cinco) jovens assistidos.

Diante dos depoimentos observamos a dificuldade encontrada pelos gestores com a frequência desses jovens no Programa, considerando-os como um público mais autônomo. Além disso, foram elencadas as diversas dificuldades encontradas pelos municípios na manutenção dos profissionais em suas funções diante do processo eleitoral que aconteceu no ano de 2008. Percebemos claramente que em alguns municípios sergipanos o Programa é encarado como política de governo, nos remontado, infelizmente, às nossas raízes clientelistas e assistencialistas.

É relevante ressaltar que a aproximação dos documentos com os relatos dos participantes da Capacitação é um tanto quanto distante. A forma de implantação, os baixos recursos e a pouca estrutura ofertada ao Programa nos fala sobre a urgente avaliação da forma como vêm sendo implantados esses programas nos municípios. Entretanto, pelo curto espaço de tempo de implantação, entendemos que ainda não é possível realizar uma avaliação fidedigna acerca da implantação do Programa, bem como mensurar a efetiva promoção desses adolescentes beneficiários. Todavia, saímos desses dois dias de observação acreditando que a iniciativa de unir educação à assistência, considerando esses indivíduos inseridos num determinado contexto social que urge por políticas públicas, já é significativa, ainda que em tese.

## 2.2 - DIÁRIO DE CAMPO DA AVALIAÇÃO DO PROGRAMA PROJOVEM ADOLESCENTE PELOS EDUCANDOS, ORGANIZADA PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL – SEMASC

Observação realizada no dia 27 de agosto de 2009, no Centro de Referência da Assistência Social – CRAS Gonçalo Rollemberg Leite, situado na rua

Segundo o cronograma da SEMASC, a avaliação deveria seguir o seguinte roteiro:

8:30h – Abertura do auditório  
 8:50h – Trabalho em sala  
     - Técnica de apresentação  
 9:15h – Avaliação individual  
 9:40h – Lanche  
 10:00h Trabalho em subgrupo da sala  
     - Técnica de divisão de grupos  
     - Condensar as avaliações  
 10:30h – Apresentação dos trabalhos na sala;  
 11:00h Preparação para a apresentação em plenária  
 12h – Almoço  
 13:00h – Apresentação dos trabalhos no auditório  
 15:30h – Lanche  
 15:45h – Atividade livre  
 17:00h - Encerramento

Horário de início: 9:30h

Estavam presentes coletivos de três diferentes CRAS, sendo eles: Porto Dantas, Coqueiral e o Risoleta Neves, localizado no Japãozinho.

Primeiramente conversei com a responsável pelo Programa na Secretaria Municipal de Assistência Social e Cidadania – SEMASC. Atendendo ao meu pedido de observação, ela me autorizou a participar de uma das oficinas nas quais seriam aplicados os questionários de avaliação do Programa.

Inicialmente cada CRAS foi dividido em dois grupos de 15 a 20 jovens que se dirigiram para salas acompanhados por educadores, organizados em permuta, para que eles não ficassem com os educadores do seu próprio CRAS.

A sala a qual me dirigi foi a do Risoleta Neves, nela estavam presentes 19 jovens, acompanhados pelos educadores do Coqueiral. Os educadores iniciaram as atividades propondo a realização do “Correio da Amizade”, através do qual eles poderiam mandar recados entre eles, os alunos se mostraram bastante empolgados com a idéia. A educadora deixou claro que o correio serviria apenas para proteger e elogiar o colega, assim os papéis com os nomes foram distribuídos e pedido segredo.

Às 10:20h foi distribuído um crachá e um lápis para cada jovem, nos quais eles deveriam colocar o nome e um símbolo, ou uma qualidade de cada um. Assim eles tiveram cinco minutos para confeccionar os crachás. Logo depois eles iniciaram as apresentações, nas quais cada um deveria entrar num círculo fazer um gesto e todos os outros deveriam imitá-lo. Percebi neste momento bastante descontração e entrosamento entre eles, além de reparar nos desenhos feitos nos crachás, muitos deles se utilizaram de técnicas de grafiteagem para fazer seus nomes.

Eles tiveram 5 minutos para confeccionar os crachás. A forma de apresentação definida foi: cada um entrando no círculo, dizendo seu nome e fazendo um gesto, daí os demais deveriam imitá-lo.

Às 10:40h eles começaram a responder um questionário de avaliação do Projovem Adolescente. Este questionário é composto de cinco questões e um espaço, no final, destinado à escrita de uma mensagem que os alunos quisessem deixar para os responsáveis pela execução do Programa.

A primeira questão era composta de vários outros questionamentos que iniciavam com a frase “Através do Programa eu”. Seguem abaixo as perguntas e as respostas da maioria dos jovens, para cada questão:

PERGUNTAS	RESPOSTAS			
	SIM	NÃO	EM PARTE	NÃO SEI
Através do Programa eu...				
Passei a me comunicar melhor	X			
Passei a gostar mais de mim	X			
Passei a me relacionar melhor com os colegas	X			
Estou aceitando melhor a maneira de ser das pessoas (O coletivo se dividiu entre as duas respostas)	X		X	
Me sinto à vontade para falar em público (O coletivo se dividiu entre as duas respostas)	X		X	
Aprendi a trabalhar em grupo	X			
Fiz novos amigos	X			
Tirei ou completei minha documentação		X		
Passei a refletir sobre o meu futuro (os jovens informaram que passaram a pensar mais em um emprego)	X			
Voltei a estudar (Todos já estudavam)	-	-	-	-
Entendo melhor a matéria da escola (Segundo eles, a única mudança deles na escola foi em relação ao comportamento)			X	
Aprendi coisas diferentes que não se aprendem na escola (As temáticas mais citadas pelos alunos foram: trabalho, DST's, gravidez na adolescência, drogas e cidadania)	X			
Conheci novos lugares		X		
Passei a me relacionar melhor com a família (O coletivo se dividiu entre as duas respostas)	X		X	
Passei a participar das atividades da comunidade			X	

A segunda questão foi “Acha que o Programa mudou algo em você?”. Estava organizada da seguinte maneira:

SIM ( X ) Preencha o quadro abaixo ( ) Passe para a próxima questão

PS: como os jovens responderam sim, eles passaram para o quadro abaixo:

COMO EU ERA ANTES	COMO SOU HOJE
1- Tímida	1 – “Mais solto”

2 - Rebelde, o termo utilizado por eles foi “briguento”	2 – Participativo
3 – Não interagia nas atividades, escolares, com a comunidade e com a família	3 – Mais calmo
4 – Era preconceituoso	4 - Mais extrovertido
-	5 – Comunicativo
-	6 – Aprendeu a aceitar melhor o outro

A terceira questão foi “O que você acha mais legal nesse Programa?” As respostas foram: a equipe de profissionais; os educadores ; as atividades; os colegas. Durante as respostas desta questão alguns jovens se pronunciaram fazendo uma crítica ao lanche e à troca constante de educadores, as palavras deles foram:

*“O ruim é quando chega o tempo, ele tem que sair, aí é osso”*

*“Deveria melhorar o lanche, tem época que só tem pão seco, sem suco”*

A quarta questão era “O que você não acha legal nesse Programa?” As respostas foram: o lanche; deveria implantar cursos profissionalizantes para adolescentes (eles sugeriram cursos como: informática, contabilidade, mecânica e secretariado); melhorar a estrutura do CRAS; mais fardamentos (eles afirmaram que só receberam uma camisa); fardamentos adequados para as diversas atividades.

A quinta e última questão foi “como você gostaria que fossem as atividades do Programa?” As respostas foram: mais criativas; com materiais adequados para a realização das mesmas (eles reclamavam bastante da falta de instrumentos para as aulas de percussão); integradas entre os diversos CRAS, facilitando a troca de experiências e melhorando o contato com os outros coletivos; e com mais passeios para lugares que eles ainda não conheciam (eles citaram, também as péssimas condições dos ônibus que realizavam o transporte para os passeios).

Logo após esta etapa almoçamos e retornamos para a sala. No retorno do almoço, a turma foi subdividida em dois grupos, um para condensar as respostas e o outro para elaborar uma apresentação para ser exposta aos outros coletivos, aos educadores presentes e à responsável pelo programa da SEMASC, no auditório.

Às 13:50h iniciaram-se as apresentações. Os jovens foram convidados a utilizarem o microfone para se pronunciarem sobre o Programa. Todos os jovens demonstraram bastante empolgação ao falar sobre o Programa e um dos depoimentos que mais me chamou atenção foi o de um jovem do Coqueiral:

*“Eu aprendi muita coisa aqui, eu quero aprender mais e meus amigos também”*

A primeira apresentação foi a do Porto Dantas, que trouxe a paródia da música “É gogo”, do grupo de pagode baiano Harmonia do Samba.

*“O Projovem tá na área e isso aqui vai pegar fogo...”*

A segunda apresentação foi a do Coqueiral, que fez uma paródia da música [“Tchuco”, da banda de pagode baiana Black Style](#).

*“Já sei o falta nesse Projovem*

*Vocês me desculpem, mas preciso dizer:*

*Falta mais espaço para o nosso lazer*

*Pão seco todo dia não ta dando pra descer*

*Depois que melhorem nosso lanche*

*Pode vir cursos profissionalizantes*

*Com materiais pra gente aprender*

*As atividades ficam contagiantes*

*Refrão: Jovem, jovem, Projovem de novo*

*Olha vocês educadores profissionais*

*Com seu jeitinho tão parceiros, dedicados o tempo inteiro*

*Com nossa cara de pirraça, não agüentam mais*

*Muito obrigado educadores*

*Por tantos momentos especiais*

*Gustavo\* quer toda hora*

*Fernanda\* sabe o que*

*Refrão: Jovem, jovem, Projovem de novo”*

\* Gustavo e Fernanda são educadores sociais do Programa

O terceiro grupo, do Risoleta Neves, apresentou uma encenação sobre o funcionamento do Programa.

O quarto grupo, do Porto Dantas, também realizou uma encenação retratando o mau tratamento de alguns profissionais do CRAS para com os jovens.

1. O último grupo, que foi o do Coqueiral, também realizou uma encenação na qual demonstravam a importância do Projovem para os adolescentes além disso eles apresentaram uma paródia do rap carioca “[Eu Só Quero É Ser Feliz](#)” da dupla de [MC’s Cidinho e Doca](#).

Algumas coisas foram interessantes entender, a partir de conversas informais com os educadores

- A presença de muitos jovens advindo do PETI no Projovem Adolescente (uma hipótese que pensei para justificar este fato, é que esteja existindo uma continuidade de participação dos indivíduos nos programas sociassistenciais propostos pelo Governo Federal)
- Baixa frequência dos jovens (pensei na hipótese de que o não fornecimento de “bolsa” pelo Programa, diante da atual conjuntura do Bolsa Família e do Projovem Urbano, pode causar um desestímulo na participação dos jovens, quando eles comparam o Programa ao qual são vinculados e os dois citados);
- Os alunos reclamaram bastante da qualidade dos lanches oferecidos pelo Programa (uma possível resposta à baixa qualidade das refeições oferecidas aos jovens está no valor de 1.256,25 (mil duzentos e cinquenta e seis reais e vinte e cinco centavos) mensais, para o custeio mensal do coletivo, incluindo alimentação e pagamento de funcionários.

### 3 - CADERNO DE CAMPO – RELATOS DAS OBSERVAÇÕES NOS CRAS

#### 3.1 – 16 DE NOVEMBRO DE 2009

- CONVERSA INFORMAL COM ELZE ANGÉLICA MELO BARRETO – Gerente das ações socioeducativas para a infância e juventude.

É relevante registrar que ficamos esperando cerca de um mês por essa conversa, após termos encaminhado o ofício à secretária municipal de assistência social de Aracaju – SEMASC, pois apesar de já termos conseguido a autorização para a realização da pesquisa, recebemos a recomendação de conversarmos com uma das gerentes, antes de irmos aos

CRAS. Estas estavam ocupadas com as olimpíadas do Projovem, entre outras atividades, nos CRAS.

Diante disso a nossa conversa aconteceu somente no dia 11 de novembro. Assim que chegamos à secretaria fomos recebidas por Elze – ao perguntarmos sobre a sua trajetória profissional ela nos contou que também foi a primeira orientadora do Programa Agente Jovem, entre os anos de 2000 e 2004, em 2005 ela voltou para a secretaria já para o cargo que ocupa atualmente. Inicialmente, perguntamos sobre os números do Projovem Adolescente em Aracaju. Segundo ela, em novembro de 2009, a capital conta com 41 coletivos, distribuídos entre 11 dos 14 CRAS situados em Aracaju – somente o CRAS da Jabutiana, Pedro Averan, e o CRAS do Jardim Esperança não têm o Projovem Adolescente.

O programa também está sendo realizado em uma unidade socioeducativa, situada no povoado Areia Branca. Segundo Elze, são atendidos 952 jovens pelo Programa, sendo que a grande maioria é beneficiário também do Programa Bolsa Família. De acordo com ela, todas as instituições que recebem o Programa devem estar cadastradas no Conselho de Assistência.

No final da conversa, comuniquei a ela que pensava em realizar a pesquisa em dois CRAS – o Gonçalves Rollemberg e o Coqueiral - então ela sugeriu que pesquisássemos o do Santa Maria ou o do Coroa do Meio, ao invés do Gonçalves Rollemberg, afirmando que neste o Programa não estava tendo o mesmo desempenho que nos demais já citados. Todavia após análise junto com a professora Sonia, no mesmo dia, à tarde, decidimos permanecer com análise do CRAS Gonçalves Rollemberg e o do Coqueiral, estendendo a pesquisa também para o Santa Maria. Assim teríamos uma amostragem bastante representativa da cidade de Aracaju, acomodando a zona norte, com o CRAS Coqueiral, a zona sul, com o CRAS Santa Maria, e a zona oeste, com o CRAS Gonçalves Rollemberg.

No dia 12 já pela manhã, entrei em contato com Elze e passei para ela os CRAS que estaríamos visitando, ela aprovou e agendamos o campo para a próxima semana, iniciando no dia 17, terça-feira, no CRAS do Santa Maria.

### 3.2 - CRAS SANTA MARIA

17 DE NOVEMBRO DE 2009

HORÁRIO DE CHEGADA: 15 h

HORÁRIO DE SAÍDA: 17:30h

No primeiro dia que chegamos optamos por ir fazer o reconhecimento do campo. Nos deparamos com um prédio, aparentemente, recém construído e em boas condições de uso. Quando chegamos a pessoa que recebemos a informação para procurar, já não se encontrava, então falamos com a orientadora social, que nos levou ao encontro da educadora social.

Falei com a orientadora, a qual informou que os jovens estavam assistindo um filme. Logo que começamos a conversar, ela me passou o cronograma de atividades dos jovens: segunda e quarta – oficina de judô / terça e sexta – oficina de esporte / quinta - oficina de percussão. Logo em seguida subi as escadas e fui ao encontro dos jovens. Quando adentrei à sala os jovens, que estavam em companhia da “instrutora física”, nos olharam com algum estranhamento e começaram a conversar... esperei que eles calassem e me apresentei, explicando sobre a pesquisa e pedindo permissão a eles para realizar algumas entrevistas e observações das atividades.

Os jovens estavam num momento “livre”, segundo a própria instrutora, então dois deles, ainda na sala, ouviam num aparelho de CD músicas de Edson Gomes, num volume, relativamente alto para a sala. Depois começaram a reclamar do filme que tinham acabado de assistir – “Quanto vale ou é por quilo” -, que, segundo a instrutora, serviria para trabalhar a questão do racismo, posto que dia 20 é o dia da consciência negra – eles falavam que preferiam ter assistido “Bairro 13”, ou “Cidade de Deus”, segundo a própria orientadora, os jovens gostavam de filmes violentos.

Observei que na sala estavam presentes cerca de 10 jovens e, destes, apenas 2 meninas. Como eles já não tinham mais nenhuma atividade para ser feita, logo foram liberados para o lanche e em seguida liberados. Após isso, pedi a instrutora física para realizar a entrevista com ela, após a sua concordância, conversamos um pouco. Em seguida fizemos também três entrevistas com jovens indicados pela própria educadora.

### 3.3 - CRAS COQUEIRAL

18 DE NOVEMBRO DE 2009

Cheguei ao CRAS, em torno das 15 h, é importante registrar que eu não conhecia o Coqueiral, por isso acabei descendo no ponto de ônibus errado. Voltei um pouco andando e consegui chegar ao CRAS. Essa pequena caminhada foi importante para que eu fosse me familiarizando com a estrutura da comunidade “Coqueiral”, passamos pela associação comunitária e percebi a humildade das casas e dos estabelecimentos comerciais. A poeira, do solo de piçarra, e o contexto social me remeteu ao bairro Santa Maria, apesar da distância de ambos.

Chegando no CRAS, que é uma casa de andar alugada, com, aparentemente, pouca estrutura para ser um ambiente educador, logo vi duas garotas. Logo perguntei pela assistente social, elas me mandaram subir as escadas. Lá em cima me apresentei para as funcionárias que lá estavam – psicóloga, educadoras e orientadoras sociais - a assistente social não se encontrava.

Aproveitei o momento para conversar um pouco com a orientadora, sobre a evasão dos jovens do Programa. Ela afirmou que os jovens têm evadido bastante agora no final do ano. Perguntei também se eles já tinham tido, ou se tinham alguns jovem cumprindo medidas socioeducativas, ela disse que sim, 2 jovens no ano passado, no Programa Projovem Adolescente.

A educadora social me levou para conhecer a sala onde se realizam as atividades com os jovens e foi me explicando que à tarde o coletivo estava esvaziado – hoje só tinham ido 3 meninos, que estavam na quadra e as duas meninas, exatamente as duas garotas que encontrei quando chegamos, lanchando cachorro-quente. Então pedi a ela para fazer as entrevistas com as meninas. Descemos, ela me apresentou às meninas, expliquei sobre a pesquisa e fiz as duas entrevistas – as meninas responderam todas as perguntas, a orientadora pediu para participar deste momento, respondi que sim, mas declarando o meu receio com relação à possível coação das meninas para tecer as críticas ao Programa.

No final da entrevista a orientadora pediu às meninas que revelassem os pontos negativos também, para que isso fosse registrado e o Programa fosse aprimorado. Logo depois 3 dos educadores sociais do Programa chegaram. Conversamos sobre a pesquisa e, esperando um momento mais “à vontade” com os educadores não fiz a entrevista, preferi não entrevistá-los naquele momento. Como já estava chegando a hora de passar o ônibus – que só passa de 40 em 40 minutos – nos organizamos para ir embora, as meninas foram liberadas e seguimos andando para o ponto de ônibus, - eu, 2 das educadoras e a orientadora social – fomos conversando sobre a educação e os principais desafios de trabalhar em localidades como o Coqueiral.

Diante do esvaziamento dos jovens do turno da tarde – segundo os educadores, causada pela troca do Programa por cursos profissionalizantes, oferecidas pela FUNDAT, por exemplo – resolvi que retornaria na semana que vem, na segunda, para passar o dia inteiro no CRAS, observando e acompanhando as atividades dos jovens.

### 3.4 - CRAS SANTA MARIA

23 DE NOVEMBRO DE 2009

AULA DE JUDÔ

Cheguei ao CRAS às 13:50h, os jovens estavam participando da aula de judô com o instrutor Cristiano. À primeira vista os 7 jovens que se encontravam na sala, que estava equipada com tatame, pareciam bastante empolgados com a aula. Dos 7 jovens, apenas 3 possuíam kimono, doados pela SEMASC, e 2 deles brincavam com aparelhos de celular.

Entre eles, escutei formas de tratamento como “pagodeiro viado”. Outros dois jovens, um garoto e uma garota, brincavam no tatame, um terceiro falou “tão cruzando é?”

Eles passaram alguns minutos fazendo exercícios de alongamento e aquecimento, obedecendo as ordens do instrutor, depois eles demonstraram cansaço. Quando o instrutor pediu para que eles levantassem e encostassem na parede em ordem, um deles falou: “baculejo!”. Em seguida eles continuaram com exercícios já com técnicas do judô.

Conversei com o instrutor sobre o horário de entrada. Ele afirmou que o horário é 13:30h, com a tolerância de até 20 minutos, passando disso ele não permitia a entrada na sala. De fato, percebi que pelo menos três educandos fardados com a camisa do Programa, haviam batido na porta, ele conversou com os mesmos e os dispensou, após convidá-los para participar de um jogo de futebol que ocorrerá amanhã (24 de Nov.) no parque da Sementeira, enquanto eles conversavam percebi que os jovens tinham dificuldade para arrumar o tênis para ir ao jogo.

Durante os exercícios o professor perguntou quanto dava 4 vezes 15, os jovens tiveram muita dificuldade para responder. O primeiro se limitou a dizer a aula era de judô e não de matemática. O segundo disse 45 e o terceiro respondeu 75. Somente um quarto conseguiu responder que era 60. E em seguida o instrutor fez reverência ao que acertou.

Durante a aula jogaram um sabonete pela janela. O instrutor falou que isso era normal, que já tinham quebrado o vidro com uma pedrada e que isso acontecia por rixa com os garotos que estavam na sala ou até mesmo por “instinto”. Segundo ele, um dia ele chegou na sala e tinha um guaiamum morto na sala, daí ele pensou “Oxente, a escola virou mangue foi?” (risos).

Às 14:50h os jovens tiveram um intervalo para beber água e ir ao banheiro. Todos estavam de volta às 15h e a aula prosseguiu com lutas no chão. Os jovens fizeram a atividade seguindo todas as coordenadas oferecidas pelo instrutor.

No final da aula conversei um pouco com o instrutor, sobre a linguagem que ela utilizava com os jovens. Percebi que o tom era sempre bastante informal e ele respondeu que procurava falar a linguagem deles. Disse também que não forçava os educandos a participarem das atividades. “No primeiro mês insisto, converso, explico a importância da atividade física, mas depois respeito a vontade dele e não insisto”

Depois disso entrevistei os dois jovens que não estavam participando das atividades. Em seguida entrevistei 2 garotas e 1 garoto juntos, os 3, por pedido deles mesmos. E ao final entrevistei o instrutor de judô. Saí do CRAS por volta de 17 h.

### 3.5 - PASSEIO NA SEMENTEIRA DO PROJovem ADOLESCENTE 24 DE NOVEMBRO DE 2009

Os finalistas do campeonato do Projovem Adolescente, realizado em setembro de 2009, foram convidados para jogarem futebol de salão e futebol de campo nas quadras do parque da Sementeira. Os 3 CRAS que estou observando participaram dessa atividade. Os jogos começaram em torno de 9 h e terminaram em torno de 12h. Os jovens se enfrentaram no campo, sem nenhum problema visível, mas fora dele identifiquei que existiam algumas “rixas” entre alguns deles, a exemplo do CRAS Gonçalo Rollemberg Leite e com o CRAS da Veneza. Segundo a educadora social, isso acontecia porque a maioria dos jovens dos dois CRAS moravam no bairro Veneza e já se conheciam. Observei também que os garotos falavam muito em “tomar cachaça”, segundo essa mesma educadora social ela tinham um

garoto que estava lá jogando, mas era alcoólatra, dizendo que toda segunda-feira o jovem chega ao CRAS com ressaca e afirmando ter “enchido a cara” no final de semana. Para ela esse problema era ocasionado muitas vezes por carência afetiva, ela afirmou que vinha conversando com ele, tentando fazê-lo para de beber e que já havia acontecido em um final de semana, “Eu prometi a ele que se ele não bebesse no final de semana, daria um abraço nele, na segunda ele chegou de óculos escuros, quando levantou os óculos vi que estava sem cara de ressaca e até de barba feita”. Ela continuou a história contando que ele ficou sem graça ao receber o abraço, mas disse que na sexta seguinte iria beber novamente.

Às 11 h foi servido o lanche, todos lancharam com tranquilidade. Fiquei aguardando o ônibus do CRAS Santa Maria e voltei para casa no mesmo ônibus que os jovens, pois como moro no Orlando Dantas, o caminho de volta acaba sendo caminho também para minha casa.

Fiz algumas fotos e percebi que ao final não houve premiação. Voltei para a casa de carona para casa, no ônibus dos jovens do Santa Maria.

### 3.6 - BAZAR SOLIDÁRIO – CRAS GONÇALO ROLLEMBERG LEITE

25 DE NOVEMBRO

CHEGADA: 14:30 h

SAÍDA: 17 h

Quando cheguei ao CRAS – também chamado de CSU -, os jovens estavam logo na entrada organizados me torno do bazar. Quando cheguei eles pensavam que eu iria fazer compras, quando me apresentei, eles inclusive ficaram receosos diante da minha presença. Percebendo que eles reclamavam do insucesso do bazar, eles e as educadoras, alegaram que tinham vendido pouco. Aproveitando que estava lá dei uma olhada nas roupas expostas e comprei uma blusa e um vestido. Com essa atitude consegui me aproximar mais dos jovens e iniciar um diálogo com a educadora social.

Durante a conversa informal com a educadora ela me falou da evasão dos alunos, que é ainda maior entre as meninas – essa evasão é causada em grande parte por gravidezes indesejadas, por parte das meninas, e por ocasião de trabalho, ou emprego, no caso dos meninos. Conversamos sobre este assunto porque identifiquei a grande diferença entre o número de garotos e garotas, sendo muito superior a presença de meninos.

Passado alguns minutos consegui conversar com alguns meninos e, apesar da grande resistência à realização das entrevistas, consegui conversar e gravar a entrevista de três jovens, dois meninos e uma menina, esta já casada.

Depois das entrevistas soube que também existia um professor de dança de rua no CRAS, mas eles só estavam tendo aulas de cidadania. Após essa conversa soube que este educador também estava no CRAS, então pedi a educadora para me levar até ele. O educador estava dentro do CRAS, pedi a ele para conversarmos um pouco, ele foi bastante solícito e levou-me até a sala aonde ele ministrava as oficinas. Chegando lá, observei que o teto estava danificado e que, provavelmente, quando chovia a sala ficava sem condições de uso, e foi exatamente o que ele me confirmou. Conversamos sobre vários assuntos referentes ao Programa antes de ligar o gravador, ele me falou da realidade que enfrentava no trabalho cotidiano com o Programa, das suas angústias e dificuldades principais durante a entrevista e dos problemas de infra-estrutura que envolviam o Programa. Ele questionou bastante o fato de os jovens não estarem presentes no Programa, o que faltava para que toda a demanda existente de jovens na faixa etária própria para o Projovem Adolescente estarem frequentando aquele espaço.

Acredito ser importante registrar neste, que este educador foi o mesmo que realizava atividades no CRAS do Santa Maria e que, em decorrência de uma situação entre eles e os alunos, o mesmo havia levado uma “tijolada” na cabeça por um educando. Durante a nossa

conversa ele não entrou especificamente no assunto, acabou não expondo a sua versão sobre o ocorrido.

No final da tarde saí do CRAS na companhia dos educadores, fomos conversando até o ponto do ônibus.

### 3.7 - OFICINA DE PRODUÇÃO DE CARTAZES - CRAS SANTA MARIA 26 DE NOVEMBRO DE 2009

- PRODUÇÃO DE CARTAZES PARA CAMINHADA QUE SERÁ REALIZADA AMANHÃ (27/09), CONTRA A VIOLÊNCIA A GRUPOS VULNERÁVEIS.

Chegada: 13:45h

Saída: 16 h

Escolhi o dia de hoje (quinta-feira) para fazer a última observação, pois, segundo a orientadora hoje seria aula de percussão e estava interessada em observar o comportamento dos jovens durante essa atividade. Entretanto, assim que cheguei lá fiquei sabendo que o educador responsável havia faltado e que eles teriam atividade junto à instrutora física, em substituição à aula de percussão.

Quando cheguei à sala, percebi que a educadora estava um pouco estressada, tentando explicar a atividade que realizariam juntos: produção de cartazes com o tema “Exploração sexual”, para a caminhada contra a violência aos grupos vulneráveis.

Os jovens, inicialmente, demonstravam resistência à atividade e pouco interesse. Apesar do stress inicial para começar as atividades, tanto dos educandos, quanto por parte da educadora, aos poucos os jovens foram se integrando à atividade, munidos de papel, cartolina, cola colorida, canetas e pincéis.

Uma das coisas que me chamaram atenção, durante as observações neste CRAS, foi a preocupação dos educadores com as portas e com a saída dos jovens da sala. Durante essa atividade, muitas vezes percebi que a porta estava fechada com a chave para evitar que os jovens saíssem da mesma. E, como neste mesmo prédio, aconteciam outras atividades, neste dia especificamente estava ocorrendo ensaios de um grupo de dança de rua, o que estava dispersando os jovens, avalei que os educadores tentavam, com esta iniciativa, impedir a dispersão.

Enquanto eles produziam os cartazes, conversei um pouco com a educadora sobre a discrepância entre a quantidade de meninos e meninas – nesse dia havia cerca de sete alunos participando da oficina e somente uma garota. Ela falou que no início era a mesma quantidade, de garotos e garotas, no entanto, depois as meninas foram evadindo, restando, atualmente, apenas três meninas frequentando regularmente. Ela também falou que ano que vem muitos jovens deixarão o Programa, pois já estavam fazendo dois anos de participação, para que outros entrem – os CRAS já estão convocando os jovens que recebem o Bolsa Família, que estão na idade de participar o Programa, entre 15 e 17 anos, para se inscreverem. Perguntei também se eles já tinham tido algum aluno matriculado cumprindo medidas socioeducativas, ela afirmou que já tinham tido um jovem, só que no PETI.

Enquanto os jovens preparavam os cartazes, uma das falas que mais me chamaram atenção foi quando o jovem, escrevendo frases no cartaz afirmou que iria escrever: “Exploração sexual: não venda seu corpo por qualquer mixaria”. Durante a feitura dos cartazes enquanto a educadora pedia para que eles desenhassem flores, que, segundo ela, combinava com o tema, os jovens queriam desenhar “caveiras” nos cartazes e nas faixas.

Aproveitei a tarde para entrevistar os dois jovens que estavam faltando para concluir o bloco de entrevistas no Santa Maria. Os dois primeiros que pedi para entrevistar disseram que não queriam porque eram “vergonhosos”, nas tentativas seguintes logrei êxito e concluí esta etapa. Também fiz fotos dos CRAS e da atividade desenvolvida pelos jovens, assim que

conclui, despedi-me deles, agradei a colaboração dos educadores e fui embora. Avisei que também que voltaria na semana seguinte para entrevistar o instrutor de percussão.

### 3.8 - CRAS COQUEIRAL – 1º DE DEZEMBRO DE 2009

Devido a problemas na escola em que trabalho, relacionados a questões disciplinares de meus alunos, tive dificuldade em conseguir sair mais cedo para dar seguimento às observações. Com acabo levando em média 1 h de ônibus, do Santa Maria ao Coqueiral, acabei chegando no CRAS somente às 10h. Quando cheguei fui informada de que os educandos já haviam sido liberados, pois eles haviam assistido uma palestra sobre as drogas, ministrada pela Polícia Militar e tinham acabado de serem liberados. Os educadores e a orientadora também não se encontravam mais no CRAS. Agradei a atenção da funcionária de serviços gerais que me prestou as informações e fui embora, prometendo voltar no dia seguinte.

### 3.9 - CRAS COQUEIRAL – 02 DE DEZEMBRO DE 2009

CHEGADA: 9h

SAÍDA: 11:30h

Atividade: ensaio teatral PETI / Projovem Adolescente

Quando cheguei ao CRAS os jovens já estavam se organizando para começar o ensaio teatral do “Alto de natal”. Jovens e crianças, do Projovem e do PETI, estavam engajados no projeto da peça, sob a direção do instrutor de teatro. Já sabia que encontraria essa atividade durante a observação, pois fui informada, previamente, pela orientadora na primeira visita feita ao Coqueiral (18 de novembro), que os educandos desses dois programas estariam completamente envolvidos com a produção da peça.

Após alguns minutos de certa “algazarra” os educandos entraram no galpão, que era a sala de ensaio deles. A estrutura da sala e do CRAS, como um todo, é realmente muito ruim. A sala tinha apenas um ventilador de teto, que funcionava mal, e duas pequenas janelas, por onde, devido ao calor, no mais das vezes entrava muito mais poeira do que qualquer outra coisa. Juntos a terra seca e os caminhões e tratores que passavam por lá, com bastante frequência, por conta das obras intermináveis de saneamento básico que estão sendo feitas no Coqueiral tornava o ambiente de ensaio totalmente insalubre.

Contrariando os meus preconceitos, diante da estrutura do CRAS e da difícil realidade exposta aos olhos de quem quiser ver, daquela comunidade. Dentro daquele galpão observei um trabalho sério, envolvendo as diversas formas de expressão dos educandos, o envolvimento efetivo dos jovens na atividade e uma proposta de trabalho coerente com os documentos do Programa. Sem muitas hesitações os jovens obedeciam fielmente aos comandos do instrutor e aos poucos construíam uma bela e original montagem sobre o nascimento de Jesus.

Quando entrei na sala fui bem recebida pelos educandos, me ofereceram cadeira para sentar, bem mais de uma vez. Procurei fazer fotos do ensaio e ao final fiz algumas entrevistas. Outro dado que me chamou atenção, ainda que visivelmente, foi a presença feminina maciça na participação das entrevistas, ao contrário do que vem acontecendo nos outros CRAS. No final da manhã consegui também uma entrevista com uma das educadoras sociais, que vem trabalhando com as oficinas de cidadania.

### 3.10 - 02 DE DEZEMBRO – CRAS SANTA MARIA

15 h

Como já concluí as observações no CRAS e as entrevistas com os educandos e com os instrutores físico e de judô, retornei ao CRAS apenas para colher a entrevista do instrutor de percussão. Cheguei ao CRAS e percebi que estava acontecendo uma palestra, a qual todos estavam assistindo. Perguntei a educadora sobre o instrutor de percussão, logo fui informada que ele não se encontrava.

### 3.11 - 03 DE DEZEMBRO – CRAS COQUEIRAL

CHEGADA: 9:30 h

SAÍDA: 12 h

Quando cheguei ao CRAS os jovens já haviam iniciado o ensaio do teatro. Já com alguns elementos do figurino e testando a sonoplastia da peça, já que a apresentação era apenas gestual, pois não existiam diálogos entre os personagens. Mais uma vez tirei algumas fotos, menos que no primeiro dia, e continuei percebendo a boa relação entre os educadores e os educandos.

Hoje também foi inserido um novo elemento na peça, uma apresentação de (ritmo musical?) que se realizaria na cena do nascimento do menino Jesus. Apesar de não terem oficina de dança uma das educadoras de cidadania, mesclava suas oficinas com a inserção de ritmos musicais como o samba de côco e a taieira, entre outros. Assim, vestidas à caráter as meninas ensaiavam a sua participação na peça. Outro importante elemento a ser observado foi os elementos cenográficos da peça, todos, visualmente, feitos de material reciclado e de materiais reaproveitados - confirmamos esse dado, com a entrevista realizada hoje com o instrutor e diretor da peça.

Após ser informada que em outra sala outros educandos trabalhavam com a educadora de cidadania, subi as escadas, pedi licença e adentrei na sala. Apenas um educando do Projovem estava trabalhando com a educadora, os demais eram do PETI. Ela estava confeccionando o figurino da peça, junto com a educadora, percebi que era bastante tímida e por conta disso fiz questão de fazer uma entrevista com ela, descobri que estava diante de uma excelente desenhista.

Quando desci, observei que existia um bebê na sala, que estava inclusive sendo usada numa cena, na qual deveria estar um rolo de TNT. Após a cena a jovem entregou a criança, a qual identifiquei ser a mãe. Aproximei-me dela e perguntei se ela era do Projovem, ela respondeu que sim, em seguida pedi para entrevistá-la, ela topou. Sentamos e conversamos um pouco, ele se mostrava uma mãe bastante cuidadosa, apesar da pouca idade, além de demonstrar o interesse em continuar estudando, já que estaria prestando vestibular, ainda este ano, para fonaudiologia.

Ao final entrevistei mais um garoto que sonhava e ser ator, e já estava inserido no Grupo “Imbuca” e o instrutor de teatro. Com isso encerrei as minhas observações no CRAS Coqueiral, com a sensação de ter tido uma manhã bastante produtiva para a pesquisa e bastante enriquecedor para a minha vida.

### 3.12 - CRAS GONÇALO ROLLEMBERG LEITE - 03 DE DEZEMBRO DE 2009

CHEGADA: 15h

SAÍDA: 17:30h

Quando cheguei ao CRAS, fui direto à sala onde os educandos estavam participando da oficina de cidadania. A atividade que estava sendo desenvolvida com eles, era pintura de figuras que faziam alusão ao natal. Pintando com tinta e pincel, apenas 5 jovens participavam da atividade, todos homens. Fiz algumas fotos e a educadora me informou que estava recolhendo depoimentos deles para produzir um vídeo para ser apresentado. No vídeo os jovens se apresentavam, falavam o que achavam do Programa e diziam o que desejavam do

Programa para 2010. Os depoimentos estavam sendo tomados pela educadora social, que filmava os garotos. Muitos ficaram com vergonha de fazer a gravação. Conversei com a educadora se a minha presença estava interferindo no desempenho deles, daí a educadora falou que aquele tipo de comportamento deles era normal, que muitas vezes eles faziam isso apenas por carência, pra chamara a atenção.

No final da tarde apenas dois jovens fizeram a gravação, os mesmos que também consegui entrevistar.

### 3.13 - CRAS GONÇALO ROLLEMBERG – 04 DE DEZEMBRO DE 2009

CHEGADA: 9:30h

SAÍDA: 12h

Chegando ao CRAS os jovens já estavam participando da oficina de recreação, jogando futsal. Após cerca de 30 minutos os jovens retornaram para a sala e logo foram liberados pela educadora para que eu pudesse realizar as entrevistas com eles. Fiz quatro entrevistas com os educandos. Por fim entrevistei também a educadora, restando apenas 1 jovem para concluir os trabalhos de entrevistas.

### 3.14 - APRESENTAÇÃO CRAS COQUEIRAL NA FEIRA DE ARTESANATO DA SEMASC – 04 DE DEZEMBRO

16h

Após muitos ensaios chegou o dia da apresentação do Alto de Natal dos educandos do PETI e do Projovem do Coqueiral. Fiz questão de ir assistir, não só para fotografá-los, mas para também prestigiar todo o trabalho que foi desenvolvido com os jovens pelos educadores. A peça foi a última apresentação da tarde, eles estavam bastante ansiosos, mas, aparentemente, calmos. Após aproximadamente meia hora de peça, eles foram aplaudidos pelas poucas pessoas que ainda se encontravam na praça. Ver aqueles jovens representando me deu uma sensação muito boa, eles demonstravam alegria em estar ali produzindo e criando, de alguma forma, personagens bem conhecidos do público. Ao final parabenizei a todos e a todas e me despedi deles e dos educadores.

### 3.15 - 15 DEZEMBRO – FORMATURA DOS 41 COLETIVOS

16h

Resolvi participar dessa atividade não somente para entrevistar a última jovem do CRAS Gonçalo Rollemberg, mas também porque achei que seria interessante e mesmo simbólico, concluir as minhas observações participando da “formatura” e encerramento dos 41 coletivos do Projovem Adolescente de Aracaju. Além de ser um excelente momento para reencontrar os jovens de todos os CRAS que havia observado. Entretanto, quando lá cheguei, na associação de Moradores do Beira Rio, a primeira coisa que percebi foi que ali não haviam 41 coletivos como estava sendo divulgado pelo mestre de cerimônias, bem como também foi divulgado pelo sítio da Prefeitura Municipal de Aracaju.

Em conversa informal com uma educadora social, dei-me conta de que existiam ali entre 09 e 10 coletivos, não mais que isso. Só então entendi que o número que estava sendo divulgado correspondia a quantidade de jovens que haviam iniciado junto com o Programa em junho de 2008 (confirmar). Estavam ali presentes apenas os jovens que sobreviveram a evasão que ficou ainda mais visível neste dia.

A festa foi teve como mestre de cerimônia um educando do Projovem Adolescente, do CRAS Risoleta Neves. Aconteceram apresentações de Dança de Rua, Dança Contemporânea e Pagode Baiano. Logo depois foram entregues certificados de maneira simbólica a alguns

jovens. Para cada CRAS foi convidado um jovem para receber os certificados, representando todos os demais do seu coletivo. Foram entregues também certificados de cursos do SENAI e do SENAC, segundo a educanda que entrevistamos o “Projovem havia indicado” alguns jovens para fazer cursos profissionalizantes nessas instituições.

Logo depois os jovens participaram de um coquetel de salgados e doces e concluíram a noite numa boate, que tocava os diversos ritmos musicais.

#### 4 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

##### 4.1 - CRAS COQUEIRAL

###### 4.1.1 – ENTREVISTA COM JOVEM

Dia dois de dezembro CRAS Coqueiral, vamos conversar agora com um jovem 1.

Quantos anos você tem?

17

Você ta estudando?

Sim

Qual é a série?

1º ano

Você já parou de estudar em algum momento da sua vida?

Nunca

Há quanto tempo você está aqui no Projovem Adolescente?

Vai fazer dois anos

E aí agora você já vai sair?

É, diz que agora no final do ano ta pra sair uma turma pra entrar outra

Você mora aqui mesmo no Coqueiral?

Moro

Durante este tempo que você está aqui no Projovem, já observou alguma melhoria?

Melhorias teve, piorar não piorou não.

(demonstrou dificuldade para responder)

(...)

Lanche melhorou, mais amizades, tudo.

Desde que você está no Projovem o CRAS sempre foi aqui nessa casa?

Sim

Quantas pessoas moram com você na sua casa?

Três, eu, meu pai e minha mãe

Antes de participar do Projovem Adolescente, você já participou de algum outro programa?

Sim, já participei do PETI

E o Bolsa Família você recebe?

Rapaz acho que eu recebo, porque quem recebe é minha mãe, sabe. Recebo então.

Você tem idéia de quanto seja renda familiar mensal na sua casa?

Tenho idéia não.

Quais são as atividades que você mais gosta aqui do programa?

Atividades? Gosto do lazer, teatro de vez em quando é bom, né?

Vocês têm oficinas de quê aqui?

Só teatro e esse negócio de cidadania. E recreação e esporte dia de sexta na quadra. E de vez em quando tem campeonato e a gente participa também.

E qual é o campeonato que você participa?

Futsal, futebol, queimado

E quais são as atividades que você menos gosta?

Não é que eu não goste é que é enjuativo cidadania, é que eu não gosto não disso não.

E porque você acha enjuativo?

É porque são aulas muito chatas, eu sei que é bom pá nós, assim, não tenho paciência de ficar escutando essas coisas não. Não sou muito paciente não.

Se você fosse dar alguma sugestão pra melhorar as aulas de cidadania, o que você diria?

Não sei eu que diria não. (...) Não sei sugerir isso não.

Você já teve algum livro, algum material didático do programa?

De vez em quando eu lia uns livrinhos que tinha aí, só isso mesmo.

Mas os livros são do Projovem Adolescente ou é livro de outra coisa?

É do Projovem mesmo.

Já te deram algum livro do programa aqui no CRAS pra ser seu?

Não. Nunca me deram não.

Porque que você acha importante participar do Projovem Adolescente?

Acho muito legal, conhecer pessoas novas, fazer novas amizades. Isso é muito bom pá nós, pá mim também.

Você já ta terminando sua participação aqui no programa. Porque você acha que importante participar do Projovem?

Aprendi muitas coisas, até mesmo sobre cidadania que eu não gosto muito, mas aprendi. Muitas coisas mais, sobre negócio de CRAS, sobre negócio de tudo, aprendi de tudo um pouco.

E se você fosse sugerir alguma coisa pra melhorar, tanto no CRAS, quanto no Projovem. O que você sugeriria?

Melhorar? Queria que melhorasse mais o espaço, porque o espaço não é muito ideal não. Queria que tivesse também oficina de percussão, porque desde o começo a gente pedia, pedia e não chegou aqui.

E quando você sair aqui do Projovem, o que você pretende fazer?

Eu? Rapaz, nós jovens temos muitos objetivos, o ideal eu ainda não sei direito não.

Não tem nenhuma coisa em mente que você quer fazer?

Isso mesmo, não tenho.

#### 4.1.2 ENTREVISTA COM JOVEM

Vamos conversar aqui com o jovem 2, no dia dois de dezembro:

Quantos anos você tem?

Tenho 15

Você ta cursando que série?

7ª série

Você parou de estudar alguma vez na sua vida?

Não

Você já ta aqui no Projovem há quanto tempo?

Tem assim uns 4 mês

Você mora com quantas pessoas na sua casa?

Minhas duas irmãs e minha mãe

Você tem idéia de quanto seja a renda da sua família?

120 só, eu acho

Vocês recebem Bolsa Família?

Recebe.

Então é só a renda do Bolsa?

É

As suas irmãs participam de algum programa do governo?

Não, só eu e meu irmão (ele e o irmão participam do Projovem)

E antes de participar do Projovem, você participou de algum outro programa?

Sim, do PETI.

Você mora aqui perto do CRAS?

Com certeza

Quais são as atividades que você mais gosta aqui do Projovem?

Dança e teatro, só.

E quais são os ritmos que você mais gosta de dançar?

Clássico, ballet e contemporâneo.

E quais são as atividades que você menos gosta?

Flauta

E quais são as oficinas que vocês têm aqui?

Música, teatro, cidadania, dança (na verdade eles não têm oficina de dança. Uma das educadoras de cidadania é que desenvolve um trabalho com danças regionais, como o samba de parêa)

E só flauta que você não gosta?

Odeio

Você já teve acesso a algum livro do programa?

Mais ou menos. (...) Não lembro

Porque você acha importante participar do Projovem?

Pá num ta na rua robano, vagabundano, fumando qualquer coisa aí ou beber

E se você fosse sugerir alguma coisa pra melhorar o programa o que você sugeriria?

Uma quadra de esportes só pra o CRAS, uma sala de informática e outros (...) (o educando ficou com vergonha de falar mais coisas)

#### 4.1.3 ENTREVISTA COM 2 JOVENS

(POR ESCOLHA DELAS, FIZEMOS AS DUAS ENTREVISTAS JUNTAS)

Vamos gravar aqui as entrevistas de duas meninas, 3 e 4, no CRAS do Coqueiral, dia dois de novembro.

Quantos anos vocês têm?

3 - 15

4 - 16

Qual a sua série?

3 - 7<sup>a</sup>

4 - 8<sup>a</sup>

Já parou de estudar em algum momento da sua vida?

3 - Não

4 - Não

Há quanto tempo vocês estão no programa Projovem Adolescente?

3 - Há 2 meses

4 - Vai fazer 6 meses

Antes de participar do Projovem, vocês participavam de algum outro programa?

3 - Sim, o PETI

4 - Não

Quanto tempo você ficou no PETI Jéssica?

7 anos

Vocês recebem o Bolsa Família?

3 - Sim

4 - Sim

A renda familiar da família de vocês gira em torno de quanto?

3 - cem reais

4 - A minha mãe recebe Bolsa Família, mas eu não quanto

Vocês moram aqui mesmo perto do CRAS?

3 – Sim

4 – Sim

Quais são as atividades que vocês mais gostam do programa?

3 - Teatro, dança, só não gosto de cidadania, e só. (Ela disse que não gosta de cidadania porque não gosta de escrever muito)

4 – Eu gostei de todas até agora, todas são boas. Teatro é a que eu gosto mais.

Quais são as atividades que vocês menos gostam?

3 – Cidadania e só

4 – Nenhuma, não tem nenhuma que eu não goste

Tem alguma atividade que você tenha dificuldade de participar?

3 – Não

4 – Também não

Vocês já tiveram acesso a algum livro a algum material didático do programa Projovem Adolescente?

3 – Não

4 – Também não

Porque vocês acham importante participar do programa?

3 – Pode ser um avanço para mim, pelo menos não estou na rua, ficando em casa, pelo menos estou aqui pra me divertir mais um pouco.

4 – Pra mim é uma questão de aprendizado, é melhor ta aqui do que ta na rua fazendo besteira, ou usando droga, ou tentando matar as pessoas, ou roubando, é bem melhor assim.

Em que ponto vocês acham que está sendo importante participar do programa para o crescimento de vocês

4 – Eu aprendi muitas coisas que eu não sabia, aprendi meus direitos, que eu não sabia de nada disso. Agora sempre que vem me acusar de alguma coisa eu reconheço meus direitos e vou atrás dos meus direitos. Aprendi também a respeitar meu pai e minha mãe, que eu não tinha muito bem isso.

3 – Concordo com ela. Aprendi meus direitos como ela disse e aprendi a respeitar meu pai e minha mãe.

Se vocês fossem sugerir alguma coisa pra melhorar o programa o que vocês sugeririam?

3 – Eu sugeria uma sala de computação, um prédio maior do que esse e mais professores e mais oficinas.

4 – Uma biblioteca e que o lanche fosse melhor.

#### 4.1.4 ENTREVISTA COM O JOVEM

CRAS Coqueiral, dia 3 de dezembro, vamos conversar agora com a jovem 5.

Quantos anos você tem?

18

Você ta estudando?

Estudo, 1º ano

Você mora aqui mesmo perto do CRAS?

Moro

Moram quantas pessoas na sua casa?

3, eu, minha mãe e minha irmã

Há quanto tempo você ta aqui no Projovem Adolescente?

1 ano e 5 meses, mais ou menos

Antes de você participar aqui do Projovem, você participava de algum outro programa?

Não, nenhum outro

Você sabe dizer se a sua família recebe o Bolsa Família?

Só da minha irmã

Você já parou de estudar alguma vez na sua vida?

Não

Quais são as atividades que você mais gosta aqui do programa?

Eu gosto quando eu desenho (nesse momento ela estava desenhando para a atividade que eles tiveram na sexta, dia 04 de dezembro – a apresentação da peça teatral na feira cultural da SEMASC)

Porque você gosta tanto de desenhar?

Eu gosto quando fica desenhando, principalmente quando pinta

Quais são as atividades que você menos gosta?

Quando vai escrever alguma coisa, eu não gosto de escrever não

Tem alguma atividade que você tem dificuldade em participar?

De teatro (ela era a única jovem que estava no CRAS e não estava participando dos ensaios do teatro)

E aqui vocês têm oficina de quê?

Tem várias aí mas a que eu sei mesmo é o teatro, tem dança também mas eu não participo não, porque eu não gosto

Quais são as atividades que você participa?

Quando é pra desenhar... quase todas, menos dança e teatro

E as aulas de cidadania o que você acha?

São ótimas, eu já aprendi muitas coisas

Diga aí algumas coisas que você aprendeu nas aulas de cidadania?

Respeitar os colegas, os professores e a todos, a sociedade toda

Você já teve acesso a algum livro do programa?

Que eu lembre não

Porque você acha importante participar do programa Projovem Adolescente? O que isso mudou ou melhorou a sua vida?

Melhorou a minha timidez, que eu era muito tímida e a conhecer as pessoas que eu não conhecia, eu morava por aqui mas eu não conhecia

E se você fosse sugerir alguma coisa pra melhorar o programa, o que você diria?

Melhorar os alunos né, que são muito bagunceiros. Se eles tivessem mais educação, respeitasse mais as pessoas, participasse das atividades seria melhor

Você acha que o problema é com os alunos?

É

Você que tem algum problema com os alunos?

É, não sei, eu acho que é de casa mesmo, não sei dizer.

#### 4.1.5 – ENTREVISTA COM A JOVEM

No CRAS Coqueiral, dia 3 de dezembro, vamos conversar aqui com a jovem 6.

Você tem quantos anos?

17

Você tá estudando?

Estou

Que série?

3º ano do ensino médio

Depois que você terminar os estudos o que você tem em mente?

Fazer o curso de fonaudiologia na UFS

E você vai prestar vestibular já este ano?

Sim, vou prestar vestibular esse ano já

Ela tá aqui com uma bebezinha, se você quisesse eu queria que você falasse um pouco pra gente como foi que aconteceu

Um momento alegre, um pouquinho assim de dor, que é normal, eu sei. Mas to muito feliz que eu tive ela, to achando assim tão bonitinho, tão linda, uma graça.

E você é casada?

Não, não sou casada não

E como aconteceu a gravidez, veio sem planejar, com foi isso?

Veio sem planejar, sem planejamento

Moram quantas pessoas na sua casa?

6, eu, ela, minhas duas irmãs e meus pais

Como foi que seus pais receberam essa notícia que ia ter uma netinha?

Normalmente, apesar de não esperarem, normalmente, não teve nenhum tipo assim de raiva.

Foi tudo normal

Você tem idéia de quanto seja a renda da sua família?

Por mês uns R\$ 200,00, meu pai ta desempregado. Uns R\$ 200,00 junto com o dinheiro da bolsa.

E você recebe o Bolsa?

Recebo

Há quanto tempo você ta aqui no Projovem?

Tem um ano e seis meses

Antes de participar do Projovem, você participou de algum outro programa?

Não

E seus irmãos participam ou já participaram de algum outro programa?

Não, nenhuma das duas, uma só ta estudando só

Quais são as atividades que você mais gosta de participar aqui do programa?

Teatro, eu gosto muito, apesar de não participar tanto porque agora eu to afastada, mas eu gosto muito de teatro

E a que você menos gosta?

Não tem assim a que eu menos gosto não, sabe

Tem alguma atividade que você tenha dificuldade em participar?

Não, nenhuma

Você já teve acesso a algum livro do programa Projovem Adolescente?

Não, não tive não

Porque você acha importante pra você, para sua vida, participar do programa Projovem Adolescente?

Porque ele trás muitas informações, muito conhecimento, coisas que eu não sabia eu aprendi aqui. É isso

E se você fosse sugerir alguma coisa pra melhorar o programa, o que você sugeriria?

Devia melhorar assim... ter mais atividades, teatro, dança, é... percussão, outras coisas, oficinas, seria bem legal se tivesse

Pra gente terminar, eu queria que você dissesse pra gente como ta sendo essa sua experiência de ser mãe?

Tá sendo belíssima, apesar de eu ser jovem ta sendo muito boa, to aproveitando o máximo que eu posso, apesar de eu estudar à tarde, ta sendo muito boa

E você continua estudando?

Continuo estudando

#### 4.1.6 – ENTREVISTA COM A JOVEM

Vamos conversar aqui com mais uma jovem, a 7, aqui no Coqueiral, dia 3 de dezembro.

Nossa última menina do CRAS Coqueiral – foi o CRAS que eu entrevistei mais meninas.

Eu queria saber se aqui tem mais meninas, ou os meninos são envergonhados mesmo?

Os meninos são muito envergonhados, as meninas são mais soltas aqui no Projovem

Mais a maioria é menino ou menina?

A maioria é menina  
 Quantos anos você tem?  
 15 anos  
 Você ta estudando?  
 Tô  
 Qual sua série?  
 8ª série  
 Há quanto tempo você ta aqui no Projovem?  
 Há mais de oito anos, antes eu participava do PETI, aí quando eu fiz 15 anos vim pra o Projovem  
 E sua família recebe o Bolsa Família?  
 Recebe  
 Moram quantas pessoas na sua casa?  
 7, eu, minhas 2 irmãs, meus 3 irmãos e minha mãe  
 E fora você, algum dos seus irmãos, participa de algum programa do governo?  
 Meu irmão participa do Projovem também  
 Você tem idéia de quanto seja a renda mensal da sua família?  
 Não  
 Mas vocês recebem o Bolsa Família?  
 Recebe  
 Você mora perto do CRAS?  
 Moro  
 Quais são as atividades que você mais gosta do programa?  
 Teatro e dança  
 E as que você menos gosta?  
 Fazer trabalho, colagem, esses negócios, eu não gosto muito não  
 Você já teve acesso a algum livro do Projovem?  
 Já, tenho um livro do ECA  
 Porque você acha importante pra sua vida participar do Projovem Adolescente?  
 Porque eu me desenvolvi mais, antes eu era envergonhada e aqui eu me soltei mais. Peguei amizade com muita gente, aí eu fui me soltando mais. Aprendi mais coisa que eu não sabia, eu não sabia dançar, nem participava de teatro, eu tinha vergonha e agora não, não tenho vergonha mais  
 Se você dizer alguma coisa pra melhorar o programa, o que você diria?  
 O respeito de alguns alunos, porque tem muitos alunos aqui que não sabem respeitar os professores  
 E pra que isso acontecesse, você acha que precisava o quê?  
 Os professores botar alguma ordem, se eles fizessem isso, acontecia alguma coisa  
 Assim, como se fosse uma punição?  
 É uma punição

#### 4.1.7 – ENTREVISTA COM O JOVEM

Ainda no CRAS Coqueiral, dia 3 de dezembro, vamos conversar agora com o jovem 8.  
 O que você ta achando dessa preparação para a apresentação de amanhã?  
 É pelo fato de a gente já ter desempenhado várias atividades teatrais, é como se fosse já rotina já. Mas é bem interessante, até porque eu já faço parte de um grupo de teatro e quanto mais eu puder exercitar a habilidade melhor.  
 E você faz parte de um grupo de teatro fora daqui?  
 Faço parte do projeto “Nosso palco, nossa rua” do Imbuauça  
 E tem quanto tempo que você desenvolve atividades teatrais?

Já tem 5 anos, eu já comecei a fazer um projeto da comunidade que ajuda o pessoal que é católico, foi aí que me deu o gosto pelo teatro. Já fiz trabalho também na escola, comecei aqui no projeto e me interessei e decidi pegar carreira e comecei no Imbuça no começo do ano

Quantos anos você tem?

Tenho 16 anos

Qual é a série que você tá estudando?

To cursando o 1º ano do Ensino Médio, no Dom Luciano

Quando você terminar a escola, você tá pensando em seguir alguma carreira? O que você tem em mente?

Bom, por enquanto, as vagas decididas que eu to a prestar é a carreira de ator, jornalismo e arqueologia. Eu vou cursar os 3 na verdade.

Você já parou de estudar em algum momento na sua vida?

Não parar não, mas já chegou o tempo que eu reprovei, mas chegou o tempo de eu pagar matéria, aí eu consegui passar

Antes de participar aqui do Projovem, você já participou de algum outro programa?

No caso, pela minha idade eu já participei do PETI

E o Bolsa Família, você sabe se a sua família recebe?

É um tema muito polêmico de se debater, até porque aqui na comunidade, não só aqui como em outros lugares tá aquela questão do repasse, porque algumas pessoas não recebem outras não, aí esse é o meu caso. Não é frequente, todo mês assim não, mas recebe uma quantia boa

E você mora aqui mesmo no Coqueiral?

Mora aqui mesmo na rua do CRAS

Moram quantas pessoas na sua casa?

5 pessoas ao todo, eu, meu pai, meus 2 irmãos e minha mãe (Um dos irmãos dele estava lá no CRAS)

Fora você e seu irmão, tem algum outro que participe de algum programa do governo?

Não, até porque o outro é pequeno, só tem 2 anos

Você tem idéia de quanto seja a renda mensal da sua família?

Eu acho que em torno de R\$ 60,00, R\$ 70,00 por mês do governo, no caso, Bolsa Família

Seus pais trabalham?

Só um trabalha, que é meu pai. Trabalha no Distrito Industrial

Quais são as atividades do programa que você mais gosta de participar?

Tem alguns temas que são bons de debater no dia de cidadania, que no caso são a questão dos cartazes, mas pelo conteúdo. Até porque o material pra apresentação o governo não repassa muito, mas o conhecimento é bom. Mas como eu já disse a melhor aula do projeto é o teatro pra mim.

E qual é a atividade que você menos gosta?

E o que eu menos gosto é a questão da desvalorização dos alunos, até porque a maioria tá aqui pelo dinheiro. Aí quando alguns não recebem, aí eles vêm, não querem fazer as atividades frequentes. Aí isso tanto atrapalha, como você viu no ensaio, como atrasa o espetáculo

Tem alguma atividade que você tenha dificuldade em participar?

Não, dificuldade não, só às vezes que bate aquele desânimo, aquela famosa preguiça. Mas aí eu faço pelo menos o que eu posso naquele estado e assim a gente continua a fazer as atividades. Mas, basicamente não porque, no caso eu entro mais aqui é pelo conhecimento. Porque eu já sai já buscando um trabalho no Imbuça, aí eu sai passei um tempo sem vim, depois voltei. E aqui já tá no final do ano e esse é meu último ano no projeto. Vai fazer dois anos que eu to aqui, eu entrei em julho do ano passado.

Você já teve acesso a algum livro aqui do programa Projovem Adolescente?

Como eu já falei que eu vou cursar Arqueologia, meu interesse é muito grande assim na parte da história. Ontem mesmo eu tava buscando ali na estante que tem os materiais, eu tava olhando um livro sobre história

Você acha que participar do programa lhe ajudou em quê sentido?

Meu primeiro trabalho, como ator mesmo, pra ganhar cachê, foi indicação do nosso professor que trabalha aqui. Aí foi importante pra isso, pra me projetar pra o mundo do teatro, que foi a partir desse trabalho que eu fiquei sabendo das inscrições do Imbuauça e fui lá me inscrever.

Quantos ensaios lá no Imbuauça você tem?

Assim eu estudo pela tarde, aí as aulas são dias de segunda e quarta, das 7 às 9. Aí como nós estamos pra estrear um espetáculo dos alunos, dia 12 agora, 6 horas da tarde. Aí a gente de vez em quando intensifica os ensaios. Por exemplo, segunda e quarta os ensaios, mas terça teve também e quarta. No caso segunda, terça e quarta. Mas na próxima semana talvez o professor intensifique por causa da apresentação

E você tem alguma dificuldade pra participar, financeiramente falando, desse trabalho que você participa no Imbuauça?

Tenho só a questão do transporte, até porque só o meu pai trabalha na minha família e eu to buscando estudar no Dom Luciano, aí vem a questão de passagem, aí eu fiz o quê? Tanto pro meu desempenho físico eu venho do colégio caminhando até o Imbuauça, que fica ali na beira da Colina do Santo Antônio, aí venho de lá do São José até aqui caminhando, tanto pra economizar nas passagens, quanto para o meu condicionamento físico, até porque eu parei um pouco de fazer esportes. Eu fazia Le Parkur, esporte francês, futsal e futebol, aí eu parei, fazia natação também, mas eu parei, justamente por causa disso, aí pra não perder a forma eu venho caminhando

Se você fosse sugerir alguma coisa pra melhorar o programa o que você diria?

Só a questão de outros cursos, até porque eu me inscrevi porque eu ouvi falar que o Projovem Adolescente foi dito como porta para cursos pra o mercado de trabalho. Aí até agora só tem dois disponibilizados que é a cidadania e o teatro

E você acha que devia ter cursos profissionalizantes?

É isso aí, até pelo fato do prédio ser pequeno, mas acho que ainda cabe isso aí

#### 4.1.8 ENTREVISTA COM A JOVEM

CRAS do Coqueiral, dia 18 de novembro, vamos conversar aqui com a jovem 9.

Sua idade?

18

Você ta estudando?

Sim

Que série?

3º ano

Saindo desse momento de escola, você ta com alguma perspectiva?

Sim, penso em fazer um curso técnico de Pedagogia

Há quanto tempo você participa do programa Projovem Adolescente?

Tem 1 ano e 5 meses por aí, to aqui desde o início

E você antes do Projovem, participava de algum outro programa social do governo?

Não, participava de nenhum não

Quantas pessoas moram com você na sua casa?

Comigo 6, meus pais e meus 3 irmãos

E seus irmãos participam de algum outro programa social do governo?

Tem meu irmão que também participa do Projovem Adolescente, só que pela manhã

E Bolsa Família vocês recebem?

Sim, recebe

Há quanto tempo vocês recebem?

Há muito tempo viu, desde o início que ainda era Bolsa Escola

Você tem idéia de quanto seja a renda mensal da sua família?

Acho que mais de um salário por mês

Aqui no Projovem, quais são as atividades que você acha mais interessantes?

Assim, tem teatro mas eu não participo muito, mas eu ajudo mais na parte de criatividade, pintar, na parte de organização. Mas tem muita coisa que eu gosto, que eu vou sentir muita falta quando acabar

E caso exista, quais são as atividades que você tem mais dificuldade em participar?

Existe acho que atividade de desenhar, a parte de teatro também precisa muito de desenho.

Essa parte assim eu tenho mais dificuldade, mas têm outros que têm mais facilidade

E o que você acha das aulas de cidadania?

Ótima, ótima, ótima, ótima. Acho que assim que começou achava chato, mas não sabia que era tão importante, tão interessante pra nós

O que você acha que vai levar pra sua vida aqui do programa, quanto pelo lado positivo, quanto pelo lado negativo?

Negativo nenhum e positivo, só coisas boas, Acho que eu entrei nesse programa só pra receber coisas boas assim, na parte da família. Aprendi a aceitar nossos pais, aprendi a não se interessar por droga, mais amizades. Assim, tudo que vem pro bem, todo de bom aqui

E você já recebeu algum material didático do programa?

Livro não, mas quando a gente faz alguma atividade a gente sempre recebe, não que fique pra nós, pra participar tudo junto da atividade

Você sugeriria alguma coisa pra melhorar o programa?

Sugeria assim um espaço maior, e assim quando a gente quer fazer alguma atividade sempre falta material, nunca tem tudo, mas a gente dá um jeito pra poder não deixar a atividade pra trás. Mais e mais materiais pra poder não faltar e ter mais o que inventar e mais espaço também que deveria ser maior.

#### 4.1.9 ENTREVISTA COM A JOVEM

CRAS Coqueiral, dia 18 de novembro, entrevista com a jovem 10.

Quantos anos você tem?

18

Há quanto tempo você ta aqui no Projovem Adolescente?

1 ano de 2 meses, por aí

Sua série?

3º ano

Você mora com quantas pessoas na sua casa?

2, eu, meu pai e minha mãe

Você tem idéia de quanto seja a renda familiar dos seus pais?

Menos de 1 salário mínimo

E você recebe a Bolsa Família?

Não, foi cortada

Desde quando você ta aqui no Projovem, você observou se ouve alguma melhoria?

Sempre tem uma melhoria e uma recaída, recaída porque os alunos agora tão saindo. Mas continua bom, os assuntos que eles passam pra gente é sempre bom. Só é poucos alunos, só isso. (Neste dia só estavam presentes no CRAS ela e mais uma jovem)

Os alunos começam em grande quantidade no início, depois vai diminuindo, como você vê esse movimento, porque você acha que isso acontece?

Assim, porque jovem sempre procura experiência nova, aí quando eles vêm uma coisa assim eles chegam com tudo. Depois vão vendo que é aquele negócio todos os dias, aí vão diminuindo, mas só isso mesmo.

Como é que são assim as suas tardes de segunda a sexta?

Aprende coisas novas, assuntos do dia a dia que às vezes a gente tem vergonha de conversar em casa, eles conversam com a gente tudinho, todos os dias são dias legais

Quais são as atividades que você participa aqui?

Teatro, cidadania, sobre saúde, sobre tudo um pouco

Se você pudesse dizer algo pra melhorar, o que você sugeriria?

Mais criatividade para o jovem, porque o jovem quer mais movimento

Você já teve acesso aos livros do programa?

Sim quando a gente precisa, sempre dá um jeitinho. Já precisei, já me arranjaram, mas quando não tem, não pode fazer nada. Não tem aquele né... esse aqui é o certo, mas dá um jeitinho

E quais são os pontos positivos e os pontos negativos que você identifica aqui no programa

Não vejo ponto tão negativo não, tem positivo, mas... tem negativo, assim, quando falta merenda às vezes, o lanche, às vezes o professor falta, necessidade lógico, mas nada de negativo não. Assuntos novos, passeios, comunicação com a gente, que eles falam com a gente e várias coisas que agora to esquecida.

#### 4.1.10 ENTREVISTA COM A EDUCADORA A

Vamos conversar agora com a educadora do Coqueiral, dia 2 de dezembro

Você é educadora social, não é isso?

Educadora social PETI e Projovem

Sua idade?

22 anos

Grau de escolaridade?

Nível superior completo

Qual a sua área de formação?

Serviço Social

Há quanto tempo você ta trabalhando aqui com o Projovem Adolescente, como educadora social?

Eu fundei o Projovem aqui né. 2 de junho eu comecei a turma e estou até hoje. Há 1 ano e 7 meses. Comecei no CRAS Porto Dantas e no CRAS Coqueiral, mas aí por conta das transferências que sempre ocorrem na secretaria, aí me deixaram esse ano só no Coqueiral.

Aí você passa o dia inteiro aqui com os meninos do Projovem e do PETI?

É manhã e tarde, todos os dias da semana

Você mora aqui perto do CRAS?

Infelizmente moro um pouco distante, no Augusto Franco, mais ou menos uma hora e meia todo dia. Mas aí a gente acostuma com os meninos, acostuma com a realidade, acaba até não querendo sair da área, criando vínculo. Mas é assim, a gente não vai ficar aqui a vida toda, então a gente ta preparada pro sim e pro não a qualquer momento. Se tiver que ser transferida a gente vai, sem problema nenhum

E antes de você trabalhar aqui com o Projovem, você já tinha desenvolvido alguma atividade como essa?

Fiz dois anos de estágio na própria secretaria (SEMASC), e aí quando apareceu a oportunidade, teve o momento de seleção, eu ainda não tinha me formado, então não participei, mas aí 6 meses depois foi quando o Projovem surgiu e aí no sentido de ta inserindo também aquelas estagiárias que tinha experiência nos programas sociais da secretaria, então foi que veio a oportunidade, não só pra mim, como pra outras estagiárias. Mas infelizmente hoje acredito que só de estagiárias, em média, acho que 3 do grupo da época entraram, eu e mais 2, que eu tenho conhecimento

E você tem idéia porque as demais não ficaram?

Porque apareceram outras oportunidades, porque quando a gente se forma, a gente quer atuar na área. O trabalho como educadora é muito bom, a experiência você não tem como mensurar,

mas se aparece oportunidade na sua área não tem o que pensar né? Então a gente vai, segue em frente mesmo

Como é que ocorre o acompanhamento das atividades por parte da secretaria ou da orientadora?

Então, mensalmente é realizado o planejamento mensal, nem sempre dá pra seguir os dias que ta ali no planejamento, por conta de vários fatores: reunião que marca e não tava planejado. Mas, assim, a orientadora, ta sempre na sala, às vezes ela ta no PETI, no Projovem, não tem como acompanhar todas as atividades, mas existe também a equipe de monitoramento de lá da SEMASC que vem aqui também, não chega a vim todo mês, mas a qualquer momento a gente pode ta esperando a equipe, a própria coordenadora, os técnicos que sempre tão aqui conversando com a gente, intervindo também. Então, assim, eu acredito que exista um acompanhamento, claro que não ta assim uma coisa efetiva, mas que vem se consolidando não só aqui como em todos os CRAS, como uma política aí coloca pra gente

Quais são os profissionais que tão aqui com vocês nesse CRAS?

Diretamente com os educadores nós temos os educadores sociais e a equipe técnica que é formada por assistentes sociais e psicólogos

Pela sua experiência com o Projovem, com qual a atividade eles mais se identificam?

Os meninos daqui do Coqueiral, eles se identificam muito com a oficina de música, de teatro também eles gostam, mas eu acho que eles querem a união de teatro, música, dança, eles querem trabalhar sempre juntos. Só que aí tem a dificuldade com a questão do espaço, da estrutura, da estrutura não só física, mas material mesmo, então pra os educadores isso é complicado trabalhar diariamente, a gente tenta superar as dificuldades, mas ainda tem muita coisa pra ser revista pela secretaria. Eu sei que muita coisa tem sido feita mesmo, na medida do possível, mas ainda tem umas questões a serem debatidas

Atualmente como estão organizadas as atividades dos meninos? Quais são as oficinas e as atividades que são oferecidas a eles?

Então, nós estamos com a oficina de cidadania, dança e teatro. Cidadania são trabalhados os temas transversais, drogas, sexualidade, meio ambiente, a depender da demanda da comunidade. Então, esse ano mesmo, se eu não me engano, a gente teve que trabalhar drogas, já a terceira vez que a gente trabalha esse ano, porque a gente sentiu a necessidade, ontem teve uma palestra com a equipe do PROERD, muito positiva. (ela explica que o PROERD é formado pelos policiais militares do estado de Sergipe, eles trabalham não só nos CRAS, como nas escolas municipais, estaduais, ou qualquer outra instituição que atenda jovens, crianças, no sentido da prevenção contra as drogas. Aí eles vêm trazem imagens, a depender do público, trazem as próprias drogas pra tarem apresentando as consequências)

Você achou que eles receberam bem a palestra?

Quando o tema é da realidade deles a gente sabe que eles prestam muita atenção, sabe? Se você trás um tema tipo “vamos falar de moda”, não é a realidade dos meninos, mas se é uma coisa que chame atenção, mas se a gente vai falar de violência, se a gente vai falar de saneamento básico, que é necessário aqui no Coqueiral, a gente sente que eles realmente trazem o retorno pra gente, as informações, entram no debate, discutem: ah tia, lá na minha rua tá acontecendo isso, na minha escola aconteceu isso, eles realmente interagem com a gente.

Você tava falando sobre a organização das oficinas, então você falou sobre cidadania...

Cidadania, dança e teatro, então os três trabalham em conjunto, hoje tá tendo ensaio, um complementa o outro. Pra o teatro funcionar, precisa da dança, precisa das apresentações artísticas, ela é composta por dança, música, tudo. Então, Fabiana entra com a oficina de dança, na medida em que Gustavo vai precisando, danças culturais, folclóricas, samba de párea, são gonçalo, reisado, eles geralmente já tem isso enraizado neles, já sabem e às vezes até ensinam a gente, dão um show aqui. Precisa também dos artigos que serão utilizados no teatro, aí entra a parte de cidadania também, quando é direcionado para as apresentações

artísticas, a confecção dos adereços, tudo que for precisar no teatro, vamos supor, de material que vai ser utilizado aí a gente entra. E o tetro, o próprio teatro.

Nesse momento os jovens estão ensaiando para as apresentações do dia 04, no centro da cidade, né?

Na praça General Valadão, todo ano a SEMASC faz essa feira, é um encontro cultural e aí vão todos os CRAS e apresentam os trabalhos que foram realizados durante o ano, não dá pra apresentar todos, aí a gente seleciona um que os meninos mais se identificam, algo que vai ser estréia também é legal, a gente vai todos os educadores, os educandos e a gente apresenta lá. E sobre o que fala essa peça que eles vão apresentar?

Como a gente tá trabalhando no mês de dezembro os festejos natalinos e cultura de paz, então o teatro tá direcionado para o nascimento do menino Jesus. Então envolve as danças culturais, com o teatro contando a história mesmo do nascimento do menino Jesus, de forma teatral, de forma que os meninos se interessem, participem, pra não ficar aquela coisa cansativa.

Esse retrato que vocês trazem do menino Jesus é uma adaptação ou é exatamente como tá na bíblia?

Não diretamente o que tá na bíblia, já é uma coisa mais moderna mesmo, porque não adianta se a gente tá vivendo hoje, trabalhar questões (...), já é uma versão mais moderna.

Sobre a questão da evasão, existe uma diferenciação entre a evasão de meninos e meninas, saem mais meninos ou meninas? Como é que você tá observando isso?

A gente percebe que há um número maior por parte das meninas e, assim, são muitas questões que fazem com que essas meninas saiam do Projovem. Além da necessidade de tá se profissionalizando, por conta da idade mesmo, da realidade, de querer superar aquela situação de fragilidade em casa, situação econômica e financeira. Então, assim, a gente percebe que a probabilidade aqui no bairro em casar cedo é muito grande, não foi uma, duas, eu posso afirmar com toda a certeza, foram várias meninas que se afastaram do Projovem por conta do casamento, por conta da vida sexual e isso tem nos preocupado. Já foi passado pra equipe e aí a gente tem trabalhado em cima disso também, mas a gente sabe que não é uma questão só de uma instituição, a gente precisa que a escola, o posto de saúde entre nesse processo de prevenção, de educação mesmo, que a gente tem percebido essa questão mesmo da vida sexual precoce.

Você já teve acesso a algum livro ou algum material didático do Projovem?

Logo no início, inclusive a gente sentava com a orientadora, pra estudar mesmo aqueles livros que vem dividindo Projovem I, II, os Ciclos, Ciclo I, Ciclo II, e aí a gente sentava e discutia e em cima daquele livro a gente trabalhava as atividades em sala, que era o início da formação de grupo, de interação entre a turma mesmo com a equipe técnica. Muito bom o livro, por sinal.

Você consegue identificar qual é a metodologia que é trabalhada no livro?

Em que sentido assim, no caso? (percebi que ela não dominava a metodologia descrita pelo material didático)

No sentido da educação mesmo ou a forma que eles trazem a questão da educação, como você percebe?

Da pra perceber que na verdade, assim, é como se fosse (...). Na verdade são atividades que não são realizadas nas escolas, a verdade é essa, que nas escolas as atividades são direcionadas mesmo para o aprendizado. Nas oficinas socioeducativas o objetivo é outro, é tá proporcionando pra aqueles meninos um momento de lazer, um momento lúdico, de conhecimento de outros temas também não só em relação à matéria específica, aqui a gente abrange mais o social.

Quais as principais dificuldades ou problemas que você identifica no programa Projovem Adolescente? Quais as principais dificuldades que você enfrenta na lida com o programa no dia a dia?

Olhe a proposta do programa ela é muito boa. A proposta né. As dificuldades que a gente tem, sempre colocou em reunião, não só aqui mas de outros CRAS. Eu acredito que não só os educadores aqui do Coqueiral, mas de todas as áreas, quando a gente se encontrava, eles colocavam as dificuldades. E aí uma das maiores dificuldades do programa Projovem Adolescente é que os meninos almejam oficinas profissionalizantes, eles querem muito os cursos profissionalizantes, a gente já colocou então vamos ver se no ano que vem, já que já ta em proposta, que realmente venha pro papel. Talvez com outro foco, outro objetivo, a gente possa recuperar os jovens que evadiram, que não têm interesse. Não existe aquela bolsa específica como no Projovem Trabalhador e o Projovem Urbano, mas existe uma proposta, uma proposta cultural e pedagógica e o que ta deixando a desejar são realmente os cursos profissionalizantes

Grande parte desse meninos e meninas recebem o Bolsa Família né?

Agora é critério né, receber Bolsa Família. Antes não, antes era um serviço que era aberto pra toda a população. Mas agora é só quem recebe o Bolsa Família

E quais os pontos positivos que você identifica no programa?

Depois de um certo período você percebe mudança total de comportamento dos jovens, a criticidade, tudo eles reivindicam. Então, assim é muito bom pra os educadores perceber essa mudança de comportamento, não só em relação às atividades, como em relação à lanche, em relação aos direitos socioassistenciais deles, eles têm cobrado diariamente. Então, é essa mesmo a proposta, tornar o jovem autônomo, independente, não só aqui no CRAS não, inclusive as mães têm reclamado muito, “esse menino tem dado trabalho viu”, mas é positivo isso pra vida deles

#### 4.1.11 – ENTREVISTA COM O EDUCADOR B

Vamos conversar agora com o educador, no CRAS Coqueiral, dia 03 de dezembro.

Você é educador social há quanto tempo?

Efetivamente há um ano e meio, mas eu já dou algumas oficinas. Então no trabalho com oficinas eu acho que meu trabalho já ta sendo mostrado, meu desempenho como educador já ta sendo desenvolvido. Sendo que quando eu dou oficina é algo mais específico, é pra quem quer ser profissional, não que aqui no projeto a gente não possa descobrir algum talento que possa seguir profissional, mas o meu foco aqui no projeto é outro

Então só pra gente entender, antes de ser educador, contratado pela secretaria, você já ministrava oficinas pra os jovens ou pra os educadores?

Pra clientela, pra sociedade, de uma forma geral

Mas você trabalhava aqui mesmo, em algum CRAS, ou em algum outro espaço?

Não, eu trabalhei já antes em algumas escolas, em alguns festivais, porque antes de ser educador eu sou ator, tenho um grupo de teatro, sou estudante do curso licenciatura em teatro, da Universidade Federal de Sergipe, já tenho um outro caminho, mas eu acho que esse ta atrelado à minha profissão também.

Já trabalha com teatro há quanto tempo?

Há quinze anos, desde os meus dezesseis anos que eu faço teatro na minha vida

E você é vinculado a algum grupo?

Eu tenho um grupo chamado “Companhia Usina de Teatro”, é um grupo que não tão conhecido assim, mas é um grupo que tem como propósito a pesquisa na área de teatro, a pesquisa de outras linguagens

Como foi esse processo de você ser educador social e trabalhar, especificamente, com o que você gosta que é o teatro? Você passou por algum processo de seleção ou foi uma demanda mesmo da secretaria, de ter um professor que trabalhasse com teatro? Como foi que você chegou aqui? Você já trabalhou em outro CRAS, ou sempre trabalhou aqui?

Certo, vamos à primeira pergunta, eu vim por conta do Projovem, que ia ser criado e tava necessitando de profissionais da área. Eu fui convidado, numa situação inusitada, tanto nesse

CRAS, porque eu comecei aqui no Coqueiral e no Porto Dantas e eu vim num processo meio difícil porque tinha saído um professor, era um professor de capoeira, os alunos não conseguiram se adaptar, aqui no Coqueiral e no Porto Dantas, aí eu acho que a secretaria, pela falta de profissionais, acabou me contratando. Eu cheguei aqui através de um amigo meu, que na época trabalhava na secretaria, que é um excelente educador, ele fazia parte da gerência, aí ele acabou me fazendo o convite, eu fui lá, fiz todo o processo de levar currículo e vim parar aqui, não conhecia, lógico que a gente vem com aquele pré (ressaltado) conceito, que é uma área com diversos problemas, com diversas demandas negativas, demandas sociais. Então eu vim apreensivo, sabendo que seria um desafio, e como eu gosto muito de desafios, vim sem nenhum problema e os preconceitos foram caindo a cada dia que eu ia passando aqui

E você tem conhecimento se são ministradas aulas de teatro em algum outro CRAS, pelo programa Projovem Adolescente? Existem outros profissionais, assim como você, que estão trabalhando com teatro junto a esses jovens?

Creio que em outros CRAS tenha, eu tenho conhecimento que existam outros profissionais, se eu não estou enganado no Alto da Jaqueira tem um profissional que é da área de teatro, não faz o curso de licenciatura, mas já é ator, eu acho que em outros CRAS também tem

Como você observa a repercussão nos meninos das aulas de teatro?

Foi um processo, como falei, a primeira atitude minha foi me livrar do preconceito, do conceito prévio, que eu tinha e vim de corpo aberto, ouvindo sempre o que eles necessitavam, o que eles queriam, trabalhando a partir da realidade. Eu sou um pouco seguidor de Paulo Freire, nesse sentido, tento trabalhar com o que ta próximo e fui conquistando cada dia, aos poucos, mas fui buscando nesse sentido, “o que é que vocês querem?”, “o que vocês gostam de fazer?”, “a partir do que vocês me derem eu vou trabalhar” e nunca foi uma coisa imposta, “eu tenho conhecimento, não”. Sempre foi de uma maneira muito lúdica, eu gosto muito de trabalhar com esse lado lúdico, despertando o lado lúdico que cada um possui e outra coisa também, que aí eu fui descobrindo dentro da comunidade, que eu utilizo aqui a arte de duas formas. A prioridade é que seja a arte como um meio e não como um fim, uma crítica que eu faço à secretaria, o programa não está pra formar profissionais, mas a gente ta trabalhando com arte e quando a gente ta trabalhando com arte e com a pedagogia, uma não pode ta sobreposta à outra, a gente tem que trabalhar com as duas ao mesmo tempo, despertando o lado artístico e utilizando o lado pedagógico, lógico que a porta de entrada aqui é com o lado pedagógico, mas o lado artístico ta pesado numa balança os dois com o mesmo equilíbrio

Eles vão apresentar uma peça amanhã e eu percebi que tem bastante material, as vestimentas, todo um aparato. Eu queria saber se são vocês mesmos que confeccionam junto com os meninos? Como é que funciona essa produção?

Bom, eu sou do tipo do seguinte, eu não fico esperando que as coisas caiam do céu, “Ah, não é o material que a gente queria, não é o tecido que a gente queria”, mas eu não me frustro por causa disso. Então, não tem? Não é que não tenha, sempre em algum lugar há um material, eu acho que tudo pode ser reaproveitado, a partir das outras que cada um trás, o pessoal da equipe. A gente ta reaproveitando o material que foi do bazar, sobrou roupa, então a gente vai reaproveitar pra fazer o figurino. Aqueles bonecos que a gente confeccionou, nada mais é do que papel e garrafas de suco que vêm do lanche deles e o restante é tudo material que a gente vai botando a criatividade pra fora e trabalhando com as coisas que a gente tem, transformando o material que a gente tem

Você mora aqui perto do CRAS?

Eu moro no Siqueira, eu morava mais longe, já morei lá no Orlando Dantas, agora eu moro no Siqueira, é um pouco mais perto, mas não é tão perto assim

E média quanto tempo pra chegar aqui?

Em média meia hora a quarenta minutos

Pela sua experiência, com qual atividade os jovens se identificam mais e participam com mais vontade?

Antigamente nós tínhamos oficina de dança, na verdade aqui era bem sortido, nós tínhamos teatro, dança, flauta e as outras duas eram completadas cidadania. Hoje nós temos cidadania, mas tem uma professora que tem uma tendência maior pra dança, já trabalhou com isso e temos teatro, essas são as duas oficinas que tão sendo ministradas e cidadania, cidadania, só cidadania, algo mais voltado pra dança e algo mais voltado pra teatro. Sendo que, na verdade, a identificação deles maior é com algo que desperte a criatividade deles, com algo que eles possam dizer, “eu estou aqui, eu estou vivo, eu também tenho conhecimento”, todos os educadores trabalham nesse sentido, de estimular, de provocar os educandos, pra eles coloquem o que eles têm de conhecimento pra fora, o que eles têm de criativo pra fora

Como é que ocorre o acompanhamento das atividades que vocês desenvolvem, tanto por parte da equipe técnica aqui do CRAS, quanto por parte da secretaria?

Então esse acompanhamento por parte da equipe, elas tão sempre dando suporte, suporte em todos os sentidos, porque, como eu falei, a gente pensa também em arte como um meio, então a gente vai fazendo um diagnóstico da turma. Então, tem sempre aquele que se expressa de forma mais agressiva ou mais hiperativa. Então, dessa forma, a gente vai reconhecendo, tentando trabalhar. Tem a assistente social que ta próximo da gente, a psicóloga que ta junto da gente, então elas tão sempre próximas fazendo esse acompanhamento. O que ta fora da nossa alçada, enquanto parte específica, a gente vai trabalhando conjuntamente com a equipe que tem que funcionar. A secretaria dando todo o suporte material, nos eventos, nas capacitações

Desde quando você começou a trabalhar aqui com o Projovem Adolescente, você observou alguma melhoria ou piora? Houve algum avanço do que você tinha pra o que você tem hoje?

Olhe, quando eu cheguei aqui, eu cheguei aqui numa situação adversa, essas questões mais estruturais nesse momento pra mim não era o importante, eu trabalho com o espaço que eu tenho. Com o tempo, eu fui sentindo dificuldade, a gente pode ver que isso não é um espaço adequado, se a gente fizer uma comparação com outro CRAS aqui próximo, que é o CRAS do Porto Dantas, a gente tem uma estrutura física que não é perfeita, mas que a gente tem o mínimo de estrutura, tem uma sala com espelho, tem uma sala ampla, tem uma área livre, tem os espaços definidos e aqui não. Aqui é uma casa que foi alugada, que era maior, assim, em termos de espaço tinham duas salas, mas que não é o espaço ideal pra gente trabalhar. Com relação a material, como falei, material talvez não fosse o material desejado, o material que a gente quisesse, mas a gente não pode esperar por burocracia, licitação, então a gente perde tempo com isso, quando a gente inicia um trabalho, a gente não pode esperar que as coisas cheguem pra gente trabalhar, pra desenvolver o trabalho, então a gente tem que trabalhar realmente com o material que a gente tem e esquecer o sofrimento porque se não a gente não trabalha. Pra mim o mais importante não seja nem o material, pra mim o importante é verificar o desenvolvimento dos educandos, a forma como ele estão respondendo, a forma como cada um responde ao que é levantado, ao que é proposto, aceitando as críticas, muitas vezes, tentando entender porque não é um trabalho fácil, é um trabalho muito complexo no sentido de que a gente acaba se envolvendo, então cada história é uma história de vida, uma história difícil, cada um apresenta uma carência de uma forma e a gente tem que respeitar, entender, conviver com isso e dar um outro significado a essa demanda que a gente recebe

Você já teve acesso a algum livro ou material didático do programa?

Já, mas assim, a forma que era chegado, eu sou do tipo que não gosta dessa didática forçada, então “você tem que aprender”, eu acho que a teoria ta ligada à prática, mas acho que a gente tem que ir primeiro pra prática pra depois ir pra teoria. Tive algum acessos, já tive acesso a esse material, já li alguma coisa do material do Projovem. É o material que a gente não pode rejeitar, a gente não pode ignorar, mas às vezes é melhor você vivenciar a prática e teorizar depois

Mas, você não tem esse livro?

Esse livro não é de acesso exclusivo do educador, é um material que é do CRAS, então quando a gente quer pesquisar alguma coisa a gente vai lá, dá uma lida e vai aplicando na medida do possível o material que é do CRAS

Você quer acrescentar alguma coisa sobre os principais problemas ou dificuldades que você enfrenta aqui no CRAS?

A questão maior, que eu acho que é a questão estrutural que tem maior deficiência, que é caótico. Falando, mais especificamente do Projovem, antes era um espaço que era aberto, hoje em dia tem uma divisória, mas eu acho que não isso não resolve o problema, é um paliativo. O que a gente necessitaria, realmente, é de um espaço amplo, de uma sala que não necessariamente tivesse espelho, o mínimo de condição e o mínimo de separação, porque ta todos os programas meio que misturados, o PETI, o Projovem, o PAIF, os acolhimentos que são feitos. Às vezes a gente ta numa discussão, passa mão com menino chorando, passa uma mãe revoltada porque o Bolsa família dela foi bloqueado. Então, como as pessoas também têm essa carência de educação, então acaba meio que atrapalhando. Então eu acho que o principal, o primordial, seria salas isoladas, espaços definidos e que a gente tivesse o mínimo de privacidade pra trabalhar

Quais são os principais pontos positivos que você identifica no programa, já que você ta na lida do dia a dia com os meninos?

Olhe, quem me conhece sabe que eu sou muito autêntico no que eu falo, que eu não sou de fazer média, nem de puxar saco, eu sou muito verdadeiro e eu só me aproximo das pessoas que são verdadeiras. Então eu acho que um dos pontos, se não o ponto chave pra gente trabalhar é o diálogo que a gente tem com a coordenação, a gente tem um diálogo com a coordenação, que ela é muito acessível. A coordenação aqui do CRAS que serve como gerência, nessa facilitação com a secretaria, nessa ponte CRAS – gerência – secretaria. As coisas que a gente necessita, se a gente precisa de uma apresentação, se a gente precisa de um material, se a gente precisa de um passeio. Então a gente tem a liberdade que ela me dá pra trabalhar, não é uma pessoas que fica, “ah, o menino ta fazendo isso, o menino ta fazendo aquilo”. Eu não tenho essa cobrança, que eu acho que se faz necessária também, mas eu acho que o ponto principal, dentro daquelas outras coisas que a gente já falou, da receptividade do educando e outras coisas mais que eu já tenha falado, mas eu acho que um dos pontos fundamentais pra que tudo isso aconteça é a liberdade que eu tenho pra trabalhar

## 4.2 - CRAS GONÇALO ROLLEMBERG

### 4.2.1 – ENTREVISTA COM O JOVEM

CRAS Gonçalo Rollemberg, dia 25 de novembro, vamos conversar agora com o jovem 11:

Quantos anos você tem?

Dezoito

Você ta estudando?

Tô

Qual é a sua série?

Primeiro ano

Você já parou de estudar alguma vez na sua vida?

Não

Quantas pessoas moram na sua casa com você?

Quatro, eu, minha mãe, meu pai e meu irmão

Você tem idéia de quanto seja a renda mensal da sua família?

Eu acho que são dois salários

Antes de participar do Projovem, você já participava de algum outro programa?

Não

Há quanto tempo você ta aqui no Projovem Adolescente?

Sete meses, eu acho  
 Você recebe Bolsa Família?  
 Recebo  
 Seus irmãos participam de algum programa social?  
 Não  
 Aqui no programa, quais são as atividades que você mais gosta?  
 Cidadania  
 E vocês tem quais oficinas aqui?  
 Só cidadania  
 Fale uma das atividades desenvolvidas na cidadania, que você mais gostou?  
 Quando falou do abuso sexual, eu achei bem interessante por causa de algumas regras que podem ter, eu acho que vai ajudar bastante  
 E quais são as atividades que você menos gosta?  
 Quando é aula de vídeo, eu não gosto de assistir não, só gostei de Efeito Borboleta  
 Você já teve acesso a algum livro do programa?  
 Não  
 Porque você acha importante participar do Projovem Adolescente?  
 Porque conhece pessoas novas, faz amizade e aprende mais coisas  
 Em que ponto você acha que esse programa foi positivo pra sua vida?  
 Com certeza, eu tinha um pouco de dificuldade pra me comunicar com os outros e agora eu sou normal  
 E se você fosse sugerir alguma coisa pra melhorar o programa, o que você sugeriria?  
 Aula de informática, futebol, karatê

#### 4.2.2 – ENTREVISTA COM O JOVEM

CRAS Gonçalo Rollemberg, dia 25 de novembro, vamos conversar agora com o jovem 12:  
 Quantos anos você tem?  
 Dezesete  
 Você ta estudando?  
 Estou  
 Que série?  
 Tô na quarta série  
 Já parou de estudar em algum momento da sua vida?  
 Já, mais de uma, umas três vezes  
 E porque foi?  
 Às vezes não passava e chegava desistia do ano, aí acabava perdendo o ano  
 Você mora com quantas pessoas na sua casa?  
 São sete comigo, eu, minha mãe, minhas três irmãs e meu padrasto  
 Há quanto tempo você ta aqui no programa Projovem Adolescente?  
 Projovem adolescente tem uns três anos, antes era Agente Jovem, depois Criança Cidadã, eu vim do PETI  
 Sua família é beneficiária do Bolsa Família?  
 Recebe pelas minhas irmãs e por mim  
 E suas irmãs participam de algum programa social?  
 Não, só uma que era do PETI  
 E você mora aqui perto do CRAS?  
 Moro no Bugio  
 Quais são as atividades que você mais gosta?  
 Era a de percussão, mas não tem mais  
 E atualmente tem alguma coisa que você mais gosta?  
 Não, por enquanto, se eu disser alguma coisa, to mentindo

E o que você menos gosta?

Futebol. As aulas de cidadania, eu gosto um pouco, fiquei aprendendo sobre os meus direitos. Teve um decorrer que eu fui até eleito como representante da criança e do adolescente, representando o ECA, o Estatuto da Criança, pra ir pra Brasília, então foi através da aula de cidadania

Conte um pouquinho pra gente como foi essa experiência?

Como eu acabei de dizer, passada pela professora de cidadania e aí eu não tava nem afim de saber, mas a gente acaba sabendo dos nosso direitos e às nós nem sabe nossos direitos e nossos direitos tão sendo violados e a gente nem sabe, então é bom ter uma aula de cidadania. Nós acaba se informando nossos direitos e sabendo até mais ser um cidadão. E aí fui eleito pra representar a criança e o adolescente aqui de Aracaju e participei de uma Conferência da criança e do adolescente lá em Brasília e está aí previsto pra ir de novo, agora dia cinco de dezembro

Nesse sentido, quando terminara aqui o Projovem, você pretende seguir alguma carreira?

Depende do grau de estudo, mas eu pretendo de crianças e adolescente, porque foi um fato que me chamou atenção, eu fui bastante envolvido nessa área de crianças e adolescentes socioeducativa, que é essa área social. Então eu pretendo ser um educador, quem sabe um assistente social, alguma coisa, trabalhar na área da criança e do adolescente

Você já teve acesso a algum dos livros do programa?

Rapaz, livro, nós não trabalhamos com livro aqui. Nós temos material de escola, tem caderno de caligrafia, de desenho, às vezes nós fazemos um trabalho, normalmente nós não temos livros

O que você vê de mais interessante aqui no programa?

Tudo que eu estou aprendendo, um pouquinho dali, um pouquinho de lá. Como a palavra de Deus fala, um pouquinho daqui, um pouquinho de lá, a gente vai aprendendo na vida, ao decorrer da minha infância e da juventude, to aprendendo muito, nesse pouquinho eu vou aprendendo. E o que eu vou levar, que vai ser marcante na minha a vida é a área da criança e do adolescente, como eu acabei de dizer, o cuidado que tiveram comigo, as informações dos meus direitos, me ensinaram várias coisas, então isso vai ficar pro resto da minha vida

E o que você ver como ponto negativo?

Na verdade quando se fala em melhorar, melhorar a estrutura, melhorar a condição pra criança e pro adolescente, o direito da criança e do adolescente, dizendo que a criança e o adolescente tem que ter o lazer, como? Se não tem uma bola, nem uma quadra decente pra criança brincar. Então é essa estrutura que a prefeitura, a SEMASC deve oferecer pra criança e pro adolescente. Não adianta só ter o nome de fachada Projovem e não ter nenhum estrutura pras crianças e os adolescentes brincarem e é várias coisas, materiais, falta de professores, falta de oficinas

#### 4.2.3 – ENTREVISTA COM A JOVEM

CRAS Gonçalo Rollemberg, dia 25 de novembro, vamos conversar agora com a jovem 13.

Quantos anos você tem?

Dezoito

Você ta estudando?

Estou

Que série?

Sétima

Você já parou de estudar em algum momento?

Não

Você já participou de algum outro programa social do governo?

Não, esse é o primeiro

Há quanto tempo você ta aqui no Projovem Adolescente?

Desde quando começou a inscrição, já faz quase dois anos  
 E desde que você ta aqui você observou alguma melhoria?  
 Como eu fiquei um mês afastada daqui, eu acho que melhorou em alguns lados, como ta fiscalizando as cadeiras agora, que não tinha isso  
 Como assim fiscalizando as cadeiras?  
 Porque, ta aqui em fora né? Aí tem que olhar o código se é da sala tal, aí ta mais organizado  
 E o lanche o que você acha?  
 O lanche pra mim ta a mesma coisa  
 Qual é lanche?  
 Bolo, cachorro-quente, pão de queijo e outras coisas ai  
 E mora quantas pessoas com você na sua casa?  
 Eu e meu marido só  
 E você já recebeu ou recebe o Bolsa Família?  
 Não, me inscrevi e ainda vai da entrada  
 Você mora aqui perto do CRAS?  
 Moro, aqui no Capucho  
 Quais são as atividades que você mais gosta no programa?  
 O que eu mais gosto é de cidadania, porque eu tinha muita vergonha de se apresentar ao público e hoje em dia eu não tenho mais, perdi esse medo, através de cidadania  
 E o qual é a atividade que você mais gosta em cidadania?  
 Eu gosto quando faz uma paródia e vai se apresentar  
 Tem alguma atividade que você tem dificuldade de participar do programa?  
 Não  
 Você já teve acesso a algum livro do programa?  
 Não e se tive não lembro  
 Porque você acha importante participar do programa Projovem Adolescente?  
 Porque é que nem eu falei, que eu era presa pra poder falar, hoje em dia em não sou mais presa. Aí eu vou fazer um programa, ai faço normalmente, faço livre e espontânea vontade, porque eu não tenho mais o medo que eu tinha antes  
 E o que você sugeriria pra melhorar o programa?  
 Pra melhorar precisa ter mais educando, espaço tem até demais aqui, precisa ter uma cobertura na quadra que não tem, precisa ter karatê, que tinha e não tem mais, melhor voltar, e capoeira que também tinha e não tem e percussão. Agora tem hip-hop, dança de rua, eu não gosto muito não, mas os meninos gostam, então ta valendo

#### 4.2.4 – ENTREVISTA COM O JOVEM

CRAS Gonçalo Rollemberg, dia três de dezembro, vamos conversar agora com o jovem 14.

Quantos anos você tem?

Dezesseis

Você estuda?

Estudo

Qual é a sua série?

Sétima série

Você já parou de estudar em algum momento da sua vida?

Não

Você mora com quantas pessoas na sua casa?

Dez pessoas, eu, meu pai, minha mãe, meus sete irmãos e meu sobrinho

Você tem idéia de quanto seja a renda da sua família mensal?

Não, deve ser uns quinhentos e pouco

Você recebe Bolsa Família?

Recebo, eu e metade dos meus irmãos, quase todos recebem

Há quanto tempo você ta aqui no Projovem Adolescente?

Um ano, comecei esse ano

Antes de você participar do Projovem, já tinha participado de algum outro programa social?

Não, mas já recebia o Bolsa Família

Você mora aqui perto do CRAS?

Moro aqui no D. Pedro

Quais são as atividades que você mais gosta aqui do Projovem?

Cidadania

E porque você mais gosta de cidadania?

Porque aprende muitas coisas, eu adoro desenhar, adoro fazer muitas coisas boas que tem aqui no Projovem, curtir palestras, ouvir filmes, um monte de coisas a gente faz aqui no Projovem

E quais são as que você menos gosta?

De jogar bola, de jogar futebol

(Esse educando já é homoafetivo declarado)

E quais são as atividades que vocês têm aqui no Projovem?

Só futsal e a cidadania, tinha uma de hip-hop, mas quase todo mundo não vai pra lá, quase ninguém vai pra lá pra de hip-hop, os meninos querem ficar aí jogando futsal, aí quase ninguém vai pra lá pra de hip-hop

Você já teve acesso a algum livro do programa Projovem Adolescente?

Não, nenhum livro

Porque você acha que foi importante pra sua vida participar do programa?

Porque a pessoa se diverte, sai dessas *maloqueragem* de ta fumando maconha, roubando.

Então não tem nada pra fazer vem pra cá, pra não ta arranjando brigas na rua

Se você fosse dizer alguma coisa pra melhorar o programa, o que você diria?

Eu não muito bem assim não, tem mais coisas, mais aulas de dança, artesanatos, ter jogos

Que tipo de jogos você sugeriria?

Vôlei, basquete, que aqui não tem, dança, teatro, teatro aqui só tem de manhã à tarde não tem

Você estuda aqui mesmo no bairro?

Estudo no Camélio Costa

E quando você sair daqui do Projovem, você pensa em fazer o quê?

Meu sonho sempre foi dançar, ser coreógrafo de banda e também fazer teatro, eu adoro teatro

#### 4.2.5 – ENTREVISTA COM O JOVEM

CRAS Gonçalo Rollemberg, dia três de dezembro, vamos conversar agora com o jovem 15.

Quantos anos você tem?

Dezessete

Você ta estudando?

Estou

Que série?

Sétima

Você já parou de estudar em algum momento da sua vida?

Não

Você mora aqui perto?

Sim, moro no bairro José Conrado de Araújo, no D. Pedro

Você mora com quantas pessoas na sua casa?

Seis, eu, minhas duas irmãs, minha mãe e meu padrasto

Há quanto tempo você participa aqui do Projovem?

Um ano e meio

Antes de participar do Projovem, você participava de algum outro programa?

Ficava em casa, na rua, soltando pipa

Suas irmãs participam de algum outro programa do governo?

Não, só eu

Como foi que você chegou ao Projovem?

Através do meu primo, ele chegou lá em casa e disse “Ôi Alisson lá no CSU tem um projeto que atende os meninos que não tem nada pra fazer em casa, aí vão lá pras atividades, tudo”. Aí eu vim aqui falei com a coordenadora e me cadastrei e tô aqui até hoje

E você quando sair do Projovem, pretende fazer o quê?

Quando eu sair daqui do Projovem, eu pretendo estudar, essas coisas. Bom, eu não pretendia sair tão cedo daqui, mas tem uma certa regra que tem que sair, então tem que sair

Você tem idéia de quanto seja a renda mensal da sua família?

Não, não tenho idéia não

E Bolsa Família, vocês recebem?

Bom, eu e minhas duas irmãs recebem, a gente recebe, mas não sei quanto

Quais são as atividades que você mais gosta aqui no programa?

Duas, cidadania e futsal. Eu gosto muito de futsal e cidadania também com a nossa educadora

Tem alguma que você menos goste?

Nenhuma, só tem essas duas também

(Atualmente eles só tem oficina de cidadania e futsal, que não é uma oficina, faz parte da recreação)

E tem alguma atividade que você tenha dificuldade em participar?

Nos primeiros dias que eu entrei aqui eu não gostava de participar de cidadania, mas agora eu faço parte certinho

Você já teve acesso a algum livro do programa?

Não, mas não é porque não tem, porque eu acho que não tem. Mas é porque eu não leio, não participo, não gosto muito de ler não, mas tem que ler

Porque você acredita que o programa ta sendo importante pra você?

Porque melhora mais a educação em casa, na rua também, não falar o que não deve, essas coisas assim. É muito importante pra mim aqui, porque foi daqui que me botaram num curso do SENAI, que eu fiz um curso de mecânica, de motor álcool/gasolina, que pode ser muito importante pra mim, não agora, mas mais tarde pra eu arrumar um emprego, as empresas podem chamar

E você fez o curso a parti aqui do Projovem?

Sim

E teve mais algum garoto ou garota que fez algum curso?

Sim, mais três colegas

E se você fosse dizer alguma coisa pra melhorar o programa, o que você diria?

Que tivesse mais oficinas, porque aqui tinha a oficina de percussão, aí tiraram ele daqui. Aí eu queria que voltasse a percussão, que tivesse mais atividades esportivas, que a cidadania continuasse, que a cidadania é legal e outros cursos mais aí, pra gente se aperfeiçoar mais, como serigrafia que tinha aqui, aí tiraram

#### 4.2.6 - ENTREVISTA COM O JOVEM

Estamos aqui no CRAS Gonçalo Rollemberg, vamos conversar agora com o jovem 16.

Quantos anos você tem?

Dezesseis

E você ta estudando?

Tô

Qual sua série?

Sétima

Já parou de estudar em algum momento da sua vida?

Não

Você mora com quantas pessoas na sua casa?

Sete, eu, meus dois irmãos, meu cunhado, meu padrasto e minha mãe  
 Tem quanto tempo que você tá aqui no Projovem?  
 Dois anos  
 Já tá saindo?  
 É  
 Antes de você entrar aqui no Projovem, você participava de algum outro programa?  
 No curso de flauta eu tava, aqui do CRAS  
 Você mora aqui perto do CRAS?  
 Moro  
 E quando você sair aqui do programa, já tem em mente o que vai fazer?  
 Fazer alguns cursos, informática, vou fazer um já daqui pra janeiro, que eu ganhei na escola, fui sorteado na escola  
 Você sabe dizer quanto é a renda mensal da sua família?  
 Não  
 Você recebe o Bolsa Família?  
 Sim, recebo, eu e meus irmãos  
 Quais são as atividades aqui do programa que você mais gosta?  
 Cidadania, que faz muita atividade falando sobre o natal, essas coisas e de vez em quando a gente vai jogar de bola pra passar o tempo  
 E as que você menos gosta?  
 Que eu menos gosto? Perai viu... nenhuma. Venho pra cá, faço as atividades e vou jogar de bola. Uma que eu menos gosto é hip-hop  
 Quais são as atividades que vocês tem aqui pela manhã?  
 Pela manhã tem cidadania, educação física e hip-hop  
 Quais são os dias das aulas de hip-hop?  
 Eu não sei dizer que eu não participo, só que participa são os meninos ali  
 Tem alguma atividade que você tenha dificuldade em participar?  
 Não, só hip-hop que eu não sou muito chegado não. Sou mais pra percussão  
 Você já teve acesso a algum livro do programa?  
 Não  
 Porque você acha importante participar do Projovem Adolescente?  
 Porque aqui a gente aprende alguma coisa, essa hora mesmo eu taria em casa assistindo. Aqui não, aqui eu venho aprender coisas, vou pra quadra jogar de bola, aqui eu faço um monte de coisas  
 Se você fosse sugerir alguma coisa pra melhor no programa, o que você diria?  
 Pra percussão voltar, que a gente tinha no ano passado e as aulas de grafite  
 Você já fez aula de grafite e de percussão?  
 Já

#### 4.2.7 – ENTREVISTA COM O JOVEM

CRAS Gonçalo Rollemberg, dia 04 de dezembro, vamos conversar agora com o jovem 17.  
 Tenho dezesseis anos, tem um ano no Projovem, estudo no Alencar Cardoso, estou na quinta série e espero que 2010 seja diferente, como sempre. Eu gostei muito daqui, porque trouxe amizades, amigos, colegas, muitas coisas em comum. Eu também quero saber se vai ser tudo diferente, se vai vim percussão, informática, só isso que eu tenho a dizer  
 Você já parou de estudar em algum momento da sua vida?  
 Já, um pouquinho, uns dois meses, que eu fui expulso porque eu tava perturbando  
 Antes de você participar do Projovem, você participava de algum outro programa?  
 Não, só estudava  
 E sua família recebe o Bolsa Família?  
 Recebo

Você mora com quantas pessoas na sua casa?  
 Rapaz é cheio, tem umas quinze, meus irmãos, minha prima, minha sobrinha, meu cunhado, meu outro cunhado, muita gente, se for contar tem uns vinte  
 Fora você, na sua casa tem mais alguém que participe de algum outro programa do governo?  
 Tem, minha irmã, do PETI  
 Você tem idéia de quanto seja a renda da sua família  
 Não  
 Você mora aqui perto do CRAS  
 Moro, no Veneza I, lá na frente  
 Quando você sair daqui do Projovem, tem idéia do que você vai fazer?  
 Pra casam ajudar minha mãe, que ta doente (...) Pretendo estudar mais pra ser alguma coisa na vida  
 Mas tem alguma coisa que você gostaria de ser?  
 Professor de matemática ou jogador de futebol, tanto faz  
 Quais são as atividades que você mais gosta aqui no programa?  
 Pra falar a verdade de todas, não vou mentir. Tudo, gosto de tudo, não acho que nada aqui ta ruim, acho que tudo de bom tem aqui  
 Quais são as atividades que vocês tem aqui?  
 Deixe eu ver, jogar de bola, fazer atividades falando sobre o abuso sexual, cidadania, informática tinha só que agora acabou, hip-hop eu não gosto não  
 E quais são as atividades que você menos gosta?  
 Nenhuma, só de hip-hop que eu não gosto, que o resto eu gosto, informática, mecânica o que botar eu ajudo  
 Porque você não gosta das aulas de hip-hop?  
 Eu não gosto não da dança não, da zuada, não me sinto bem não  
 Você já teve acesso a algum livro do Projovem Adolescente?  
 Não, ainda não  
 E porque você acha que ta sendo importante pra sua vida participar do Projovem Adolescente?  
 É bom porque você aprende umas coisas, aprende e ensina também, eu levo pra todo canto que eu vou eu levo isso  
 Uma coisa que você acha que melhorou depois que você veio pra cá?  
 O comportamento, era muito perturbado, agora é que eu to ficando quieto  
 E se você fosse dizer alguma coisa pra melhorar o que você diria?  
 Percussão, jogo de futsal, torneio, só isso. O que os meninos mais gostam aqui é de batuque, percussão

#### 4.2.8 – ENTREVISTA COM O JOVEM

CRAS Gonçalo Rollemberg, dia 04 de novembro, vamos conversar aqui com o jovem 18.

Quantos anos você tem?

Dezesseis

Qual a sua série?

Sexta

Em algum momento você já parou de estudar?

Não

Quanto tempo tem que você ta aqui no Projovem Adolescente?

Fez um ano, agora dia três de novembro

Antes de você participar do Projovem, já participou de algum outro programa?

Não

Como foi que você veio parar aqui no Projovem?

Através dos colegas do colégio, porque o povo daqui do CRAS foi no colégio convidar a gente. Alguns colegas meus veio, depois me indicou, aí eu vim

E nesse um ano que você tá aqui, o que você tá achando do programa?

Bom, às vezes tem eventos, tá bom. Que pena que próximo ano eu vou sair, vou trabalhar, aí tem que sair

E você mora com quantas pessoas?

Eu e mais três, minha mãe, meu pai e minha irmã

Você tem idéia de quanto seja a renda da sua família por mês?

Tenho não

Vocês recebem Bolsa Família?

Recebe

Fora você, sua irmã participa de algum programa do governo?

Não

Você mora aqui perto do CRAS?

Não, onde eu moro já faz parte de Socorro, é Parque São José, que fica próximo ao Sobrado, depois da Santa Gleide

Você vem todo dia de quê?

Venho de ônibus, antes eu vinha de bicicleta, mas meu pai teve que vender a bicicleta, aí eu tô vindo de ônibus agora

Quais são as atividades que você mais gosta aqui do programa?

Eu faço hip-hop, dança de rua e cidadania

E você gosta das três?

Gosto

E tem alguma atividade que você não gosta?

Não

Você já teve acesso a algum livro do programa?

Não, que eu me lembre não

Porque você acha importante participar do programa Projovem Adolescente?

Acho assim, porque eu participo mais de eventos, antes eu não participava. Ficava mais em casa, de casa pro colégio, pra igreja, só

E qual é a sua religião?

Católica

E se você fosse sugerir alguma coisa pra melhorar o programa, o que você diria?

A professora ali é professora de informática, uma sala de informática, a sala tem computadores, mas só funciona três. Materiais como uniforme pra ensaiar hip-hop, não são todos os meninos que gostam, mas eu gosto, faço parte, só

(Eles estavam sendo acompanhados pela educadora responsável pelo ensino de informática, que por conta da falta de manutenção dos computadores estava suspensa)

#### 4.2.9 – ENTREVISTA COM O JOVEM

CRAS Gonçalo Rollemberg, dia quatro de dezembro, vamos conversar agora com o jovem 19.

Quantos anos você tem?

Dezesseis

Você tá estudando?

Tô

Que série?

Sexta

Você já parou de estudar em algum momento da sua vida?

Não

Quanto tempo tem que você participa aqui do Projovem Adolescente?

Um ano

Antes de participar do Projovem, já participou de algum outro programa?

Sim, do PETI

Quantos anos você ficou lá no PETI?

Acho que um ano também

Você mora com quantas pessoas na sua casa?

Umás seis, eu, meu irmão, minha irmã, meu sobrinho, meu padrasto e meu cunhado

Você tem idéia de quanto seja a renda da sua família por mês?

Não

Quais são as atividades que você mais gosta aqui do programa?

A cidadania e dia de sexta-feira que vai pra quadra

E as que você menos gosta?

Rapaz, não tem nenhuma não

Tem alguma que você não participe?

A dança de rua eu não gosto, eu não gosto de dançar

Você já teve acesso a algum livro do programa?

Já, minha irmã tinha

Porque você acha importante participar do programa Projovem Adolescente?

Importante porque não fica na rua fazendo coisa errada e aqui você ta fazendo uma coisa boa, aprendendo, fazendo coisa melhor, conhecendo as coisas

E se você fosse dizer alguma coisa pra melhorar o programa, você diria o quê?

Trazer mais professor, que a de percussão que tinha saiu, que era a melhor. Agora só tem cidadania e informática, que também não tem mais porque só tem três computador agora, aí só tem cidadania

#### 4.2.10 – ENTREVISTA COM A JOVEM

Hoje é dia quinze de dezembro, a gente ta aqui na Associação de Moradores do Conjunto Beira Rio, onde já ta acontecendo a confraternização de final de ano dos educandos do Projovem Adolescente e nós vamos conversar agora com uma educanda, 20, do CRAS Gonçalo Rollemberg:

Quantos anos você tem?

Dezoito

Você estuda?

Estudo

Que série?

Segundo ano

Você já repetiu de ano em algum momento?

Só a primeira série

Antes de participar do Projovem Adolescente, você participou de algum outro programa?

Não

E você mora com quantas pessoas na sua casa?

Sete comigo, eu, meu pai, minha mãe, meus três irmãos e uma irmã

E você tem algum outro irmão que participe de algum outro programa?

Tem, também o Projovem Adolescente

E vocês recebem o Bolsa Família?

Recebe

Já tem alguma coisa em mente pra quando sair do programa?

Arrumar um emprego pra trabalhar, só isso. Eu fiz um curso no SENAI, do 5S, pra aprender a ser mais organizada, como se comportar na área de emprego, pra poder arrumar um emprego

E esse curso, você chegou até ele, como?

Através do Projovem, a educadora que arranhou lá pra mim

Já tem quanto tempo que você ta participando do programa Projovem Adolescente?

Um ano e pouco, já vai fazer dois anos

E durante esse tempo que você ta aí, você acha que houve alguma melhoria?

Bastante, porque apareceu várias oficinas pra participar, deu oportunidade pra fazer vários cursos

E de tudo o que você fez, que você mais gostava de fazer no programa?

Um curso que eu fiz de cabeleireiro, foi o melhor que eu gostei

E das oficinas do Projovem, qual é a que você mais gosta?

Do karatê, mas não tem mais porque o professor saiu

E quais são as oficinas que vocês têm lá agora?

Tem hip-hop, jiu-jitsu, teatro e cidadania

E qual é a oficina que você menos gostava de fazer?

Teatro, nunca gostei, nunca curti essa área não

Tinha alguma atividade que você tinha dificuldade em participar?

Todas eu gostei, só no teatro mesmo que eu não interagi

Você já teve acesso a algum livro ou material didático do programa?

Não

Você via alguma coisa como ponto negativo do programa?

Não, não tenho nada do que falar não, sempre gostei do Projovem, desde que eu entrei.

Pra que você acha que foi importante pra sua vida participar do programa?

Foi importante porque me ensinou várias coisas, teve muita oportunidade. A parte do teatro, do karatê, me ajudou a interagir melhor

E se você fosse dar um recado para os jovens que estão nessa faixa etária de quinze a dezessete anos, o que você diria?

Pra não perder a oportunidade, pra participar do Projovem, porque tem muito a oferecer pra as pessoas, os cursos e as oficinas que possam fazer

E você teria alguma coisa pra sugerir pra melhorar o Programa?

Que tivesse sala de desenho, gosto de desenhar, eu queria um curso pra aprender a desenhar melhor

#### 4.2.11 – ENTREVISTA COM O EDUCADOR C

Dia vinte e cinco de novembro, no CRAS Gonçalo Rollemberg, vamos conversar agora com o educador C, ele trabalha com hip-hop

Sua idade?

Eu tenho vinte e oito anos

Seu grau de escolaridade?

Já acabei o Ensino Médio, to fazendo História

E há quanto tempo você trabalha com a dança de rua, com o hip-hop?

Há mais ou menos dez anos

E como foi que você descobriu esse mundo?

Filmes, revistas e apropria convivência dentro da comunidade até chegar a um Encontro Internacional de Hip-Hop no Rio Grande do Sul

E o que foi que chamou atenção nessa área?

Veja bem o hip-hop ele tem agregado às suas idéias um resgate de valores à sua identidade. Então como pobre que sou morando na comunidade, não vejo muito, não vejo e não vi até hoje apesar de ta estudando, to me formando em História. Então quando a gente fala da agregação de idéias a gente vai ver que temos referências, temos líderes, pessoas que foram importantes, mas que na escola, às vezes não se falam dessas pessoas pra gente e o hip-hop foi um veículo que a periferia encontrou pra expressar toda essa insatisfação, sabe? E aí a gente vai ver dentro desse universo o nome de Zumbi, Gangazumba, Anastácia, Malcom X, e o próprio deixou o próprio exemplo pra gente pra que o cara da periferia tenha orgulho de ser negro e ser pobre. Então aos poucos eu fui me encontrando, fui tentando desenvolver esse perfil e hoje eu tento desenvolver o trabalho de dança de rua com essa mesma idéia, onde a

gente não tem tanta oportunidade, mesmo estando dentro dos projetos, onde essa própria assistência não chega pra quem tá dentro do projeto, é isso que eu tento fazer na verdade. Há quanto tempo você trabalha aqui no Projovem Adolescente?

Olha, aqui vai fazer um ano aqui nesse CRAS

E antes você trabalhava aonde?

No Santa Maria, foi um ano lá e outro aqui

O que você tem observado nesses dois anos de mudança no programa?

Rapaz, eu tenho observado, pelo menos pra mim, que está sendo uma experiência de vida muito construtiva pra mim. Quanto ao projeto eu tenho muita coisa ou alguma coisa, pra não exagerar ao extremo, eu acredito que seria conveniente pra aquelas pessoas que administram o projeto se comprometer mais com a qualidade, tanto no espaço, quanto naquilo que se propõe a propor para quem vem de fora e você mesma, pessoalmente, pode identificar a falta de alunos dentro do projeto. Então porque esses meninos estão na rua ao invés de dentro do projeto, já que o projeto existe? O que é que falta? Falta instrumentos que motivem eles estarem aqui. Eu acho que não é legal ficar sem nada pra fazer, entra dentro do projeto e chega dentro do projeto, o projeto não e propõe a nada, não lhe estimula a nada e já perdemos aqui meninos inteligentes, porque eles não foram valorizados enquanto estavam aqui. Então isso pra mim não é interessante. Nessa estadia aqui, se eu vi muita coisa boa acontecer, eu vi que recentemente a proposta de ta se abrindo um novo Projovem aqui e o curso de cabeleireiro pra as meninas, que eu acho interessante, é uma ocupação profissional, o curso de culinária também, essas pequenas coisas. Mas o espaço continua vazio, um espaço grande, mas continua vazio, sem aluno. Ai, aonde é que ta a falha aí?

Você mora aqui perto aqui perto do CRAS?

Moro aqui no Bugio

Como ocorre o acompanhamento dessas atividades que você desenvolve aqui no programa pelos órgãos gestores ou pela equipe técnica do próprio CRAS?

Tem uma pessoa que ficar sempre estar dando uma orientada não só nos instrutores, mas nos meninos também, caso haja alguma dificuldade, que é uma orientadora social. Ela é que fica por dentro de tudo que ta acontecendo, no que diz respeito a material, até a problemas com alunos mesmo, ela ta administrando melhor com os educadores na sala de aula

Você já teve acesso a algum material didático, a algum livro, a alguma capacitação ou a alguma coisa específica do Projovem Adolescente?

Sim, sim, eles envolvem cursos também de capacitação para os educadores e planejam também as aulas, eles têm todo um plano de atividades mesmo. Isso é legal, mas eu particularmente deixei de lado tudo isso. No primeiro momento que eu comecei a ver que eles planejam, mas na sala de aula a coisa não e cumpre até por falta de material mesmo, eu passei a não fazer mais o meu plano de aula, desenvolver da forma que eu mesmo gostaria de desenvolver, então é isso

Como você vê esse interesse crescente do jovem da periferia pela dança de rua? Porque você acha que isso tem acontecido e porque você acredita que isso seja importante pra eles?

Olhe a diversos fatores aí, diversos mesmo. O importante, pelo fato de se expressar, é uma necessidade, já que morando em comunidade não se tem acesso a cultura, a lazer a esporte. O hip-hop surge na periferia justamente com essa proposta, não só de resgatar a auto-estima, mas de contribuir com o desenvolvimento informativo, intelectual e cultural, mas só que isso fica muito subentendido. O hip-hop ainda é mal visto, as pessoas pensam que o hip-hop é coisa pra marginal, não define bem as coisas, mas hip-hop é um veículo de educação. À princípio eu posso te dar também uma referência que você vai na década de trinta, quando o mestre Bimba surge, ele se mostra pra sociedade como educador, mas um educador popular. Então são essas referências que fundamentam essas outras manifestações. Quando se trata do hip-hop pra mim é só tratar com cuidado, é só ver as coisas com cuidado. Ele dá oportunidade pra que o jovem se expresse através da dança, da música que é o Rap, do desenho que é o

grafite e dos trabalhos com o toca-discos. Então é uma questão de necessidade, a gente mora na comunidade, mas a não tem acesso pra brincar, se divertir, lazer, à identidade, o hip-hop resgata a identidade, que a muitos fatores e há muito mais a se discutir pra entender essa questão da identidade em Sergipe. Sergipe tem um potencial cultural enorme, mas porém muito desvalorizado e quando se é negro e pobre, aí é que a coisa pesa mais. O hip-hop surge, a dança de rua surge com essas alternativas, pra que o cara se valorize. Em 60 Nelson Triunfo dizia, dance break e mostre a verdade, dance em qualquer lugar, é pro cara além de dançar, se divertir, resgatar a auto-estima é que é importante nos movimentos populares, esse é um dos principais objetivos

Você consegue identificar a metodologia do programa nos materiais? Como você vê a ligação do programa com a educação?

Rapaz, essa tecla no que diz respeito à educação é bem delicado, a metodologia fica visível, é colocado em prática, quando está se desenvolvendo os cursos de capacitações, pra que se tenha uma base, uma idéia de como trabalhar na sala com os meninos, mas as vezes por causa de uma série de materiais, fica difícil. Você ta tratando com meninos que vem com uma série de problemas pra sala, que às vezes nem sempre aquela metodologia ele vai se enquadrar, ou o menino não vai se enquadrar àquela metodologia, então você tem que quebrar todo, porque nesse contratempo aí, vai surgir outras necessidades. Mas tudo isso fica visível, é que nem sempre dá pra executar na verdade mesmo. Eu acho que você poderia ver isso melhor, vendo outros espaços também e se eu to falando isso pra você, estou tentando não ser hipócrita e te falar tentando ser claro e verdadeiro, não quero ser fantasioso, sabe? Falou uma coisa, mas vai ver na realidade é outra, por isso eu te trouxe aqui pra sala.

(O educador fez questão de gravar a entrevista na sala na qual ela ministrava sua oficina de dança de rua, para mostrar a falta de infraestrutura para a realização de suas aulas. Demonstrou preocupação com a falta de educandos dispostos a frequentar sua oficina.)

Quais são as principais dificuldades ou problemas que você identifica hoje no Projovem Adolescente?

As principais dificuldades? À princípio essa, pra falar da minha atividade, o material pra se trabalhar, o espaço físico, que tem ser realmente uma sala de dança pra trabalhar com danças folclóricas, por exemplo. Gostaria que tivesse os instrumentos, essas são coisas que você vai ver que falta bastante, espaço debilitado, material não tem, enfim, eu acho que se se concertasse isso já seria um ganho enorme, até porque quando você tem material em sala de aula, os meninos se sentem um pouco mais estimulados, isso fica bem visível, independente da atividade qual seja e eu sinto isso aqui, ta aqui a prova, a sala ta debilitada, não tem espelho, o espaço não é tão ruim assim, mas quando chove molha, se eu deixar o tatame ali, são três tatames, molha, tem que ter um cuidado, tem material na minha sala que não deveria estar, nem sempre eu tenho aqui, tênis, roupas pra poder enquadrar o menino no universo da dança de rua. Eles chegam aqui muitas vezes reclamando que não tem, se eles não tem em casa, o projeto tem condições de proporcionar isso e não proporciona pra ele, ele já não vai se sentir estimulado pra ta aqui. Então o material é uma coisa que causa dificuldade, na verdade

E quais são os principais pontos positivos que você identifica no programa?

Pronto! Com certeza, pontos positivos... há uma meia dúzia de alunos que se identifica com a atividade e esses alunos eles gostam, eles permanecem, mesmo com todas essas dificuldades, eles frequentam as aulas, eles discutem. Eu tenho exemplo aqui de meninas, meninas, que é até difícil ver meninas fazendo dança de rua, não está aqui, está no outro projeto, no bairro América e ela além de fazer a atividade ela quer saber, o que é que é? Porque surgiu? Então isso é importante, porque eu vejo ali que ela tem o interesse maior com a atividade, não quer só dançar por dançar, então ela discute as questões políticas, raciais, de preconceito, de resgate de cultura, de identidade, então isso é um ponto positivo, mas eu vejo ali uma pessoa que tem qualidade, mas não é valorizada, ela não tem que ser valorizada só por mim, acho que as pessoas que tomam as rédeas do projeto deveria se comprometer a valorizar essas meninas e

tornar, eles e elas, futuros educadores. Aqui também tem, tem meninos aqui muito legais, os meninos estão deixando de vir pra cá por falta dessa assistência. À exemplo eu tenho um rapaz aqui, ele é um aluno exemplo, mora no Marcos Freire, ele vem de lá pra fazer aula aqui, mas o rapaz ta se afastando porque ta também se sentindo desvalorizado, entende? Tem muita coisa legal também, diante de todas as dificuldades, a gente vê isso naqueles meninos que permanecem, a gente vê isso naqueles meninos que chegam em casa e dizem “Ô mãe, hip-hop não é coisa de vagabundo não, eu aprendi com o professor que hip-hop é cultura e lá eu pude ver com ele o conceito de cultura, o que é cultura”. Então, as pessoas discriminam às vezes por não entender o que é que é determinadas coisas, então a gente vê isso em poucos meninos. Eu acho isso positivo, eu posso dizer que aquilo serviu como uma contribuição na vida deles. Só pra gente concluir, eu queria que você falasse desse problema da evasão, especialmente com as meninas

Evasão eu acho que você vai encontrar aqui e em todos os projetos e vai bater na mesma tecla, falta de estímulo, sentem-se desvalorizadas. O que adiante manter um jovem aqui, com dezesseis, quatorze, quinze anos. Nessa faixa etária de idade já era pra ta trabalhando uma idéia de construção de outros pensamentos e não coisa de ficar sentado, fazendo uma atividade que não estimule ele a fazer nada. Eu tenho exemplo aqui, ta aqui os meninos ali do lado, fica a tarde toda aqui não faz nada, o projeto não trás nada, não oferece nada. Aí eu perguntou, eu como aluno, ia vim pra um lugar desse pra quê? Se eu chego lá eu fico a tarde toda sentado, eu vou jogar uma bola, eu vou ali na frente, volto, vou pra sala de dança, chego lá não vejo nada, vou pra oficina de tetro, que aqui tem também, chego lá não me sinto estimulado, eu vou fazer o quê? Sinceramente, eu acho que se tivesse mais atividades, propostas, a realidade seria outra. Aqui tem uma oficina de pintura que é show de bola, mas cadê os artistas, aqui tem os meninos que tem o dom, eu acredito nisso, mas cadê? É muito delicado isso, não propõe nada.

#### 4.2.12 – ENTREVISTA COM A EDUCADORA D

Dia dez de março de 2010, vamos conversar agora com a educadora D.

Sua idade:

Vinte e três

Qual o seu grau de escolaridade?

Superior completo

Sua área de formação?

Ciências Sociais

Qual é a sua função no Projovem?

Sou educadora social, trabalho com a oficina de cidadania

Há quanto tempo você trabalha com o programa Projovem Adolescente?

Há um ano

Você mora perto do CRAS?

Não, longe, no bairro Sol Nascente

Como ocorre o acompanhamento do programa, seja por parte dos técnicos do CRAS, seja por parte da Secretaria?

Na ementa do programa era pra gente ter um acompanhamento da orientadora social, junto com os técnicos, que são a assistente social e a psicóloga. O que ocorre no momento é o seguinte, a orientadora social dá um suporte, na medida do possível, ela orienta algumas atividades e ela participa, inclusive, de muitas atividades. Já o lado da equipe técnica, tanto a assistente social, quanto a psicóloga, nunca teve esse acompanhamento. A gente até tentou, fizemos reuniões pelo menos pra que fosse inserido um grupo de trabalho com os meninos, mas infelizmente elas não demonstram nenhum tipo de interesse com os meninos. A gente já pediu a psicóloga que fizesse um grupo de desenvolvimento com eles, que fosse um grupo mesmo, já que não pode ser um trabalho individual e até hoje a gente não viu nenhum resultado, nunca elas foram na sala intervir em nenhuma atividade. A secretaria cobra dos

técnicos e da orientadora social esse trabalho, as gestoras responsáveis pelo programa, elas não fazem esse acompanhamento frente a frente não, elas cobram dessas pessoas. O que elas podem dar de suporte é oferecer capacitações pra gente e até que esse ano (2009) a gente teve algumas capacitações e foi legal

E o acompanhamento com os jovens como é que ocorre no CRAS?

A gente trabalha com eles nas oficinas, tem as oficinas de cidadania, de teatro e de dança de rua. Nessas oficinas o que a gente pode cobrar deles é a frequência mínima, até porque pra eles participarem de algumas atividades, como cursos extras oferecidos e também passeios, ou alguma coisa que a gente possa oferecer por fora pra eles, a gente vai muito pela frequência, então é o que a gente pode fazer de acompanhamento com eles, nós educadores. Da parte da equipe em geral, coordenação, equipe técnica não vejo também nenhum acompanhamento não, diretamente com os meninos não

Com qual atividade desenvolvida através do programa, você percebe que eles mais se identificam e participam?

Cidadania é obrigatório, todos eles têm que participar, eles não se identificam muito com o conteúdo que é ministrado durante a oficina, mas eles participam, eu não posso dizer que eles se identificam, mas que eles participam, eles participam. Agora identificar, eles se identificam bastante com a oficina de dança de rua, mas infelizmente, por alguns motivos extraordinários eles não conseguem se fixar muito na oficina. Eles vão, depois não querem mais ir, mas eles se identificam, eles gostam bastante, a gente percebe que eles têm uma ligação muito grande com a dança de rua.

E a oficina de dança de rua ocorre regularmente?

A oficina ocorre três vezes por semana, dia de segunda, quarta e sexta. A meu ver, o que acontece, é o que o educador tem outros CRAS pra dar aula, às vezes ele se prende mais aos outros CRAS, então eu acho que os meninos precisam muito desse estímulo, dessa criação de vínculo. Então eu acho que é por causa disso, mas aí teria que fazer uma análise pra saber exatamente

Você sempre trabalhou com Projovem, nesse CRAS?

Eu trabalhei antes de trabalhar com Projovem, com o PETI, em outro CRAS. Quando me deslocaram para o CRAS Gonçalo já foi como Projovem. Quando eu comecei no Projovem, ele já tinha começado há oito meses, quando começou o projeto eles prometeram várias coisas, cursos, que eles seriam beneficiados com várias bolsas de estudo e tudo o mais e na verdade nada disso aconteceu. Tanto que a gente vê o problema sério hoje em dia de evasão no projeto e tenho certeza que é devido a isso. Perdeu muito da credibilidade e mudança nenhuma até então. Agora 2010 que começou um novo módulo, um novo Ciclo do Projovem, a turma de 2008-2009 foi encerrada, agora em 2010 tiveram algumas mudanças, mas mesmo assim, mudanças que não resolveram esse antigo problema

Quais foram as mudanças?

Mudaram os dias, antes eram todos os dias as oficinas, agora são três dias por semana, cada CRAS escolhe quais são esses três dias. Os cursos agora são efetivos, pelo menos até agora, criou um vínculo com o SENAI, que é o órgão que oferece os cursos

Isso se solidificou em 2010 ou já existia em 2009?

Em 2009 existiu, mas não como eles tinham afirmado desde o início. Só foi chegar esses cursos para os meninos, só foram oferecidos já no final de 2009. Então é uma parceria, até eles podem ter imaginado que seria mais fácil firmar essa parceria, que só foi acontecer no final de 2009 e o que a gente percebe hoje é que a maioria entrou por causa desse vínculo com SENAI. E até então a gente percebe que se solidificou mesmo, já foi passado pra gente as listas de cursos, infelizmente ainda não vão ser todos que vão ter o direito a fazer, mas eu acredito que a maioria

Como é que ocorre a seleção dos meninos que vocês mandam pra fazer esses cursos?

Primeiro frequência, a gente costuma dizer a eles que não adianta eles serem participativos, e trem bom comportamento, se eles só aparecem uma vez na semana, até porque agora só são três dias na semana. E depois comportamento, participação, ou seja, na verdade quem lista quem vai ter preferência pra cursar esses cursos do SENAI, somos nós educadores, porque a gente que tá à frente do acompanhamento deles

Você já teve acesso ao material didático do programa?

Eu já tive acesso ao primeiro livro do módulo I, na verdade me deram pra ler, prometeram uma xerox e até hoje eu nunca tive, desde quando eu comecei a trabalhar no Projovem

E do pouco que você conhece você identificou algum ponto positivo ou algum ponto negativo nesse material?

O livro é suficiente pra trabalhar com os meninos. O que acontece é que a proposta seria que a gente trabalhasse se baseando com esses livros, com esses módulos e em ordem. Mas na verdade, um mês a gente trabalha um tema do livro e no outro a gente trabalha um tema aleatório, vem acontecendo isso frequentemente e aí eu acho que acaba quebrando um pouco a sequência, a gente tem uma proposta naquele livro e a gente não segue é como se a gente não tivesse querendo efetivar mesmo o programa. A nossa proposta seria adequar a proposta do livro à realidade, até porque cada comunidade tem a sua realidade e a gente não pode pensar como um todo, mas não é isso que acontece, quando foge, quando trata outros temas, são temas muito diferentes do que vem trazidos no livro. Então é por isso que eu registro aqui a minha queixa

Você consegue identificar o método de ensino desenvolvido pelo programa?

Olhe a gente trabalha se baseando em algumas teorias de Paulo Freire, Pedagogia Social, já foi passado pra gente várias teorias. Mas é muito complicado aplicar sabendo que a gente não tem uma estrutura que ofereça subsídios pra que a gente trabalhe na medida do possível, o mínimo. Quais são as principais dificuldades que você sente?

A principal pra mim ainda é essa falta do acompanhamento, que eu acho que é como se nós educadores tivéssemos lá pra resolver todos os problemas dos meninos. Na verdade não é assim, a gente tá lá pra dar aula, a gente tá lá pra ministrar nossas oficinas e caso aconteça alguma coisa, já que a gente trabalha o lado social também, a gente vai identificar claro, porque nós somos os mais próximos deles, mas tem que ter alguém pra tá fazendo esse acompanhamento, porque se a gente trabalha pela assistência social e é referência na comunidade, eles trabalham a família, porque não trabalhar os meninos lá dentro também? Isso não acontece, deveria acontecer, é a proposta da SEMASC, mas não acontece. Eu acho que o primeiro ponto negativo, fortemente, é esse. Que não adianta a gente ficar trabalhando com os meninos, dentro da sala de aula, e eles acharem que só a gente é que vai resolver os problemas deles, quando não é verdade, não vai acontecer isso. Material, a gente não tem material pra trabalhar, material tem, só que de péssima qualidade em quantidade insuficiente, escasso mesmo. Lanche, porque no começo do projeto, eu fiquei sabendo que eles mandavam um lanche bacana, lanche legal, que adolescente gosta, que jovem gosta e depois eles começaram a às vezes nem mandar lanche mais e insuficiente, muitas vezes. Então, tudo isso acaba perdendo a credibilidade, é por isso que é simples identificar porque tem evasão, são vários fatores que levam o jovem a desistir e nós educadores não somos deuses, a gente já fez buscativas, quando a gente bate na porta de um jovem e de um aluno e diz “Ah, volte pro Projovem”, aí ele diz “Pra quê? Pra comer pão com água ou então pra pegar a borracha que não apaga nada? Ou o lápis com a ponta quebrada? A lipiseira que a gente faz a ponta uma vez e quebra?” Sabe? Várias coisas e a gente vai dizer o quê? Não tem nada pra oferecer realmente, assim de concreto

Quais são os principais pontos positivos que você identifica no programa?

Acho que é a criação de vínculos, acho que eles criam um vínculo muito forte com algumas pessoas, lá dentro do CRAS e aí eu acho que é um ponto bastante positivo porque a gente percebe que muitas vezes eles não têm esse acompanhamento na família, muitas vezes o pai e

mãe trabalham muito, trabalham fora, então eles vêm a gente como referência mesmo. Qualquer dificuldade que eles tenham, ele procuram a gente, qualquer dúvida, são jovens, são cheios de dúvidas, então eles procuram a gente mesmo, por isso que eu tava me queixando dessa outra parte, da assistência e da psicologia também, que é muito importante na vida desse jovem e deveria acontecer. Mas eu vejo isso como um ponto positivo, pelo menos mesmo que seja criar um laço afetivo com o porteiro ou com a cozinheira ou com a merendeira, mas que seja uma referência boa com alguém do CRAS.

#### 4.3- CRAS SANTA MARIA

##### 4.3.1 – ENTREVISTA COM O JOVEM

Entrevista com o jovem 21, no CRAS Santa Maria, dia 17 de novembro, Tenho 17 anos, to aqui no CRAS desde o começo. Foi aqui que eu aprendi a se educar mais, tive mais educação, as professoras me ajudaram a não conhecer o mundo das drogas e hoje sou uma pessoa que agradeço muito a elas, por elas ter feito isso comigo. Espero que eu cresça e espero que meus filhos tenham essa oportunidade que eu to tendo agora, enquanto adolescente

Você ta aqui desde que ano?

To aqui desde 2008, desde o começo quando surgiu o projeto. Gostei muito, aqui antes era muito difícil, nós não tinha um lugar certo de parar, que vivia mudando de lugar e com essa obra que o prefeito fez aqui pra dar pra gente, tamos mais juntos, muita união entre os professores e a gente mesmo, nunca teve discórdia de ninguém matar ou roubar o professor, é sempre assim, legal ta aqui

E esse CRAS aqui ficou pronto quando?

Rapaz aqui ficou pronto no meio do ano, esse ano (2009), ficou pronto e entregou pra gente assim do jeito que você ta vendo, não ta do jeito ideal que deixaram, mas ainda ta inteiro

Você tá estudando?

Estudo, estudo no Laonte, *acapaz* de todo mundo falar mal da escola que eu estudo, *acapaz* de todo mundo falar mal de lá, que é uma escola que só tem criminalidade que o povo rouba, perante isso eu não deixo de estudar lá porque é uma escola também, que antes era, antes de o Vitória ta, ela era a primeira a ter bastante aluno e perante isso que o Vitória começou a ter, o povo começou a cuidar da escola, a senhora que é professora de lá né? A senhora vê lá o estado da escola

E você é que série?

Eu faço lá a oitava série

Você mora com sua família? Quantas pessoas moram na sua casa?

Mora eu e mais sete pessoas na minha casa, moro só com minha mãe, meu pai morreu, morreu de derrame. Fico triste, assim, de ver outro meninos que têm pai e eu não tenho meu pai pra chegar perto de mim, dá conselho, igual minha mãe me dá. Às vezes sinto falta do meu pai, às vezes, assim, fico pensando, mas ta bom, Deus me deu assim, ta bom.

E você sabe quanto é em média a renda mensal da sua família?

Rapaz, a renda da minha família é só de um salário, só minha mãe trabalha, meu cunhado faz bico e meu irmão também faz bico, fica só o salário da minha mãe

Você já parou de estudar alguma vez na sua vida?

Nenhuma vez parei de estudar, porque sempre minha mãe me dá incentivo de estudar, que ela diz que quer ver um grande cidadão e dá orgulho pra ela

Você, ou alguns dos seus irmãos, participa de algum outro programa social do governo?

Só minha irmã que tem Bolsa Família, que ela tem dois filhos

E você não recebe Bolsa Família?

Rapaz, eu não to incluído no Bolsa Família dela, mas ela recebe. Só minha irmã recebe o Bolsa Família lá em casa

Você mora aqui mesmo perto do CRAS?

Moro, eu mora ali na B7, bem perto do CRAS, você vira aqui já vai dá lá

Antes de você participar do Projovem, você já participava de algum outro programa do governo?

Rapaz, do governo não, participava do programa da Infraero, que é parceria com o aeroporto. Também lá tem a mesma coisa que tem aqui, também lá tem curso de informática, tinha música, como aqui tinha, mas o professor de música saiu, é quase a mesma coisa

Quais são as atividades que você mais gosta aqui do programa?

Rapaz, as atividades que eu mais gosto, eu gosto do judô, a cidadania aqui aprendi mais a respeitar os mais velhos. Aula de esporte também que é bom, saber como é o esporte que não é só correr, saber também lutar e essas coisas. Eu acho que cidadania é o essencial, porque tem muitas pessoas que não tem a educação que você poderia dar pra elas, tenta passar e não consegue. Tem meninos aqui que é mais rebeldes, a professora fala e ele faz, “não, sei lá o quê, eu não respeito minha mãe, vou respeitar a senhora, tal, tal”, por isso que a cidadania sempre tem que ta presente aonde nós estamos

Quais são as atividades, que você menos gosta? Tem alguma atividade que você não gosta do programa?

Rapaz, não assim, todas as atividades aqui são interessantes, eu gosto de todas. Tipo eu participo de todas, quando não dá, eu sou o primeiro logo a dizer, “essa atividade é meia chatinha, passe outra”

Por exemplo, alguma atividade que você não gostou?

Assim, eu gostei da atividade de hoje, sobre os negros, mas você sabe né como os povo daqui são racista, tem muito racismo, aí fica, “não professora, é um filme chato, sei lá o quê”. Mas eu gostei de ver o filme, alguns assistiram e prestaram atenção como era a escravidão antes e teve também coisas que eu não gostei, uma atividade que nós fez aqui, foi chatinha, aí eu não participei

(o filme ao qual ele se refere é “Quanto vale ou é por quilo”, que foi escolhido para trabalhar o dia da consciência negra. Os educandos não gostaram do filme – olhar diário de campo do dia 17 de novembro)

Tem alguma atividade que você tem dificuldade em participar?

Rapaz, não, eu participo de tudo. É como algumas pessoas dizem eu sou um menino completo, participo de tudo, chego junto com as pessoas, sei fazer amizade, pra isso eu tenho muita facilidade

Você já teve acesso aos livros do programa?

Já, já, tem vezes que a professora faz coisas aqui que nós tem que consultar os livros. Muitas coisas nós faz com os livros

Mas você tem esses livros em casa?

Não, tem alguns livros que tem aqui no projeto e também nós tem livros em casa

O programa deu os livros pra vocês?

Não, não deu pra gente, tem livros aqui que nós pesquisa, tem ali na prateleira que nós fazia trabalhos

Porque você acha importante participar do Projovem Adolescente?

Rapaz, o que eu acho, no meu ponto de vista, eu achei uma parte bom, porque eu vou sair daqui um menino quase feito, qualificado pra vida, assim pensar em crescer e não cair, espantar o mundo das drogas de perto de mim, não é isso? Fazer de tudo pra ser uma pessoa mais educada na vida, trabalhar, acabar os estudos que é essencial e eu acho que o Projovem me ajudou muito eu crescer, to aqui tem cinco meses e é bom

Quais são os pontos que você sugeriria pra melhorar no programa?

Rapaz, os pontos, assim, falta muita coisa aqui, falta bola, muita coisa pra o esporte que nós pratica, falta os prato da percussão, falta coisar os instrumentos que ta folgado, umas pequenas coisas que fazendo isso, melhorava bastante o projeto

E, no caso, o lanche como é que é?

Rapaz, o lanche não é ruim, também não é bom, é meio, lá e cá, melhorou um pouquinho de uns tempos pra cá

(Uma das dificuldades enfrentadas na transcrição desta entrevista, especificamente, é que o educando reduzia o tom da voz quando entrávamos em um assunto polêmico, como é o caso do lanche e dos principais problemas que ele identificava no programa)

#### 4.3.2 – ENTREVISTA COM A JOVEM

CRAS Santa Maria, dia 17 de novembro, vamos conversar agora com a jovem 22?

Sua idade?

17

Você estuda? Sua série?

Estudo, minha série é primeiro ano

Você mora com quantas pessoas?

Quatro comigo, minha mãe, meu pai, meu irmão e eu

Você tem idéia de quanto seja a renda mensal da sua família?

Meu pai trabalha e ganha um salário mínimo e minha mãe faz bico

Você já parou de estudar alguma vez?

Não

Você sabe dizer se a sua família é beneficiária de algum outro programa do governo?

É beneficiária do Bolsa Família

Você recebe o Bolsa Família?

Recebo

Você mora aqui perto do CRAS?

Não, bem distante, mas aqui mesmo no bairro Santa Maria

Antes de participar do Projovem Adolescente, você já participava de algum outro programa do governo?

Participava do PETI

(Grande parte dos educandos do Projovem Adolescente são egressos do PETI)

Quais são as atividades que você mais gosta aqui do programa?

Bom, eu gosto de todas né, todas são boas

E tem alguma que você não gosta?

Bom, eu gosto de todas, só não me encaixo muito no judô fiz, nem gosto de fazer

Você já teve acesso aos livros do programa?

Já

Mas você tem eles em casa?

Não, daqui não, eu tenho uns livros lá em casa, mas não é daqui não

E desses livros que você viu, o que você achou mais interessante?

Geralmente eles fazem trabalhos sobre as datas comemorativas, a gente faz, assim colagem, sobre o dia da mulher

Porque você acha importante participar do programa Projovem Adolescente?

Porque além de fazer novos amigos, a gente aprende novas coisas

Porque você acha que ta sendo importante participar do programa Projovem Adolescente, você acha que você melhorou? Há quanto tempo você já participa do programa?

Eu participo desde o começo, desde o ano passado. Assim, eu ganhei mais conhecimento que os professores transmitem pra gente, o que eles sabem, eles tentam passar de alguma forma pra gente

O que você sugeriria pra melhorar o programa?

Eu sugeriria cursos profissionalizantes, como eles já prometeram, mas ainda não fizeram e materiais também pra as oficinas

#### 4.3.3 – ENTREVISTA COM O JOVEM

CRAS Santa Maria, dia 17 de novembro, vamos conversar agora com o jovem 23:

Sua idade?

18 anos

Você estuda?

Estudo

Que série?

Oitava

Aqui mesmo no Santa Maria?

Sim

Em qual escola?

Alba Moreira

Você mora com quantas pessoas na sua casa?

Três, eu, minha mãe e meu irmão

Você tem idéia de quanto seja a renda mensal da sua família?

Um salário mínimo

Você já parou de estudar alguma vez?

Sim, acho que foi meio período, um semestre

Mas foi porque?

Por causa de jogar bola. Eu gostava de jogar bola, jogava em time, aí faltava no colégio pra ir pros treino

Você sabe dizer se a sua família participa de algum outro programa social do governo?

O Bolsa Família, só que aí eu completei dezoito anos aí cortou o benefício

E agora você vai continuar no programa, vai sair?

No programa eu não vou continuar, porque vai abrir vaga pra outros adolescente pra entrar, e pretendo ir pro exército, pretendo seguir carreira militar

(Falar sobre a valorização do armamento, pelos jovens dessas comunidades. A arma de fogo representa poder e identifica a autoridade de cada indivíduo, seja enquanto policial, em nome da lei, seja como delinquente, em nome do crime. Mas, em cada uma dessas situações possui a mesma conotação)

Você mora aqui perto do CRAS?

Moro, aqui mesmo no Santa Maria

Antes de você participar do Projovem Adolescente, você já havia participado de algum outro programa do governo?

Não

Quais são as atividades aqui do programa que você mais gosta de participar?

Judô, percussão e educação física

E quais são as que você menos gosta?

Cidadania

Quando é pra falar de cidadania aí você...

É, eu não gosta não

Porque você não gosta de ouvir falar de cidadania?

Não sei dizer não, porque eu não gosto não... porque fala demais sobre a vida aí eu não gosto não

Tem alguma atividade do programa que você tenha dificuldade em participar?

Não em todas que eu pratico, me dou muito bem com as pessoas e aprendo, aí eu vou indo

Cidadania também?

É

Você já teve acesso a algum material didático do programa?

Não, ainda não

Desde quando você participa aqui do programa Projovem Adolescente?

Tem um ano e três meses, desde o início

Porque você acha importante participar do Projovem Adolescente?

Porque foca você dentro do Projovem, aprendendo alguma coisa interessante, deixa de ficar na rua. Aqui você pode ter um futuro melhor, conviver com as pessoas, ser um bom cidadão, isso aí

O que você sugere pra melhorar o programa, pra o programa ficar mais completo?

Rapaz, renda aqui pro projeto, porque aqui nós pratica, mas com dificuldade. O professor tenta fazer a gente aprender, mas com os recursos dele, porque o Projovem não dá recurso pro professor ensinar a gente. A aula, percussão, tem mas ta faltando instrumento; educação física, a professora já falou que falta quadra e judô, falta o quê? Kimono e fardamento pra treinar; cidadania, os materiais das dinâmicas, a professora dificilmente faz, porque falta.

#### 4.3.4 – ENTREVISTA COM O JOVEM

CRAS Santa Maria, 23 de novembro de 2009, vamos conversar agora com o jovem 24.

Qual sua idade?

Dezesseis

Você ta estudando?

Tô

Sua série?

Oitava

Você já parou de estudar em algum momento?

Não

Você mora com quantas pessoas na sua casa?

Comigo, cinco, eu, meu padrasto, minha mãe e meus dois irmãos

Você tem idéia de quanto seja a renda familiar da sua família?

Um salário mínimo, por aí

Você e sua família participa de algum outro programa social do governo?

Bolsa Família tinha sido cancelado, agora que foi liberado

Você mora aqui perto do CRAS?

No outro conjunto, Padre Pedro

Quais são as atividades que você mais gosta de participar aqui do programa?

Percussão, no lugar de judô eu preferia que tivesse uma aula de dança, gosto mais de uma coisa mais musical

E as outras atividades? As aulas de cidadania, você gosta?

Às vezes, porque às vezes a professora faz cada negócio chato, dá nem graça

Por exemplo, o que você acha chato?

Negócio de cidadania, eu acho que ela devia colocar uma coisa assim mais relacionada ao mundo de hoje dos jovens

Quais as atividades que geralmente ela passa?

Rapaz, ela só bota mais filme e pede pra nós interpretar

E os filmes que você assiste não agrada seu gosto?

Às vezes agrada, às vezes não agrada não

Qual foi o filme que você assistiu que chamou mais atenção? Que você mais gostou?

Rapaz, teve um filme que relata uns jovens que sempre brigavam no colégio. Teve uma professora pra fazer um estágio, aí mudou a vida deles, aí eu achei interessante, a convivência entre amigos

E você tem muitos amigos aqui no Projovem?

Aqui tenho, sou bem conhecido

Há quanto tempo você ta aqui no Projovem?

Uns oito meses, desde São João

Você pretende continuar do programa?

Pretendo

Então você gostou do programa?

É, dá pra levar

Tem alguma outra atividade que você não gosta de participar?

Não

Você já teve acesso a algum livro ou a algum material didático aqui do programa?

Não, porque aqui não tem

Porque você acha importante participar do programa Projovem Adolescente?

Porque os jovens de hoje tem mais opção de vida aqui, do que fora, fora não leva a nada e aqui o cara começa a pensar na vida, no que quer

E se você fosse sugerir alguma coisa pra melhorar o programa, o que você sugeriria?

Mais material para as aulas e mais oficinas e cursos, só isso

E que tipo de curso?

Informática... curso de profissionalizante, só

#### 4.3.5 – ENTREVISTA COM O JOVEM

CRAS Santa Maria, dia 23 de novembro, vamos conversar agora com o jovem 25:

Quantos anos você tem?

Dezesseis

Você ta estudando?

Tô

Sua série?

Sétima

Em algum momento da sua vida você já parou de estudar?

Não

Há quanto tempo você participa do programa Projovem Adolescente?

Um ano

De um ano pra cá, você acha que alguma coisa melhorou no programa?

Sim, chegou mais professores novos, com outras aulas, porque no início só tinha cidadania. Agora chegou percussão, judô e física, que não tinha antes, quando eu entrei, só tinha cidadania.

Mora quantas pessoas na sua casa?

Cinco comigo, minha mãe, meu pai, meus dois irmãos

Você tem idéia de quanto seja a renda mensal da sua família?

Só quem trabalha é meu pai mesmo, recebe quatrocentos e pouco, um salário

Além de você, alguém da sua família participa de algum outro programa do governo?

Minha mãe recebe o Bolsa Família

Você mora aqui perto mesmo do CRAS?

Moro aí atrás do CRAS

Quais são as atividades que você mais gosta aqui do programa?

Esporte, percussão e judô

E o que você acha das oficinas de cidadania?

Assim, tem pouca animação pelas aulas dela, sempre falando a mesma coisa, não muda, um enjôo, todo dia a mesma coisa, as mesmas perguntas sempre

O que você sugeriria pra melhorar essa oficina?

Botar mais coisas novas, mais cursos pra nós fazer, profissionalizante, computação, mecânica, outros tipos de curso

Então você sugere cursos profissionalizantes?

É pra gente fazer, pra sair daqui já com um emprego garantido

(O jovem gostaria que o programa fosse um passo que o levasse direto a um emprego)

Tem alguma atividade que você tem dificuldade em participar?

Não, qualquer uma eu faço  
 Você já teve acesso a algum livro ou algum material didático do programa?  
 Não, até agora não  
 O que vocês recebem?  
 Só a camisa mesmo  
 Porque você acha importante pra você participar do programa?  
 Pra saber mais algumas coisas sobre a gente, que nós nunca sabia, alguma coisa a mais  
 Se você fosse sugerir alguma coisa pra melhorar o programa, o que você diria?  
 Tirava os meninos de rua e botava dentro do Projovem, pra eles saberem alguma coisa a mais, o que significa pra eles que moram na rua e não tem aonde morar.  
 Trazia mais gente pra participar do programa então?  
 É, tirava gente da rua

#### 4.3.6 – ENTREVISTA COM TRÊS JOVENS

CRAS Santa Maria, dia 23 de novembro, vamos fazer agora uma entrevista com três jovens

Quantos anos vocês têm?

26 – 17

27 – 16

28 – 16

Qual é a série que vocês estão estudando?

26 – Sexta

27 – Sexta

28 - Sétima

Vocês já pararam de estudar alguma vez?

26 – Já, duas. Fiquei sem estudar a metade do ano

27 – Não

28 – Foi só uma vez, eu passei dois anos sem estudar

Vocês têm idéia de quanto seja a renda mensal da sua família?

26 – Cento e oitenta

27 – Não

28 – Não

Você mora com quantas pessoas na sua casa?

26 – Sete

27 – Seis

28 - Quatro. Eu, minha mãe, meu irmão e meu padrasto

Você recebe o Bolsa Família?

26 – Meus irmãos que recebem o Bolsa Família, só. É só o Bolsa Família e a pensão do meu pai na minha casa

27 – Recebo, na minha casa só minha mãe trabalha

28 – Eu, minha sobrinha pequena e minha mãe que é cadastrada

Antes de participar do Projovem Adolescente, vocês participavam de algum outro programa?

26 – PETI

27 – PETI

28 - Nada

Já tem quanto tempo que vocês estão aqui no Projovem?

26 – Vou fazer dois anos, to desde o início do programa

27 – Vou fazer um ano

28 – Um ano e cinco meses

Desde quando vocês tão aqui no programa vocês repararam alguma melhoria no programa?

26 – Só o lugar aonde a gente ta, mas os cursos, só o que tem de bom mesmo é só o judô. Melhorou a sala de judô, porque antes era muito pequena, mas não tem campo pra gente jogar,

quando nós vai pro campo, os vagabundo fica lá tirando onda, aí bota a agente pra correr. Já teve assalto de professor no campo

27 – Eu não vi nada, não vi nada não

28 – é como ela falou, só o aumento da sala, só, somente isso, porque nós mudamos de um ambiente pequeno pra um lugar maior

Tem quanto tempo que foi construído o CRAS?

26 – Um ano, vai fazer um ano. Tá novo mais nem parece, porque os meninos daqui do projeto mesmo não cuida, faz questão de fazer essa bagunça aí como ta

Uma coisa que eu reparei também foi quando vocês estavam fazendo a aula de judô, jogaram um sabonete pela janela (...) – eles preferiram não dá prosseguimento ao assunto

Antes de ser aqui o CRAS aonde é que funcionava?

28 – Num galpão e era bem pior, porque a gente não tinha espaço pra fazer luta, nada e agora tem. Uma coisa que ela esqueceu de falar é que nós temos judô e percussão, são as únicas coisas que a gente tem aqui. E a gente queria que colocasse mais curso, tipo informática, enfermagem, enfermagem é muito difícil, né? Essas coisinhas básica. Tinha também hip-hop, mas agora saiu, a gente queria também retornar e não tem mais

As aulas de cidadania, o que você acha?

28 – Eu não vou mentir, eu acho chato, porque tem aulas que a gente não gosta de fazer, mas tem que fazer porque faz parte do Projovem

27 – A mesma coisa que ela (18) falou

Porque você acha chato?

28 – Porque tem horas que dá sono, só de ouvir falar e tudo é só conversar, não sei o quê, eu acho chato. Não gosto muito de conversar

27 – Porque a professora não passa uma aula que preste

O que é uma aula que preste pra você?

26 – Dinâmica, esconder alguma coisa dentro da sala, a gente tem que procurar. Mas só ficar conversando, conversando, enjoa. Filme, que quando bota algum filme, aí a gente tem que falar depois sobre o filme, aquele filme do “tempo do ronco”, ainda com as bota, aí é muito chato

E teve algum filme que vocês assistiram que vocês gostaram?

26 – Teve, um de hip-hop

28 – O mesmo, o de hip-hop, porque os outros é uma negação

27 – Um filme de ação que teve aí, eu esqueci o nome. Falava sobre os preso no presídio

Viviane quer falar aqui também uma coisa que ela não gosta:

26 – Os meninos do PETI com os do Projovem, porque rola muita confusão. Antes os meninos do PETI ficava juntando com os meninos do Projovem pra fumar maconha, agora tudo fuma e diz que é a gente do Projovem e não acontece nada. A parte das professoras, tem uns meninos do PETI que fica aí fumando maconha, cigarro e elas não faz nada, como os do Projovem mesmo saia das fastas daqui e ficava aí detrás

27 – Tem que ter muito policiamento atrás aqui do CRAS. Fica os maconheiro fumando droga, por isso que os menino exemplam dos menino que tão fumando maconha aí embaixo

26 – E hoje mesmo eu vi um menino com arma aí atrás

(Nesse momento os dois outros colegas pediram pra ela ficar calada. Paramos a gravação para eles conversarem e depois reiniciamos)

Qual é atividades que vocês mais gostam do programa?

26 – Só judô, porque eu vou, participo dos campeonatos. Fui convidada pra lutar ni Salvador, eu não tive a chance de ir não porque tava sem dinheiro. Eu ia, mas como não teve dinheiro, uma ruma de coisa, aí eu ganhei uma bolsa lá no Iate, eu tava estudando de noite, aí fui expulsa do colégio, aí eu fiquei lá no Laonte e eu não tive a chance de falar com o diretor pra liberar. Fui convidada pra lutar ni Itabaiana, mas eu não fui porque tava sem dinheiro, esses lugar assim. E aqui mesmo eu já tenho umas oito medalhas

Mas você foi expulsa do colégio porque?

26 – Porque as meninas queriam me bater, porque eu tinha arrumado confusão com uma, não, porque eu tava namorando com um pagodeiro. Aí as guria me chamou de vagabunda, aí eu não gostei, aí fui perguntar a ela. Aí eu peguei bati nela, aí as amiga dela não gostou, só porque eu lutava, aí comeu as brinca dela

E vocês, o que vocês mais gostam aqui no programa?

27 – Aula de judô e percussão

(Ele tinha participado da primeira aula de judô hoje)

28 – Somente o judô. A única coisa que eu venho aqui só pra me distrair mesmo, é só o judô. Simplesmente, pergunte aos meninos aqui quando me vê, pergunte quais são os dias que 18 ta aqui? Só dia de judô

Não, que eu vi você aqui no outro dia que eu vim, na aula de cidadania

28 - Foi, porque ela disse que se eu não viesse naquele dia aqui, ela disse que ia chamar minha mãe

Aí você ficou com medo que ela viesse aqui?

Agora que vocês já falaram o que vocês gostam, eu queria que vocês dissessem o que vocês menos gostam no programa?

26 – Uma coisa é os lanche, porque tem vezes que eles colocam coisas boas pra eles mesmos e dá coisas ruins pra gente, como biscoito seco, pão seco e eles faz cachorro-quente pra eles comer, leva pra casa

Eles assim você fala de quem?

26 – Os funcionário daqui, como a mulher que limpa, todo mundo. E os lanche como é da gente tem que fazer cachorro-quente pra gente, tudo e só quem pode comer é eles

E vocês o que menos gostam?

27 – Os lanche, teve uma vez aí que deram pão seco, aí os menino falou que pão seco só se dá no presídio, assim mermo com água, só

28 – Como eles falou né, os lanche e principalmente a aula de cidadania, porque chega aqui, filme, filme e filme, não dá nem vontade de vim. Os passeio que disse que iam ter, nunca me vem, já tem um ano que disseram que ia ter uma passeio e até hoje nós esperamos esse passeio Por onde é que vocês já foram passear?

26 - Só por aqui mermo pela cidade

Teve algum lugar que vocês foram que vocês não conheciam ainda?

26 - Não, só prometeu um passeio de uma gincana, se nós ganhasse ia escolher o lugar, aí nós escolheu pra Serra de Itabaiana, prometeu pra gente levar, aí passou mais de... já vai fazer dois anos e ainda não levou a gente

28 – Tem um ano e cinco meses que prometeram, foi bem no dia que eu entrei, aí no outro dia foi essa gincana, aí disseram que ia ter o passeio e até hoje nós esperamos

Mas eles justificaram porque que ainda não teve?

26 – Ainda não, só fica enrolando, dizendo...

Será que não é porque é mais difícil conseguir o transporte pra fora da cidade?

26 – Não, porque já tava tudo liberado, não foi porque não quis levar a gente e por isso que as pessoas daqui ta saindo tudinho. Porque gostava da aula de hip-hop, não tem mais, os menino tentou matar o professor de hip-hop com uma pedrada nele, foi a maior confusão, por isso que ele saiu daqui, porque teve medo

E porque foi que aconteceu isso com o professor?

26 - Porque os menino, os malandrinho que ficava aqui nesse projeto ficava mexendo com ele, aí ele nem ligava e os guri quando mexe com uma pessoa que não liga, os guri ficou barreado com ele. Aí ele preferiu sair daqui

Tem alguma atividade que vocês tenham dificuldade de participar?

26 – Eu tenho todas, sem ser judô

28 – Nenhuma, só participo do judô mesmo

27 – Nenhuma

Vocês já tiveram acesso a algum livro do programa?

26 – Já, quando eu tava no Projovem lá no galpão, aí eu tive a chance de pegar. Eles deram só pra olhar lá, nem foi pra fazer pesquisa

28 – Que eu lembre nenhuma

27 – Não também

Porque que vocês acham importante participar do Projovem Adolescente?

26 – É melhor pra gente sair das ruas, não fica andando com marginal, essas coisa, não fica fumando

27 – O mesmo que ela, mas eu achei bom porque eu sai, eu trabalhava no GBarbosa pegando carrego, achei bom vim pro CRAS

(Segundo ele como ele está recebendo o Bolsa Família, parou de pegar o “carrego”)

28 – Porque, assim, a gente ficava em casa não tinha nada o que fazer, agora to aí fazendo judô, é um esporte muito bom, aí a gente fica mais motivada pra vim

E porque você acha que o judô é importante pra você?

28 – Assim, porque em vez de ta perturbando por aí, fazendo o que não deve, eu estou aprendendo alguma coisa que pode ser importante para o futuro

E se vocês pudessem sugerir alguma coisa pra melhorar o programa, o que vocês sugeririam?

26 – Botava novos curso, novos professores de dança, porque isso ta faltando pra gente, como de pagode, forró, como de hip-hop, principalmente, porque muita gente gosta de dança de hip-hop, só e novas professoras de educação física e separar os menino do PETI com os do Projovem, só

27 – Botar mais, a aula de física não ta tendo bola, a professora tem que comprar o material de física, só

28 – É igual 16 falou, ter novos cursos, vim mais professores de dança, porque o que a gente mais gosta já tem né, aí trazendo mais cursos fica bem melhor

#### 4.3.7 – ENTREVISTA COM O JOVEM

CRAS Santa Maria, dia 26 de novembro, a gente vai conversar agora com o jovem 29

Quantos anos você tem?

Dezessete

Você ta estudando?

Com certeza

Qual sua série?

Oitava, estudo no Vitória do Santa Maria

Você mora com quantas pessoas na sua casa?

Comigo é seis, meu pai, minha mãe e meus três irmãos

E você participa aqui do Projovem Adolescente há quanto tempo?

Rapaz, uns seis meses

Antes de participar do Projovem, você participava de algum outro programa?

Não

Você tem idéia de quanto seja a renda mensal da sua família?

Não

Seus irmãos participam de algum programa social também?

Não

Você mora aqui mesmo no Santa Maria?

Sim, no Conjunto Valadares

Quais são as atividades que você mais gosta no programa?

Jogar futebol, percussão e outras coisas

E as que você menos gosta?

Não tem como não gostar de nada né? Se todas as atividades são boas. É tudo bem aqui, tem nada ruim não, até agora não

Tem alguma atividade que você tenha dificuldade de participar?

Nenhuma, participo de todas

Você

Já teve acesso a algum livro ou material didático do programa Projovem Adolescente?

Não

Porque você acha importante participar do programa Projovem Adolescente?

Porque ajuda a tirar as crianças da rua, esse projeto melhorou muito aqui, porque antes de ter esse projeto a malandragem era muita aqui, muitas crianças iam fazer coisas erradas e como esse projeto muitas crianças entraram aqui e melhoraram o comportamento

Porque você acredita que esse programa ta sendo importante pra sua vida?

Porque ta me ajudando aqui a melhorar pro futuro, porque eu vou precisar né? E aqui vai poder me ajudar, quando eu precisar de alguma coisa aqui, com certeza aqui eu vou encontrar ajuda

Quando terminar aqui o programa, que você terminar seus estudos, você pensa em fazer o quê?

Eu vou fazer um curso, ainda não sei qual

Se você pudesse sugerir alguma coisa pra melhorar no programa, o que você diria pra gente?

Não sei, tem muitas coisas boas aqui, mas se surgisse alguma coisa melhor, ia ser bom. Por exemplo, uma sala de informática, uma quadra só pra gente, que a gente não tem, mais professores que não ta tendo, por enquanto só isso

#### 4.3.8 – ENTREVISTA COM O JOVEM

Última entrevista aqui do CRAS Santa Maria, vamos conversar agora com o jovem 30.

Quantos anos você tem?

Tenho dezessete

Você ta estudando?

Tô

Qual série?

Oitavo ano, no Vitória de Santa Maria

Você mora com quantas pessoas na sua casa?

Quatro pessoas comigo, eu, meu irmão, minha mãe e meu padrasto

Você tem idéia de quanto seja a renda mensal da sua família?

Não, não tenho uma média não

Você ou seu irmão recebe o Bolsa Família?

Não

Você já parou de estudar em algum momento da sua vida?

Não, jamais, sempre estudando

Seu irmão participa de algum outro programa do governo?

Não

Você mora aqui perto do CRAS?

Moro

Antes de você participar do Projovem, você participava de algum outro programa?

Participava, do Jovem Cidadão, durante quase dois anos, um ano e oito meses, pela aí

Há quanto tempo você ta aqui no Projovem Adolescente?

Mais ou menos um ano, comecei no ano passado

Quais as atividades que você mais gosta aqui do programa?

Judô e percussão são as que eu mais gosto

E as que você menos gosta?

Cidadania, porque sei lá, eu não gosto muito não, é mais coisa de informações, eu não gosto muito dessas coisas não, enjoa

E se você pudesse melhorar as aulas de cidadania, o que você sugeriria pra melhorar?

Tirar os alunos bagunceiros, os que não querem nada tirara da sala ou mandar pra casa, porque atrapalha muito

Você não é bagunceiro não?

Não, depende do assunto, se o assunto for interessante eu quero participar

Tem alguma atividade que você tem mais dificuldade em participar?

Não, todas eu participo

Você já teve acesso a algum livro do programa Projovem Adolescente?

Não, nenhum

Porque você acha importante participar do Projovem Adolescente?

Bom, porque tira muitos meninos da ruas, tira a vergonha dos alunos

Você acha que o Projovem ajudou a tirar sua vergonha?

Um pouco, ainda sou um pouco envergonhado, hoje eu desenvolvo mais, fiz bastante amigos, antes eu mal falava

O que você sugeriria pra melhorar o programa?

Sugeriria colocar mais oficinas e colocar quadras, desenvolve mais os alunos, só isso

#### 4.3.9 – ENTREVISTA COM A EDUCADORA SOCIAL E

CRAS Santa Maria, 17 de novembro, vamos conversar com a educadora E:

Sua idade:

Vinte e oito anos

Grau de escolaridade?

Superior completo, professora de educação física, licenciatura e bacharelado

Sua função no Projovem?

Sou instrutora de esportes, daqui do PETI e do Projovem

E há quanto tempo já trabalha com o programa?

Eu trabalho desde a época de faculdade, como estagiária e fui contratada como educadora.

Então tem mais ou menos, juntando tudo, tem cinco anos

Você mora aqui perto do Santa Maria?

Moro na Coroa do Meio

Como ocorre o acompanhamento das atividades desenvolvidas no programa?

A gente, como educador, tem o planejamento, a gente se reúne um dia no mês, fica fazendo o planejamento, junto com os orientadores e assim tem os temas que são dados pra gente e a gente trabalha o mês todo, a partir daquele tema, por que é mais cidadania, porque não tem aula como uma escola, porque não é escola é um projeto social, então a agente trabalha mais cidadania e no meu caso, o esporte como inclusão social

(Nesse momento ela interrompe a entrevista para pedir aos meninos para ficarem dentro da sala)

Com qual atividade do programa os jovens mais se identificam?

Ao meu ver, eles se identificam mais com a parte da dança e só. Mas, infelizmente, a prefeitura, o órgão, não disponibiliza uma quadra, um campo, até pra nós educadores pra eles mesmos, porque eles não gostam muito de ta no sol quente, então, assim, é muito difícil levar eles pra o campo. De vez em quando a gente vai pra o campo, só que é até mais difícil por causa dos materiais que a gente não tem. A prefeitura manda, tudo, mas material não é pra vida toda, então se perde. Então a gente tem que se virar nos trinta, tem que comprar, eu mesma, desde a época que eu entrei, eu compro material. Então assim, tem que se virar nos trinta, eu to como instrutora de esporte, mas eu fico na sala, dou aula com temas transversais, entendeu? Então, assim, a gente vai moldando, então apesar das dificuldades com os materiais, a gente tem que se virar, conversar com eles, quando não tem material, a gente

conversa com eles, faz uma dinâmica que não precise de cartolina, entendeu? É um pouco difícil, mas a gente faz o que a gente gosta e eles ajudam também, né.

(Os meninos interrompem a entrevista pra perguntar se já podiam ir embora)

Você pode identificar melhor, em termos de estrutura, o que mais falta aqui no CRAS?

No meu caso, em termos de estrutura, pra mim trabalhar, falta uma quadra que a prefeitura não disponibiliza e eles sentem muita falta do campo, porque os campos e as quadras que têm é de toda a comunidade e às vezes a gente se sente até ameaçado, entendeu? Como aconteceu há uma semana atrás, eu fui pro campo com eles e me roubaram, botaram o revólver na minha cabeça, eu passei uma semana, nervosa, sem vim pra cá. Então, assim, é muito difícil, é complicado

Nesse sentido, desde quando você começou a trabalhar, você já percebeu alguma mudança na estrutura? Você sempre trabalhou nesse CRAS?

Não, eu trabalhei em outros lugares, no Augusto Franco, Aloque e aqui é o terceiro já, que eu trabalho. Eu vejo que, assim, não piorou, melhora em relação aos educandos, entendeu? Mas assim, a melhora pra gente, nenhuma, porque a gente sempre tem que ir atrás de material, porque não tem, sempre a gente tá tirando do bolso da gente, tem muita dificuldade. E, assim, pra eles eu sinto que tem melhoras porque tem muitos aqui que melhoraram bastante, já vieram do PETI e já melhoram bastante, depois entraram no Projovem, a auto estima levantou, a questão do comportamento, em relação aos educandos, eu acho que tem melhoras

Você já teve acesso aos livros ou material didático do programa?

Não tive acesso não, meus planejamentos, são as minhas aulas que eu planejo que é da educação física. E os temas, que é como eu te disse no planejamento que as orientadoras repassam os temas que vai ser abordados no mês e agente vai procurando, fazendo pesquisa, quem tem internet bom, pesquisa, e quem não tem? Tem que fazer por conta própria. Então, assim, eu faço pesquisa, já tenho materiais da época da Universidade, de outro estágio que já fiz com crianças de uma comunidade carente, então eu aproveito muito. Mas, assim, material do projeto, que eu sei que tem, eu nunca tive acesso. Sei que tem livro, mas eu nunca tive acesso

E as capacitações?

Tem capacitações, mas são poucas e, como é que eu posso dizer, eu acho que as capacitações, a palavra me fugiu da cabeça, eu acho que não contribuem muito não, porque às vezes é só dinâmicas, sabe? Não ajuda em muita coisa não, que pra prática eu não consigo trazer pra cá, não sou só eu, são todos os educadores. Infelizmente, não vão todos os educadores porque não pode fechar o CRAS, essa última capacitação que teve eu não fui, nem todos os educadores são chamados pra todas, então, fica complicado. Mas eu acho que devia ser com pessoas mais qualificadas, não é que não sejam, mas com pessoas que tenham mais experiência, entendeu? Pessoas de fora, com mais experiência, de outros grupos, de outros projetos e que possam vir falar, mostrar as experiências que tiveram, as dificuldades que no projeto teve e passar pra gente, entendeu? E, geralmente é uma coisa mais teórica, falando sobre a assistência social, então geralmente a capacitação é mais relacionada a isso, mas a prática na sala de aula (...)

Quais são as principais dificuldades ou problemas que você identifica na efetivação do programa?

As dificuldades, eu penso assim, se preocupam mais com a quantidade, porque a demanda é muito grande. Então fica em termos de quantidade e a qualidade não é muito, porque às vezes a gente tá na sala de aula e não consegue dar o conteúdo porque tem muito adolescente atrapalhando, tem muito adolescente que não querem que poderiam dar oportunidade a outros. Então, assim, eu sinto muita dificuldade nisso, sinto muita dificuldade nos materiais, que já foi dito, isso, a estrutura assim, que no meu caso, eu não fico direto na sala de aula, né, fico, mas não é direto, a minha prática mesmo é com esporte. Então, assim, é mais materiais e a estrutura que é muito difícil pra mim e, assim, eles exigem muito, mas no caso não oferecem

E quais são os pontos positivos que você identifica, tanto para os jovens, quanto para vocês mesmo?

Que ajudam muito, é um ponto positivo, na parte de que é o projeto, porque tem muitos adolescentes que antes ficavam em casa ociosos, com a família desestruturada, então eles vem pro projeto só pra botar a cabecinha pra se divertir, mas chega aqui eles aprendem, eles conversam, pelos temas que a gente trabalha a auto estima deles aumenta fazem amizade e pelo menos ocupa o espaço deles, eles aprendem algo a mais, a gente tenta passar um pouquinho diferente de tudo que eles já conheceram. Então, assim é um ponto positivo, eu acho que é um ponto positivo pra eles, entendeu? O fato de eles estarem aqui, escutando coisas que a gente tem a passar, experiências, coisas boas

Todos eles estudam, estão matriculados?

Assim, a gente não tem todo acesso a isso, sabe? Mas, assim, eu acredito que todos, até porque pra ta no projeto, tem que tá matriculado na escola, eles vêm, quando não estudam pela manhã, estudam à noite, mas eu acredito que todos sim, estudam

#### 4.3.10 - ENTREVISTA COM O EDUCADOR SOCIAL F

Vamos conversar aqui com um educador F, no dia 23 de novembro, no CRAS Santa Maria.

Escolaridade?

Ensino Médio completo

E no judô? Quanto tempo você pratica o esporte?

Eu pratico o esporte desde os nove anos. Teve uma no que eu passei afastado, tudo, mas foi mais por questões políticas mesmo, dentro do próprio judô, mas voltei, continuei e passei assim a dar aulas, porque era um sonho que eu tinha, era justamente a questão da aula. Aí já to há dezessete anos aí na área

E você trabalha com o judô fora daqui do Projovem?

Já trabalhei, mas atualmente não, até pra estudar mesmo pra concurso às vezes, porque praticamente a gente não tem tempo, porque aqui no projeto é justamente o tempo integral, manhã e tarde, aí dou aula nesses dois horários e à noite é justamente o tempinho que eu tiro pra estudar e pra mim

Como foi que você chegou até aqui no Projovem pra dar aula de judô?

Na verdade, já participava do programa do PETI e quando surgiu o Projovem aqui, no bairro Santa Maria, na época a coordenadora chegou pra mim, há quase dois anos, e fez esse convite, porque eu tava de segunda a sexta com o PETI, então no começo ela disse o seguinte, tira dois dias na semana pra você trabalhar com o Projovem e aceitei numa boa porque pra mim seria uma coisa diferente, porque dentro do programa, eu até então só trabalhava com crianças de 14, 15 anos. Então pra mim foi interessante pegar de 16, 17, 18 anos, aí ela me convidou a pegar a turma do Projovem também e ficou até hoje

Como é que você desenvolve o seu trabalho aqui com o judô? Eu reparei que os meninos gostam, muitos deles já participaram de campeonatos, como é que funcionam essas competições? São aqui mesmo, pelo programa, ou também tem por fora? Como é que funciona a sua metodologia de trabalho?

Na verdade o trabalho em si, não consiste só em cima de prática, mas em cima de teorias também. Até por conta do próprio judô, da filosofia do judô, que a gente trabalha toda a questão disciplinar, posturas, saúde, então, por conta disso eu consigo trabalhar dentro de alguns temas de cidadania também, não muito específico pra cidadania, eu consigo puxar alguns temas pra minha área, justamente pra área do judô. Então eu trabalho teorias com eles, às vezes questão em algumas conversas, não fugindo também da própria prática, porque eu não posso fugir da própria prática, que é justamente a arte. E a questão dos campeonatos, eles não são realizados aqui no CRAS, sempre são campeonatos escolares, a maioria das escolas tem as suas copas, às vezes tem no Colégio Arquidiocesano, que a copa Arqui, tem a copa

Módulo, copa do Colégio Jardins, tem os campeonatos a nível estadual também, às vezes tem o campeonato sergipano, tem o campeonato brasileiro

Aí você escreve esses alunos pra participar?

Isso, são feitas as inscrições. Em algumas vezes, pouquíssimas vezes, a secretaria chegou a pagar as inscrições desses alunos, mas de alguns tempos pra cá, eles mesmos que arcando com as inscrições deles, os alunos mesmos que pagam as inscrições, ou então assim, a entidade a qual eu estou filiado que é a LISEJU, a Liga Sergipana de Judô, aí eu recolho isso aí, aí eu mesmo vou, faço a inscrição deles e no dia eu levo eles pro evento

Então fica, muitas vezes, uma coisa de sua responsabilidade, de uma iniciativa individual...

Na verdade o que é que ocorre, tem o evento, então já tem também a questão dos materiais, porque como você pode ter visto não tem kimono pra todos, então isso aí já dificulta também, até porque um campeonato de judô não tem como você participar sem kimono, é a mesma coisa de você jogar futebol sem bola, então fica difícil. Então fica realmente mais à meu critério mesmo, busco isso aí com eles, aviso que tem e eles fazem o pagamento e eu levo eles pro evento.

Com relação ao programa ser socioeducativo, como é que você concilia o ensino da arte marcial que você trabalha com a educação? Como é que você utiliza esse espaço que você ensina um esporte, fazendo essa junção com a educação, como é que você tenta trabalhar isso com eles?

Essa parte daí, como a gente já tinha comentado um pouco antes, então caí bem em cima mesmo da questão mesmo da teoria, porque o teórico do judô, você vai trabalhar a questão deles saberem de alguns nomes. Por outro lado, muitas vezes entra em assuntos da própria higiene pessoal deles, tem que conversar com eles pra cortar as unhas, lavar os pés pra entrar no tatame, então tudo isso aí já começa a trabalhar a questão da saúde, dentro da higiene, a questão da saúde também pra eles tarem praticando a própria atividade física e dentro disso aí sempre envolve também até outras questões, porque sempre eles vão perguntando, muitas vezes também tem a parte do corpo humano, ensino pra eles nome de músculo, nome de osso, que não pode machucar, que não pode ser trabalhado de uma forma certa, de uma forma errada, sempre repassando dentro da teoria essas questões.

Você mora aqui perto do CRAS?

Desse CRAS eu moro, moro no Augusto Franco, é um tanto perto

Fora esse CRAS, você trabalha em algum outro?

Não, antes de trabalhar nesse CRAS aqui eu trabalhava no CSU (Gonçalo Rollemberg) e tava trabalhando no CRAS do Augusto Franco, então quando eu passei pra esse aqui, me deixaram só nesse aqui mesmo

Pela sua experiência aqui de quase dois anos, qual a atividade que você percebe que eles mais se identificam?

A atividade em si, dentro das oficinas, porque quer queira quer não as oficinas dentro do projeto é o que chama mais atenção pra eles, não pode deixara de ter as aulas de cidadania, mas as oficinas é o que mais “segura”, atrai muito nos projetos, aqui eu vejo muito mesmo a questão da dança. Seja ela a dança de uma forma geral, porque nós temos o hip-hop, aí tem outros que gostam de pagode, outros que gostam de forró, mas a questão da dança, em geral, eu vejo que é o que chama mais atenção pra eles

Desde quando você começou a trabalhar com o Projovem, você mudou alguma mudança, em termos estruturais, seja pra melhor ou pra pior?

Realmente quando começou, era um tanto quanto complicado porque nós tínhamos sete coletivos do Projovem. Então tinha o espaço, que era o CRAS, tinham três turmas, que era duas pela manhã e uma pela tarde e nós tínhamos um galpão alugado e esse galpão aí eram duas turmas pela manhã e duas pela tarde, só de Projovem. Então a quantidade que tinha só de Projovem, justamente nesse galpão, que era o maior, ele tinha duas salas, repartidas com uma divisória, extremamente pequenas. O material sempre foi uma grande dificuldade, pra gente

trabalhar em cima disso aí, não só pra mim, como até para os professores de cidadania mesmo, cartolina, emborrachado, essas coisas que chegavam às vezes um ou dois pra questão de meses, aí o trabalho realmente tava difícil. No CRAS atual, a questão do espaço físico já melhorou um pouco, já melhorou hoje em dia porquê? Porque na minha atividade que é o judô, eu trabalho hoje em dia com quinze peças de tatames, no galpão antigo eu utilizava apenas sete, pra uma quantidade de gente bem maior, chegava a colocar às vezes, vinte, vinte e cinco, trinta pessoas numa sala com sete tatames apenas, realmente era mais complicado. Aqui em relação ao espaço físico, realmente já teve uma certa melhoria, agora em relação ao material, realmente isso vai ser uma briga eterna

Você já teve acesso ao material didático do programa, aos livros do programa?

Temos assim, aqui nós temos acesso, realmente a gente chegando e pedindo ao pessoal todo pra gente ter acesso a esse material, porque também o pessoal não anda com os livros, fica numa sala lá em baixo e a gente tem pedir pra ter acesso, a isso aí e a outros materiais dos temas que são trabalhados no mês, eles sempre fornecem um material que a gente pedir em relação a isso, os próprios orientadores mesmo tem o material de temas a ser trabalhados no mês e do Projovem também, eles sempre têm um material que a gente pode tá pesquisando

Pra você não tem né?

Não, um livro específico pra mim, nunca chegaram e me deram não, tenho acesso a dar uma olhada, mas nunca chegaram e me deram não

Do que você já teve acesso do material, o que você achou?

O material é realmente interessante, até posso dizer em relação a teoria, eu posso dizer que nós temos uma grande facilidade não só de falar, mas de escrever também. A maioria dos livros vem com o fator teoria bem grande, agora quando a gente vai pra parte da prática é um tanto diferente. A questão de teoria, realmente é bastante interessante, o que esses livros tem a trazer, vem trazendo algumas dinâmicas também, as dinâmicas em si são interessantes, agora temos que ver a quantidade de pessoas que a gente vai trabalhar, as pessoas que vão tá sendo trabalhadas para gente tá realizando isso aí. Então a prática realmente é mais complicada, mas a teoria do livro é bastante interessante

E capacitação? Você já participou de alguma capacitação do Projovem Adolescente?

Teve assim, eu não sei se foi específico do Projovem Adolescente, mas já participei de capacitações oferecidas pela secretaria. Agora, meu ponto de vista, são capacitações apenas voltadas para essa área, não só para o específico. Então eles fazem uma capacitação geral, não fazem uma capacitação só para percussão, só para a dança, para o judô não. Tudo bem a gente trabalha com crianças e com adolescentes, mas nunca teve uma capacitação “nossa”, mas é sempre todos os educadores, tudo voltado para a área da assistência mesmo

Quais são as principais dificuldades ou problemas que você identifica no Projovem?

Realmente a minha grande dificuldade com o Projovem são realmente os meninos. Os adolescente hoje em dia querem ter o próprio trabalho deles, então o projeto não chega a oferecer nada, oferece oficinas bastante interessantes, só que para os adolescentes eles querem algo mais, eles querem sempre cursos, de informática, profissionalizantes, de outras áreas, que na verdade o projeto não tem. Então às vezes algumas oficinas, no começo, tornam-se atrativas mas depois quando começa a entrar na rotina deles, sempre fazendo só aquilo ali e não produzindo o futuro deles, então a evasão começa, isso aí não só aqui no CRAS Santa Maria, mas como em todos os outros Projovens. Então isso tem sido um grande fator pra a evasão e pra mim é uma das grandes dificuldades pra mim trabalhar tem sido essa. A questão do próprio material às vezes até a gente passa por cima, porque temos que passar mesmo, agora a o fato deles quererem fazer, deles quererem continuar é complicado. Tem também a questão do remanejamento dos educadores, às vezes nós temos dez educadores numa área, saem os cinco, continua os outros cinco, não mandam os outros cinco de volta. Então às vezes tem coisas que eles realmente gostavam de fazer, aí por conta do pessoal ter sido remanejado pra outra área, não colocam no lugar, isso acontece muito. Até comigo mesmo, quando eu sai

do CSU, aconteceu de eu sair e os meninos chegar, ah, se não tem judô então eu não vou fazer mais. Então eles começam a fazer muitas vezes dessa forma, aí é um outro fator também pra essa grande evasão que a gente ta tendo

Quais são os pontos positivos que você identifica no programa?

Pelo menos a gente ver que a gente consegue, diferente do próprio PETI, com o pessoal do Projovem ter uma conversa. A gente consegue pelo menos, com a experiência que a gente tem abrir os olhos deles. Uma vez eu fiz um trabalho com eles que eu dizia bem assim: o que vocês querem fazer? O que vocês querem ser? Ah, eu quero ser um médico, um advogado. Pra isso vocês precisam de quê? Precisam estudar. A conversa que a gente consegue ter uma conversa de igual pra igual, com o pessoal do Projovem é mais fácil

E você acha que esse programa ta intervindo positivamente na vida desses jovens?

Nós temos realmente uma grande batalha a travar com eles, mas eles também precisam ta se abrindo pra isso aí. Não vou dizer a você pra todos, mas pra muitos chega a ta surtindo alguns efeitos, até por conta de que a gente ta sempre batendo na mesma tecla, então muitos deles acabam aceitando: poxa, realmente, eu to vendo que o caminho é esse aqui. Alguns até que perturbavam bastante, já pararam mais um pouco, já passaram a prestar mais atenção. Agora tem aqueles que infelizmente não querem nada e continuam, mas eu vejo que pelo menos para uma boa parte vai surtindo um efeito legal nas conversas que a gente vai tendo

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)